

"Absolutamente delicioso! Inspirador, sensual e lindo."

ELENA ARMAS, autora de *Ilusão de Amor à Espanhola*

"Para mim, é o melhor livro do ano."

ELSIE SILVER, autora de *Flawless*

QUANDO O VERÃO TERMINAR...



TARAH DEWITT

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"Absolutamente deliciosa! Inspirador, sensual e íntimo"

LEILA DINIZ, autora de *Quero de Amor e Espinhos*

"Percorri o livro inteiro em uma noite"

ELIC MUR, autora de *Trabalha*

QUANDO O VERÃO TERMINA...

TARAH DEWITT

136

Texas DeWitt

QUANDO O VERÃO
TERMINAR...

Trabalho
Cidade de São Paulo

Ficha Técnica

Título: Quando o Verão Terminar...
Título original: Savor It
Autor: Tarah Dewitt
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Cláudia Fidalgo Ramos
Revisão da tradução: Carolina Vasconcelos
ISBN: 9789892362922

Edições ASA II, S.A.
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

© 2024, Edições ASA II S. A.
© May 21stm 2024, Tarah DeWitt

Publicado originalmente por St. Martin's Griffin.

Direitos de tradução acordados com Sandra Dijkstra Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Ficha Técnica

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

Este é para mim, que me sentei em frente a um ecrã vazio e brilhante sonhando precisamente com isto. Optando, como sempre, pela coragem mais do que pela perfeição.



E, ok, também é um bocadinho para James Acaster, por aquela sua participação no The Great British Bake Off, quando disse uma das coisas com que mais me identifiquei, talvez a mais incrível que um espírito criativo terá experienciado:

«Comecei a fazê-lo, entrei em depressão. Bon appétit!»

Queridos leitores,

Sendo esta história plena de carinho, amor e humor, é também contrabalançada com questões algo pesadas e sensíveis. Um dos temas que mais me agrada abordar nos meus livros é o facto de por vezes a Vida nos interromper os planos, mostrando por eles um profundo desdém. Além disso, mesmo quando os nossos melhores planos são concretizados, alturas há em que essas vitórias nos deixam completamente esgotados – precisamente por sentirmos uma pressão acrescida a cada conquista, esquecemo-nos de tirar um tempinho para a saborear. Neste livro, os temas potencialmente desencadeantes incluem:

- A dor
- A morte de um ente querido (só subentendido)
- *Burnout* profissional
- Danos físicos (só subentendido)

Como sempre, espero ter lidado com eles da melhor forma – com rigor, respeito e cuidado. E espero igualmente que a jornada de Fisher e Sage consiga fazer-vos sentirem-se representados algures pelo caminho.

Músicas para acompanhar a história:

«Word to the Trees», Whatever Mike
«Backwards Directions», Abby Sage
«I Wanna Get Better», Bleachers
«Call It Dreaming», Iron & Wine
«Wide Open Spaces», The Chicks
«Cool About It», Boygenius, Julien Baker, Phoebe Bridgers, Lucy

Dacus

«Butterflies», Kacey Musgraves
«Love You for a Long Time», Maggie Rogers
«Northern Sky», Nick Drake
«Judy You Hung the Moon», Harbour
«Eat Your Young», Hozier
«Girl Like You», Bestfriend
«Snow on the Beach», Taylor Swift com Lana Del Ray
«Dog Days Are Over», Florence + The Machine
«Walk», Griff
«My My My!» (acústico), Troye Sivan
«Peace», Taylor Swift
«Wildflowers», Tom Petty
«Heart of Gold», Ilsey Juber com Bon Iver
«State of Grace» (acústico), Taylor Swift
«Missing You», Stephen Sanchez e Ashe
«Stupid Cupid» (acústico), Jenna Raine
«Boom Clap», Lennon & Maisy
«I Believe in a Thing Called Love», Branches
«Lover» (First Dance Remix), Taylor Swift
«Vienna», Billy Joel
«The Book of Love», Magnetic Fields



CAPÍTULO 1

SAGE

– Bem... isto no mínimo é... inesperado – digo.

E é *também* decididamente fálico, e com uns bons quinze metros de altura. A ponta em forma de cúpula projeta-se bem acima da parte de trás do telhado, a sua silhueta orgulhosamente visível no céu de início de verão.

A meu lado, Wren, a minha eterna melhor amiga (e a minha pessoa preferida deste mundo, tirando o seu igualmente fabuloso filho), mal contém uma gargalhada.

– Como é possível crescerem tão depressa? – diz, a voz risonha pautando-lhe as palavras. – Ó meu Deus, imagino as piadas que se vão fazer à conta disto.

– Não tiveste o Sam aos dezasseis anos? De certeza que deves saber como *tudo* funciona – provoco-a.

A Wren revira os olhos por um nanossegundo, antes de irrompermos as duas à gargalhada, praticamente agarradas à barriga e deixando os ombros saltitarem.

– Vejo que as senhoras repararam na nossa nova *elevação* – diz a Athena Cirillo, cerrando os lábios para tentar nem sequer sorrir. – Os andaimes desta parte nova foram finalmente retirados ontem.

Avança pelo parque para se juntar a nós e às nossas risadinhas parvas, as ondas do cabelo branco bailando com a brisa.

– Bom dia, *Sprout* – digo ao Griffon de Bruxelas que ela traz aconchegado debaixo do braço. Duas continhas negras e brilhantes olham-me fixamente.

– Já sabes o que é *aquilo*? – pergunta a Wren à Athena, indicando o edifício com um gesto da cabeça. Podemos sempre contar com a dona da livraria como um importante ponto de informação interna, como se fosse a

nossa deusa das cusquices da terra.

A Athena volta-se para o antigo armazém e abana a cabeça.

– Tudo o que sei é que está classificado como espaço para restauração ou retalho – responde.

Eu e a Wren murmuramos anuências e dedicamo-nos de novo a estudar curiosamente a vista à nossa frente. O velho edifício de tijolo em frente ao nosso parque com o mar em fundo está abandonado há anos. Nem eu era nascida sequer. Fez sempre parte integrante da nossa terra – Spunes, no Oregon –, albergando apenas, que se saiba, um falso centro comunitário. A zona de pátio coberta proporcionava sombra para o mercado agrícola quinzenal, e o interior era aproveitado como armazém para coisas como cartazes ou decorações natalícias.

Isto até deixar de o ser, claro. Há uns meses, o edifício viu-se completamente esvaziado, a tralha toda atirada para o amplo relvado verde, e organizada posteriormente em várias pilhas compostinhas. Os trabalhos de construção começaram poucas semanas depois.

– Eu apostaria em restauração – acrescenta a Athena. – Retalho só faria sentido com outras lojas em redor. Como isto é assim meio solitário, acho que o mais provável é ser um restaurante. Seja como for, a Martha está furibunda. Isto não vai ajudar em nada o negócio dela. – Ergue um braço para o edifício e depois desce-o, soltando um suspiro exaurido. – Enfim, deixa-me lá ir abrir a loja. Tenham um grande dia, minhas senhoras. E não se metam em sarilhos.

Despedimo-nos dela e voltamos ao modo de contemplação silenciosa.

– Hmm... – murmuro.

Confesso que sinto uma pontada de excitação perante a perspetiva de nascer ali um restaurante novo. Penso nas pilhas e pilhas de revistas de culinária e gastronomia que tenho em casa, nos pratos elaborados que adoraria poder recriar e que provavelmente jamais recriarei. Ainda assim, os meus dedos estão loucos para tentarem fazer algo de *novo*. Por acaso, a única coisa específica que me vem à cabeça neste momento é beringela *parmigiana*.

As nossas cabeças pendem para o lado ao mesmo tempo.

– Também digo... hmm – murmura a Wren.

Sou a primeira a perder a compostura, num ronco que me sobe à garganta para acabar numa nova gargalhada histérica que contagia a minha amiga

– Não, mas a sério... – diz ela, limpando uma lágrima quando finalmente acalmamos. – Como *raio* é que o palácio fálico... – Aponta para a estrutura ereta. – ... foi aprovado? A O'Doyle jamais...

– Eu jamais o quê?

Arquejamos ambas, endireitando-nos instintivamente. A Sra. Martha O'Doyle, da O'Doyle's Feed and Supply – a loja que vende de tudo em Spunes, abarcando toda uma miríade de cenas desde ração para galinhas a artigos desportivos –, avança lentamente até à nossa linha de visão. Cerro os punhos ao ver a expressão da Wren, que ergue o queixo ao ver-se encurralada

entre nós as duas.

– *Meridian* – murmura a autodenominada ditadora preservacionista local, semicerrando os olhos para a minha melhor amiga.

Parece mais uma praga rogada do que um cumprimento. As duas entraram em guerra há dois anos, depois de a O'Doyle lançar uma petição contra a decoração natalícia da porta da pastelaria da Wren – tudo porque os enfeites inspirados em elfos colidiam com os seus gostos mais clássicos.

– *O'Doyle* – responde-lhe a Wren no mesmo tom.

Já ouço a ocarina dos filmes do Velho Oeste. Resolvo intervir antes que uma delas desafie a outra para um duelo amanhã ao meio-dia.

– Estávamos só a comentar que tu jamais permitirias que qualquer edifício de Spunes se tornasse tão... – Obrigo-me a morder o interior da bochecha. – ... monstruoso.

A decisão mais sensata neste momento é não a provocar, quando tudo o que sabemos é que este edifício tem sido um assunto sensível para ela desde que foi comprado. Não é segredo nenhum que anda a tentar embargá-lo, com reclamações e mais reclamações às entidades municipais, apenas por representar um mistério sobre o qual ela não teve direito a opinar.

As ranhuras profundas que lhe marcam os lábios enrugam-se ainda mais.

– Mas do que é que vocês estão a falar?

Ao vê-la voltar-se lentamente na direção da nova estrutura, arrasto a Wren dali para fora, sem olhar para trás até me ver a uma distância segura. E, ao fazê-lo, vejo a cabeça da O'Doyle erguida para a cabeça fálica do mamarracho, a boca horrorizada abrindo e fechando.

– Ó meu Deus, ela está claramente apoplética – digo, mal contendo uma nova gargalhada histérica.

A Wren faz-me parar abruptamente:

– Ouve, tu ontem perguntaste ao Sam se ele «sofia de melancolia temporária» e agora... «*apoplética*»? Vais ter deixar de canalizar essa energia espiritualista vitoriana e passar a encarnar a energia de uma mulher dos tempos modernos com menos de trinta anos e na sua total plenitude. Olha que já só restam poucas de nós nesta terra.

– Tu já tens trinta e um, minha cara. – Trinta e dois, aliás, mas ela insiste em esquecer-se e eu apoio-a nisso. Finjo uma expressão apologética e ela lança-me um olhar maléfico.

– Ok, tudo bem. Assumo que fui um bocado longe de mais quando me pus a pesquisar para o concurso, mas uma vez que te recusas a fazer equipa comigo, olha... vou utilizar esta minha recém-adquirida gíria sempre que puder. – Encolho os ombros.

Ela ri-se baixinho e abana a cabeça:

– Duvido mesmo muito que o concurso inclua perguntas sobre a *gíria* da época.

– **Estultícia!** Aposto que não sabes o que significa. As perguntas andam sempre à volta dos tempos da fundação dos Estados Unidos, e de ano para ano

eles só as baralham.

Ela solta um suspiro condescendente.

– Tens a certeza de que nenhum dos teus irmãos quer ser teu companheiro de equipa? Já perguntaste aos três?

– Não, não querem, e eu também *não quero* nenhum dos meus irmãos comigo. Acho essa ideia aterradora, se queres saber. – Dedico-lhe um olhar jocoso: – Tens *mesmo* a certeza de que não queres alinhar?

Ela faz uma careta.

– Sou alérgica a concursos. Além de que a minha mãe precisa de mim na pastelaria. Por falar na minha mãe... – O rosto assume uma expressão triste e absorta, e vejo-a morder o lábio inferior. Sinto uma onda de pânico apertar-me as costelas.

– O que foi? Ela está bem? – pergunto.

– Sim, sim... Meu Deus, desculpa, Sage. Sossega, a minha mãe está melhor do que bem. Não é nada... não tem nada a ver com isso. – Aperta-me o cotovelo para me confortar e eu solto um suspiro de alívio, ainda meio trémula do susto.

Quando experienciamos ainda jovens a perda dos nossos pais – como eu e os meus irmãos –, acho que uma parte de nós fica sempre... alerta. Como se fosse melhor estarmos sempre preparados para mais perdas.

– É que o Ian ontem apareceu lá com a Cassidy – explica-me a Wren.

Esboço um sorriso forçado, aparentando indiferença.

– E do que é que estavas à espera? Só há *uma* pastelaria nesta terra, Wren. Eu sabia que eles haveriam de lá ir. – Tento esconder a tensão com um breve encolher de ombros: – E nem que houvesse uma dúzia delas, a Savvy's seria sempre a melhor.

– A minha mãe recusou fazer negócio com eles.

Solto um gemido:

– Oh, *não*, Wren... Ela não foi fazer isso, pois não?

– Bom, não propriamente nestes termos. Mas teve de se enfiar na copa para poder chamar à Cassidy «cabra sonsa e traidora». Depois saiu, olhou para o Ian e perguntou-lhe se ele não estava a ficar careca. E ainda desatou num chorrilho de acusações e críticas sobre tudo e mais alguma coisa, o que visivelmente o fez entrar numa espiral negativa. E *finalmente* disse-lhes que não estava interessada.

Não consigo evitar uma risada.

– Não acredito numa palavra do que me estás a contar. A Savannah Meridian é uma santa. – Aliás, nem nunca a ouvi soltar um «porra» que fosse.

– Precisamente! Razão pela qual eu sei que ela não vai mudar de ideias – declara a Wren alegremente.

– Wren, já lá vai mais de um ano desde que eu e o Ian acabámos. O que é que *tu* sentirias se eu te dissesse que nunca mais voltava a falar com o Ellis?

Ela põe a cabeça de lado e faz beicinho, fazendo balançar os bonitos caracóis em tom castanho-caramelo.

– Eu acho que isso é diferente visto que o Ellis é teu *irmão*. – E já com expressão mais séria: – E ele não me deixou ao fim de mais de cinco anos, praticamente sem explicações e começando *logo* a namorar com uma das minhas amigas. Muito menos a pediu em casamento ao fim de um ano. – Afasta o olhar antes de acrescentar: – O Ellis e eu tivemos doses de culpa exatamente iguais pelo fracasso do nosso casamento.

Bufei de raiva, sentindo-me tentada a dizer: *Então talvez consigam repará-lo em doses exatamente iguais*, mas contenho-me, centrando-me em vez disso na minha própria fracassada vida amorosa.

– E *tu* és a minha amiga mais querida – digo, e faço uma careta. – Aliás, a minha única amiga, o que eventualmente faz de *mim* a outra mulher no cenário, por isso, talvez esta analogia estivesse condenada logo desde o princípio. – Apanho do chão o invólucro de um gelado de cone e atiro-o para um caixote de lixo. – Eu já estou mais do que bem, Wren, a sério. A última coisa que eu quero é que tu e a Sav prejudiquem o negócio por minha causa, quando eu já estou ótima. – Faço questão de a olhar diretamente nos olhos e prossigo: – Tu mais do que ninguém deves saber que há sempre dois lados da mesma história. E esta terra é demasiado pequena para vocês assumirem o meu... sobretudo porque o Ian jamais sairá prejudicado seja no que for, sendo o pai dele *apenas e só* o presidente da câmara.

Sentamo-nos no nosso banco preferido, no extremo do parque – o mesmo em que nos costumávamos encontrar quando o Sam era bebé. Eu só tinha doze anos quando ele nasceu, mas ficava muitas vezes a tomar conta dele. Levava-o a passear no carrinho, aos fins de semana ou depois da escola, sempre que a Wren tinha turnos mais complicados na Savvy's. Nessa época, com as horas gratuitas de apoio extra nas creches reduzidas a trinta por mês, eu era a única alternativa a que o Ellis e a Wren se podiam dar ao luxo de recorrer. E não obstante os nossos quatro anos de diferença e percursos de vida substancialmente distintos, esses tempos fizeram com que a Wren e eu nos tornássemos as melhores amigas. O tipo de amizade que nem o divórcio dela conseguiu afetar.

E, na verdade, quem quer que pudesse ajudá-los, fazia-o. E foi isso que me fez perceber que, se para algo era preciso uma aldeia, os habitantes de Spunes arranjavam sempre maneira de ser essa aldeia.



Sentamo-nos num silêncio cúmplice, vendo as ondas à distância, as gaivotas a guinchar através do vento. Apanho um punhado de cabelo da nuca e torço-o num carrapito, feliz por sentir o sol a aquecer-me a pele, ainda que praticamente *ouvindo* novas sardas a nascer. Umas quantas madeixas cor de areia soltam-se-me das mãos e fustigam-me a cara antes de eu as arrumar de novo, fechando os olhos com um murmúrio satisfeito.

O início do verão no Noroeste é sempre a minha época favorita, sobretudo aqui na parte velha de Spunes, no alto das falésias, onde o ar é fresco e salgado. O sol derrete quase sempre as nuvens antes de a tarde chegar, mas no ar fica sempre o fresquinho das ondas que impede de ficarmos pegajosas. Quando abro os olhos, deixo-os percorrer as cercas feitas de troncos grossos que rodeiam o parque, quase até perder de vista, culminando na curva que vai dar às sequoias que dividem a rua principal das casas das falésias vizinhas.

Até que reparo que a Wren está de novo a fixar-me com olhos tristes.

– O que foi? – pergunto a rir-me.

Ela perscruta-me o rosto.

– Não me parece justo – diz.

Ah, continuamos no assunto do meu ex.

Suspiro por entre um sorriso, erguendo o queixo.

– Eu gosto de pensar que é, sabes? No fundo, eu é que insisti mesmo sabendo que não daria certo. Faz-lhe lá a porcaria do bolo de casamento, Wren. Pensa que isso até te pode trazer bastante publicidade, tendo em conta a influência dos Carver.

– Veremos – responde-me em tom teimoso. – Nós não estamos preocupadas com o facto de o negócio andar lento, considerando que vem aí o festival. – Dirige-me um sorriso tenso e olha para o telemóvel. – Bom, tenho de ir abrir a loja. Queres vir? Tenho uma fatia de bolo de coco com chocolate branco mesmo à tua espera.

– Não posso. Tenho de ir à O’Doyle’s comprar mais ração, e ainda vou ter de deixar a casa dos Andersen pronta. Os hóspedes entram hoje.

Ela revira os olhos.

– Os Andersen deviam era *pagar* a uma empresa para lhes tratar disso, como fazem todos os outros proprietários de casas de férias, isso sim.

– Eles só estão fora seis meses, e essas empresas só aceitam contratos de um ano – justifico-me. – Além de que a casa deles fica apenas à distância de um campo de futebol da minha. – Literalmente. Estava eu nas férias de verão do sétimo ano quando decidi medir o campo relvado entre as nossas casas. Foi um ano particularmente entediante, note-se.

– Que é outra coisa que eu não gosto mesmo nada – diz a Wren, apontando-me um dedo acusador. – Então e se te aparece um psicopata qualquer a querer alugar a casa *o verão inteiro*? Tu e ele, sozinhos, a quilómetros da vila. E por que raio é que essa gente vai alugar a casa *o verão inteiro*, já agora? O festival é só em agosto. Não faz sentido nenhum. Só em agosto é que os turistas aparecem cá.

Outras terras nossas vizinhas têm atrações multissazonais. As praias são mais quentes em Yoos Bay e, mais para o interior, encontram-se casas muito maiores, e com atrações como quintas de árvores de Natal e adegas públicas. Gandon, o município mais próximo de nós, é muitíssimo mais pitoresco e agradável de se visitar.

Por sua vez, grande parte de Spunes situa-se numa encosta íngreme, que assenta depois em falésias bem acima do nível da água, o que significa que mesmo o mais simples passeio resulta em montanhismo. A nossa principal baía é demasiado pequena para a maioria dos barcos de pesca turística, mas grande o suficiente para acolher barcos mais pequenos. As celebrações do Quatro de Julho são sempre demasiado grandiosas para que possamos competir com os municípios vizinhos, e junho continua a ser um mês nublado, típico do Oregon. Razão pela qual só nos resta agosto. Um mês inteiro em que esta terra, erigida de falhanço em falhanço e que, contra todas as probabilidades, consegue ser a mais seca, vê praticamente todos os nossos negócios e atividades gerarem lucros para o ano inteiro.

– Tal como já te disse milhares de vezes, cara amiga, não faço ideia – respondo à Wren. – Não me importo nada de lhes limpar a casa umas vezes por mês, nem de a ir mantendo debaixo olho durante o verão. – Dito isto, descolo-me do banco e dou-lhe um abraço rápido para evitar mais conversas sobre o tema. – Vai lá, não te atrases.

– Sim, sim... vemo-nos amanhã – diz ela com um aceno frio.

Ainda lhe sopro um beijo antes de seguir na direção contrária, deambulando pelas lojas que conheço demasiado bem, acenando às pessoas que conheço ainda melhor. A rua principal está praticamente toda ela atravessada por uma faixa que anuncia: *O Festival de Spunes Celebra os Seus 150 anos*.

Cada espaço disponível está preenchido por folhetos e pósteres com imagens dos verões passados: fotos de Founder's Point pejado de canoas, o parque vibrante de vendedores e visitantes em amena confraternização. A O'Doyle's dispõe de uma parede inteira dedicada aos trilhos labirínticos da praia que pequenos grupos vão criando todos os anos, bem como castelos e esculturas de areia que indicam caminhos para os mais meditativos percorrerem. A maior parte das fotos são obviamente centradas nos festivais em si, com as corridas de canoas, as animações de feira, os concursos de culinária... E, como mais uma vez sou lembrada assim que entro, parte dessa parede é dedicada aos vencedores anuais desses concursos. Essas fotos são as maiores, as mais bem-emolduradas e as impossíveis de ignorar.

Quando iço a saca de ração para a caixa registadora, o Ian e a Cassidy sorriem-me com uma expressão triunfante, fruto da vitória do ano passado. Ao lado, há fotos do Ian com o Silas, o meu irmão do meio, vencedores em dois anos consecutivos, quando ainda eram inseparáveis. Outra do Ian com o pai – Ian Carver Sênior, presidente da câmara –, seis anos antes disso. O Ian ganha este festival desde os dezoito anos. Este ano completará dez vitórias seguidas.

Como faço sempre, beijo as pontas dos dedos e leva-os à fotografia da minha mãe e do meu pai quando ganharam, décadas atrás.

Enfio o troco no bolso e despeço-me, atiro com a saca da ração para a parte de trás da caixa-aberta, pronta para ir para casa, a mente agitada como,

aliás, tem estado há meses.

Por mais que na altura me tenha apanhado de surpresa, a verdade é que não tenho ciúmes por a Cassidy estar com o Ian. Fica muito bem com ele. Melhor ela do que eu.

Aquilo que continua a mexer-me com os nervos é que, enquanto defendo que «melhor ela que eu», também sinto que ela é simplesmente *melhor* do que eu. Médica, vinda de uma família de médicos e advogados, e de gerações de pessoas que ou saíram de Spunes para fazerem coisas grandiosas e importantes, ou saíram de Spunes para recolher as suas honrarias, voltando apenas por um sentido de obrigação. Tipo: «Bom, de qualquer maneira, eu tinha sempre de ficar próximo da minha mãe, e a escola de tal-e-tal (sempre de um município próximo) tem excelentes referências!» Como se o facto de ficarem cá fosse um enorme favor concedido a nós, pobres coitados.

Não foi o caso da minha família. Sobretudo não foi *o meu* caso.

Por isso, e com toda a sinceridade, não são o Ian e a Cassidy que me chateiam.

Já não é esse tipo de ciúmes que me revolve as entranhas. A questão é que esta terra é tanto minha quanto do Ian. Foi há dois anos que me juntei ao comité que está a organizar o festival deste verão. Escrevi artigos ao longo de todo este tempo, e muito antes dos jornais e revistas mais importantes da zona, tudo para conseguir publicidade para os eventos. Fiz um extenso trabalho de *marketing* e criei páginas nas redes sociais. Ensinei várias pessoas a utilizarem essas páginas para promoverem os seus próprios negócios ou atividades – pessoas que se manteriam avessas às novas tecnologias sem a minha ajuda. Sou eu que, ao longo de quase uma década, tudo tenho feito para tornar este festival uma atração turística com notoriedade.

Porra, até cheguei a subir notas a alguns dos meus alunos antes do fim do ano escolar, precisamente para eles se inscreverem como voluntários! Apostei de antemão nos seus resultados, claro, e dei-lhes uns pontinhos extra de avanço, mas quem sabe se alguns deles não irão cumprir a sua parte?

Penso que o que eu gostaria era de uma pequena vitória só minha. Mesmo que não consiga vencer o Ian. Um simples momento de apreço e consideração, mais nada. Quero sentir que *mereço* consideração.

E também já me sinto farta de que lidem o tempo todo comigo com luvas de pelica. Já me sentia farta quando ainda estava com o Ian. Farta da ideia de que eu é que era a afortunada, e de toda a gente achar o mesmo. Como se fosse incrível que Ian Carver se dignasse a estar comigo – a órfã trágica e estranha. A miúda simples e caseira que se transformou numa mulher feliz e confortável na sua pele. Sorte a minha.

A sério, tudo isto me faz sentir uma falhada do pior, e já estou farta. Farta de ser olhada com pena, isto quando não sou totalmente ignorada. Só quero... só quero saber qual é a sensação de ganhar, e acho que não é pedir muito.

Nunca tive altas aspirações na minha vida. Tive sonhos, sim, mas todos

eles se resumiam às coisas mais simples. Por isso, no que me diz respeito, estou agora a vivê-los.

Eu quero ser feliz. E, no esquema geral, até sou. Adoro ser professora e trabalhar com miúdos. Tenho a sorte de ter turmas pequenas, e ajuda muito eu conhecer os miúdos todos praticamente desde que nasceram, bem como as respetivas famílias. Não tenho hipoteca porque o seguro de vida dos nossos pais pagou-me a casa, e eu mesma comprei a parte dos meus irmãos quando fiz dezoito anos. E ainda que o prémio de dez mil dólares do concurso representasse uma almofada de conforto, as minhas contas nunca excedem as minhas possibilidades, e ainda consigo passar os verões sem trabalhar. Adoro os meus animais e o meu jardim. Adoro a minha casa, a minha terra, a minha gente.

E sim. Adorava encontrar a pessoa certa para mim, mas recuso-me a deixar que o facto de não ter alguém me impeça de desfrutar da minha vida. Simplesmente, seria agradável poder partilhá-la com alguém que gostasse de mim pelo que sou.

Ao chegar a casa, percorro o caminho sinuoso de gravilha até à entrada, sorrindo só de a ver. Dois andares, se bem que bastante pequena, com um alpendre na parte da frente e o meu adorado jardim de inverno nas traseiras, uma salinha rodeada de portas de vidro e com muita luz. No ano passado, o dinheiro que fiz no mercado agrícola deu para pintar toda a fachada da casa em branco, o que a faz destacar-se do pano de fundo composto pelas árvores.

O meu sorriso abre-se ao ver a minha Lebre Irlandesa aos saltos pelo descampado que separa a casa dos Andersen da minha, esforçando-se – em vão – para saltar a cerca que divide as propriedades.

– *sable!* – grito, tentando imprimir a maior exortação possível em apenas duas sílabas.

Ela para e volta-se para mim, as orelhas atentas. Mas baixa rapidamente a cabeça, fingindo ignorar-me, tentando fazer-se invisível enquanto regressa lentamente ao meu alpendre.

– *Sable*, eu estou a ver-te! – grito-lhe, mas em vão.

A Nina Andersen já morre de medo dela só de a ver à distância. Se descobre que a *Sable* consegue saltar a cerca, vai de certeza obrigar-me a construir uma mais alta.

Quando finalmente estaciono e tiro a saca de ração da carrinha, a desavergonhada do tamanho de um pônei já está escarrapachada no meu alpendre, a cabeça amorosamente apoiada no primeiro degrau. A mais pura imagem da inocência.

Ergo o sobrolho e solto um suspiro exasperado. Ela devolve-mo.

– Ah, pois claro... estás farta das *minhas* merdas.

E rio-me, mesmo não querendo.



O resto do dia passa num ápice. Tranco a porta de casa dos Andersen depois de me certificar de que tudo ficou num brinco, tal como me pediram. E não obstante a irritação da Wren, a verdade é que prefiro mil vezes ter como vizinhas as mesmas pessoas durante todo o verão, em vez de ver a casa vazia em junho e julho. Além de que não tenho de me justificar uma série de vezes pelos meus animais a hóspedes novos. Nem ter gente duvidosa a ocupar o velho estábulo, situado no extremo dos nossos terrenos.

Visto a parte de cima do biquíni para continuar a aproveitar o sol da tarde, mas coloco um quimono leve sobre os ombros para não sentir que estou a ser negligente com a minha pele. Recolho os ovos recém-postos pelas minhas galinhas, dou ração e as festinhas habituais no focinho do *Bud*, o meu cavalo Claysdale. A *Sable* diverte-se a aterrorizar os gansos, e eu ponho os meus auriculares no volume máximo enquanto trato do jardim e me dedico a outras tarefas. Ocupo a mente e o corpo até já nada restar senão as singelas alegrias do presente. Tipo, a minha cadela gigantesca aconchegando-se ao meu lado e o meu gato pernetta a fazer-me o grande favor de aparecer, vindo dos campos. O *Legoless* dá uma patada de advertência no focinho da *Sable* antes de se apropriar de um espaço ao sol no alpendre.

É tudo de que preciso para voltar ao meu lugar feliz.

É uma vida maravilhosa e, mesmo estando sozinha, entre as pessoas que adoro e os animais que insisto em recolher, raramente me sinto só.



Para relaxar, depois do jantar pinto as unhas no jardim de inverno, exausta e feliz quando finalmente a nossa pequena colina escurece, e experiencio uma sensação de total satisfação ao pousar a cabeça na almofada.



A única coisa que me faz aperceber de que os hóspedes finalmente chegaram é um ganido da *Sable* a meio da noite... pouco antes de ouvir sirenes e de ver o *flash* das luzes de um carro-patrolha, logo seguido de um carro de bombeiros levantando pó da estrada na escuridão.



CAPÍTULO 2

FISHER

Já te aconteceu uma coisa tão boa que só pensaste em agarrá-la para não mais a largar? Ler um livro, ver um filme, ou mesmo passar umas férias tão incríveis que só desejas que nunca acabem? Apetecer-te apenas clicar na pausa e evitar o inevitável?

Um tipo qualquer disse uma vez a um entrevistador que era isso que ele desejava conseguir com a sua comida. Queria que cada prato seu fosse tão intensamente arrebatador que as pessoas parassem de comer. Queria simplesmente gerar êxtase culinário. Fazer as pessoas adoecerem de desejo por mais, antes ainda de a refeição terminar.

E no entanto...

No entanto, eu próprio fui em tempos esse idiota também, o que me parece irônico visto que não vejo a hora de chegar ao fim desta viagem.

– Talvez baixar a fasquia vá ser bom para ti – diz-me a minha sobrinha Indy, do banco de trás. – Quem sabe se a culinária de *diner* não venha a expandir os teus horizontes?

Embora o comentário não tenha sido pautado por desdém adolescente, eu pressinto-o como uma armadilha. Ela sabe que eu estive à frente de um restaurante galardoado com três estrelas Michelin até há três meses, e também sabe que eu não estou neste novo projeto para *expandir* o meu conjunto de competências. E ainda tem a plena noção de que ganhei bastante humildade nos últimos tempos. Mas também é possível que ela se sinta mais e mais ansiosa à medida que nos aproximamos da nossa casa temporária para este verão.

– O novo restaurante já tem algum conceito? – quer saber. – «Gratinados com um toque de ignorância»?

Jesus. Andamos na estrada há praticamente sete esgotantes dias. Achei

que vir de carro em vez de avião seria ótimo para os dois, não só porque me permitiria trazer todos os meus utensílios de cozinha, mas também porque nos daria tempo para nos reconectarmos. A psicoterapeuta que ambos temos vindo a consultar há mais de um mês disse-me para seguir as deixas da Indy durante uns tempos, deixá-la ter a iniciativa, permitir-lhe abrir-se comigo... O problema é que ela se mostra irredutível, deixando-me sem nada para seguir. Enfiou os fones ainda em Nova Iorque e, tirando as paragens ocasionais para carregar baterias, lançar-me uma farpa ou informar-me, em alturas extremamente suspeitas, de que precisava de ir à casa de banho, nunca os tirou ao longo de todo o percurso até aqui. Tentei centenas de vezes iniciar uma conversa, recebendo apenas monossílabos como resposta. Até que ao fim de algum tempo... desisti. Passei o resto da viagem debaixo de uma espessa névoa autoinduzida. Senti-me a deixar a minha visão desfocar-se, como que tentando desfocar-me de tudo o que estava a acontecer, mas mantendo-me na mesma em modo desempenho de funções. Um truque que eu fui adquirindo e desenvolvendo nos tempos em que era um alvo diário de críticas acintosas nas minhas cozinhas topo de gama. Conseguimos captar a essência daquilo que nos é berrado, mas poupamo-nos ao sofrimento. Fui tentando apenas *chegar* evitando a ansiedade do presente.

Agora que já estamos próximos, a raiva dela também já fervilha mais perto da superfície. Mas por mais que eu não queira desencorajá-la de partilhar, também não acredito que seja produtivo concordar com ela.

– Ouve, acho que temos ambos de nos lembrar de que estamos a viajar pelo país, não pelo passado – digo-lhe. – Um pouco de otimismo não faria mal nenhum. – Soa e sabe a tretas a saírem da minha boca.

Ela solta um *pf* desdenhoso e olha pelo retrovisor, por isso, insisto:

– Sabes, talvez Spunes não seja tão má ou tão pequena como pensamos. O Archer disse-me que nos anos noventa tiveram um atleta olímpico vindo de cá. E subiu ao pódio. – No que a factos curiosos diz respeito, pode parecer frouxo, mas hoje em dia a Indy parece muito interessada na aptidão de um sítio para gerar grandeza.

– Em quê? – pergunta. – Sacou uma medalha em quê?

– Corrida de fundo, acho.

Ela solta uma risadinha satisfeita:

– ‘Tás a ver a ironia, certo? Que tudo o que esse tipo sempre quis foi correr para o mais longe possível daqui. – E, com esta, a Indy volta a colocar os fones e enrosca-se no banco, virada para a janela.

Bom, *agora*, sim, vejo a ironia. Suspiro e consulto o GPS no telemóvel. Ainda nos faltam oito horas para chegar a Spunes, ou seja, nunca chegaremos antes da meia-noite. O normal seria pararmos em algum hotel, mas acho que é mais do que óbvio que estamos ambos fartos, além de que esta é a noite em que é suposto entrarmos na casa que a minha chefe nos arrendou.

Acelero pela via rápida, e a minha mente começa a vaguear pelos últimos anos, decidida a perceber quando é que tudo começou a dar errado.

Volto a percorrer os passos – os certos e os em falso – que me levaram a três meses atrás, quando, depois de dez anos e meio de nada que não azáfama culinária, perdi o emprego.

Às vezes penso que tudo começou com aquela primeira crítica má de há cinco anos. Quando eu alterei os meus planos de ir a casa passar o Natal porque soube que um famoso crítico e *blogger* de gastronomia tinha reservado mesa no Marrow – para tudo culminar com o tipo a classificar a minha bochecha de vaca como «pouco inspirada».

Talvez alguma coisa se tenha deteriorado quando eu contraí mononucleose dois anos antes, regressando tempos depois a uma cozinha que se mostrara claramente mais feliz na minha ausência.

Talvez o facto de ter querido manter esse nível de intensidade durante tanto tempo, onde cada segundo contava e cada pormenor era crucial, pura e simplesmente não fosse sustentável.

Seja o que for, a verdade é que continuo a arrastar-me nisso, porque acredito que refletir é mesmo aquilo que é suposto eu fazer. Estou a tentar conseguir sentir alguma coisa nova, quer seja anseio pela minha carreira ou raiva pelo seu declínio... Mas só obtenho uma mão-cheia de nada. Tenho o travo da vergonha, a leve amargura do constrangimento, mas nada sobre o qual eu consiga edificar seja o que for.

Tudo o que tenho por certo é que praticamente tudo deixou de ter importância depois do acidente de carro da minha irmã, já lá vão três anos.

Um *acidente*. Que palavra tão suave de se ouvir para descrever algo que ceifou a existência de alguém e mudou a trajetória de vida de todos os seus entes queridos. Um banal dia de coisas para tratar, um dia normalíssimo, um mero momento de descuido ou distração ou... nem sei bem o que foi. Oxalá soubesse. Não sei porque gostaria de saber. Não que fosse mudar alguma coisa. Pelo menos nada que importasse. Não teria trazido a balastrada de proteção mais para dentro ou evitado que a Freya caísse por aquela ravina. Não a traria de volta, nem mudaria o facto de, depois de eu ter fugido de casa dos meus pais há dois meses, a minha sobrinha adolescente e órfã se encontrar agora no banco de trás do meu carro – legitimamente zangada com o mundo, e legitimamente zangada comigo.

Esforço-me por travar a torrente de pensamentos, e tento assimilar os dourados e verdes do cenário à minha volta, focando-me antes na procura atenta do restaurante para o qual fui enviado.

Não se costuma dizer que todas as coisas importantes acontecem sempre aos conjuntos de três? Ou serão só as *más*? Seja como for, bate certo. Há três meses, fui despedido. Há dois, a Indy apareceu-me à porta de casa, e há um mês regressava eu do meu passeio diário de autocomiseração pelo Central Park quando dei com três pessoas na minha sala...

Dei primeiro com a cara da minha antiga patroa, olhando-me com uma doçura de mexer com os nervos. Carlie Visconti é a severa e destemida matriarca de uma família meio francesa, meio italiana, toda ela da área da

restauração – e cuja maioria dos seus membros são considerados realza da culinária. E, nesse dia, reparei que olhava para mim com manifesta preocupação, apesar de eu ter feito o seu restaurante perder uma estrela.

Sentado ao lado dela, Archer, meu antigo *sous chef*, recém-promovido a *chef de cuisine*, cumprimentou-me com um breve aceno.

– Chef...

Desleixadamente sentada numa cadeira, a Indy olhava-me com uma expressão de aborrecimento.

– Não vim cá para falar na crítica, na estrela, nada disso – informou-me a Carlie.

– Então porque é que...

– Mas tu tinhas obrigação de não deixar que aquele cabrão pudesse apontar-te fosse o que fosse, Fisher – acrescentou, feições e tom de voz carregados de frustração. Já me tinha dito o mesmo uma série de vezes. Assim como eu a mim próprio. – O Roth é um sacana encartado que de vez em quando faz questão de escrever merdas negativas porque é isso que vende. E mesmo pelo meio daquelas críticas incisivas, a verdade é que ele acabou por reconhecer o teu talento.

– Não disseste que não ias falar nisso? – perguntei, desanimado.

– E não vou – disse ela.

Apontei para os presentes na sala.

– Então porque é que estamos *todos* aqui, Carlie?

– Porque a tua mãe me ligou.

– *Ó meu Deus* – gemi, soltando uma risada sombria e largando as chaves na cómoda a meu lado. – Eu tenho trinta e um anos, Carlie. Por que raio é que a minha mãe foi ligar à minha patroa? – O Archer pareceu subitamente curioso com algo no seu sapato.

– Prefiro ver-me mais como tua sócia do que como tua patroa. Sempre fomos um pouco mais ligados do que isto, não achas? – retorquiu ela em tom magoado.

Engoli em seco e olhei para o chão. Não consegui – ainda não consigo – lamentar o ataque de fúria que fez com que me despedissem, mesmo que as consequências dos meus atos tenham sido, essas sim, lamentáveis. Foi o próprio Richard Roth que me abordou tempos depois, quando eu estava simplesmente a tentar desfrutar de uma refeição tranquila, e que achou que podia gozar comigo sobre o modo como tinha tentado desacreditar a minha carreira, bem como o trabalho árduo e dedicado do meu pessoal. Mereceu levar com a minha empada nas trombas.

E eu também mereci ser despedido por isso, acho.

– Tornou-se óbvio que ele não sabia que tu já não estavas no restaurante, Fisher – prosseguiu a Carlie. – E acho que devias tê-lo logo posto a par da situação.

– Carlie – comecei, arrepiando-me perante a dor na minha voz. Detestava tê-la desapontado a ela também. Em tempos, o trabalho era a minha

pseudofamília, até o meu incidente a deixar de mãos e pés atados. Não que tenha sido ela a querer despedir-me.

Ao longo dos anos, quando os meus pais e a Indy nos visitavam no Natal, as festividades em família da Carlie, onde todos participávamos, ajudavam a suavizar as coisas. Deu-se logo uma faísca cúmplice entre ela e a minha mãe, e eu sempre gostei muito de as ver como amigas. Contudo, na altura, os meus sentimentos estavam bem mais baralhados.

– Visto que estás claramente em negação em relação a isto – insistiu a Carlie –, uma vez que nem sequer partilhas a tua situação com as pessoas que mais te amam, deixa-me só informar-te do seguinte: tu não estás bem. E, pelo que vejo, a Indy também não.

Indignada, a Indy endireitou-se na cadeira.

– Mas porque é que estão a arrastar-me para isto?

Olhei para a Carlie, abanando a cabeça.

– Vamos deixar a Indy fora disto, OK?

Eu até posso ser bom a descrever reiteradamente o balanço do meu próprio declínio, mas naquele momento não achei que fosse minimamente produtivo ter de falar mais uma vez no da Indy. Ela tinha acabado de fugir de novo da casa dos meus pais – pela terceira vez em três anos –, por isso, temia que qualquer pressão ou opressão da minha parte pudesse fazê-la fugir da minha.

Vi os lábios da Carlie cerrarem-se, nitidamente ponderando uma nova abordagem.

– Deixa-me só perguntar-te isto – disse, após uma pausa. – Queres recuperar o que perdeste?

Quase que respondi com uma tirada sarcástica. Tipo: *O quê, a minha dignidade, o meu emprego, a estrela que perdi, ou a minha vida tal como a conheci?* Mas contive-me, porque sabia que ela se referia a tudo isso.

– É claro que sim – disse em voz rouca, em vez disso. Arrastei-me pela sala e deixei-me cair na cadeira livre.

Ela soltou um suspiro pesado e olhou para o Archer antes de se lançar no seu discurso, recapitulando um dos seus projetos de investimento no qual andava a trabalhar há mais de um ano: um restaurante na costa do Oregon. Senti-me algo envergonhado ao perceber que, apesar de ela me apoiar tanto, quer no trabalho, quer na vida pessoal, ao longo da última década, eu sempre me mantivera demasiado insular para ligar grande coisa à dela, fora do âmbito do meu interesse.

Contou-me que se tinham deparado com atrasos e mais atrasos a cada etapa do processo, que o município em questão insistia em arranjar-lhes problemas, e que precisava de alguém de confiança no local que pudesse ao mesmo tempo representá-la e acompanhar a coisa até ao fim. Disse que tencionava mandar o Frankie para lá – um construtor civil com quem já tínhamos trabalhado em projetos em Nova Iorque, e o mesmo que supervisionou a construção do Marrow – e que o seu principal objetivo seria

acompanhar o resto da obra.

– E onde é que eu entro no meio de tudo isso? – perguntei, confuso. – É o Archer?

Ele aclarou a garganta.

– Eu quero o emprego – disse ele. – E quero a *crème de la crème* toda lá quando abrir. E, no meu caso, Spunes não fica assim tão longe de casa.

As pessoas que chamam «casa» ao local onde nasceram nunca cessarão de me espantar.

– Só que – interrompeu-o a Carlie – eu para já preciso dele aqui. Ou fico sem *chef*. E não posso readmitir-te já, há que deixar as coisas arrefecerem um bocado.

Disfarcei a hesitação. E esperei que eles acabassem de se explicar.

– Ajuda-me com o Starhopper – pediu-me a Carlie. – Arranja-me um menu como o que criaste quando abrimos o Marrow. Tenta perceber o que é que as pessoas da zona precisam, o que querem, o que pode funcionar como um todo nessa experiência envolvente. Toda aquela cena atmosférica e artística que eu sei que é a tua praia, e na qual és excelente. – Inclinou-se para mim, olhando-me fixamente: – Mostra-me que voltaste a ter a cabeça no lugar e, depois disso, eu trago-te de volta para cá, e de regresso ao Marrow. E não quero saber se arranjar merda por causa disso. Trabalharemos juntos, e havemos de recuperar aquela estrela e ainda acrescentar mais uma, se quiseres.

Aquilo foi como gasolina numa fogueira, uma faísca que me incendiou de vida. Tremeluzente, talvez, mas senti-a. A ideia de uma volta por cima, um regresso em grande era algo que eu sabia que me faria mover montanhas – ainda que fossem apenas a vaidade e o orgulho a motivar-me.

Ouvi um bufar de desprezo e vi a Indy revirar os olhos antes de olhar para mim por cima do telemóvel.

– Estão a dizer que eu bazei de uma terriola de merda para agora me quererem enfiar noutra pior? – disse. E acrescentou um *whatever* antes de se levantar de rompante e marchar dali para fora, batendo com a porta do quarto de hóspedes.

– Eu estou a esforçar-me, Carl – expliquei-me, perante o olhar preocupado da Carlie. E, nesse momento, senti-me como que a respirar por uma palhinha enquanto subia uma colina íngreme. – Não sei porque é que ela quer estar aqui ou por que raio quer viver comigo, mas acho mesmo que quer, por isso... estou a esforçar-me – rematei, com um encolher de ombros.

– Pois a mim parece-me óbvio – interveio o Archer, levando com um olhar curioso, tanto de mim como da Carlie. – Quer dizer, o *Chef* é uma lenda. Sabe bem que sim. E ela *viu-o* singrar aqui, certo? De certo modo, o *Chef* é o herói dela.

Achei aquilo risível, e provavelmente a Indy também acharia. Talvez isso tenha sido verdade nas antigas versões de nós, mas agora já não era.

E entendo que ela tenha querido sair de sua casa, e posso apenas concluir

que se sentiu desesperada ao ponto de fugir para a minha. Sem a Freya, calculo que aquela *terra merdosa* do Nebraska tenha perdido todo e qualquer interesse.

– E tu não te importas de não fazer parte integrante disto? – perguntei ao Archer. Acho que somos tão próximos quanto eu sou de qualquer outra pessoa. Ou seja, muito pouco. Mas o tipo é um excelente *chef*, e bem merece a sua própria cozinha.

– Tudo o que eu quero é cozinhar, *Chef*. Já me conhece – foi a sua resposta. – Quando eu lá chegar, terei a liberdade de fazer o que quiser, mas entretanto confio inteiramente em si para ir adiantando serviço – acrescentou, com um sorriso afetado.

Ótimo, pensei. Precisamos de um bom ego se pretendemos gerir um restaurante de sucesso.

A Carlie levantou-se e pôs a carteira ao ombro.

– Dou-te um tempinho para pensares, mas eu sei que isto seria bom para ti, Fisher. Só vos fazia bem, a ti e à Indy, recomeçarem.

Recomeçar.

A ideia de me ver de novo numa cozinha continuava a deixar-me cheio de angústia, logo seguida de repulsa por mim próprio. Estava tão farto desta coisa que não conseguia afastar de mim nem tão pouco nomear. E, no entanto, era primordial que eu a resolvesse.

Agora que a felicidade de outrem poderia ser afetada pela minha. E uma vez que nada do que eu tinha andado a fazer parecia resultar, sabia que precisava de aceitar a proposta.

– Preciso de voltar no fim do verão – disse eu aos meus não-convidados já de saída. – Para a Indy começar as aulas no outono.

Mais tarde, fiz questão de agradecer à Carlie pela sua fé inabalável em mim, por ter querido dar-me outra oportunidade. Aceitei a ajuda de uma terapeuta que ela me recomendou, e eu e a Indy começámos a ter sessões semanais *online*. E desde então tenho feito os possíveis para nos manter no caminho certo.

Os minutos e quilómetros arrastam-se, tendo eu apenas por companhia os barulhos da minha velha carrinha e o suave ressonar da Indy.

À meia-noite em ponto, os faróis incidem sobre a placa de boas-vindas do município – que passo a citar:

Spunes, Oregon

(*Não confundir com Forks, Washington*)[1]

Agradeço o facto de a Indy não estar acordada para poder desdenhar da piada.

Quando chegamos à casa que arrendámos, a lua vê-se bem alta num céu

azul-escuro e nevado, mas sinto-me demasiado extenuado para tirar da carrinha outra coisa que não nós os dois, ou sequer apreender qualquer pormenor do espaço. Limito-me a inserir o código da porta e a entrar com a Indy, antes de subirmos ambos as escadas tipo mortos-vivos, à procura dos respetivos quartos. Ela bate com a porta do dela, e eu descalço-me apenas antes de cair redondo na cama.

[1] Piada com a fonética de «Spunes», que é a mesma que a de «spoons», que significa «colheres», sendo que «forks» significa garfos. (*N. da T.*)



CAPÍTULO 3

FISHER

– *Fisher!*

Tento afastar o silvo no meu ouvido e volto-me para o outro lado, ainda bêbado de sono.

– Fisher, acorda! *Por favor!*

No quarto pouco iluminado, tomo uma súbita consciência da cara da minha sobrinha.

– O que foi? – O brilho de um monitor a um canto capta-lhe o perfeito estado de pavor, e eu tento que o resto da névoa se aclare. – Indy, o que foi?

– Está qualquer coisa dentro de casa – sussurra-me. Está aterrorizada, a voz completamente trémula.

Oiço uma batida seca e algo a raspar, lá em baixo, a que se segue um rugido suave.

– Achas que pode ser um urso?

O pânico dela faz disparar instintivamente o meu, porque como raio é que eu hei de saber? Esta casa insere-se num meio mais rural de uma terra já por si ridiculamente pequena, mas mesmo assim, a perspetiva de a porra de um *urso* poder entrar-me em casa não foi algo que eu sequer previsse. De onde eu venho, os verdadeiros predadores são os humanos.

Merda, ainda não conheço os cantos à casa, quanto mais a vida selvagem. Ontem à noite nem sequer me despi antes de praticamente desmaiar num sono sem sonhos.

Novos ruídos. Uma espécie de silvo abafado.

Sinto o coração a mil, o sangue a subir-me aos ouvidos, e forço-me a sair da cama e começar à procura de algo minimamente parecido com uma arma. As unhas da Indy cravam-se-me no braço.

– *Aaaimeeeeeudeeeees*, aquilo era uma voz? – guincha ela.

Cristo, não sei, apetece-me guinchar-lhe de volta. *Será que era?! Dou por mim a não conseguir ouvir nada para além da minha própria adrenalina*, e ainda sinto a mente a tentar acompanhar o momento: está alguém ou alguma coisa dentro desta casa. A Indy está apavorada. Ela sabe – sabemos *ambos* por experiência própria – que merdas más e fortuitas podem acontecer em simultâneo. E eu *sei* que o meu papel é mostrar-lhe que ela vai ficar bem, que pode confiar em mim para que as coisas fiquem bem. Para ficarmos seguros. Saco do telemóvel da mesa de cabeceira e ligo para o número das emergências, vendo-me invadido por uma calma estranha e sinistra enquanto tento transmitir os factos.

– Fica aqui – digo-lhe assim que desligo. Ela assente tremulamente com a cabeça.

Percorro o mais silenciosamente possível as outras divisões cá de cima, até que descubro um velho taco de *baseball*. Entre isso e um tapete de ioga enrolado, creio que vai ter de servir.

O som de alguém – ou algo – a mover-se pela casa intensifica-se, como se essa pessoa ou coisa andasse à procura de algo. *Credo*, eu sei que os assaltos acontecem, mas será que já ocorreu algum nesta casa? Que grande azar isto acontecer logo *connosco*, escassas horas depois de termos chegado.

Sinto o meu cérebro a reagir como se de gelatina se tratasse. *Por favor, não penses em gelatina!* Abano a cabeça para afastar a ideia. *Gelatina faz-te lembrar o funeral.*

A coisa gelatinosa em forma de bolo Gundt, e a tua antiga diretora do liceu a perguntar-te se tinhas sido tu a fazer a comida.

Um novo rugido.

Não pode ser uma pessoa. Tem de ser um animal qualquer, vasculhando a despensa, talvez. Os sons que ele emite parecem-me... ritmados? Só pode ser um animal. Resta-me descer e desatar aos gritos, assustá-lo antes que ele ouse ser mais corajoso e decida subir. Talvez... talvez seja apenas um guaxinim, um texugo, sei lá, algo que não seja assim tão grande e/ou mortífero. Porra, não posso continuar assim. Tenho de ser homenzinho e lidar com esta merda.

Faz barulho. Faz-te grande. Ele tem mais medo de ti do que tu dele, porra!

Olho de relance para a Indy antes de sair, fixo-me nas suas bochechas molhadas de lágrimas e ganho coragem.

Assim que saio para o patamar, o chão de madeira range sob os meus pés. Lá em baixo, outra pancada seca e de novo algo a arrastar-se pelo chão.

Isto faz-me lembrar aquela parte dos filmes de terror em que o otário percorre o corredor em bicos de pés, com o monstro a aguardar, agachado, pronto para a estocada final.

Faz barulho. Faz-te grande. Ele tem mais medo de ti do que tu dele, volto a entoar para mim mesmo.

Isto também pode representar uma ponte entre mim e a Indy, a minha

oportunidade de lhe provar que juntos conseguimos superar as situações difíceis. Que sim, que a mãe dela partiu, e eu não estive lá para ela... que sim, que isto mete um medo do caraças, mas que, mesmo quando uma coisa nos é estranha e assustadora, conseguimos enfrentá-la e ficar bem. *Faz barulho. Faz-te grande. Ele tem mais medo de ti do que tu dele.* Vou provar-lhe que ela pode contar comigo. Que mesmo que lhe tenham roubado a mãe, mesmo que eu tenha sido uma merda de tio, agora estou determinado e empenhado em mantê-la segura.

Respiro profundamente e desço os últimos degraus, soltando um berro forçado quando irrompo pela cozinha, armado e pronto.

O grito de guerra morre rápida e miseravelmente. A coisa está semicoberta pelo que parece ser um avental, e parcialmente enfiada num saco de plástico. Rodopia e marra contra um *pack* de 24 latas de refrigerante no chão da despensa, antes de recuar e bater contra a ombreira da porta. Volta-se na direção errada e embate em mais caixas e caixotes, que provavelmente terá derrubado na sua incursão.

– *Fisher?! Fisher*, o que é?! – Sobressalto-me com um novo guincho da Indy.

O que é? É uma nova descida, é o que é.

Será isto o fundo do poço? Sei que, se tiver em conta cada um dos acontecimentos do último ano, não será com certeza. Mas começando pela morte da Freya, e colhendo cada cena merdosa ao longo do caminho quais pedregulhos que meto nos bolsos, deixando-os afundar-me mais e mais nesta espiral, então... talvez isto seja o derradeiro ponto final. A ideia resulta em algo estranhamente otimista.

– Anda cá ver! – grito-lhe de volta, porque a imagem valerá certamente mais do que mil palavras. Até que me lembro que liguei para o 112. – *Merda*. Traz-me o telemóvel, por favor.

Ela desce as escadas, ainda de pernas trémulas, e passa-me o telemóvel. Por fim, olha para a *coisa*. Geme e suspira, cerrando os punhos e olhando para o teto. – Quem é que programa um robô-aspirador para as quatro da manhã?

Abano a cabeça, tão irritado quanto envergonhado, antes de voltar a ligar para o 112.

Quem sabe o fundo do poço esteja mesmo acima do nível do mar, numa casa arrendada numa terra de nenhures, comigo a olhar fixamente para um robô-aspirador. Depois disto, quem sabe se as coisas só podem mesmo melhorar?

– 112. Qual é a emergência?

– Olá... bom, eu liguei há pouco a dar conta de um animal ou um assaltante na nossa casa. Acontece que não foi nada disso – digo. – Nem uma coisa nem outra. – Tento rir-me, até que solto uma praga silenciosa ao reparar no *flash* das luzes lá fora. Só quero chorar. Bater com os pés. Esmurrar alguma coisa. – Deixe lá, a polícia já cá está – digo. Desligo e corro para a porta.

Para lá da luz do alpendre, está escuro como breu, mas consigo entrever um polícia a sair do carro-patrolha. Logo atrás dele está um carro de bombeiros com a sirene ligada. Contenho um novo gemido.

– Senhor agente, peço imensa desculpa. – Ergo as mãos ao dirigir-me a ele, ansioso por resolver esta trapalhada o mais rápido possível. – Está tudo bem por aqui. Houve só uma, enfim, uma confusão e lamento o transtorno. Estou hospedado nesta casa durante o verão, cheguei ontem já tardíssimo, e parece que os proprietários programaram o aspirador-robô para as quatro da manhã e, juro por Deus, aquela coisa soava mesmo como um animal. Peço mesmo muito desculpa e...

O polícia aproxima-se da luz do alpendre e olha para mim com a cabeça de lado.

– Certo mas, ainda assim, preciso de dar uma vista de olhos pela casa. Faz parte do protocolo.

Vejo-o afastar as pernas e levar a mão ao coldre. Fixa-me de olhos semicerrados, dos pés à cabeça, como se me estivesse a tirar as medidas para um eventual confronto físico. Faço um esforço gigante para não revirar os olhos. Tenho um metro e noventa e cinco, provavelmente uns bons dez quilos a mais do que ele, mas, mesmo tendo isso em mente, estou muito longe de ser ameaçador nesse momento. Ainda estou a recuperar de uma crise existencial causada por um robô-aspirador.

– A sério, senhor agente, está mesmo tudo bem – insisto, pressentindo a Indy a chegar à porta atrás de mim.

– Ele está a dizer a verdade, senhor agente – diz ela. – Os donos desta casa programaram o aspirador para uma hora no mínimo ridícula – acrescenta, naquele tom simultaneamente cortante e rabugento que só os adolescentes conseguem assumir.

Abalado, volto-me para ela, sentindo esta pequena manifestação de solidariedade invadir-me de renovada esperança. Como se este incidente nos tivesse libertado do impasse no qual temos estado encurralados.

O polícia – agente Carver, segundo o crachá – hesita ao ver a minha expressão, seja ela qual for, à luz da inesperada corroboração da Indy. Não consigo disfarçar a tempo um sorriso esperançado.

– Acha *piada* a isto, é? – pergunta-me.

Agito as palmas das mãos no ar como se de borrachas se tratassem.

– Não, não, peço desculpa.

– Porque – diz ele em tom desdenhoso – *o senhor* pode muito bem estar a ser coagido a dizer que está tudo bem. Podemos estar perante uma situação de reféns. E é por isso que eu tenho de verificar a situação.

A Indy expira pelo nariz com um ar de gozo, e eu dou-lhe um toque com o ombro.

– Sim, com certeza, claro – digo, esfregando nervosamente a cara.

– O que é que se passa? – quer saber outro homem, um bombeiro, pelos vistos, chegando ao alpendre. Outros colegas da corporação vão saindo do

camião atrás dele.

– Aparentemente, um robô-aspirador muito feroz – goza o agente Carver. Cerro os dentes, doido por que isto acabe para poder esmorecer em privado.

E eis que outro homem sobe ao alpendre, e os três dedicam-me intensos olhares avaliadores enquanto o resto se mantém junto aos respectivos carros. O mais recente bombeiro que se juntou ao grupo lança-me um olhar tão evidente que resulta numa cena dolorosamente sarcástica, e ergue lentamente um machado no ar. Pronto para me salvar do meu robótico adversário, calculo.

Será que eu posso avançar pela escuridão e ir esconder-me atrás dos pneus do carro de bombeiros até eles se irem embora? Deixá-los acabar com isto por mim.

Não. Resta-me apenas acolhê-los a todos dentro de casa com um resignado gesto de mão.



CAPÍTULO 4

FISHER

O agente Carver leva a Indy para um canto para lhe fazer algumas perguntas, enquanto um dos bombeiros fica comigo.

– Como é que se chama? – pergunta ele, o mais alto, fixando-me com um olhar grave.

– Fisher – respondo, continuando sem perceber a razão de tanta intensidade.

– Fisher quê?

– Fisher Lange.

Despachamos a parte entediante de eles verificarem a minha identidade e confirmarem que sou o tutor legal da Indy. Isto com algumas perguntas breves sobre a razão de ser deste facto.

– Diz aqui que essa tutela entrou em efeito há três anos?

– Hmm... sim – respondo, lançando uma olhadela à minha sobrinha na esperança de que não me tenha ouvido.

Estava à espera de que se fossem embora quando se dessem por satisfeitos e me devolvessem os documentos, mas tudo parece indicar que se sentem suficientemente confortáveis por cá para não haver pressas.

– O que é que faz? – pergunta-me o outro bombeiro, vindo da cozinha e juntando-se a nós.

Subitamente, dou por mim a pensar que esta parte do interrogatório parece... muito pouco relacionada com o assunto em questão. E, pensando bem, porque é que estes tipos estão *sequer* a fazer-me perguntas? Não sou especialista, mas não me parece que faça parte das suas funções. Além de que continuo obviamente exausto, e sei que tenho de colaborar, isto se quiser que este episódio caricato termine o quanto antes. Assim sendo, e se bem que a pergunta que ele me fez seja mais complicada do que ele próprio achará, a

minha resposta é simples:

– Sou *chef* de cozinha.

– Hmm – murmura o segundo bombeiro. – Pelo brinco diria mais instrutor de ioga.

O primeiro volta-se para ele.

– Silas, não sejas preconceituoso. Sabes lá se ele não produz o seu próprio perfume pachuli ou, sei lá, se não terá a sua marca de bijuteria de cânhamo – Olha para mim, antes de escrevinhar algo no bloco de notas. – Não ligue ao meu irmão. E trabalha onde? – Reparo que têm o mesmo apelido nas fardas, Byrd. Este parece o mais velho, já com cabelo grisalho nas têmporas.

– Hmm... em lado nenhum, neste momento – respondo, ignorando-lhe as ferroadas.

– Quer dizer que não é mesmo um *chef*, é isso? – comenta o mais velho em tom desconfiado, sem erguer os olhos do bloco de notas.

– Bom, sou, sim, mas...

– O que é que o traz a Spunes?

– Estou em funções de consultoria.

– Isso soa-me a um trabalho inventado – intervém o mais novo, Silas, como o irmão lhe chamou.

– E por que razão um *chef* não haveria de cozinhar? – Foi a vez de o agente Carver intervir, de assunto arrumado com a Indy mas aparentemente pouco satisfeito com o interrogatório.

– Porque ando a *consultar*. – *E isso é uma longa história que eu prefiro manter entre mim e a minha terapeuta, imbecil.*

– A consultar o quê, especificamente? – De novo um dos manos bombeiros.

Levanto-me e franzo a testa aos três homens que tentam meter o nariz no meu negócio, tipo paródia de *Gossip Girl*.

– Oíçam, todas estas perguntas são mesmo pertinentes para o vosso... sei lá, *relatório de incidente* ou lá o que é que precisam de fazer antes de saírem?

Todos se entreolham, antes de o Carver se voltar de novo para mim. Não me escapa a forma como os irmãos semicerram os olhos ao olhar para ele e vê-lo fazer isso. *Interessante.*

O Carver solta algo muito parecido com um bufar.

– Bom, é óbvio que está muito mais habituado a viver numa cidade – diz-me –, por isso, talvez este conceito lhe soe estranho, mas tudo isto descambou num claro abuso dos recursos mais modestos deste município, já para não falar no nosso tempo. Quer dizer, fazer-nos vir até aqui por causa de um *aspirador*?!

O Byrd mais velho bufa de irritação, acompanhado de um ainda mais irritado gesto de mão.

– Os mal-entendidos acontecem, mas aqui o chefe até tem razão – diz-me. – O senhor tem alguma coisa que consiga deixá-lo mais tranquilo? Talvez

um pouco menos nervoso?

Pelo menos tem a decência de parecer *não querer* dizer aquilo, num contraste claro com a atitude do polícia, que parece apenas querer divertir-se à conta da minha fragilidade.

Antes de eu poder responder, a porta da cozinha abre-se de rompante para deixar entrar uma mulher.

Uma mulher com um lustroso roupão de cetim, com padrão de vaca. Bem mais curto à frente do que atrás, e com o rebordo debruado por aquele material que usam para fazer boas para despedidas de solteira ou concertos do Elton John. Esvoaça enquanto ela marcha pela cozinha numas enormes galochas verde-tropa, varrendo-nos a todos com um olhar severo.

– Porra, Sage, o que é que fazes aqui? – queixa-se o Byrd mais novo.

– Isto pode muito bem representar uma cena de crime, sabias? – acrescenta o mais velho com um suspiro cansado.

A tal Sage revira os olhos.

– É óbvio que não é, uma vez que a caminho de cá vi pela janela o Silas a alambazar-se com um pacote de bolachas dos hóspedes – declara ela em voz firme.

O mano mais novo olha-me com uma expressão culpada.

– E – prossegue a mulher – vocês os dois é que decidiram cortar caminho e atravessar a *minha* entrada, pregando um susto de morte aos meus animais, e agora o *Legoless* fugiu! – Aponta um dedo acusador aos bombeiros, antes de voltar os olhos acinzentados para mim: – Espero que não se importe com esta minha invasão. Eu sabia que os idiotas dos meus irmãos estavam de serviço esta noite e, quando os vi pela janela, percebi logo que se iriam demorar. São famosos por abusarem da hospitalidade de terceiros.

Tal como os irmãos, está bronzada, tem cabelo entre o louro e o castanho, meio liso, meio ondulado. E tem imensas sardas na cara e nas coxas.

– Mas eles têm razão, Sagey – diz o Carver. O modo como a voz dele se alterou ao falar com ela lembra-me balões a esfregarem-se uns nos outros, e irrita-me tanto que nem tento disfarçar. – Tu não devias entrar por aqui assim. Não tinhas como saber se era seguro ou não.

Os manos Byrd voltam-se para ele e dizem em uníssono, num tom carregado de censura:

– *Cala-te, Ian.*

Aha! Um canto deste puzzle fica completo e eu sinto-me estranhamente aliviado por *parte* do meu instinto se ter revelado certo, fazendo-me relativizar esta dinâmica; embora todos os meus outros instintos nesta noite tenham sido uma completa desilusão. Dou por mim a soltar uma risada incontida, levando os três homens a voltarem-se para mim.

– Ele é que ligou para o 112 a gozar! – choraminga o tal de *Ian*.

– Eu não vos liguei *a gozar*. Pensávamos que tínhamos um... – Isto soa ainda mais lerdo e embaraçante em frente a um novo elemento do público. – Eu achei que havia um intruso nesta casa.

Mas, vendo bem, *eu* é que sou o intruso aqui, certo? Olho pela janela e vejo o sol a nascer, pintando a manhã de cor-de-rosa. Por uma estranha razão, cruzo os olhos com os da mulher, notando-lhe um misto de empatia e desconfiança. Até que se volta para os outros três:

– Bom, o caso está resolvido, certo? – Não é uma pergunta mas uma declaração. – Se tivesse sido uma mulher a ligar-vos, também iam dar-lhe um sermão? – O silêncio deles é por si só uma resposta. – Pois, logo vi. Agora ponham-se a andar. E livres-se de assustar ainda mais o meu gato!

Ouvem-se uns quantos murmúrios engasgados enquanto o trio se dirige para a porta. Saco de uma bolacha da pata gordurosa do Silas quando ele passa por mim, e ele rouba-me de novo. À saída, os dois irmãos dão um abraço afetuoso à Sage, mas o Ian demora-se um pouco, a escassos metros dela. Ela assume uma postura rígida e uma expressão severa.

– Queres que te ajude a ir procurá-lo? – pergunta-lhe baixinho. O tom familiar da voz dele só a faz entesar-se ainda mais.

– Não – responde-lhe por entre dentes cerrados.

– OK, anda lá, então... Eu acompanho-te a casa.

O queixo dela recua ligeiramente, e ela abana a cabeça.

– Vai-te só embora, Ian – responde.

O polícia volta-se e obsequia-me com um novo olhar que não consigo decifrar. Ainda estou demasiado embaraçado para fazer outra coisa que não responder-lhe com uma expressão entediada.

Quando saem todos, e os carros finalmente se afastam, olho em volta e constato que estamos sozinhos.

Merda, onde é que está a Indy?, digo para mim próprio.

– *Indy!* – chamo-a do fundo das escadas.

– Foi por isso que eu cá vim – diz a Sage, estremecendo ligeiramente. – Bom, a cena do gato também é verdade, só que esse eu tenho uma ideia de onde possa estar. Mas eu vi a sua filha descer pela treliça da janela lá de cima, tirar a bicicleta da vossa caixa-aberta e, bom, pareceu-me que ia a fugir.

Diz isto com algum desconforto, como se não quisesse criticá-la, e, sabe-se lá porquê, isso fez-me respeitá-la.

– *Merda* – murmuro num fôlego, fechando os olhos.

– Não, não, está tudo bem – prossegue a Sage. – Eu fui atrás dela e demovi-a da ideia. Ficou no meu alpendre.

Sinto um alívio profundo:

– Mas como é que a demoveu?

– Apresentei-a ao meu ganso. – Diz isto como se fosse a frase mais natural do mundo. – Até que o vi a si pela janela, e achei que já estava suficientemente mortificado, ou como se estivesse no fim de um dia longuíssimo apesar de ele só ter começado, por isso achei que devia ajudá-lo a mandar aquela gente toda embora. – Franze o nariz. – As pessoas de cá sabem ser um tanto intrometidas.

– Sim, a típica comissão de boas-vindas de uma terra pequena. Espiando

os vizinhos. – Quis que isto soasse leve e brincalhão, mas soa desagradável, como se eu estivesse demasiado desabituatedo de falar com pessoas.

Vejo-a cerrar os lábios e erguer um sobrolho.

– Quando não há mais nenhuma casa por perto, e somos acordados por sirenes, até acho isso normal, não? – lança-me ela, com um meio-sorriso. – E, se quer que lhe diga, não é uma coisa típica de terra pequena. Acontece em todo o lado.

Tem razão.

– *Touché*. Peço desculpa – digo.

Avanço até à janela e vejo a Indy a um canto do alpendre, praticamente abraçada a um ganso branco e gordo. Ele enfia amorosamente o bico no cabelo dela e solta uma buzina baixa que a sobressalta.

– Ela está sempre a fugir – admito em voz alta. – Tem sido... habitual.

Sinto que devo uma explicação a esta mulher. Uma compensação, até. Mostrar-lhe uma certa vulnerabilidade pelo seu esforço de me poupar a embaraços. Suspiro e tento brincar:

– Felizmente, não tenho de chamar de novo os Power Rangers para me ajudarem a encontrá-la. – Obrigo-me a sorrir e acho que pelo menos um dos cantos da boca conseguiu.

Ela assente, estendendo-me a mão.

– Sage Byrd – diz. Só agora constato que não fomos sequer apresentados. Unhas pintadas de lavanda, anéis em todos os dedos.

– Fisher – respondo, apertando-lhe a mão. Os meus calos roçam os seus, a mão dela mínima na minha, num aperto surpreendentemente forte.

– Se lhe serve de consolo, é muito raro haver sarilhos por cá. Muito menos se não se souber onde procurá-los – diz, com um encolher de ombros. – Ah, e também o posso ensinar a desmontar a treliça, se preferir. Está presa numa estrutura amovível porque os Andersen também já tiveram uma filha adolescente. – Solta uma leve risada: – Importa-se que eu vá primeiro procurar o meu gato?

– Não, não... de maneira nenhuma – digo, embora ela já tenha passado por mim, num floreado do seu robe de vaca com aplicações de plumas. – Então... – continuo, tentando fazer conversa enquanto a sigo pelo corredor.

Pergunto-me se deverei esclarecer que a Indy é minha sobrinha, ou contar-lhe seja o que for, mas a verdade é que ela não fez perguntas. Além de que esta foi a minha primeira interação positiva desde há muito tempo e apetece-me muito mantê-la. E também sinto um anseio estranhíssimo de lhe sentir o robe, facto que considero desconcertante e algo irritante, uma vez que não tenciono estender a mão para lhe tocar. Só pode ser uma coisa sensorial tátil, fruto de uma vida de trabalho a usar as mãos.

– Porque é que o seu gato vem cá para casa? E por onde é que ele entra?

– A porta da lavandaria tem uma gateira – diz-me, sorrindo por cima do ombro. – E a Nina, a dona desta casa, tem por hábito deixar-lhe um pratinho com atum, por isso ele acha que tem rédea solta. O gato deles morreu há uns

anos e eu dei-lhe a guarda partilhada do meu.

Abre a porta do que presumo ser a lavandaria, e agacha-se em frente a um armário com a porta entreaberta. Como seria de esperar, é recebida por um sonoro miado.

– Aqui estás tu. Anda lá, meu velho – bichana-lhe ela, pegando na bola de pelo cinzenta e apertando-a contra o peito.

Vejo dois enormes olhos dourados fixos em mim, pouco impressionados. *Nem eu, pá*, respondo-lhe mentalmente. O gato enfia a cabeça sob o queixo da dona e ronrona de satisfação.

– Não está nada mal para um velhote de catorze anos, hã? – comenta a Sage.

Dou por mim a tentar devolver-lhe o sorriso, mas o dela quase me ofusca de tão vivo, impedindo-me de reagir. Posto isto, consigo apenas um leve torcer de lábios e encolho-me. Mas estendo a mão ao bichano, dou-lhe uma festa – para ter outra coisa em que me concentrar – e finalmente o nome dele faz-me sentido.

– Tirando a falta de uma pata, acho que está muito bem – digo, conseguindo um sorriso não tão forçado. – Que nome inteligente.

O nosso olhar cruza-se de novo e demora-se uns segundos mais do que o normal. E eu devia afastar o meu, mas há tanto para ver e... fico um tanto tolhido, acho. Há tantas contradições aqui. O robe excêntrico e as galochas cheias de lama, a pele suave e beijada pelo sol, salpicada de sardas como miniestrelas de fogo de artifício. A boca rosada, almofadada, num rosto quadrado. O momento alonga-se até quase ao impossível até que decidimos quebrá-lo ao mesmo tempo. Ela avança um passo para mim, eu avanço um passo para ela, e ficamos ambos encurralados naquele espaço exíguo, numa dança estranha, do tipo «Oh, desculpe, sim, deixe-me só, pronto...», até eu pegar literalmente nela e fazê-la trocar de lugar comigo. E nesse contacto de nanossegundos, consigo sentir-lhe o robe, e o tecido acetinado deixa-me as pontas dos dedos estranhamente frescas, prolongando a sensação como se tivesse tocado em algo húmido. Ainda me resta metade da mente, que me manda baixar os olhos para os dedos a fim de os inspecionar.

– então – berra ela, avançando tipo buldózer, claramente a querer acabar com a situação tão embaraçosa e saindo para a cozinha. – Hmm... deixe lá ver... sítios que recomendo que visite enquanto cá está... Comece pelo Magic Bean, o nosso café, e pela Savvy's Bakery. Aliás, se lá for hoje pode desfrutar dos fabulosos *scones* de amora e chá preto. Só os fazem aos domingos. São basicamente uma religião na nossa terra.

Rio-me, ainda que me sinta atingido por uma pontada de alguma coisa. Dolorosa. Também já tive muitas pessoas a venerarem a minha comida.

– Obrigado – digo. E ainda que ela não me tenha dado a mínima razão para tal, continuo a sentir a necessidade de defender a Indy. – Ela não... não é má miúda, gostaria que soubesse. Só tem quinze anos, e nos últimos tempos foi obrigada a ter de lidar com muitas mudanças.

A Sage limita-se a encolher os ombros.

– Essa idade faz-nos sentir adultos presos num corpo de criança. Ou talvez o contrário também se aplique... – Faz uma pausa, reposicionando o gato no colo enquanto pensa nas palavras seguintes: – O meu sobrinho tem dezasseis. Vai ter aulas extra durante o verão, mas posso pedir-lhe que apareça, que lhe mostre a vila.

É uma resposta tão positiva e tão sincera que ainda me leva um momento a responder.

– A Indy também vai ter aulas de verão por cá – digo. Tem de ter, ou não passa de ano. Esteve três meses sem ir às aulas e, pelos vistos, há limites naquilo que o sistema educativo permite, mesmo quando se perde uma mãe.

– Melhor ainda. O Sam pode dar-lhe boleia para a escola de verão, se quiser. Se se sentir confortável com isso, claro. – Um novo encolher de ombros, estreitando o gato nos braços, e esboçando um sorriso. – No que respeita a adolescentes, o meu conselho é conhecer-lhes sempre os amigos. Sou professora de liceu – acrescenta. – Estudos Sociais.

Não contendo uma risada genuína. Outra contradição.

– Então não é uma viúva rica do terceiro marido? – brinco, apontando para o robe.

Os olhos brilham-lhe e o sorriso amplia-se-lhe, claramente agradada.

– Ainda não, mas já ouviu falar no poder da manifestação? Vista-se para o emprego que pretende, não é o que dizem? – responde em tom jovial, passando as costas da mão pelo robe com um floreado.

– Se quer que lhe seja franco, por mim até podia ser uma astronauta. Continuo aberto a todos os conselhos que me possa dar.

Pelo amor da Santa, Fisher, já chega. Arrepio-me perante a minha própria pieguice. Como se precisasse de me embarçar ainda mais a esta hora do dia. Relembro o cartaz de boas-vindas e pergunto-me se esta terra não estará já a mexer-me com a psique, tipo *osmose por proximidade* ou coisa do género.

Até que a Sage solta uma sonora gargalhada que quase me faz perder o equilíbrio. Uma cena rouca, gutural. Inesperada e contagiosa no início, quente e crepitante no meio.

– Eu sou um poço de conselhos, Fisher, embora não seja grande coisa a segui-los. OK, vamos lá: não deixe a Sra. Rush dos correios ficar muito tempo com correspondência sua. Vai de certeza arranjar uma desculpa para a ler. Não vá a Founder's Point a não ser que esteja maré baixa. Não encomende comida nenhuma do restaurante Walter's a não ser que a queira *exatamente* como ela vem.

– Eu referia-me a como lidar com adolescentes. Falava da Indy – esclareço-a. – Mas tomei nota mental disso tudo, fique descansada. – *Ainda que, depois disto, eu tencione evitar confraternizar com as pessoas desta terra até ao humanamente possível.* Não digo, só penso. E ensaio o meu sorriso mais encantador.

Vejo-a a corar, abrir os olhos brilhantes.

– Oh! Hmm... pois... acho que é tudo. Pelo menos por agora. – Avança mais uns passos, quase até à porta. – Indy é um nome lindíssimo, já agora – acrescenta.

Vejo nisto uma aberta. Podia explicar-lhe a origem do nome, que não foi a minha mulher mas sim a minha irmã que o escolheu e, consequentemente, que a Indy não é minha filha. Talvez levasse a contar-lhe a razão de estarmos aqui, a estabelecermos um relacionamento amigável. Mas fico com a sensação de que ela não me daria conversa, e sinto-me a desgastar-me rapidamente – mesmo sendo toda esta simpatia surpreendentemente agradável, a verdade é que também é fisicamente extenuante. E tudo o que eu mais quero é esconder-me e fingir que esta manhã nunca aconteceu. Sinto pequenos sinais sonoros de tudo o que se passou a tentarem reproduzir-se na minha cabeça, avolumando-se como refluxo gástrico.

– Obrigado – digo-lhe. – Por tudo, aliás. Por me ter resgatado. Por me ter ajudado a tirá-los cá de casa.

Os olhos prateados iluminam-se-lhe por um segundo e afastam-se rapidamente.

– Acho que faço uma ideia do que é não querermos a nossa humilhação arrastada por mais tempo do que o necessário. Ou esfregada na cara – diz-me.

Solto um vago som de concordância.

– Bem, fico-lhe mesmo muito grato.

Ela sorri suavemente e abre a porta, por isso decido soltar uma última coisa:

– E, por favor, diga-me se alguma vez eu puder retribuir-lhe esta ajuda.

Ela volta-se para mim, a testa franzida, o lábio inferior ligeiramente para fora. Mas eis que lhe nasce de novo o sorriso e, desta vez, a curva dele prende-se-me nas entranhas e dá-lhes um puxão.

– OK, obrigada – diz-me. – Sou bem capaz de vir a precisar.



CAPÍTULO 5

SAGE

– *Entraste-lhe em casa de robe?! –* É a primeira coisa que a Wren me diz quando lhe abro a porta. Praticamente me empurra para entrar e marcha até à cozinha, trazendo uma caixa cor-de-rosa debaixo do braço.

– Não estava propriamente nua por baixo, Wren.

– Diz-me que não era o de padrão de vaca.

– Que mal é que tem?

A boca dela forma uma linha fina.

– Nada.

Vejo-a a abrir a caixa, e passa-me um *scone*, e eu esqueço completamente da razão do meu aborrecimento. O glacé de limão derrete-se-me na língua, uma leve sugestão de chá preto e estalidos de amora, floral, penetrante, decadente. Quase choro. Mas apenas me sai um gemido.

– Olha lá, quem é que ficou a ajudar a tua mãe, já que estás aqui? – pergunto-lhe quando acabo de engolir. – E quem é que te contou, afinal? Tudo isso se passou, há umas quatro horas!

– Hoje tenho lá o Sam a trabalhar. Sempre lhe dá para a gasolina. – Mordisca um canto do seu *scone* e olha pela janela junto ao lava-loiças. – E o Silas já estava à espera na pastelaria quando eu lá cheguei para a abrir. Disse que estava a pé desde as quatro da manhã e apressou-se a explicar porquê. Parece que o novo hóspede é um consultor qualquer, mas não sabe de quê. E também me disse que era um tipo *suspeito*.

– Vindo do Silas, não me espanta – digo, com um revirar de olhos. – Mas eu também não sei. Não perguntei.

Ela volta-se para mim de testa franzida, passando desde logo a uma expressão conspiratória.

– E também me disse que tu ficaste lá com ele depois de todos saírem...

– Fiquei para tirar o *Legoless* da lavandaria – rio-me. – E não lhe perguntei.

Ela faz um gesto de desapontamento com a mão.

– Apesar das suas lamentáveis aptidões descritivas, os teus irmãos são muito melhores coscuvilheiros do que tu, sabias? É das coisas que eu sinto mais falta no meu casamento com um deles.

É-me difícil imaginar o Ellis a coscuvilhar intencionalmente, porém não digo nada. Mas sei que ele é, isso sim, excelente a lembrar-se de coisas. Ambas sabemos que aquilo a que a Wren se está a referir não é tanto a notícias sumarentas, mas a algo mais útil para o Ellis. O Silas e o Micah, contudo, são toda uma outra história. E ainda bem que o Micah está fora, a jogar *baseball* na Califórnia. Se assim não fosse, sem dúvida que já teria envolvido o município em tudo isto. E inventado uma elaboradíssima história de bastidores sobre o protagonista, só para apimentar as coisas.

– Mas conta lá, como é que ele é? – E indica a casa dos Andersen com um movimento da cabeça.

Sexy ao ponto de me deixar desconcertada. Desajeitado, desmazelado, cabelo escuro. Nariz e queixo fortes, olhos que parecem escuros ao longe mas mais verdes vistos de perto. Quando fala, uma das sobrelanceiras sobe mais do que a outra, como se não lhe apetecesse gastar energia suficiente para uma expressão integral. O aspeto dele atingiu-me de surpresa, mas a voz foi um choque. Profunda e cava e cheia de grão – um estremecimento aveludado que me desceu pela espinha.

Encolho os ombros.

– Sei lá. Alto.

A Wren é a imagem viva da frustração.

– Consegues fazer melhor do que isso, Sage.

– Altíssimo? Mais alto do que o Ellis, acho eu, mas não tão alto como o Micah?

Vejo-a claramente a animar-se.

– O Micah é uma aberração, por isso tudo bem. Mas o Ellis mede um metro e noventa, por isso o tipo deve ser *gigante*.

– Sim, é gigante.

Faz-me um gesto impaciente para que continue.

– Não estás sequer interessada em saber o nome da criatura, sua amadora? – pergunto-lhe em tom provocador.

Ela aponta-me um dedo.

– Olha lá o respeitinho, Sage Astoria Byrd. Estou aqui a tentar decidir se ele tem potencial para ser o teu escaldante caso de verão. E o Silas já me deu o nome completo dele, para que saibas: Fisher Lange.

Há algo de vagamente familiar quando ela diz o nome e o apelido dele. Mas não consigo identificar o quê. Creio que é apenas porque, na verdade, são duas palavras normais.

– OK, pronto – faça-me de rendida. Penso rapidamente nos pormenores

que posso partilhar sem soar demasiado excitada. – Usa duas argolas pequeninas. Grande, mas não robusto... morenaço, cabelo escuro, a roçar-lhe os ombros. – Ele tinha-o posto atrás das orelhas enquanto observava a filha no meu alpendre, numa expressão insegura que me deixou estranhamente embevecida.

Agora, os olhos dela parecem dois faróis.

– Ai, meu Deus! Tipo pirata *sexy*?

– Primeiro, eu nunca disse que ele era *sexy*. E segundo, não te atrevas.

– Essa é a descrição do homem dos teus sonhos, ou estou enganada?

Reviro os olhos para o céu, os ombros caídos.

– Tu prometeste que não voltavas a usar essa informação contra mim – digo, enfiando metade de um *scone* na boca.

Jamais esquecerei aquela noite, logo após o fim da minha relação, quando deitei abaixo uma caixa de vinho em poucos dias e vomitei à Wren tudo o que tinha a dizer sobre os infortúnios do meu relacionamento. Que não tinha um orgasmo com o Ian há mais de ano e meio e que, desde então, me sentia a cair por uma bem-aventurada (se não excessivamente específica) toca de coelho de brinquedos sexuais e *fanfiction* de piratas.

Ela mantém-se colada à janela e fala comigo num tom mais apaziguador:

– Tudo bem, tudo bem. Mas... uuuui, isto é superexcitante! Olha lá, tens alguns binóculos?

– *Por amor da santa*, Wren – murmuro por entre migalhas. – O que é que aconteceu à tua preocupação quanto a ele poder ser um psicopata?

Dou um salto quando ela bate com as duas mãos na bancada.

– oh! Isto não pode estar a acontecer! – guinchou.

– O que é que foi?

– A Serena Lindhagen acabou de estacionar à porta dele!

– ‘Tás a gozar!

Espreito pela janela e, de facto, Serena sai do carro, ajusta as alças do bonito vestido azul que eu lhe elogiei na semana passada, e tira uma caixa cor-de-rosa do banco do pendura. Por fim, dirige-se airoso até ao alpendre dos Andersen.

– *E leva-lhe dos meus bolos de queijo!* – diz a Wren, escandalizada, como se a Serena se tivesse despidido e saltado à espinha do homem.

Por um escasso momento, considero fingir que nada disto é importante, mas... que se lixe. Corro à gaveta das tralhas e saco de uns binóculos.

– Toma, tu és melhor a ler lábios – digo, passando os binóculos à Wren. Ela leva-os aos olhos com chocante ferocidade.

– OK – começa. – Ele parece confuso. Parece ser uma conversa de apresentação básica. Está agora a coçar a nuca, aquela cena que os gajos fazem quando se sentem desconfortáveis. Agora o típico passar de mão pelo cabelo... Espera... uma pausa embaraçosa. Um agradecimento. E a Serena está a voltar para o carro.

– Já? Interessante.

A Wren dedica-me um olhar gélido pelo que parece ser um minuto inteiro, até que me dá uma forte palmada no braço.

– Ai! Para que foi isso?

– Ele é *estupidamente* bonito, espertinha. – Larga os binóculos na bancada e olha-me com uma expressão exasperada. – Quem lá devia estar neste momento eras tu, a agir como uma estultícia, ou lá o que era aquela palavra ridícula!

Volto a enfiar os binóculos na gaveta.

– Ouve, Wren, ela só lá foi levar um miminho de boas-vindas para ele e para a filha – digo, por entre uma risada. – Não foi propriamente pedir o gajo em casamento. E, se queres saber, fez muito bem! – Não vou de certeza julgá-la por isso.

– E a miúda é sobrinha dele, não filha.

– O quê?

– Sim, a miúda. O Silas disse-me que é sobrinha dele. E o Fisher tem a guarda dela. Parece que a mãe morreu há uns tempos.

Sinto uma tristeza profunda assentar-me no peito como uma pedra. Eu percebi que ele estava embaraçado, mas isto explica por que me pareceu algo mais do que isso. Mais... desalentado. Como se cada sorriso esboçado parecesse preso a uma âncora invisível. Explica igualmente porque é que o alívio dele foi tão tangível. O luto é extenuante.

– É verdade, lembrei-me agora – digo, disfarçando a minha mágoa. – Ela, a sobrinha... a Indy, também vai começar para a semana as aulas de verão. E eu acho que sugeri que o Sam lhe desse boleia e lhe mostrasse Spunes.

A minha amiga concorda efusivamente:

– Completamente! Sabes que ele é bom miúdo, não se vai importar nada.

– Eu sei – respondo baixinho. A mágoa continua a vibrar dentro de mim, como se o facto de ouvir falar na deles amplificasse a minha.

– OK, então vamos lá ver... – A Wren hesita antes de erguer a mão e começar a contar pelos dedos. – Ele vai cá passar o verão inteiro. Aquele edifício-mistério. Ele é *chef*. As coisas só podem estar todas ligadas, certo?

– Ele é *chef*?

Ela expira em exasperação pelo nariz.

– Mais uma vez, as tuas aptidões de detetive deixam muito a desejar. Os teus irmãos conseguiram facilmente todas estas informações. – Ergue as palmas das mãos para o teto. – E então? A Athena tinha razão, certo? Aquele mamarracho vai ser um restaurante, tal como ela suspeitou, e *ele* tem de ter alguma coisa a ver com isso.

– Vamos ter de esperar para ver.

– Sabes que as pessoas não vão adorar a ideia, certo?

Desta vez sou eu que bufo:

– Mas *porquê*, Wren? Spunes precisa de algo mais do que aquele tasco, o Walter's. As pessoas saem de cá e não voltam. O mês de agosto é ótimo,

mas se esta terra continuar a envelhecer, sem se modernizar minimamente, nem o festival vai conseguir dar para os gastos.

Penso que não terei de a lembrar que estamos completamente dependentes do turismo, e que coisas como restaurantes ou adegas abertas ao público são a aposta perfeita – uma excelente forma de injetar dinheiro na nossa economia local.

– Concordo contigo, *babe*. Mas este é o último ano do Walter's antes de o velhote se reformar, e eu estou apenas a dizer as coisas como elas são – diz-me. – Sabes que toda a gente só quer que ele faça mais uma boa época antes de se reformar.

– Já é o terceiro ano consecutivo que ele diz que será o último, Wren. E recusa-se a dizer se algum dos sobrinhos vai ficar com o restaurante quando se reformar. Por outras palavras, está outra vez a fazer *bluff*.

– Claro, nem vou discutir isso contigo. Eu acho ótimo – diz ela com uma risadinha. – Talvez se outro restaurante abrir, ele se decida de uma vez por todas.

Olho para a linha do horizonte, a curiosidade brotando de mim como as dalias que me decidi a cultivar este ano.

– Vamos ter de esperar para ver – repito.



De um modo geral, eu considero-me a vizinha ideal. Sou discreta, tudo o que vejo ou sei guardo para mim própria, e gosto de me certificar de que a casa ao lado da minha está sempre limpa e arrumada. Nada de pilhas de tralha, nada de gnomos esquisitos ou esculturas foleiras a atravancarem o relvado. E também gosto de lá ir verificar se está tudo bem quando é preciso. Agrada-me apoiar os hóspedes quando os Andersen não estão, e estou sempre disponível para uma chávena de açúcar ou um ramo de salsa, embora não seja «demasiado amigável» ao ponto de eles se sentirem obrigados a fazer conversa de chacha comigo sempre que nos cruzamos. Mais depressa me escondo e faço o possível para evitar que eles se sintam desconfortáveis. A juntar a tudo isto, faço um enorme esforço para não propagar e/ou perpetuar os estereótipos de terriola. Dito isto, *de um modo geral*, não tenho por hábito espiar. Raramente tiro os binóculos da gaveta das tralhas – nem mesmo quando a curiosidade me espicaça.

Mas, pouco depois de a Serena Lindhagen sair da casa do Fisher (e depois de a Wren sair da minha), vejo a Bea Marshall – a nossa ruiva e lindíssima cabeleireira, exímia no sacar dos mais enraizados segredos e não tão boa a mantê-los – subir também ela os degraus do alpendre do meu vizinho. Vejo-a entrar, mas sai nem dez minutos depois, com uma expressão arrogante, e o Fisher acompanha-a à porta, claramente confuso.

Mais tarde nessa noite, acordo com o prato que tinha no colo a deslizar

para o chão; pelos vistos adormeci no sofá enquanto desfrutava do meu triste jantar composto por umas míseras fatias de charcutaria barata. Levanto-me, levo o prato para o lava-loiças e, quando estou a lavá-lo, uma luz à distância chama-me a atenção. Vejo que se trata da luz da garagem, que se aciona pelo movimento, incidindo sobre os inconfundíveis contornos de uma adolescente... em fuga.

Depois disto, espiar tornou-se o meu novo vício. O *Legoless* mia-me o seu desagrado nos dias seguintes, e a *Sable* tem-se mostrado mais inquieta, ambos agitados pela mesma energia frenética. E *agitado* é precisamente o termo certo para descrever isto. Sem dúvida que me intriga a razão de eles terem vindo para cá, mas fico igualmente irritada pela minha incapacidade de esquecer o assunto, de me meter na minha vida.

– Se calhar, preciso mesmo de televisão por cabo – murmuro para mim mesma, enquanto vai descobrindo cada vez mais razões para me manter em frente à janela da cozinha. – Ou talvez isto seja a minha *reality TV*.

Ou talvez precises de arranjar outro hobby, era o que me transmite a expressão da minha cadela.

Ou de dar uma queca, sugere o olhar nitidamente desdenhoso do meu gato.

Mas não faço nem uma coisa nem outra, optando por passar mais tempo do que o habitual de volta do jardim, ou de volta das sequeiras alinhadas e parcialmente ocultas pela vedação que separa as nossas propriedades, a «arrancar ervas-daninhas» – atividade que consiste na minha pessoa de gatas, arrancando ervas sem prestar atenção, enquanto vou lançando olhares furtivos e me esforço para tentar ouvir eventuais conversas.

Basicamente: sou a minha própria caricatura. Uma rapariga da terra enfeitiçada por um lindíssimo estranho e o seu flagelo. É verdadeiramente patético, e eu faço zero esforços para acabar com isso.

Tudo o que consigo determinar através das minhas investigações de novata é que existe claramente uma sensação de melancolia entre o Fisher e a Indy. Nunca estão juntos na mesma zona da casa; e, quando estão, um deles desaparece logo a seguir. Sempre que o Fisher deambula pelo alpendre, parece estudar as mãos como se fosse aparecer nelas a possível solução para que algo de milagroso aconteça. E de cada vez que a Indy aparece cá fora, encosta-se ao corrimão e parece procurar algo à distância.



Dois dias depois de aquelas duas visitantes passarem por aqui, apercebo-me da carrinha da O'Doyle a subir a estrada de terra, um acesso comum às duas casas. Não contengo uma gargalhada divertida e quase tropeço para ir de novo buscar os binóculos. Sei que somos um grupo muito coeso e *direto* nesta terra, mas o desgraçado do homem já se viu forçado a uma dose mais do que

suficiente de interações embaraçosas nestes poucos dias desde que chegou, e isto já se me afigura para lá de ridículo.

E é também (vergonhosamente) divertido de assistir.

Através das lentes, consigo distinguir a expressão contraída da O'Doyle, ainda mais incisiva do que o habitual, ao sair do carro e dirigindo-se à porta dos Lange. A Indy recebe-a, e a O'Doyle passa por ela sem cerimónias; mas, poucos minutos depois, o Fisher despede-se dela à porta, a expressão já mais suavizada, e quase sarcástica. A O'Doyle, por seu lado, está corada e crepitante.

– Tia Sage?

– *Aahh!* – berro de susto, largando os binóculos assim que pressinto o Sam e o Ellis a entrarem-me pela cozinha. – Eu tenho campainha, sabias? Até a tua mãe a usa – informo o Sam enquanto tento recuperar o fôlego, ainda que perceba pela expressão dele que não comprou o rspanete.

Avança para mim e quase que me estrafega entre os braços compridos e enérgicos.

– Também gosto muito de te ver, titia.

Dou-lhe uma palmadinha nas costas, até que ele me solta. Olhar para a cara deste miúdo é quase como ver-me ao espelho. O mesmo queixo quadrado, grandes olhos cinzentos; até tem as minhas sardas. Contudo, herdou do pai o cabelo preto e da mãe os caracóis, em vez das minhas ondas cor de areia molhada.

– Que fazem vocês aqui? – pergunto ao Ellis, franzindo-me toda ao ver a *Sable* saltar para cima do Sam, colocando-lhe as patas nos ombros, e ele a fazer com ela uma espécie de dança pela cozinha.

– A minha mãe disse-me que me queres cravar para os teus vizinhos – diz o meu sobrinho.

O meu irmão apressa-se a traduzir:

– Ela disse-lhe que ele tinha de se ir apresentar à miúda e fazer-lhe uma visita guiada pela terra.

– Ela é da tua idade, Samuel, e giríssima, já agora – digo-lhe.

– *Ya, ya...* já lá vou. Só quis passar aqui primeiro para te cumprimentar. – Tenta afastar a cadela, mas em vão, e ela varre-lhe a cara com uma generosa lambidela – *Bleegh!* Ah, e a mãe mandou-te isto – acrescenta, apontando para um cesto em cima da mesa.

Solto um suspiro quando descubro dez dos seus infames *scones*.

– Espera! Como raio é que ela espera que eu coma isto tudo?! – Chamo pelo Sam, já a caminho da porta com a *Sable* nos calcanhares. – Nem sequer é domingo!

O que significa que ela os fez de propósito.

– Não faço ideia – responde-me o miúdo. Volta atrás e enfia a cabeça pela porta, o que lhe vale mais um salto e uma lambidela da minha cadela mal-educada. – Tudo o que sei é que estou proibido de levar *um que seja* de volta! – E com esta se vai.

O ganido da *Sable* ecoa os meus pensamentos. A Wren sabe perfeitamente que eu detesto desperdiçar comida, sobretudo pastelaria, e que vou de certeza ter de arranjar *alguém* com quem partilhar isto. Mais valia levar-me ao colo até aos meus vizinhos.

O Ellis abanca à mesa da cozinha.

– Anda, ajuda-me a comer isto – peço-lhe, empurrando o cesto para a frente dele.

Ele franze a testa.

– Sabes perfeitamente que eu já não como destas coisas.

Solto um longo e pesaroso suspiro. O Ellis é de extremos, do tudo ou nada. A morte do nosso pai deveu-se a um ataque cardíaco, que por sua vez foi causado por um incêndio no nosso celeiro, por isso, o Ellis tornou-se bombeiro. Ficámos sem pais quando ele tinha dezoito anos, por isso, tornou-se o nosso cuidador oficial. Assumiu por todos nós os encargos financeiros, e não mostrou a menor apreensão ou receio quando, nesse mesmo ano, foi pai do Sam.

Alturas há em que penso que ele decidiu que a Wren seria sua para sempre assim que ela se tornou a sua primeira amiga de verdade no jardim de infância. Mas agora... Agora, desfrutar dos seus *scones* é algo que ele já não se permite fazer porque deixou de partilhar a vida com ela. Para mim, isto não faz o menor sentido mas, na sua mente labiríntica, é tudo puramente lógico.

– E, já agora, o que é que vieste cá fazer? – pergunto-lhe em tom ligeiro.

– O *Bud*. Achei que me podias levar a casa assim que eu acabar de tratar dele, isto se o Sam ainda estiver com o jipe.

O *Bud*. O adorado cavalo da sua ex-mulher, com o qual não puderam ficar quando se divorciaram, e que agora vive comigo, mas é montado frequentemente pela Wren, e vê os cascos limados e hidratados a cada quatro ou seis semanas pelo Ellis. Em tempos acreditei que tê-lo cá, em território seguro e neutro, poderia de alguma maneira aproximá-los de novo, mas já lá vão quatro anos e, pelos vistos, cada um deles foi ficando cada vez mais confortável no seu próprio espaço.

Baixo os olhos para os *scones* e decido que não vou ceder e levá-los ao Fisher. E também acabou a espionagem e o imiscuir-me na vida dos outros. Sem querer, o Ellis fez-me lembrar que, no final de contas, os meus sentimentos acabam sempre por ficar demasiado emaranhados.



CAPÍTULO 6

FISHER

Já passaram exatamente oito semanas desde que a Indy me apareceu à porta de casa. Dois estonteantes meses neste novo papel acrescidos de uns quantos dias passados nesta terra conseguiram que eu lixasse tudo do modo mais fundamental possível. Tudo parece indicar que perdi a miúda.

Deixem-me explicar.

Até agora, e em escassos dias, conhecemos não só as principais forças de segurança de Spunes, mas também a veterinária da vila – uma mulher ainda jovem que veio deixar-me bolinhos e se ofereceu para me coser se alguma vez eu precisasse, apesar da minha falta de pelo –, e ainda uma mulher ruiva que passou desavergonhadamente os dedos pelo meu cabelo antes de me oferecer um *voucher* para um corte grátis. Lá conseguiu que eu lhe contasse do restaurante – do qual fui recentemente despedido e para o qual fui depois recontratado, que a Indy é minha sobrinha, que vivo em Nova Iorque e que sou solteiro. Senti-me como se tivesse preenchido um formulário de empréstimo bancário e saído de uma sessão de terapia, tudo isto nos dez minutos depois de ela sair porta fora.

A Indy olhou-me com uma expressão maldosa assim que a porta se fechou.

– O que foi? – comentei, perante o seu olhar semicerrado.

– A sério, não podes ser assim tão totó – rosnou-me. – Não alimentes as coscuvilhices da terrinha, Fisher. Já devias saber.

E com esta marchou escada acima, ainda de braços cruzados. Por mais que sinta saudades da miúda que me pedia bolos personalizados como presentes de aniversário, e que me tratava por tio Pishy, fiquei mesmo feliz ao ouvi-la dirigir-me algo mais do que um monossílabo.

Além de que está carregada de razão. É óbvio que estou mais do que

desabituação de gerir coisas próximas ao coração, mas é claro que *já devia saber*.



E foi exatamente por isso que, quando a minha campainha tocou às nove horas em ponto desta manhã, eu me escondi atrás da ilha da cozinha, rezando para que quem quer que fosse pensasse que não estávamos em casa. As janelas grandes desta casa são encantadoras, é certo, mas complicam muito a vida de quem se quer esconder.

Ainda assim, nem sei porque é que fiquei surpreendido quando, apesar dos meus acenos maníacos para lhe chamar a atenção, abanando a cabeça e vociferando um «não!», a Indy olhou para mim com um sorriso cínico e tratou de ir abrir a porta.

– Olááá! – ouvi-a cantarolar. – Tio, acho que tens uma visita!

Mas o sorriso esvaiu-se-lhe de imediato quando a dita visita quase a empurrou da frente para se fazer entrar. Saí do meu fracassado esconderijo e, relutante, tentei esboçar um sorriso, ficando mais tenso à medida que ela se aproximava. Fazia-me lembrar a diretora da minha escola primária, com os seus lábios cerrados, a expressão severa e o cabelo curto grisalho.

– Martha O’Doyle – informou-me, praticamente espetando-me a mão no peito para eu a apertar.

– Fisher Lange – murmurei, contendo um esgar de dor perante o aperto esmagador.

– Achei que seria importante vir cá apresentar-me, enquanto presidente da Associação de Lojistas da Main Street de Spunes. – Retirou a mão e ergueu um sobrolho expectante, como se eu devesse saber o que isso implicava.

– Hmm... obrigado?

Ela corou e olhou-me com uma expressão que me fez ter quase a certeza de que, a partir dali, a conversa só podia piorar.

– O senhor *é* o responsável pela profanação do nosso antigo e tão amado centro comunitário, não é verdade?

Ah. Então esta é uma daquelas *pessoas*, pensei. Uma das pessoas que insiste em fazer a vida negra à Charlie.

Não sei o que diz de mim o facto de ter ficado contente por ela me ter dado uma desculpa para desfazer a expressão amigável. Estou cá nem há uma semana, sem tempo ou intenções para profanar seja o que for – pese embora a minha fabulosa capacidade de lixar tudo, como se tem vindo a verificar ultimamente.

– Não. Por acaso, não sou – respondi com um sorriso irónico.

Um novo olhar pesado e crítico.

– Mas está cá para abrir o novo restaurante? O que está a ser reabilitado? Artimanhas típicas de terra pequena, e já bastante estafadas, diga-se.

Como é óbvio, o meu projeto já se espalhou pela vila toda.

– Sim, estou, mas não sou o proprietário e nem sequer *toquei* no edifício, como deve calcular.

Ela cruzou os braços, o rosto franzido como se tivesse chupado um limão.

– Então, gostaria de entrar em contacto com a pessoa responsável. Quem quer que tenha sido o autor da estrutura, pelo menos. Nós aqui temos normas que devem ser cumpridas e...

– Estou certo de que alguém com tantos recursos quanto a senhora não terá a menor dificuldade nisso. – Sorri com os dentes todos, e vi-a de novo a enrubescer.

– Não tenciona fornecer-me mais nenhuma informação? Se não é o responsável, então que cargo é que tem?

– Também estou certo de que irá descobrir isso por si, tendo em conta a informação toda que já conseguiu reunir. Agora, peço-lhe imensa desculpa, mas a minha sobrinha e eu temos planos.

– Temos? – A Indy surgiu na cozinha, até que reparou nas facadas que os meus olhos lhe lançaram e apressou-se a disfarçar: – Ah, claro, pois temos.

Acompanhei a mulher à porta, pelo meio dos seus bufares indignados, e fechei a porta nas costas dela, talvez com mais força do que a necessária.

– Eu não quero ir a lado nenhum – informou-me a minha sobrinha de imediato.

Preparava-me para subir ao quarto para trazer a carteira e as chaves, a ver se espairescia um bocado, quando ouvi baterem na porta.

– Só podem estar a gozar comigo! – grunhi, antes de voltar atrás para escancarar a porta num gesto furioso.

Apenas para me deparar com um miúdo magro a olhar para mim.

– Quem és tu? – lancei-lhe, ainda a deitar fumo.

Estou plenamente convencido de que ele me viu como o paradigma do cota rabugento que berra aos miúdos para lhe saírem da relva, quando senti a Indy logo atrás de mim. Talvez tenha reconhecido o cheiro a *Axe*, típico da malta da idade dela. Seja como for, apresentaram-se. Era o Sam, o tal sobrinho da Sage de que ela me falou.

– Acho boa ideia o Sam mostrar-me a vila – informou-me a Indy.

O miúdo viu-se claramente apanhado de surpresa e olhou para mim, à espera de aprovação. Mas eu ainda consegui captar uma leve curva para cima no lábio superior da Indy – uma mínima sugestão de um sorriso – antes de saírem ambos porta fora. Duvido sequer de que ela precisasse do meu consentimento.



Já passaram exatamente catorze horas; são onze e quarenta e sete, e eu já

lhe liguei e mandei mensagens outras tantas vezes, sem que ela me respondesse.

À meia-noite decido que já chega.

Quero lá saber se o raio da vizinha me ajudou com a Patrulha da Desgraça; *ela* é que atirou o sobrinho para a minha sobrinha, logo, terá de me ajudar a localizá-los.

Nos últimos dias, tenho-a visto a passarinhar pela sua propriedade. Sempre com robes berrantes e esquisitos, qual ave rara. Byrd^{2j}. Ah! Ave por ave, ao menos que seja uma coruja, porque eu estou prestes a fazê-la tirar o rabo da cama e a obrigá-la a capturar o seu precioso sobrinho. *Porra, chega de trocadilhos!* Preciso mesmo é de sair daqui.

Determinado, desço os degraus do alpendre e atravesso o descampado escuro, sentindo a cada passo o nervosismo transformar-se em raiva, o que me leva a acelerar. Dou uns murros irados na porta de casa dela, esforçando-me por respirar por entre a ansiedade. Oíço um ladrar vindo lá de dentro, seguido de algum alvoroço, e eis que a vejo à minha frente, abrindo a porta com cara de sono, enfiada em pijama e chinelos.

O dito pijama consiste numa *t-shirt* gigante, amarelo-bebé, com um caracol sorridente à frente – um caracol agarrando um minitaco de *baseball*. Em letras grandes e gordas pode ler-se: vai-te a eles, campeão!

Sinto-me indignado. Que imagem mais irritante. Que cliché clássico. A animada e confiável rapariga do lado.

– Fisher? Está tudo bem? – pergunta ela, a voz rouca de sono, que, curiosamente, tem o condão de me acalmar. Para além de se lembrar do meu nome, não parece nada incomodada pela hora tardia, mas sim preocupada comigo. É tão querida que chega a ser ofensivo.

– O Sam – digo-lhe. *Mais sílabas, homem.* – Preciso que ligue ao Sam, por favor. Ele está com a Indy.

– Oh, claro. – Outro ladrar sonoro faz-me dar um salto, embora a deixe imperturbável. – Posso só aceder à localização do telemóvel dele.

– Sim, sim, peço-lhe que o faça – digo, tentando soar aborrecido, mas sem êxito.

Ela solta uma daquelas suas risadas airosas, como se me achasse divertido.

– Não quer entrar? Faça-lhe um chá, ou coisa assim, enquanto espera.

– Chá?

– Ou café.

– *Café?*

– *Café au lait?*

Fico sem conseguir pensar, furioso comigo próprio.

– Não... Eu... não quero nem chá nem café – é tudo o que me sai.

– OK – diz ela com um breve encolher de ombros, e vejo-a chinelar enquanto se afasta. E isso tira-me do sério.

– Não, não quero chá nem café nenhum – repito, em tom firme. – E, já

agora, outra coisa que eu não quero são as suas conterrâneas inconvenientes a baterem-me à porta várias vezes por dia. Não estou interessado em conhecer as suas amigas geriátricas, desinteressantes, intrusivas e com mau feitio, vindas do clube de veteranas ou do centro de idosos onde você é certamente voluntária. E tenho zero interesse em participar na vossa «banquinha do beijo» em nome de uma qualquer missão de preservar o calhau da aldeia ou o campo de abóboras, ou seja lá o que for que vocês tenham em mente! O que eu preciso, isso sim, é que descubra o paradeiro do *seu* sobrinho, que está com a *minha* sobrinha, graças a si. Senão, eu... eu chamo a polícia.

Ela *ri-se*. Pior ainda, dá uma gargalhada. Naquele som tão tentador quanto sedutor. Sinto-me a enlouquecer.

Até que a vejo mudar de expressão, a ficar com uns olhos grandes e suplicantes.

– Mas esse calhau da aldeia a que se refere é rico em história e sentimento! – exclama. – E a banquinha do beijo pagou o relvado novo do campo de futebol da escola secundária, Fisher! E os meus pais conceberam-me naquele campo de abóboras! – Dirige-me um pestanejo dramático.

Recuso-me a rir.

– O sarcasmo não lhe fica bem – observo.

– A sério? Que chatice. Pois a si a resmunguice e a arrogância ficam-lhe a matar – responde-me em tom ligeiro, antes de virar costas para ir buscar o telemóvel: – E duvido que pense em chamar a polícia, visto que já conheceu, tipo, metade da nossa força de segurança naquela noite. – Antes que eu consiga responder-lhe de volta, estende-me o telemóvel para me mostrar uma localização, com o nome «Sam» a cirandar pelo mapa. – Estão mesmo a chegar.

– Ele disse-lhe o que é que andaram a fazer estas horas todas?

– Não, mas vai poder perguntar-lhe em escassos minutos, meu amigo – diz-me.

Abro a boca para lhe responder, mas o sorriso dela amplia-se, como se estivesse *entusiasmada* por estarmos a discutir, e a querer mais. Isso desarma-me completamente. Por isso, limito-me a virar costas, mesmo a tempo de ver uns faróis à distância.

Rapidamente me apercebo de que são de facto eles sob o brilho ténue do interior do carro. Não vou sequer a meio do descampado quando os vejo atirarem-se um para cima do outro e a lançarem-se numa sessão de beijos selvática. Enquanto percorro o resto do caminho até casa, faço caretas e resmungo para mim próprio e a minha sobrinha *continua* de língua enfiada na garganta daquele clone do Timothée Chalamet, devorando-se como se fossem animais num documentário da *National Geographic*.

Espero ainda uns bons quatro minutos, e eles ainda não pararam para respirar.

Mais trinta segundos.

Que se lixe. Ainda não ganhei pontos suficientes com ela, e esta leve

tentativa de golpe de estado provocou-me um pico de adrenalina de tal maneira forte que, agora que a vejo segura, quebro completamente. Estou exausto e furioso.

Abro de rompante a porta da minha carrinha e carrego na buzina.

Eles separaram-se como se tivessem levado um choque, e vejo-a olhar para mim pela janela do pendura, sob o meu insistente buzinar. Sai do jipe e atira com a porta, e o Casanova apressa-se a sair atrás dela. Escorrega na gravilha e passa por trás do carro, tropeçando no encalço dela.

Quando finalmente tiro a mão da buzina, os olhos escuros da Freya fixam-me, desafiadores, através da expressão da Indy. O cabelo cor-de-avelã balança-lhe sobre os ombros, num rabo-de-cavalo desleixado – e quase desfeito. Ela não abrandar; limita-se a dirigir-me um sorriso tão falso quanto meloso antes de marchar para dentro de casa.

– T...tchau, Indy – diz o pénis-senciente-com-jipe, erguendo uma mão triste para ela. Como resposta, um sonoro bater de porta na cara.

O rapaz engole em seco e volta-se para mim:

– Viva, Mr. Lange, eu... peço desculpa se ela chegou tarde de mais a casa. Ela falou-me em meia-noite e eu... peço desculpa se me atrasei uns minutos.

O putó é praticamente da minha altura, mas parece que foi enfiado numa máquina de fazer massa para o conseguir. Magrela e enfezado, punhos ossudos e cotovelos protuberantes – quem sabe numa qualquer fase de adição de nicotina. A minha especialista em molhos no Marrow tinha colada na porta de dentro do cacifo dela uma montagem de fotos de rapazes de rostos ossudos e olhos descaídos, muito parecidos com este putó. *Credo*, chego até a achar que *eu próprio* posso ter sido assim, com aquela idade. A constatação faz-me sentir ainda mais velho e cansado.

Mas sinto também que pode não ter sido por culpa deste idiota o facto de ela ter chegado tão tarde. Poupo-o a um novo olhar e dirijo-me lentamente para o alpendre.

Quando entro, percebo que a Indy já subiu para o quarto, e sinto uma forte tentação de esquecer este dia e ir direto para a cama para podermos recomeçar de novo amanhã.

Mas isso é o que eu tenho feito. E o que sempre fiz. Tudo o que não fosse perfeito, eu descartava. Pouco me ralava se estivéssemos com falta de pessoal, com falta de apoio, mortos de cansaço, tipo mortos-vivos; se visse um prato descuidado, não permitia que fosse servido.

O café não me sabia tão bem pouco tempo depois de ter sido acabado de fazer? Deitava-o pelo lava-loiças.

Relações que não me fossem confortáveis, simples ou convenientes? Ou que ao fim de algum tempo não se mantivessem assim? Para quê sequer investir nelas?

E não sei se aplicar esta retórica culinária tão lógica ao meu atual papel de tutor é ridículo ou não; o que sei, isso sim, é que a tenho usado

frequentemente noutras vertentes da minha vida – o que, confesso, também nunca me serviu de grande coisa.

Respiro fundo e tento recompor-me antes de me dirigir ao quarto dela e bater.

– Indy? Vem falar comigo por um momento, por favor – digo. Oiço o ranger da cama e o arrastar dos pés antes de ela me abrir a porta de um modo equivalente a um revirar de olhos: – Não estou a tentar sufocar-te, mas preciso sempre de saber onde é que tu andas, se estás bem e em segurança, e a que horas tencionas chegar a casa.

– Eu disse-te que ele me ia mostrar umas cenas – diz-me, com um encolher de ombros impaciente. Abana a cabeça como se eu lhe tivesse pedido para usar uma coleira de choques, e não que mostrasse apenas alguma cortesia.

– Caso não tenhas percebido, estiveste fora de casa metade do dia e... espera lá, *mostrar-te umas cenas*? Mas que cenas? A sua cavidade oral?! O seu sistema respiratório superior? Sabes que mais...? Esquece. – Inspiro e expiro antes de prosseguir: – Não vamos fingir que não te aproveitaste do facto de eu não ter propriamente uma enorme experiência nisto e, logo, não te ter dado uma hora certa para chegares a casa. Que a partir de agora serão as onze da noite, só para que saibas. – Ela solta uma gargalhada, mas não me desarma: – Gostaria muito que nos respeitássemos um ao outro para conseguirmos chegar ao fim deste verão inteiros, OK? Se optares por não o fazer, não me resta senão adotar medidas mais drásticas.

Os olhos dela escurecem, mais duros. E não consegue evitar corar, ainda que ligeiramente, antes de a expressão assumir rapidamente a sua habitual indiferença.

– Olha lá, não ultrapassaste já o prazo de exerceres o poder paternal comigo, sei lá, há três anos? – lança-me.

O golpe agride-me exatamente onde e como ela pretendeu. Rogo ao meu cérebro por uma resposta, mas ele ignora-me. Eu nem sequer sabia que ela sabia. Ou como soube. Talvez tenha sido um deslize da parte dos meus pais, algo que eles decidiram revelar num momento de frustração ou... Não. Não me parece que tenha sido intencional da parte deles.

Além disso... é a verdade.

Desta vez, quando me fecha a porta na cara, fá-lo suavemente – o que é ainda pior. Como um soco que não precisasse de ênfase para ser justificado.

Passo uma mão pelo cabelo e dirijo-me para o meu quarto frio e impessoal. Adormeço no segundo em que deito a cabeça na almofada.

[2]1 Associação a «bird», que significa «ave, pássaro». (*N. da T.*)



CAPÍTULO 7

SAGE

A manhã acolhe-me com um balde de água fria, metafórico, que me deixa com os nervos em frangalhos a partir do momento em que abro os olhos. As noites quentes sempre tiveram o condão de tornar os meus sonhos mais vívidos e insistentes – coisas vivas e respirantes que me corroem por dentro.

Sei que prometi deixar de me imiscuir na vida dos outros, mas claro que, ao tomar esta decisão, o meu subconsciente eriçou-se – o que talvez seja a única explicação possível para os sonhos que tive esta noite, depois de o Fisher ter saído desembestado daqui. No primeiro, a sobrinha dele caiu da janela do quarto quando intentava uma nova fuga furtiva. No segundo, ela caiu pelo trilho da falésia, nas traseiras da propriedade. A embocadura do trilho começa, tecnicamente, um metro dentro da propriedade dos Andersen, não da minha, mas quando o caminho começa a descer em ziguezague até à nossa praiazinha comum, por vezes alarga e estende-se para o meu lado; por isso, concluo que poderei vir a ser responsabilizada por eventuais acidentes que ocorram ali.

No entanto, não deixo de fazer as minhas tarefas matinais, esforçando-me por afastar aqueles pesadelos. Não é da minha conta – sobretudo depois do ataque de fúria do Fisher na noite passada. A última coisa que quero é que ele me veja como um arquétipo provinciano e simplório – uma abelhuda coscuvilheira.

Ele foi tão simpático, tão grato, naquela noite em que nos conhecemos... charmoso, diria mesmo. Mas aqueles dias e dias seguidos de gente a bater-lhe à porta não terá representado propriamente um comité de boas-vindas muito agradável.

O *Bud* solta um relincho suave quando lhe passo a escova pela crina, como se pressentisse a turbulência nos meus pensamentos. Este barulho

remete-me saudosamente para o dia em que ele veio viver comigo. Foi mimado com mantinhas quentes e cubos de açúcar e fardos de palha extra. Mas em breve passou a adotar uma postura irritada para comigo, pior ainda quando a Wren e o Ellis vinham visitá-lo. Estava a lidar com grandes mudanças e ainda maiores incertezas, tentando assimilar o seu novo *habitat*. Pouco lhe ralava o gato curioso e arrogante que o rondava a uma distância segura, mas a cadela gigante deixava-o ansioso. Eu própria tive de aprender a deixar o *Bud* reivindicar o seu espaço, e aguardar pelo seu voto de confiança demonstrando-lhe a minha. Sempre que o via aproximar-se de casa, eu fazia questão de pegar no *Legoless* ao colo, e obrigava a *Sable* a ficar sentada à distância, para lhe mostrar que eu também estava de certo modo no controlo das coisas.

No fundo, isto também se pode aplicar ao Fisher. Em vez de me acoplar a tudo de novo que lhe tem sido atirado para cima (mesmo com as melhores das intenções, como fiz com o Sam), talvez deva primeiro ajudá-lo a ambientar-se.

É precisamente o oposto daquilo que prometi a mim mesma, mas que se lixe. O interesse também é meu, afinal. Não apenas para me proteger de uma putativa ação legal caso a Indy se aleije, mas para tornar as coisas mais agradáveis no geral. Já que vão passar o verão inteiro em Spunes, cabe-nos torná-lo prazeroso para ambos, especialmente se ele vai abrir o seu negócio por cá, uma novidade de que eu e os meus conterrâneos vamos querer sem dúvida desfrutar. Posso perfeitamente facilitar-lhe a vida e agir como intermediária entre ele e Spunes, garantindo a todos o maior sucesso e conforto.

Resta-me conseguir convencê-lo de alguma maneira.

Decido-me a atravessar o descampado em marcha acelerada antes que mude de ideias.

Hoje, a camada marinha está pegajosa, mas o calor promete que o sol o derreta em breve. O ar está densamente perfumado com o odor do roseiral; as últimas peónias foram cortadas em maio, mas a lavanda, as silindras e as ervilhas-de-cheiro compensam de longe a sua ausência.

Só me apercebo de que nem vi que horas eram quando a Indy me abre a porta com cara de sono e entre bocejos. O meu rosto franze-se numa careta antes sequer de olhar o relógio.

– O Fisher não está cá – rosna-me a miúda.

– Aaah, merda! Desculpa, nem percebi que são sete da manhã. – *Mas que início tão auspicioso para o plano do sucesso e do conforto.* – Sabes onde foi? – *E só melhora com a subtilidade da abordagem.* – Desculpa, não tens de me dizer, não é da minha conta.

Como resposta, e com uma expressão irritada, mostra-me um bilhete. Uma única palavra rabiscada com raiva: *loja*.

Fica a olhar para mim de sobrolho erguido, numa pergunta velada. Tipo: *Mais alguma coisa?*

E raios partam o meu cérebro por ser como é, mas não consigo deixar de a comparar ao *Legoless*. Já era bem crescidinho quando apareceu com uma pata partida nas traseiras do Magic Bean, o café da vila. O pai da Serena Lindhagen, o saudoso Dr. Lindhagen, amputou-lhe o membro e recomendou que fosse adotado por alguém que cuidasse dele dentro de casa. Apesar de tudo, poderia continuar a desfrutar de uma vida confortável e relaxante. O nosso pai tinha acabado de morrer, e o Ellis ainda fazia questão de me estragar com mimos, por isso deixou-me trazer o gato para casa.

O *Legoless* era um terror. Rosnava, bufava, cuspia, arranhava tudo o que apanhava, e fazia chichi em todos os cantos da casa. Além disso, insistia teimosamente em se apoiar sobre a pata em falta, tropeçando e coxeando e uivando de cada vez que caía.

Até ao dia em que o Silas e o Micah tiveram uma briga tão feia cá em casa, que acabámos com a porta-mosquiteira partida, pela qual o *Legoless* fugiu desenfreado. Fiquei inconsolável, apesar de aquela fera só ter sido má comigo.

Sentia-me já tão abandonada por tantas pessoas e tanta coisa, nessa época – daquele modo meio disparatado como as crianças se sentem. Claro que os meus pais não me tinham abandonado de livre vontade, mas não sei se eu na altura entendia isso. O raio do gato resultou em mais uma perda.

Quando o *Legoless* apareceu no dia seguinte, atravessando alegremente o relvado com um coelho morto na boca, tudo fez sentido. Largou aquela coisa aos meus pés, qual oferenda nojenta e perversa, e eu percebi que ter algo que caçar melhorou-lhe consideravelmente a marcha e domou-o, de certo modo. Ter um propósito deu-lhe... bom, um *propósito*.

– Sabes que mais? Eu vim cá falar contigo, na verdade – informo a Indy. O que era uma verdade, ainda que acabada de nascer. – Achas que me podias ajudar numas coisinhas?

Ela olhou-me, piscando lentamente os olhos, não uma mas três vezes.

– Mas *quem* é você, afinal? Além da nossa peculiar vizinha, claro.

Ergo-lhe o sobrolho perante o tom. Ela não é um dos meus alunos, a que estou mais do que habituada, e cujas moradas e contactos dos pais eu sei de cor, logo, têm-me algum respeito, senão mesmo medo.

– Sou a tia do *Sam*. Sage.

– Oh. – Endireita-se instintivamente, claramente surpresa, e eu agradeço ao Sam por, quanto mais não seja, ter a capacidade de encantar alguém. – Ah, claro. Eu... bom, esqueci-me – diz ela. – Mas... *ya*, claro, OK. Dá-me dez minutos?

– Parece-me bem. Encontramo-nos na vedação.



Um quarto de hora depois, ela aproxima-se, os braços firmemente

cruzados e o rosto franzido de preocupação.

– Não vens para cima de mim com aquele discurso de «o Sam é bom rapaz e, se o magoares, vais ter de te haver comigo», pois não?

Rio-me.

– Não, a minha ideia era mais ter uma conversa contigo sobre sexo seguro – digo secamente. E se fosse possível desmaiar por vergonha, acho que era o que ela faria neste momento. – Sabes, quando duas pessoas gostam muito, muito uma da outra, por vezes esses sentimentos geram *impulsos*...

– *Ohmeudeus*, não! *Por favor, para!* Eu não preciso dessas conversas, juro. – Ergue as mãos como se a vergonha fosse tal que a fizesse vibrar.

Não contenho uma bela de uma gargalhada, saída das entranhas.

– Estou a gozar, Indy. – *Não resisti a ser uma cabra contigo*, não digo mas penso. *Vamos mas é por essas mãozinhas a trabalhar e essa mente mais inativa (e mais aberta) antes de entrarmos em modo sinceridade extrema.*



E é precisamente isso que fazemos. Em breve, constato que a miúda é uma excelente ajudante, e que praticamente não se queixa. Falamos pouco – breve conversa de circunstância sobre o tempo e planos para o fim de semana – enquanto ela me ajuda a marcar e escavar uma cova para um pequeno tanque em argamassa que eu arranjei para os gansos. Assim que tudo está escavado e com as dimensões certas, colocamos uma camada de granito decomposto e o revestimento, e decoramos por fim o rebordo com seixos do rio.

O Gary parece extremamente ligado à Indy, seguindo-a por todo o lado e queixando-se ruidosamente quando não a vê por perto. Sempre que a *Gronk* se aproxima dela, o Gary comporta-se de um modo a que eu nunca assisti, furioso, dando-lhe bicadas e posicionando-se entre as duas com o pescoço curvado num gancho agressivo.

– Ups... – digo, percebendo finalmente o que se está a passar.

– O que foi? – pergunta ela, levando a mão à testa suada, depois de voltar a colocar o carrinho de mão no barracão.

– Faz-me um favor, deita-te ali na relva. Quero ver uma coisa.

Para meu espanto, ela fá-lo apenas com um ligeiro revirar de olhos. E, tal como previ, o Gary pega num galho próximo e leva-o até ela tão rapidamente quanto as suas patinhas lhe permitem. Coloca-o junto à cabeça dela, e corre a ir buscar mais galhos, penas, um pouco de corda e até pedaços de musgo. Vai dispondo tudo amorosamente em torno da silhueta dela.

– O que é que ele está a fazer? – pergunta ela a rir-se.

Não consigo disfarçar uma risada também.

– Está a construir-te um ninho. – E bem que eu gostaria que ela apreciasse uma partilha melodramática da minha parte, tipo «seduziste um dos

meus meninos?»), e percebesse a analogia, mas acho que a nuance lhe escaparia. E, seja como for, isto não é por culpa dela. – Decidiu que eras a mulher dele – informo-a com um suspiro.

Ela faz uma careta chocada e senta-se, lançando ao Gary um olhar de afronta.

– És tarado, meu.

– E não somos todos? – declaro, irónica.

A verdade é que isto pode vir a representar um pequeno problema. Os gansos têm de ser criados em casais. O Gary e a Gronk nunca acasalaram, mas pelo menos vivem como um casal de amigos. A partir de agora, o Gary é menino para depenar a Gronk, se achar que isso faz a Indy feliz.

Deixo o assunto na lista dos problemas a lidar mais tarde, e proponho-me à nossa nova tarefa. Até que há outra coisa que se me ocorre:

– Já aqui estamos há três horas. Achas que o Fisher já voltou da loja?

Ela revira os olhos:

– Não. Da primeira vez que ele lá foi, demorou quatro horas.

– Na *nossa* loja de aldeia? Como assim?

Ela encolhe os ombros e volta a cruzar os braços – a posição preferida e já um padrão.

– Deve ter ido também a outras. Anda a trabalhar num menu, por isso acho que deve andar à procura de produtos locais. Ele nunca sabe realmente o que quer fazer, acho eu. Não me perguntes – acrescenta, ao perceber que lhe vou perguntar mais coisas. – Eu também não o percebo.

– Hmm... – murmuro, franzindo a testa. A imagem de um *chef* deambulando por uma loja sem saber muito bem o que fazer deixa-me estranhamente triste.

– Ah, não – zomba a miúda. Dou por ela a olhar para mim com uma expressão exasperada. – Não sintas *pena* dele. Ele não a aceitaria, e a verdade é que não merece.

Abano a cabeça e sorrio.

– Achas-te, portanto, a autoridade máxima quanto ao que é ou não digno de pena?

Vejo-lhe um laivo de desafio no sorriso irónico.

– A minha mãe morreu, por isso... *ya*, acho que sim – diz, apontando para si própria.

Tem piada, esta é umas coisas que eu mais adoro nos adolescentes. Enquanto os adultos necessitam de uma base sólida de conversa fiada, seguida de passos que têm mesmo de dar até se sentirem confortáveis perante as coisas mais reveladoras, os jovens estão sempre à espera de serem entendidos sem o menor esforço. Ávidos por serem compreendidos e aceites.

Outra coisa que também reconheço e aprecio: humor negro – a imagem de marca preferida desta geração.

– Órfã aos doze – digo, imitando-lhe o gesto, apontando para mim.

– O meu pai nunca me quis – diz ela, franzindo o nariz. – Por isso,

tecnicamente, também fiquei órfã aos doze e fui deliberadamente abandonada muito antes disso. Dupla desgraça – argumenta.

Não desisto do jogo.

– Criada por irmãos adolescentes – lanço-lhe. – Obrigada a crescer depressa de mais no campo de maturidade emocional, o que significa que provavelmente me escapou alguma. E, até hoje, isso manifesta-se dentro de mim através de uma vontade imensa de ser importante para alguém ou alguma coisa.

Ai, esta feriu os meus próprios sentimentos.

– Digo muitas vezes *sim* às pessoas por medo de que me abandonassem se não lhes for útil – acrescento, algo abalada por esta epifania súbita. – Eu... creio que mantenho o meu mundo assim pequeno para não me sentir insignificante nele.

Vejo-a pestanejar estranhamente ao olhar para mim, antes de dizer:

– Pois eu quero precisamente o oposto disso. Quero o meu mundo suficientemente grande para não ficar encurralada ou aprisionada dentro dele. Com espaço para fazer coisas grandes, ou, pelo menos, ter oportunidade para isso.

Concordo e encolho os ombros em câmara lenta:

– Segundo a santíssima trindade, também conhecida como The Chicks, os espaços amplos também nos dão mais margem para cometermos grandes erros^[3].

Ela não contém uma risada.

– Concordo que isso também poderia ser agradável – admite.



Cerca de uma hora depois, quando o Fisher chega a casa, a Indy está a segurar-me o escadote enquanto desmonto a treliça. Sai da carrinha e encaminha-se apressadamente para ela a falar num tom curto e murmurado.

– Estás pronta? – pergunto à Indy.

– *Ya* – responde-me prontamente. Começo a baixar a estrutura e, pelo canto do olho, vejo o Fisher a largar os sacos de compras no chão.

– Você acha que os seus vizinhos iam gostar de a ver a desmantelar-lhes a casa e a usar o escadote deles? – grita para mim.

Dirijo-lhe um sorriso radioso.

– Sou eu que lhes instalo as luzes de Natal todos os anos! – grito, antes de começar a descer.

Ele resmunga mais umas quantas irritações, tira a treliça das mãos da Indy e pousa-a no chão. Quanto a mim, fecho o escadote e volto-me para os dois.

– Pois a mim parece-me mais um putativo processo judicial – diz o Fisher, apontando para mim e para o escadote.

– Ainda sou precisa? – quer saber a Indy.

– Por falar em processos judiciais – digo –, vou ter de vos ensinar o caminho certo até à praia. Pode ser perigoso. – Nem sequer lhes dou tempo de protestarem. Ponho o escadote de lado e encaminho-os até ao trilho, apontando-lhes os marcadores para a descida mais segura possível até à praia.

Quando me volto, deparo-me com ambos numa postura clonada, os braços cruzados, as testas franzidas.

A Indy interpreta o silêncio como uma abertura.

– OK, obrigada – lança-me, antes de se escapar de volta para casa. O Fisher também se vira, mas eu detenho-o:

– Ela deu-me uma bela ajuda hoje.

Ele volta-se para mim, estranhando:

– Deu?

– Sim, senhor – afirmo. – E, se não se importar, tenciono pedir-lhe ajuda de vez em quando para outras coisas ao longo do verão. Paga, evidentemente.

Ele põe a cabeça de lado, numa expressão peculiar:

– Ofereceu-lhe trabalho? Então e se ela for uma criminosa?

– Iria precisar de mais informação – digo, com uma risada. – Mas é?

Ele estuda-me como que a ponderar alguma coisa.

– Tem cadastro limpo. – Suspira: – E obrigado. Acho que seria excelente para ela. Gostava que se sentisse envolvida, incluída em alguma coisa. – Afasta o olhar depois de dizer isto, como se estivesse com dúvidas em concordar. As últimas nuvens evaporaram-se com o sol da tarde, fazendo dele o único ponto escuro no prado dourado atrás de si. Passa uma abelha por ele, zumbindo ruidosamente, mas ele nem pestaneja, de novo perdido em pensamentos. Lembro-me do que a Indy me disse sobre ele nem sequer saber o que quer fazer, e pergunto-me a razão de tanta incerteza.

– Não tem por que agradecer – digo, atraindo-lhe de novo o olhar. – Não só por isto como por outras coisas – acrescento. Isto não soou tão estranho na minha cabeça enquanto não o disse em voz alta: – Quero dizer, não tem de agradecer por nada, e são ambos muito bem-vindos por cá... – Faço um gesto circular com as mãos.

Ele concede-me uma risadinha e... oh, o rosto dele fica tão caloroso quando se ri, mesmo nesta breve sugestão de riso. Sempre gostei de uma bela expressão severa, mas também sempre achei que há certos rostos que se parecem mais com eles próprios quando se riem. Algo dentro de mim grita: *Mais! Faz isso outra vez!*

– Obrigado – repete, agora com os ombros e o espírito já bem mais elevados.

Sim, vou dizer outra vez:

– Não tem por que agradecer.

Desta vez, a risadinha dele contém algo mais profundo e retumbante, que torna o sorriso que lhe devolvo tão radioso que tenho de morder o lábio para tentar contê-lo.

Vejo-o engolir em seco e desviar o olhar para a casa.

– Bom... tenho de ir guardar os frescos – diz, apontando com o polegar por cima do ombro.

– Ah, claro, desculpe – respondo. – Também tenho de ir guardar o meu escadote.

Apressamo-nos a voltar e automaticamente pego em sacos de dentro da carrinha dele para ajudar.

– Não, deixe, não precisa de fazer isso – diz Fisher, estranhamente ofegante, vendo-me abrir a porta dele com o cotovelo. – Já fez o suficiente. – Não decifro se ele está chateado ou nervoso. As duas coisas, provavelmente.

– Pode ajudar-me a levar o escadote depois, se isso amenizar a sua culpa masculina – brinco.

Ele ri-se, uma sobranceira elevando-se, mas para de responder ao ver-me tentar compreender os artigos que tirei dos sacos. Coisas como caviar e cortes de carne que nem sequer reconheço, e sacos impecavelmente selados com salmão fresco que, calculo, deve ter comprado nas docas.

– Estou a ver que não é um homem do tipo frango com arroz – digo.

Ele olha-me do outro lado da ilha da cozinha.

– Eu não desprezo um frango com arroz – diz-me. – Não me julgue por umas ovas de peixe.

Ergo as mãos, expressando inocência.

– Acredite ou não, nem foi o caviar que me chamou a atenção – digolhe. – Foi mais o facto de nem sequer imaginar que se vendesse por cá. Aliás, acho que você deve ser a única pessoa a comprar isso no mercado este ano. – *E mais, foi certamente um artigo em falta reclamado pelos turistas do ano passado, penso mas não digo.*

Ele começa a arrumar as coisas.

– Estou a trabalhar num menu para o novo restaurante que vai abrir na vila, o Starhopper, acho que é esse o nome escolhido.

– Se incluir caviar no menu, conte comigo para pedir o bife à casa – rio-me, mas arrependo-me ao ver a cara séria dele. – Desculpe, que piada de mau gosto... a sério, foi uma das minhas piores. Mas a verdade é que... ninguém vai querer comer caviar por lá. E não estou de todo a querer ofender, juro que não, mas acho que talvez deva pensar em algo mais acessível.

Ele solta um suspiro cansado.

– Mais um conselho... *sagaz?*

Tem toda a razão. Não consigo conter-me. Já me deve achar para lá de insuportável.

– Nós só temos afluência de turistas em agosto – explico-lhe amavelmente. – No resto do ano, os seus clientes seremos nós.

Ele assente, pondo um fim ao assunto.

– Eu ajudo-a com o escadote – diz.

Assim que saímos de casa dele, cada um pega na sua ponta do escadote, levando-o até à minha garagem em absoluto silêncio. Quando me volto para

me despedir, vejo-o de mãos nas ancas, olhando-me como se tivesse alguma coisa para me dizer.

– Talvez decida aceitar as suas sugestões para o menu – diz-me, com uma expressão que ameaça provocar-me outra gargalhada. É mais do que óbvio que a ideia de eu vir a ajudá-lo nisso é para ele agonizante.

– Eu adorava – digo simplesmente.

Ele limita-se a outro aceno de cabeça, fazendo com que uma madeixa de cabelo negro lhe caia sobre o rosto, e depois afasta-se sem dizer nem mais uma palavra. Fico a vê-lo dirigir-se para casa, rodando os ombros e esfregando o pescoço como se quisesse desfazer um nóculo de tensão.

[3]1 Referência a um trio musical norte-americano e à sua música «Wide Open Spaces». (*N. da T.*)



CAPÍTULO 8

FISHER

Estou a tentar descer um caminho de gravilha, mas as pedras fazem-me resvalar, os pés enterram-se-me numa areia imaginária, toldando-me os passos. A Freya está junto à sua velha carripa e acena-me, e eu esforço-me por alcançá-la. Preciso de a avisar, de lhe pedir que não vá. Grito-lhe sem voz; não consigo que saia de mim o mínimo som. Os meus pés debatem-se com estas pedras de merda, mas ela vai-se afastando, afastando, até que caio, e agora o chão foge-me também das mãos. Até que reparo nos meus pais no alpendre; simples e bondosos, como sempre.

– Não consegues chegar a ela? – pergunta-me a minha mãe.

– Não... não consigo – tento dizer, mas as palavras não saem, apenas um soluçar sufocado.

Quando me volto de novo para a Freya, ela desapareceu, e em vez dela vejo a Indy, subindo para um jipe com um ar zangado. Esforço-me de novo para me levantar, para gritar, mas nada me sai, nada acontece. É impossível, sinto-me a cair cada vez mais, a afastar-me mais, e agora... Espera lá, que porra é aquilo? Um ganso? Solta um grasnido e...

Dou um salto na cama, arquejante e lavado em suor. Levo as mãos à cara e noto que está encharcada de lágrimas, que limpo antes de me precipitar para o telemóvel, para desligar o alarme e tentar recuperar o fôlego. Lá fora já há luz, um leve fulgor do início do dia.

Estou aqui, em Spunes, no Oregon. Para onde fui enviado por um verão para tentar provar que ainda valho alguma coisa, tanto à minha sobrinha como à minha chefe... e também a mim próprio, creio.

Depois de conseguir desenredar as pernas dos lençóis, esforço-me para estabilizar a respiração, vestir as calças de ganga e lançar-me ao trabalho matinal. Mas não consigo dominar a sensação de vazio e turbulência que o

meu sonho deixou em mim. Sem sequer ter consciência de que o faço, dirijo-me à cozinha e desato a tirar coisas dos sítios, colocando-as noutros. Não se trata da minha casa nem do meu restaurante, mas faço questão de mudar os talheres para uma gaveta que me faz mais sentido. Faço o mesmo com as facas de cozinha. Olho fixamente para o frigorífico, que pode muito bem ser um buraco negro para outra dimensão.

Sou um *chef* que não sabe cozinhar, admito finalmente a mim mesmo. Ou não quer, pelo menos.

Consigno cumprir tarefas, fazer coisas que já fiz milhares de vezes... Mas a verdade é que não consigo pensar em algo de novo, e nem sequer obrigar as engrenagens na minha mente a moverem-se suficientemente rápido para misturarem alguns dos clássicos mais convencionais. Não paro de pensar no que a Carlie me disse sobre recomeçar e regressar ao essencial, e eu até quero, mas acho que não sei como fazê-lo. Sem dúvida que consigo fazer o ninho *agnolotti* com manteiga branca trufada e cogumelos negros do Marrow, mas porque é que não consigo recordar-me do pequeno-almoço favorito da Freya, ou sequer qual era o da Indy? Ultimamente, tenho entrado nas lojas para acabar lá paralisado. Só de me lembrar dos produtos frescos a olharem para mim acelera-me o coração e faz-me suar das mãos. Tudo me pareceu antropomorfizar-se perante os meus próprios olhos, claramente a gozar comigo.

O som da campainha desperta-me da zoeira ensurdecadora do meu cérebro, e sinto-me ainda mais paralisado, se possível.

Entre o pesadelo e... seja lá o que isto for, sei que não vou definitivamente conseguir lidar com mais nenhuma visita. Não quero. Recuso-me. Mas, se me escapulir para o quarto, serei logo visto através da porra daquelas janelas. E também não posso chegar às escadas para fugir sem passar também por uma série delas.



Um laivo de dourado através da janela do lava-loiças desperta-me a atenção, e vejo as ervas altas no prado a abanarem ligeiramente. São uma cena alta e densa, em forma de espadas. Não suficientemente altas para eu me agachar discretamente, mas e se eu me deitar conseguirão esconder-me?

Nem penso duas vezes, ainda com o cérebro a falhar-me e sem me ajudar a orientar-me. Baixo-me e esquivo-me pela porta lateral como se estivesse numa missão das *swat*. Pé ante pé, atravesso o alpendre lateral e baixo-me atrás da carrinha. Rastejo, e assim que chego à zona das ervas altas, enfio-me por debaixo da vedação e não olho para trás.

Passar por esta humilhação e esforço físico, sobretudo no estado emocional em que me encontro, revela-se demasiado. Eu não quero fazer este número musical. Ou *rastejar*, decido.

O que quero, sim, é recuperar a capacidade de fazer o meu trabalho; mesmo que isto seja apenas o ensaio para a coisa em si, quero essa oportunidade de voltar a ter tudo o que tinha, de poder identificar-me de novo com essa versão de mim próprio. O que significa que tenho de levar avante *este* trabalho, mesmo que seja temporário, e fazê-lo suficientemente bem não só para provar a todos que consigo, mas também para recuperar alguma réstia de autoestima.

E porra, quero acabar com isto, seja lá o que isto for, que, nestes últimos dois ou três anos, pontualmente me faz o sangue ferver nas veias e me rouba o alento, e sempre por coisas aparentemente inócuas. Quero acabar de vez com este infundável desfile de pesadelos. Quero resolver isto, e a única maneira é tentando encontrar algo por que trabalhar – e, curiosamente, a vida deu-me deste empregozeco de verão. E, mesmo assim, não consigo perceber por onde começar, porra.

Só que, em vez de me esforçar por remediar o caso, dou por mim a esconder-me pelo meio de um raio de um descampado em busca de um pouco de consolo. Escondendo-me para evitar *falar* com outro ser humano.

Por amor de Deus. Eu já dirigi uma cozinha de três estrelas Michelin. Regozijei-me com toda a atenção, inebriei-me com ela, mesmo. Rebentei de orgulho. Que raio é que eu faço aqui?

Levo o antebraço aos olhos fechados, protegendo-me do sol enquanto tento praticar os exercícios de respiração que a Dra. Deb me ensinou. No entanto, em vez de se acalmar, a minha mente aproveita a oportunidade para repassar a mesma treta do costume, reproduzindo-a sem a minha permissão...

Já vos aconteceu uma coisa tão boa que só pensaram em agarrá-la para não mais a largarem? Ler um livro, ver um filme ou mesmo viver umas férias tão incríveis que só desejavam que nunca acabassem? Apetecer-vos apenas clicar na pausa e evitar o inevitável? Pois eu era capaz de matar para poder voltar a sentir um resquício dessa chama.

Em tempos, tive um dos mais temidos críticos de gastronomia do mundo de antenas apontadas para mim. Eu estava no topo de um percurso de carreira extremamente difícil de ser bem-sucedido, e amei cada segundo desse caminho. Desejei-o, ansiei por ele... prosperei nesse ambiente. Era calor e paixão e adrenalina pura e dura que me pulsava constantemente nas veias. O problema é que, quando aterrei, quando larguei o entorpecimento e me lembrei de estar presente, quando tentei chegar àquele velho eu, todas as merdas conseguiram sobrepor-se e chegar primeiro.

Razão pela qual, aliás, me encontro *agora* em posição supina num campo infestado de insetos, com ervas pontiagudas a espetarem-se em mim através da *t-shirt* e... uma coisa a vir na minha direção? O estalar e restolhar da erva a ser pisada soa cada vez mais próximo. A esta altura, não há nada que eu possa fazer a não ser pensar velozmente numa explicação plausível e...

O gato pernetta da outra noite surge por entre as ervas altas e avalia-me com uma expressão inquieta. Ergo a mão num aceno tímido.

– Olá – murmuro.

Juro que o gato suspira para mim. Abre e fecha as narinas, os bigodes tremelicando, antes de se aproximar e trepar para o meu peito e se instalar com ar satisfeito, cravando-me as unhas nos peitorais com a única pata da frente.

– Au... ouve... *Merda*. – A cada pressão, as unhas enterram-se-me como pequenos alfinetes e oiço-lhe o sonoro ronronar. Tento em vão que ele saia de cima de mim, conseguindo apenas que ele se agarre com mais força. Sinto uma nova e dolorosa estocada, e aposto que esta sangrou. – Ouve, eu não consenti nisto! – digo-lhe, a boca a centímetros do focinho peludo. Tem a lata de parecer chateado, põe as orelhas para trás e semicerra os olhos.

– O que é que está a fazer ao meu gato?

Encolho-me todo até a Sage surgir no meu campo de visão, bloqueando o sol. Fica com um subtil halo em torno da cabeça, fixando-me com os olhos cinzentos e brilhantes. Nos primeiros segundos fico paralisado, e esqueço-me completamente das minhas circunstâncias, bem como do ataque de fúria mal-orientado que lhe dirigi na outra noite e da minha irritação de ontem. Esqueço-me, portanto, de ficar embaraçado.

– O que é que *eu* estou a fazer? – lanço-lhe, irritado, apontando para o seu amigo felino. – *Eu* estou a ser atacado. E graças a Deus que você está de novo a resgatar-me – acrescento com ironia, ainda que até sinta esta última parte.

Ela não tem culpa das merdas caóticas que insistem em acontecer-me. Ao que parece, por um estranho acaso, acaba por presenciá-las a todas.

– Ah, estou a ver – diz-me, assentindo com uma expressão séria. – O vilão-maneta. É muito famoso por estas bandas. Encurrala as suas presas e convence-as a *deitarem-se num descampado*.

– O meu atacante tem *três* braços – respondo, num tom meio lamechas.

– Pois claro. Um homem grande, sofisticado e mundano como você não pode ser derrotado por um assaltante velhote e deficiente.

Recosto-me contra a palma da mão que levo à nuca, e sinto o meu rosto sorrir perante aquilo. Algo neste padrão de a Sage reiteradamente me encontrar em posições vulneráveis mexe comigo, acho. O gato dela continua confortavelmente instalado sobre o meu peito, como que obliterando a fronteira de espaço pessoal que me restava. E não sei se é pela leve pressão que me prende à terra, se pela expressão radiosa da Sage, a verdade é que me vejo a ceder ao ridículo de tudo isto, e sinto o sangue a regressar-me aos braços e às pernas, os músculos a relaxarem-se completamente.

– Hoje não há robe, hã? – digo-lhe.

E engulo de imediato o sorriso ao me aperceber de que estou a dar a entender que a tenho observado nos últimos dias, qual maníaco perverso. Ontem também não estava de robe quando a encontrei a trabalhar com a Indy. Será possível eu estar a *namoriscar* enquanto estou esparramado num descampado, qual bosta de vaca? Retiro rapidamente a mão de trás da cabeça

e tento uma vez mais descascar-me do gato.

– Esperava que já se tivesse esquecido do meu robe – responde-me ela, torcendo o nariz e mordiscando o lábio.

E eu rio-me de alívio. Felizmente, ainda acha que eu me estava a referir ao robe da noite em que nos vimos pela primeira vez.

– Anda cá – diz ela, ajoelhando-se, e o sol volta a brilhar.

Com um gemido de protesto, a besta é finalmente desalojada. Corre pelo prado fora, e eu sento-me a sacudo o pó da roupa, enquanto tento arranjar uma justificação minimamente sensata para o facto de me ver nesta posição.

Mas, antes de me sair alguma coisa que não soe demasiado estapafúrdia, oiço-a dizer um «Prove lá isto», com um sorriso tão quente e acolhedor que é como se tivesse capturado dentro de si um pouco deste sol. Tira qualquer coisa do cesto que trouxe consigo e estende-ma. Um *scone*.

– Só ia a vossa casa para vos deixar isto, e agradecer-vos o apoio de ontem.

Olho para o bolo.

– Eu não sou muito de doces.

– Não seja criança. Prove, ao menos – diz-me. O revirar de olhos impaciente que me dirige... mexe comigo. Só me apetece agarrar-lhe o rabo de cavalo. – Quer dizer, a não ser que seja alérgico a alguma coisa – acrescenta logo a seguir.

O olhar viperino da Martha O'Doyle ensombra-me os pensamentos.

– Não estará envenenado?

Ela dirige-me um esgar confuso e dá-lhe uma generosa dentada. Esforço-me por não lhe olhar para os lábios ou para a língua, quando ela lambe umas migalhinhas do canto da boca.

– Satisfeito?

Há muito que não sei o que isso é. O pensamento e a veloz onda de desejo que se lhe segue deixa-me perplexo. Mais um sentimento novo a brotar inesperadamente de mim, ainda que este não seja necessariamente mau, apenas... surpreendente. Estendo a mão e aceito o *scone*, mordendo a parte que ela mordeu. É levemente picante, um toque a frutos vermelhos e a limão, leve e fresco de início, rico e amanteigado no fim.

– Eh, lá! – exclamo, genuinamente surpreso.

– Sim. E já são de ontem. Olhe lá, acha que tem tempo para me dar uma mãozinha numa coisa? – pergunta ela.

Suspiro. Já devia saber que isto haveria de ter o seu preço.

Mesmo assim, continuo a pensar que devo antecipar-me, precaver-me para não voltar a ver-me em posição de desvantagem. Além de que ficaria com a consciência mais leve se conseguisse redimir-me pelos meus maus modos dos últimos dias.

– Sim, claro – digo, conseguindo manter a raiva fora do meu tom de voz.

– E antes que me esqueça – prossegue ela –, talvez seja melhor eu ficar com o seu contacto. É para evitar assustá-lo ao ponto de fugir de mim, da

próxima vez que lhe tocar à campainha, OK?

Merda.

– Sage, peço desculpa. Não sabia que era você, a sério. Não estava a pensar claramente e...

– Tudo bem – interrompe-me, batendo-me levemente no ombro. – Já percebi. Mas – solta um suspiro airoso – a verdade é que se ofereceu para me devolver aquele favor, e por isso é que achei que podia cobrá-lo. E também creio que é meu dever sagrado dar-lhe umas liçõezinhas sobre terras pequenas.

Reparo na *t-shirt* que tem vestida. Curta e justa, com uma série de cabeças de cavalo nas mais variadas cores, uns com tranças, outros com franjas desgrenhadas, um deles com um uma crista tipo *punk*. Por baixo, a legenda: estilos cabeludos. Fico com a certeza de que esta mulher tem toda uma linha de *t-shirts* e *tops* humorísticos.

– Ai sim? – digo.

– Oh, sim. Lição número um: gestos desinteressados é coisa que não existe por aqui. As pessoas vão cobrar-lhe o que oferecerem. Exemplo disso: o que eu própria acabei de fazer. – Faz um gesto de mãos floreado em direção ao céu. Unhas cor-de-rosa, hoje, e um grande anel turquesa.

E, com esta, afasta-se e faz-me sinal para que a siga em direção à casa dela. Enfio o resto do *scone* na boca, e vou atrás dela, meio desajeitado, permitindo-me absorver o restante dela, do *top* justo aos calções de ganga. A parte superior do tronco é de mulher *petite*, com braços fortes, coxas musculadas que encaixam de forma exímia nas ancas de curvatura perfeita, e... *Porra!*, exclamo quando o dedo grande do pé bate num pedregulho do chão... O ladrar da cadela dela, que vem aos saltos do alpendre traseiro, sobressalta-me e obriga-me a desviar os olhos do rabo de Sage. Nos últimos dias, tenho visto esta coisa deambulando à distância, mas, ao vê-la de perto, sou surpreendido pelo seu tamanho. Deve atingir um bom metro e oitenta de altura se se apoiar apenas nas patas traseiras.

– Esta coisa é amistosa? – pergunto.

– Sim, sim – responde-me a Sage. – Demasiado amistosa, aliás. A *Sable* guardava gado, e eu acolhi-a quando os donos a deixaram num abrigo aqui próximo. Era demasiado grande para o comum dos mortais, por isso, ligaram-me.

Dedica umas entusiastas cócegas à boa gigante antes de seguir caminho. A *Sable* vem cheirar-me e dá-me uma lambidela tão molhada quanto aprovadora no braço, antes de seguir alegremente a dona. Quem sabe não consiga transmitir esses sentimentos ao gato.

Eis que sou formalmente apresentado aos gansos, o *Gary* e a *Gronk*, e fico também a conhecer cerca de uma dúzia de galinhas de cujos nomes jamais me lembrarei. Quando rodeamos a casa dela – até uma zona que nunca foi mostrada no anúncio do arrendamento – deparo-me com um jardim enorme. Fileiras e fileiras de montes cobertos com lona, uma grande estufa de

ferro e vidro nas traseiras, todo o espaço rodeado de bonitas sebes floridas. Centenas de botões coloridos agitam-se alegremente sob a brisa, soltando um odor leve e agradável.

Os aromas sempre foram importantes para o meu mentor, um tipo tão chato quanto brilhante. A sua brigada de cozinha estava proibida de usar fosse o que fosse de fragrante. Era, para ele, algo absoluta e totalmente incompatível com os odores naturais da comida. Lembro-me de o ver dar uma bronca ao seu *sous chef* por causa do desodorizante. E, pelas mesmas razões, também era extremamente exigente com as flores que permitia que entrassem no restaurante, e proibia arranjos florais nas mesas. No entanto, e tendo a perfeita noção de que, por comparação, o meu conhecimento é comparativamente limitado, a vida na cozinha forçou-me a familiarizar-me com uma série de aromas florais. Hoje em dia, tudo é ou comestível ou complementar. Dito isto, à medida que a Sage me faz uma visita guiada, eu reconheço as espécies mesmo antes de ela dizer os nomes; lavandas, rosas e flores decorativas que costumávamos usar nos empratamentos, como amores-perfeitos, violetas e botões de rosa. Identifico desde logo o canteiro dos pés de girassóis – a Sage informa-me de que estes serão numa variedade branca quando florirem. Mostra-me orgulhosamente uma secção de ranúnculos e anêmonas, e todo um talhão dedicado a pés de dália – que, diz-me, lhe deram um trabalhão a pegar. As mãos acariciam levemente tudo por onde ela passa, num toque doce e cheio de amor. Imagino as plantas todas a sorrirem para ela ao vê-la passar.

Ela afasta-se do jardim e aponta na direção de um campo verde cercado, com um estábulo velho ao fundo.

– E mais vale avisá-lo desde já – diz-me. – O *Bud* tem medo de homens, da maioria deles, pelo menos, por isso não aconselho a que se aproxime dali, seja para o afagar ou dar-lhe uma cenoura, ou assim.

Só então reparo no Clydesdale gigante, pastando ociosamente pelo campo.

– Meu Deus! Para si, nada de animais normais, estou a ver.

Ela olha-me com a cabeça de lado.

– Como assim?

– Um gato com três patas, uma cadela do tamanho de um Mini Cooper, e um cavalo do tamanho de um camião?

– Que exagero, tem noção do que é um camião? – ri-se ela. – E oiça, eu só tenho um gato, uma cadela, um cavalo e umas quantas aves. Não propriamente exóticas. E todos me foram oferecidos, não andei à procura de nenhum deles.

E eis que acontece a mesmíssima coisa que aconteceu na noite em que nos conhecemos: os nossos olhares trancam-se, e creio que ela está à espera de que eu quebre o silêncio – só que não sei o que dizer e não desvio o olhar suficientemente depressa. Em vez disso, vejo-a a segurar no rabo de cavalo e a torcê-lo num nó complicadíssimo no alto da cabeça, e eu fico enfeitiçado pela

madeixa que lhe falhou. A ponta encarasca-se-lhe na base do pescoço e logo abaixo da clavícula, instalando-se sobre uma das suas constelações de sardas na zona do peito que o *top* deixa antever. Fazem-me lembrar canela polvilhada por cima de uma sobremesa.

– Que raio é que tinha aquele *scone*? – pergunto-me em voz alta.

Ela cora imediatamente e solta uma risadinha embaraçada – e o transe é misericordiosamente quebrado. Pigarreio antes de perguntar:

– E então? Precisa da minha ajuda para quê?

– Venha – diz, voltando-se de novo em direção ao estábulo.

Leva-me até um jardim isolado, este bastante mais pequeno mas cheio de canteiros a abarrotar de frutos e legumes de toda a espécie.

– Perdi o controlo – explica-me –, mas não produzo o suficiente para vender, e muita coisa iria apodrecer até ao próximo mercado agrícola, por isso dava-me bastante jeito uma ajudinha para os colher. E claro que pode ficar com tudo o que quiser lá para casa.

A indiferença fortuita que ela imprimiu a isto pareceu-me um pouco forçada. Dou por mim a perguntar-me se ela não me estará a ajudar... deixando que eu a ajude.

E também não posso negar que resulta. Enchemos cestos e caixotes de abóboras, feijão, melões, um ramo de manjerição, e toda uma variedade distinta de tomates. Lembro-me de ter comprado *burrata* numa das lojas onde estive, e maravilho-me a pensar em combinações simples com tudo isto. Quando finalmente acabamos, já armazenei na cabeça uma semana inteira de refeições relativamente básicas e, melhor ainda, não rejeito de todo a ideia de chegar mesmo a fazer algumas. Tenho terra impregnada nas unhas, as mãos completamente pretas, e dói-me as pernas de tanto tempo agachado, mas é uma dor muito bem-vinda. Sinto-me estranhamente relaxado.

A Sage levanta-se e limpa as mãos aos calções.

– Obrigada pela sua ajuda – diz-me.

– *Eu* é que agradeço – respondo. – Estou certo de que nos garantiu, a mim e à Indy, sustento para a semana inteira.

– Sabe que mais? Acho que amanhã também me dava jeito uma ajuda – diz ela, hesitante, uma mancha de terra na bochecha. Esta mulher engenhosa conseguiu dar-me a volta, não foi? Sinto a boca a esforçar-se por não sorrir.

– Tudo bem. Eu apareço de manhã.

Ela sorri e dirige-se para a casa dela. Volto-me e dirijo-me lentamente para a minha.

– Ótimo. Apareça às oito, OK? Vamos na minha carrinha e seguimos de lá – diz-me sem se voltar.

– Hã? – Paro e volto-me para ela. – Precisa que eu vá a algum lado consigo?

Ela leva as mãos às ancas e dá um pontapé a qualquer coisa com a ponta da bota.

– Importa-se? Mas podemos ir na sua carrinha, se se sentir mais

confortável. É que eles estão com falta de pessoal na O'Doyle's, e eu preciso de coisas grandes, complicadas de transportar, por isso irei mesmo precisar de um par de mãos extra. Sinto-me sempre pessimamente quando os empregados mais velhos, cheios de artroses e artrites, insistem em vir ajudar-me, e...

– Não, não fico... não fico nada preocupado em ir consigo a qualquer lado... *assim*. Não me sinto desconfortável – emendo rapidamente. – Desde que a Sage não se sinta desconfortável... – acrescento tropegamente. – Ou seja, desde que não fique preocupada comigo.

Ela ergue o sobrolho e sorri de um modo que me faz sentir que devia ter percebido desde logo a piada.

– Acho que vou arriscar – diz-me.



CAPÍTULO 9

SAGE

Assim que oiço baterem-me à porta às oito em ponto, dou um salto para a casa de banho e olho-me rapidamente ao espelho. E uma vez que, infelizmente, não me transformei do dia para a noite numa irresistível sereia desde a última vez que o Fisher me viu, continuo a ser eu no reflexo. Talvez um pouco mais afogueada do que o normal... e com umas odiosas borboletas no estômago.

– Entre! – grito, sabendo que deixei a porta de casa aberta para permitir a entrada da brisa matinal. – Já desço!

A novidade de ter nele um amigo novo – anda a entusiasmar-me, mesmo que as circunstâncias para o início desta amizade não tenham sido propriamente as ideais. Ontem percebi que ele estava a lidar com uma situação complicada quando dei com ele escondido entre as ervas, por isso decidi não dar demasiada importância ao facto de o ter visto fugir de mim. Apercebi-me de que o homem se mostra claramente desconfortável sempre que interagimos, e quem sabe se ele não precisava apenas de algum alívio. Juro que a minha ideia inicial era passar por ele à distância e fingir que não o tinha visto. Até que dei pela cauda do *Legoless* no meio das ervas altas, qual barbatana de tubarão por entre as ondas, e vi a sua silhueta tremer ligeiramente, antes de saltar para a sua presa. Aproximei-me lentamente, para o caso de o Fisher ter conseguido libertar-se, mas acabei por encontrá-lo ali, aos meus pés, e mais uma vez fiquei petrificada. Tinha a *t-shirt* toda arrepanhada pelas garras do *Legoless*, os olhos piscando de frustração ao tentar libertar-se. Bastava levantar-se, mover-se, e a gravidade faria o resto do trabalho, mas parecia tão preso no seu tumulto, que nem pensava em desistir do plano. E de cada vez que nos encontramos, sinto-me estimulada pela estranha mistura de familiaridade e mistério nele, como se ele próprio fosse um *puzzle* que eu adoraria completar.

Só posso concluir que nunca fui boa a refrear o meu lado curioso, e acho que jamais serei.

Chego à sala, pego nas chaves e retiro algum dinheiro da carteira, e depois dirijo-me para a porta de trás a fim de sair. Quase que tropeço ao ver o Fisher na minha cozinha, de costas para mim, e as borboletas no estômago tornam-se uma cena estranha e vertiginosa, excitante e insegura em partes iguais, de um modo completamente ilógico. Ainda ontem apanhei este tipo a rastejar pelo campo como um rato assustado; e, no entanto, sinto as faces a arder só de o ver admirar o meu porta-ovos. Dá mais uns passos e aprecia o meu jardim de inverno... e eu coro ainda mais.

OK, no fundo, trata-se apenas de um pequeno anexo, mas é todo rodeado de vidro, assim como o teto também é em vidro, com duas portas deslizantes que dão para a cozinha e uma porta em estilo francês de acesso ao exterior. Num canto, coloquei um cadeirão estofado em tom mostarda que pertenceu ao meu pai. O repouso-pés que está ao lado, com livros e blocos de notas, era da minha mãe.

O Ian sempre se queixou desta salinha. Tem o chão em mosaico, logo, é fria no inverno, e o vidro todo que a rodeia deixa entrar imenso sol, tornando-a demasiado quente no verão. Detestou a ideia de eu ter montado a sala de estar precisamente neste espaço, porque era demasiado pequena para poder representar uma *verdadeira* sala de estar, visto que só dava para duas pessoas se instalarem confortavelmente. Também se queixava da estante que o Ellis montou a meu pedido numa das paredes, porque eu a enchia de bibelôs e plantas, jarras feitas de pedacinhos espelhados e latas de sopa de tomate *vintage*. O Ian odiava o que quer que fosse que se parecesse com tralha, as plantas atraíam mosquitos e *quem é que acha isso agradável tão próximo da cozinha?*, alegava. Eu sempre achei que os problemas que ele tinha com a salinha eram os mesmos que tinha comigo. Eu também era pouco prática, demasiado disparatada. E, tal como achava que este espaço devia ser convertido num vestíbulo, mais bem isolado e mais útil, também sempre me quis converter em algo que considerasse melhor.

– Pronto? – pergunto, irritando-me o tom tímido com que a voz me sai.

– Que espaço tão agradável – comenta ele, sem deixar de olhar em volta.

Engulo em seco e digo em voz rouca:

– Sim...

Esforço-me por ignorar a parte em mim que quer imediatamente dizer-lhe que fica bonita de manhã, quando os prados são beijados pelo orvalho, ou quando os vidros embaciam durante as Festas, quando está toda a gente cá, ruidosa e animada – como se a própria casa adquirisse um sintoma físico de alegria e felicidade. Até que me lembro de que ele é, para todos os efeitos, um estranho; alguém que só vai cá estar temporariamente, e a quem não tenho de vender as virtudes do meu jardim de inverno.

Encaminhamo-nos em silêncio até à carrinha, entramos e eu arranco.

– E o que é que a Indy optar por fazer hoje? – pergunto, decidindo que

seria um início de conversa perfeitamente seguro.

– Saiu de novo com o seu sobrinho – resmungou ele, mas, sabe-se lá porquê, o tom refilão só me faz sorrir. Não imagino ninguém no planeta Terra a sentir outra coisa pelo Sam que não seja adoração.

– E o que é que passou naquela noite? – pergunto. – Passaram muito da hora de regresso a casa estabelecida por si? Não chegou a explicar-me.

Ele mexe-se em desconforto enquanto eu saio do caminho de gravilha.

– Bom, a verdade é que eu não lhe dei uma hora específica para chegar a casa antes de ela sair. E, escusa de me dizer, eu sei que esse foi o meu primeiro erro. – Já reparei que ele tende a justificar-se ou a assumir a culpa sempre que se trata da Indy. Será que alguma vez se apercebeu deste seu lado protetor?

– Até receio perguntar se isso teve alguma coisa a ver com o buzirão – digo, acelerando para entrar na estrada. – Felizmente ninguém ficou preso no volante aquando do flagrante delito.

Ele lança-me um olhar desagradado.

– Surpreendentemente, não. E o buzirão era eu a alertá-los para o facto de me ver obrigado a testemunhar o furor deles, muito a contragosto.

Não contenho uma gargalhada, e ele vira a cara para o vidro do lado dele.

– Ainda bem que acha piada – diz, em tom amuado, mas apanho o canto da sua boca a subir enquanto abana a cabeça em modo desalentado. – A sério, eu não tenho mesmo noção. Nem sei bem o que faço quando se trata daquela miúda...

Calculo que ele não esteja a partilhar isto para obter conforto ou confiança da minha parte; é mais porque, até agora, sempre que os nossos caminhos se cruzaram, ele viu-se exposto em situações de algum modo críticas – primeiro no evidente embaraço perante o robô-aspirador, depois aquando do seu quase-colapso enquanto a Indy não chegou a casa, e mais tarde no descampado. Mas, seja como for, esta pequena confissão provoca-me uma pontada no peito.

– Se é que o faz sentir-se melhor, digo-lhe que todos os pais e mães com quem já falei ao longo da vida sentem exatamente o mesmo.

Ele murmura qualquer coisa de indecifrável e volta a olhar pelo vidro. Dentro do carro vou captando apontamentos do seu aroma. Um cheiro a lavado, mas quente, e também uma leve fragrância a menta e a madeira. É viciante na sua subtilidade, e faz-me querer chegar-me a ele e procurar mais odores.

Pouco depois, ele interrompe-me o perfil odorífero que tenho estado a construir na minha cabeça para dizer:

– Presumo que toda a gente desta terra já saiba da cena do aspirador...

Faço uma careta e não contenho uma risadinha.

– E que tal se eu partilhasse consigo algumas das minhas histórias mais embaraçosas? Ajudava-o a desconstrair um bocado?

– Duvido. Tenho a sensação de que ficaria com mais uma camada de vergonha por cima da que já tenho – diz com uma expressão séria, uns olhos de raio *laser* aterrando em mim. – Mas seria uma atitude muito nobre da sua parte.

Reparo que, por uma vez que seja, não estou a exceder a velocidade permitida, de tão encantada que estou por vê-lo envolvido comigo desta maneira.

– Bom, antes de mais nada, devo dizer-lhe que a minha mãe faleceu quando eu era criança. Teria eu uns cinco, seis anos, na altura, e depois faleceu o meu pai, quando eu tinha doze anos, o que levou a que eu fosse criada por três irmãos. O Ellis tinha dezoito. – Não disfarço um amplo sorriso ao lembrar-me do perfeito caos dessa altura. – Mas, enfim, creio que me entenderá se eu lhe disser que tive uma vergonha de morte quando percebi que precisava de um sutiã quando comecei a... florescer. E uma vez eu descobri uma revista de mulheres nuas no quarto do Micah, e reparei que as mulheres tinham todas um autocolante nos mamilos.

Faço um X sobre os meus próprios mamilos, como se ele precisasse de uma demonstração mais gráfica, e dou por mim a corar que nem um pimentão quando o vejo estudar atentamente o meu gesto. Ponho os olhos de novo na estrada e tento concentrar-me.

– Enfim – prossigo. – Eu... hmm... decidi pôr fita adesiva daquela muito forte nos mamilos, e quando foi para a arrancar, o resultado foi tal que precisei de levar pontos. – Meu Deus, para que é que lhe fui contar esta história? Rapidamente, recorro a outra mais ligeira: – Ah, e, uma vez, estava eu no oitavo ano, a ler alto para a turma toda, enganei-me, e em vez de ler *ejeter* li *ejacular* – digo, claramente alto de mais, tentando sair da cova de humilhação em que me enterrei. – Éramos só onze alunos, por isso, ainda hoje isso vem à conversa de vez em quando. – *ai, meu deus*. O que é que eu acabei de fazer? Falei em mamilos e ejaculação, tudo seguido no mesmo discurso. – De onde é que o Fisher é? – pergunto, praticamente aos berros, tentando catapultar esta conversa para um futuro onde eu não surja tão trágica.

Sinto as palmas das mãos transpiradas a colarem-se ao volante. Como não me responde logo, olho para o lado e deparo-me com ele completamente voltado para mim no banco, os ombros largos de frente para mim, a expressão séria. Está a fazer um esforço para se mostrar educado; valha-nos isso.

– Obrigado por... pela partilha – acaba por dizer, mas as palavras saem-lhe num sopro, quase contidas como se tivesse necessidade de controlar a vontade de rir. – Tecnicamente, sou holandês. A minha família mudou-se para os Estados Unidos tinha eu dois anos e a minha irmã, quatro. Atualmente vivo em Nova Iorque.

– Então é *chef* em Nova Iorque, e veio para cá trabalhar só no verão?

Um dos cantos da boca dele ergue-se num sorriso irónico.

– Sou *chef*, sim – diz. – E a dona do restaurante onde eu trabalhava comprou cá um edifício que quer converter num restaurante panorâmico.

Então pediu-me a mim que viesse acompanhar a obra, o *layout* da cozinha e também criar um menu.

A resposta parece-me estranhamente rígida e bastante seletiva no que diz respeito a palavras, mas o que me entusiasma mesmo é a notícia por que todos esperávamos, e que ele agora finalmente partilha.

– Um restaurante *panorâmico*! – exclamo. – Então é *isso*!

Ele semicerra os olhos, curioso.

– O que é que achou que seria?

Eu imito-lhe a expressão.

– Oiça, ninguém sabia o que pensar, não fazíamos ideia do que seria. Só que tinha aquele aspeto.

– Que aspeto?

– Ai, não! Poupe-me. Já falei em mamilos e ejaculação, não vou falar de edifícios com ar de pénis em ereção. Já lhe dei mais do que o suficiente, hoje.

Ele desata às gargalhadas, e eu arrisco um novo olhar. Ainda está melhor do que quando ele me disse que o meu jardim de inverno era muito agradável. Adoro o modo como ele lança a cabeça para trás, como leva as mãos ao peito como que a querer agarrar a sensação. Volta a cabeça para mim, ainda sentado de lado, e diz:

– Pois eu acho que devia ganhar pontos extra por ter trazido a *ereção* para a conversa.

Como resposta, faço uma leve vénia com a cabeça e um floreado com a mão.

Sorrindo, instalamo-nos num silêncio confortável. O sol hoje está meio envergonhado, mas, quando surge, vem forte, e o céu está mais azul do que o habitual azul-cinza do Oregon. De um modo geral, a paisagem de Spunes é algo árida e acastanhada, mas a esta hora surge mais luxuriante, com o roxo e o violeta das íris e dos tremoceiros a sobressaírem do verde dos campos. Baixo o vidro e estendo o braço, sentindo a brisa fresca e a resistência do ar contra a palma da mão. Solto uma risada alegre ao ver o Fisher fazer exatamente o mesmo.

Quando abrandamos e começamos a descer a curva que deixa à vista a zona antiga da vila, digo:

– OK, não quero parecer metediça nem nada disso, mas visto que sou eu que limpo e arejo a casa onde está agora, soube que vai cá passar o verão todo, certo?

– Imagino que saiba muito mais do que isso, Sage – responde-me.

Lanço-lhe um olhar confuso:

– Como assim?

Ele solta um longo suspiro.

– Não me vai dizer que não ouviu outras coisas acerca de mim, pois não? Que a Associação de Lojistas da Main Street de Spunes não está neste preciso momento a conspirar o meu fracasso? – O tom dele parece desafiar-me a mentir. Vejo-lhe tremer um músculo do maxilar.

Perante o seu tom amargo, não sei se será boa ideia puxar por ele, por isso, fico-me pelo humor:

– Foi a Hallmark que o fez odiar as terras pequenas? E oiça, eles acertaram em algumas coisas, mas eu juro-lhe que não...

Ele limita-se a erguer o sobrolho, deixando-me continuar. Cerro os lábios e faço a última curva antes de entrar na vila.

– Juro que só sei o que sei graças aos metedidos dos meus irmãos.

Não menciono o facto de eles serem a razão de toda a gente em Spunes saber o que sabe. Por uma estranha razão, quero que ele saiba que eu nunca tentei meter o nariz nas cenas dele. Só no início.

– Sei que a Indy é sua sobrinha – digo –, mas posso ter ficado a saber disso quando ela própria mo disse ontem, e não necessariamente devido a mexericos de terriola, nem por ter metido o nariz na sua vida.

Ele não responde logo, e eu receio ter passado dos limites, até que o oiço dizer:

– A minha irmã morreu há três anos. Num acidente de automóvel.

Inspiro profundamente, e medito no que dizer. Não quero ter nenhuma reação que o deixe desconfortável. Por outro lado, não quero repetir a mesma ladainha pesarosa que eu própria já ouvi milhares de vezes. Dito isto, decido partilhar com ele os meus mais sinceros pensamentos, diretos e sem filtros.

– Isso foi a pior coisa que podia ter acontecido. A ela, à Indy e a si – é o que acaba por me sair. – E é não é justo.

Sinto-lhe o fulgor intenso do olhar – que se mantém ardente nas minhas têmporas mesmo depois de eu voltar a olhar para o para-brisas.

– Obrigado – diz roucamente, de forma quase inaudível. – E... bom, sim. Ficamos cá até ao fim de agosto.

Pressinto-lhe o desejo de prosseguir e dou-lhe uma ajudinha:

– Não é tempo de mais apenas para acompanhar a obra da cozinha e criar um menu? Achei que... – Hesito, receando estar oficialmente a transpor o limiar da cusquice.

– Parecem-lhe coisas que eu poderia fazer remotamente? – pergunta-me. Assinto.

Ele volta-se para olhar a estrada à sua frente, parecendo por momentos contemplativo.

– Eu tenho tido problemas... no trabalho – diz. – Eu não tinha noção... mas os outros tinham. Começou a perceber-se. E acredito que esta seja a forma que a minha chefe arranjou para me ajudar a recomeçar do zero, dando-me ao mesmo tempo uma oportunidade para provar que ainda valho alguma coisa. E acho que ela sabia que a Indy e eu também precisávamos de um recomeço.

– Muito simpático da parte dela, é bom ver que se preocupa consigo.

Ele abana a cabeça e bufa, quase com ironia.

– Desculpe, não, tem razão – apressa-se a dizer. – Mais simpática do que aquilo que eu mereço, isso sem dúvida. – Solta um suspiro relutante: – A

Carlie é boa pessoa. E lá por eu ter feito merda, não quer dizer que ela devesse deixar-me arrastar toda a gente comigo só por eu já ter sido a pessoa que fui.

– A dor muda-nos – repondo simplesmente. – E, para ajudar à festa, é sempre mais difícil concentrar-nos em... sei lá, *foie gras*, quando de repente temos também de nos preocupar com o bem-estar de outra pessoa.

Ele volta a escancarar os olhos, como se tivesse ficado chocado por eu ter saltado diretamente para a dor das coisas em vez de me limitar a dançar vagamente em seu redor. Mas a expressão desfaz-se tão rapidamente quanto chegou.

– Porque é que toda a gente refere o *foie gras* quando quer fazer uma analogia em frente a um *chef*? – pergunta. – Porque é que tem de ser sempre *foie gras*?

– A pergunta mais importante, meu caro Fisher, é: o que é o *foie gras*? – atiro. A minha principal intenção é aliviar o ambiente.

O riso dele é de alívio um dos lados da face a subir mais do que o outro.

– Achei que era uma boa cozinheira – diz.

– Como assim? Esteve na minha cozinha não mais de trinta segundos!

– Precisamente.

Já vi o Fisher tímido, o Fisher autodepreciativo... e agora recebo uns vislumbres de um Fisher confiante e coquete. Parece-me totalmente genuíno, não uma máscara que tenha enfiado, ou melhor, um chapéu que tenha decidido usar. E, Deus me ajude, adoro esta versão dele também, mesmo que ela me deixe completamente desestabilizada por dentro e por fora.

Quando finalmente chegamos ao parque de estacionamento, sou obrigada a concentrar-me na condução.

– Bastou-lhe isso, hã? É assim tão especialista? – brinco.

– Acredite ou não, eles não atribuem estrelas Michelin assim a qualquer pessoa. – Olha para mim a rir, e a combinação da sua declaração com a força do seu sorriso faz-me travar com mais força do que a pretendida.

– Desculpe? *O quê?* – digo, sem esconder a perplexidade. – Deram-lhe uma estrela Michelin?

Ele cora ligeiramente, virando a cabeça para o lado, fechando-se de novo na sua concha.

– Tecnicamente, é o restaurante que recebe as estrelas, mas... sim. – diz-me, antes de sair da carrinha sem mais uma palavra.

Olho em volta, ainda tonta de espanto. *O quê?*, murmuro para mim mesma. Pelo amor da Santa, eu ouvi bem quando ele me disse que eu podia ajudá-lo com o menu? Mais valia ter largado a rir na minha cara.

Saio da carrinha e aproximo-me dele, à minha espera em frente à carrinha. Quando passo por ele, detém-me pelo cotovelo e o toque desencadeia um choque elétrico que me sobe ao peito.

– Não foi apenas a dor – diz-me com um suspiro frustrado. – Há bocado, quando me disse que a dor nos transforma... E nem sequer foi a preocupação com a Indy, nessa altura ainda não. As coisas deixaram de resultar antes disso.

Já estavam a correr mal antes do acidente. – Retira a mão e enfia-a no bolso. – Achei que devia esclarecer essa parte consigo. Já vem de longe. E é parte da razão pela qual fui mandado para cá.

Fica com a expressão de quem acabou de descarregar uma confissão. Um tanto envergonhado, mas também aliviado. E eu fico com a sensação de que há muito mais, mas que ele ainda não se sente preparado para desabafar.

Inspiro profundamente o aroma a relva e salmoura à minha volta, misturando-se com o cheiro a Fisher – aquele *quê* inebriante, que o mais provável é provir do seu desodorizante e não da essência mítica que as minhas hormonas insistem em querer fabricar.

– Lamento muito que se tenha sentido tão infeliz – digo.

Vejo-o ficar tenso de cima a baixo, os olhos perscrutando o chão em torno dos nossos pés.

– Não estava *infeliz*. Mas sim... a falhar.

Volto a sentir um aperto no peito.

– Sabe, Fisher, eu sei que não se atribuem estrelas Michelin a um qualquer – digo-lhe, e é profundamente sentido. – Duvido seriamente que estivesse *a falhar*.

Ele faz um esforço gigante para sorrir, passando a mão pelo queixo e empurrando os cantos da boca com a ponta dos dedos, como se quisesse colocar o sorriso no lugar. O roçar da mão dele na pele da sua própria cara deixa-me em pele de galinha e com os mamilos duros.

– Um dia mostro-lhe algumas críticas que indicam o contrário – declara tristemente.

– Não se pode basear o nosso sucesso *inteiramente* na opinião de outra pessoa – insisto, talvez com excessiva veemência. Penso que posso estar a projetar.

Ele cruza os braços e encosta-se ao capô da carrinha.

– Eu acredito que se pode, sim. Quando o nosso sucesso depende, quase literalmente, de outra pessoa querer aquilo que temos para dar, e de estar disposto a gastar o seu dinheiro nisso. – A voz dele parece ao mesmo tempo cansada e intransigente.

Estaremos a ter uma discussão? Neste momento é o que parece, mas ele está a olhar para mim com uma curiosidade tão pura, que acredito que só queira ouvir o que eu tenho para dizer. É uma sensação estonteante, e também me faz querer levar as coisas para território mais seguro.

– Oiça, eu sou professora. – Ergo as mãos em rendição. – Ninguém *quer* aquilo que eu vendo, garanto-lhe. O que eu faço é arranjar formas de os enganar e levá-los a absorver o que tenho para dar.

Noto-lhe uma centelha de qualquer coisa a percorrer-lhe as feições, até que se ri, acabando num sorriso trocista.

– De certa forma, talvez tenha sido isso que eu fiz – declara.



CAPÍTULO 10

SAGE

Qualquer desconforto que Fisher tenha sentido durante a nossa conversa parece ter sido rapidamente esquecido. Ele mantém-se ao meu lado enquanto deambulamos pela O'Doyle's, divertindo-se a pegar em artigos e mostrando-nos, como se eu não os tivesse visto já um milhão de vezes. Deste modo, também a conversa flui facilmente. Parece interessado em ouvir-me, relaxando mais e mais ao longo do tempo. Falo-lhe nos labirintos construídos na areia quando chegamos a uma secção de ímanes alusivos. Explico-lhe como se usam os ancinhos para criar os trilhos labirínticos e como é suposto esses trilhos serem percorridos pelas pessoas, sem terem início ou fim definidos. Conto-lhe que o nosso pequeno grupo de artistas (que em certos verões é composto apenas por um senhor chamado Amos e quem quer que ele consiga recrutar na praia) sobrevive apenas de doações. Comento que ainda que essa arte seja inevitavelmente varrida pelas ondas, dando a este esforço incrível um carácter tão fugaz, as pessoas consideram essas construções na areia relaxantes e fascinantes. Creio que pareço um tanto animada de mais quando falo na quantidade de pessoas que desfrutam delas ao longo do verão, e receio também soar meio lamechas por uma coisa tão parva, mas ele consegue surpreender-me quando põe uma nota de vinte na caixa de doações.

Perde-se a observar uma pequena estatueta de duas lontras carregando uma canoa, enquanto me vai contando que saiu de casa aos dezassete anos para entrar numa escola de culinária em Nova Iorque. Que no início da sua carreira viveu dois anos em França e que essa temporada contribuiu imenso para o seu sucesso.

– E os seus pais? Ainda vivem em Nova Iorque? – pergunto a dada altura. Apercebo-me de que estamos há tempo de mais na secção de roupa para mulher.

Vejo-o fazer uma careta a um *négligé* com padrão de vaca, antes de olhar para mim com uma expressão receosa.

– Ainda não vi uma vaca que fosse desde que cheguei aqui, e no entanto...

Esforço-me por me manter no novo assunto, ainda que doida para sacar mais informações sobre ele já que, ao que parece, tem-se mostrado bastante generoso nisso.

– Eu recuso-me a acreditar que não vendem *lingerie* alusiva a bovinos num sítio tão vasto como Nova Iorque. Onde, calculo eu, os seus pais ainda vivem...

– Que atalho tão subtil...

– Eu sei. Obrigada – cantarolo.

Ele aproxima-se um passo de mim e solta um suspiro profundo, sorrindo com a cabeça ligeiramente inclinada.

– Eu não fui criado em Nova Iorque, por isso, não, os meus pais não vivem lá. Cresci no Nebraska, e é lá que eles ainda vivem. E foi onde a Freya e a Indy também viviam. – Dedica-me um olhar que implora «podemos ficar por aqui?», e eu decido que lá terá de ser. Pelo menos para já.

– Nebraska, hã? Ena pá, aposto que é versado em piadas secas – brinco. Ele fecha os olhos com um esgar de quem sentiu a piada como um ferro em brasa. – Mas olhe, assim sendo, vai adaptar-se perfeitamente a esta terra.

Ele abana a cabeça com uma expressão pesarosa:

– Vai ter de me perdoar, mas eu não tenho as terriolas pequenas em grande estima. Trocadilhos à parte.

– Volto a perguntar: foi a Hallmark? A Lifetime? Quem é que o fez ter-nos em tão má conta?

– Experiência própria – responde.

Oh.

– Mas olhe que não somos todas iguais.

Ele solta um *ah* sem humor.

– Está a querer dizer-me que Spunes não é como as outras miúdas todas? – pergunta ironicamente, arrancando-me uma gargalhada genuína.

– Para nosso grande e eterno desgosto, pode ter a certeza de que não – afirmo. – Este município é todo ele alicerçado em fracasso após fracasso, e muito pouco ou nada em encantos ocultos. Um fracasso enquanto terra madeireira, um fracasso enquanto baía de pesca. Os seus fundadores eram um exemplo do que não fazer. Nós, contudo, temos cerca de um mês por ano para mostrarmos o que valemos.

Ele solta um som indiferente e assente com a cabeça, e eu fico com a sensação de que não está nada interessado no meu argumento de venda, por isso, mudo de tema.

– Passemos a assuntos sérios – digo, pegando na primeira peça de roupa à minha esquerda. – Será que preciso disto para a minha coleção? – Chego o robe tipo quimono junto ao corpo. Tem um padrão de cocos e bananas. – Uau,

veja só! – guincho ao ver uma camisa de homem com o mesmíssimo padrão. Pego nela e estendo-lha, e ele, num impecável espírito de equipa, chega-a ao corpo, os cantos da boca para baixo em repugnância fingida.

– O amarelo não me fica bem – declara.

Olho-o, fingindo reconsiderar.

– Tem razão. Não favorece em nada o seu tom de pele.

Ele dá uma gargalhada vazia.

– Que simpática.

– Obrigada, eu sei. Eu...

Vejo a Patricia Munty quase colada ao cotovelo do Fisher. Ou melhor, o cocuruto dela. Fez setenta e sete este ano, mantendo o mesmo penteado volumoso pintado de cor de laranja que usou ao longo de toda a minha vida. Ah, tem um metro e quarenta e nove nos seus melhores dias.

– Viva, Sra. Munty – digo numa oitava acima. – Fisher, esta é a Patricia Munty. É a artesã desta secção, tudo feito pelas mãos dela. – Lanço-lhe um olhar que diz «Por favor, seja simpático» que espero que ele descodifique.

Uns olhos com cataratas por detrás de uns óculos de fundo de garrafa fixam-no com uma expressão coquete. Os brincos com pequenas canoas – que eu sei que foram feitos pela Venus, a irmã da Athena Cirillo, para vender no festival do ano passado – balouçam ligeiramente. Fico atenta à interação, como se conseguisse passá-la em câmara lenta e apanhar algum tipo de juízo nas feições dele. Desde os acessórios ao vestido com ciprestes, a Sra. Munty parece a personificação humana da nossa terra, e sinto que preciso de ver como é que ele reage a ela.

– Trate-me por Patty, querido – diz ela, estendendo-lhe o pulso de forma recatada.

Ele olha rapidamente de mim para ela, e volta a pendurar a camisa para conseguir apertar-lhe a mão entre as suas.

– Prazer em conhecê-la, Patty.

E eu juro que ela quase desmaia. Ver o Fisher adotar a plenitude da sua versão charmosa é um regalo para os olhos. *Ele adorou a minha salinha!*, quase que dou por mim a dizer à velhota.

– Vejo que não lhe levou muito tempo a descobrir o nosso «tesourinho escondido» – ronrona-lhe ela, com um gesto de cabeça para mim.

Ele solta uma risada rouca que me faz corar até às orelhas.

– Diria antes que foi ela que me descobriu a mim.

Sei que isto não passa de um lisonjeio elegante e que não devia afetar-me desta maneira, mas tal não me impede de ficar com a boca completamente seca e as faces em brasa.

A Patty dedica-se então a mostrar-lhe as camisas que, na sua opinião, lhe ficariam bem – que, na verdade, são quase todas. Fala-lhe no seu Eddie e de como ele adorava os padrões patetas que ela sempre fez questão de usar. E de como precisa de algo para ocupar o tempo enquanto vai fazendo o luto do marido, por isso começou a fazer roupa. Começou pelos mais fáceis, os robes,

e desde então nunca mais parou.

– Aqui a Sagey vai-me mantendo o negócio, adora os meus robes! – declara ela em tom orgulhoso. O rubor que já começara a esvair-se-me das faces regressa em todo o seu esplendor. – Caramba, Sagey, quantos modelos meus é que já tens? Quinze?

– Não sei ao certo, Sra. Munty.

Vinte e um.

A Patty lá nos deixa acabar o que viemos cá fazer e, segundos depois, deparo-me com o Fisher a olhar para mim, de braços cruzados e expressão indecifrável.

– O que foi? – pergunto.

– Nada... Acho que já lhe tirei a pinta, só isso – diz ele em tom arrogante. – Você é a demasiado simpática, certo? A menina de ouro da terra. É essa a sua cena. – Arqueia uma sobrancelha: – O resgate de animais, resgatar-me a mim, todos os conselhos de borla. A compra compulsiva de robes.

Duas coisas totalmente incongruentes acontecem na minha pessoa. A primeira é a constatação de que, à medida que tenho tentado conhecer partes dele, ele também tem andado a analisar-me. E se por um lado isso é excitante, também me faz sentir como se tivesse chegado a casa ao fim de um dia maravilhoso e reparado que tinha um naco de espinafre preso entre os dentes, ou uma daquelas manchas de rímel esborratado ao canto do olho.

E a segunda cena que me acontece é que fico imediatamente incomodada.

És demasiado simpática é exatamente o tipo de coisa que o Ian me diria, e praticamente do mesmo modo que o Fisher mo disse; algo que no início de uma relação é dito na brincadeira e num tom levemente provocador, mas que no fim se revela um verdadeiro problema. Nunca é dito com má intenção, mas acaba por soar a isso. O Ian prosseguia o discurso com outros galhardetes, tipo: *gastas demasiado tempo/energia/dinheiro em coisas que não interessam, em vez de o canalizares para algo que valha a pena. Podias voltar a estudar outra coisa. Podias, devias.* Ele diminuía-me – e à vida que construí – acusando-me de não ter coluna vertebral, e como se fosse impossível eu sentir-me satisfeita com a vida que levava.

E eu até posso não viajar nem salvar vidas, talvez vista roupas ridículas e passe demasiado tempo na minha impraticável salinha a pintar as unhas, apenas para dar cabo delas no dia seguinte, mas...

Mas que se lixe isto tudo. Talvez eu seja demasiado simpática, sim. E tenho a certeza de que há coisas na minha vida em que eu precisava de me priorizar mais. Mas neste caso concreto eu compro «compulsivamente» robes à Patty Munty por uma boa causa.

A Patty e o Eddie Munty sempre nos deixaram, a mim e ao meu irmão mais novo, ir para casa deles depois da escola quando o Ellis ficava retido num trabalho ou a treinar para paramédico. Davam-nos torradas com

manteiga e ensinavam-nos a jogar dominó. E eu estou-me completamente a cagar para quem achar que o meu quimono com perdizes é a coisa mais ridícula que já viu, porque *a mim* faz-me sorrir, e adoro que ele tenha sido feito por alguém que se preocupa comigo. Excessos à parte, a felicidade que eu sinto é suficientemente real.

– Eu não sou demasiado simpática – digo em tom firme. E não sou *definitivamente* a menina de ouro de ninguém, e gosto das coisas que a Patty faz porque... – Olho em volta, em pura frustração. – Porque a vida é curta como a merda, só por isso.

Ele dá meio passo atrás, nitidamente apanhado de surpresa:

– Sage, eu não tive intenção de a ofender, ou a quem quer que fosse. A sério.

– Sei que não, mas ao menos deixe-me acabar – digo, e inspiro profundamente.

Sinto o coração aos saltos no peito. Não consigo identificar ao certo por que razão considero tão importante que ele veja a coisa no seu todo. Tudo o que sei é que, vindas dele, as palavras magoaram-me, porque não quero que ele volte a pintar-me de uma maneira tão insípida, pequena e sem sentido. Qualquer coisa no facto de ele ser novo e não ter ainda ideias preconcebidas a meu respeito faz com que eu me sinta desesperada por ser bem compreendida.

– Quando as pessoas dizem que a vida é demasiado curta, sei que essa filosofia tende sempre a vir acompanhada de complacência, ou de alguma pressa em se perseguir ou alcançar qualquer coisa. Tipo, a vida é demasiado curta, por isso temos de singrar ou ficar conhecidos por alguma coisa, ou viajar e conhecer o mundo tal como ele é, esse género de coisas. Mas, no meu caso, a vida já me lembrou demasiadas vezes que é fugaz. – Sinto-o a olhar para mim enquanto passo nervosamente a mão por um remo pendurado na parede. – E há muito tempo que eu descobri que o facto de a vida ser demasiado curta e demasiado fora do meu controlo significava que eu deixava as coisas pequenas parecerem grandes. Pelo menos, para mim. Se existe uma coisa que não interessa à maioria, creio que isso significa que *alguém* tem de fazer um esforço para cuidar dela, não? Animais abandonados, flores bonitas... – Aponto com a cabeça para a secção de roupas feitas pelas mãos da Patty. – Uma criança suja e esfarrapada que jamais conseguirá fazer alguma coisa que mude o mundo. – Os nossos olhares encontram-se e eu esforço-me por não desviar o meu. – Por isso, não pense que eu escolho essas coisas para a minha vida só porque sou *demasiado simpática*. É que não sou mesmo. Sou perfeitamente capaz de decidir que quero fazer uma coisa devido ao modo como ela me faz sentir.

Ele entretanto aproximou-se de mim, e tem os lábios ligeiramente entreabertos. De olhos errantes pelo meu rosto, como não sabendo onde os pousar, como que procurando algures uma fissura na minha lógica. As rugas entre as sobrancelhas estão marcadas, ainda que ele não esteja de testa franzida.

– Muito bem – diz ele em tom sincero. – Tem razão. – Afasto o olhar do dele e fixo-o no seu pescoço. Uma resposta tão simples da parte dele faz-me querer encher o vazio entre nós com mais explicações.

– Quando perdemos pessoas – recomeço, e vejo-o imediatamente tenso –, quando perdemos pessoas e somos forçados a interiorizar que não controlamos nada na vida... creio que, perante isso, é fácil sentirmos que tudo o resto também é inútil. Tipo, de que é que nos serve ter roupas bonitas, testemunhar um perfeito dia de sol ou qualquer outra dessas coisas inconsequentes que nos trazem alegria? Por que razão hão de nos importar se nos são tão facilmente levadas? – Mais uma vez, enfrento corajosamente o olhar dele. – E eu acredito que, ou é assim, ou então... ou então decidimos que *tudo* importa. Todas as coisas, até as mais insignificantes. Tudo o que existe no presente e o modo como nos sentimos nesses momentos, *porque* não temos como saber quando é que tudo isso nos será retirado. Se o resultado deste tipo de dedicação é o que faz de mim *demasiado simpática*, seja – insisto. – Mas não sou fraca por isso.

Ele já está a abanar a cabeça, a mesma expressão tensa e espantada no rosto.

– E não é – declara. – E ainda que eu nunca tenha dito isso, tenho de admitir que foi estúpido da minha parte insinuá-lo. Mas também já conheci pessoas assim que foram enganadas, simplesmente por serem assim. Que nunca receberam nada em troca. Nem da vida nem das pessoas que fazem parte dela. – Afasta o olhar: – A minha própria irmã, por exemplo – acrescenta, e volta a massajar o queixo. – E isso talvez tenha acontecido por ela nunca ter pedido, mas também por nunca ninguém ter oferecido. – Enfia as mãos nos bolsos e crava em mim os olhos duros e verdes. – Diga-me o que é que posso fazer por si – acrescenta subitamente. E eu sinto que quase me soa a súplica.

Até que ele me esclarece:

– Pediu-me que a viesse ajudar a vir buscar algumas coisas. – Os olhos dele continuam a percorrer o meu rosto. – OK. Mas... tem de haver mais alguma coisa que deseje. Algo que eu também possa fazer por si.

– Oiça, isto não tem de ser propriamente uma transação – digo, algo confusa com a súbita mudança nesta nossa interação.

– Eu também sou perfeitamente capaz de decidir quando quero fazer alguma coisa, Sage, e talvez tenha decidido neste preciso momento que quero ser generoso e solidário... só porque sim – oiço-o declarar em tom firme. – Não precisa de responder já, mas peço-lhe que considere o meu pedido. Aquela primeira oferta que eu lhe fiz na noite em que nos conhecemos até pode ter sido apenas por cortesia, mas esta, garanto-lhe eu, é mesmo de coração.

Aclaro a garganta e aponto para um dos remos mais altos na parede.

– Chega-me aquilo, por favor? – peço. – Foi por isto que eu o recrutei.

Ele apressa-se a chegar-me o remo, e depois olha para mim como que

esperando mais orientações.

– O outro, por favor.

Ele pega no outro.

– Para que quer isto?

– Para treinar.

– Treinar para quê? Para isto? – Aponta para uma faixa alusiva às corridas de canoa.

– Sim.

E fico-me por aqui. Seria talvez a oportunidade ideal para eu lhe explicar melhor o evento em si, mas concluo que ainda não consigo fazê-lo. Sinto-me totalmente exposta. Como se tivesse ficado demasiado desprotegida perante alguém que ainda devia ser um estranho. Sempre tive um certo orgulho na minha capacidade de interpretar as pessoas, procurando sempre nas brechas um ponto onde eu possa inserir-me... mas o Fisher consegue sempre deixar-me atordoad.

No resto do tempo em que ficamos na loja, esforço-me ao máximo para me centrar nessa tarefa e em mais nenhuma, pedindo-lhe ajuda com umas sacas de fertilizante, e um vaso redondo em cimento cinza-claro que pretendo usar para uma árvore decorativa, algures na minha salinha soalheira.

– Bom, retiro aquilo que disse sobre a Sage ser a menina de ouro da terra – diz-me ele, quando finalmente chegamos à caixa. – Ainda que mantenha que nunca disse isso num sentido pejorativo. – Dá com o ombro no meu, levemente, jovialmente. – Mas aquele sacana acha-se o menino de ouro de toda a gente, certo?

Sigo o olhar dele até à parede dos vencedores:

– Quem? O Ian?

– Sim, este *Ken* em tamanho real com a mania de que é bom – observa ele, e eu não contenho uma gargalhada.

– Ele não se limita a achar-se o menino de ouro de toda a gente – informo-o. – Acontece que *é*, infelizmente.

Sinto-o a perscrutar-me à medida que nos vamos dirigindo para a saída.

– Não consegui deixar de reparar na tensão esquisita entre vocês naquela primeira noite em minha casa. Têm alguma relação?

– É difícil não termos uma relação com quem quer que seja numa população cujo número tem uns zeros a menos, à direita – respondo, cautelosa.

– Vá lá, a Sage percebeu perfeitamente o que eu quis dizer – diz-me, os olhos de falcão inabaláveis.

Mas aquele sentimento de demasiada proximidade esvai-se num ápice, por isso observo apenas:

– Cuidado, Fisher. Está a começar a tornar-se um bocado metedigo. Se calhar, ainda vai integrar-se por cá muito mais depressa do que pensava. – E termino o comentário com uma risada seca.

Ele não reage a isto, limitando-se a esboçar um ligeiro sorriso e a abanar

a cabeça.

– Estivemos juntos cinco anos – concedo-lhe. Acabámos há pouco mais de um ano, e ele já está noivo de uma antiga amiga de liceu que, por acaso, tinha-se mudado para cá pouco antes de ele pôr fim à nossa relação. – Rezo para conseguir esconder a amargura quando digo: – E ele também sempre me disse que eu era demasiado simpática. O que talvez justifique eu ter reagido mal quando você me disse o mesmo. Ele sempre me fez sentir que eu era demasiado tontinha. Acho que devia ser demasiado provinciana até para ele.

Perante isto, ele parece sentir-se ao mesmo tempo tranquilizado e algo encabulado. Tenho de controlar o anseio de dizer algo autodepreciativo de um modo mais airoso, qualquer coisa que possa fazer com que a minha sinceridade pareça ligeira e pouco autêntica. Mas confesso que adorei falar com franqueza por uma vez na vida. Preocupar-me menos com tornar os meus sentimentos irrelevantes para poupar ao outro o desconforto. Este meu monólogo pode ter-me feito sentir demasiado exposta, mas também me soube lindamente deitar tudo cá para fora.

Afasto o carrinho do Fisher e empurro-o até à caixa registadora. Começo rapidamente a fazer conversa de circunstância com o Ramson Philips, um amigo do Sam que conseguiu um emprego aqui durante o verão. Ele lança vários olhares ao Fisher, que parece demasiado perdido em pensamentos para eu sequer me preocupar com apresentações.

O Fisher acompanha-me até à carrinha em silêncio total e ajuda-me a carregar os meus artigos recém-adquiridos. Mas quando eu ergo a barreira da caixa-aberta, ele detém-me com a mão em cima da minha, dizendo:

– Algo me diz que eu não conseguiria ficar a conhecê-la nem em dez anos, quanto mais em meia dúzia de dias, Sage. Mas até eu consigo ver que é muito mais do que parece.

O meu sangue estúpido e traiçoeiro percorre-me as veias e revela-se na minha expressão.

– Bem... obrigada. – respondo, como se este não se tratasse do melhor elogio que alguma vez recebi.

– Não tem por que agradecer – diz-me. E o sorriso irónico deixa-me na dúvida se não estará a querer relembrar aquela vez, no outro dia, em que eu tropecei desastradamente no *não tem por que agradecer* que lhe dirigi.

Não tenho como não me rir, e concentro-me na última tarefa da minha lista de hoje.

– É verdade, já que cá estamos, ainda precisava de ir devolver uns livros à biblioteca. Se não se importar, claro.

– Tudo bem, vamos a isso – responde-me.

– Quer vir comigo? A nossa biblioteca é *quase* tão interessante como a O'Doyle's, prometo.

Quem sabe se a biblioteca não o ajudará também a aquietar a mente, tal como o meu jardim conseguiu ontem de manhã. Comigo resulta sempre. Quero vê-lo a admirar a parede inteira de janelas que dão para o nosso parque

e, claro, a vista para o mar.

Já para não dizer que adoro a ideia de tentar contrapesar a sua embriração por terriolas com um dos nossos encantos de todo o ano.

Ele sorri, uma das suas argolinhas reflete o sol.

– Claro. Só quero tentar saber por onde anda a Indy. Diga-me só onde é, que eu já lá vou ter.

Deixo-o com orientações e começo a subir a rua, sentindo-me curiosamente a caminhar no ar não obstante o declive acentuado. Toda a área principal de Spunes é assente numa ladeira, com as casas alicerçadas nas zonas planas dos penhascos, ou então para lá da encosta principal, como é o caso da minha e da dos Andersen. Em termos arquitetónicos, é tudo uma mistura eclética de artesanal ou vitoriano, e a biblioteca assenta completamente neste último estilo. É o edifício mais alto do município, com as janelas mais altas e com mais escadas. Subo os degraus da entrada, já tão familiares, sentindo as pernas a arder e uma expectativa feliz a correr-me nas veias. Tudo neste lugar, desde os corrimãos às molduras das janelas e portas, dos tetos e rodapés trabalhados à miscelânea de arte nas paredes, é pensado ao mais espalhafatoso pormenor. Adoro isso. Por mais vezes que já tenha cá entrado, há sempre qualquer coisa nova para ver. E também adoro o eterno cheiro a humidade, e o facto de uma sala poder estar dez graus mais quente ou mais fria do que a próxima graças a uma porta ou janela mais velha e desgastada. Adoro pensar nas pessoas que tocaram nos mesmos livros antigos, que subiram as mesmas escadas em caracol. E acredito que essa é uma das coisas verdadeiramente românticas desta terra em particular. Aqui, tudo é inteligível. E eu consigo *mesmo* imaginar esta biblioteca antes e depois de mim.

O primeiro andar da biblioteca foi remodelado quando eu andava no do jardim de infância. Lembro-me bem desse ano, porque era sempre para aqui que eu vinha depois da escola quando a minha mãe já estava na sua fase terminal. Sentava-me com o *Tucker*, o *basset-hound* da Venus, e tentava acalmá-lo perante a barulheira das máquinas de construção vinda lá de fora. O cão, coitado, uivava a qualquer barulho estranho, o que, nesse ano, fez da nossa biblioteca a mais ruidosa da costa oeste. Mas um dia, nesse outono, quando o meu pai e o Ellis me vieram buscar mais cedo, o *Tucker* só ganiu e lambeu a minha mão. Creio que a um nível subconsciente, estava a avisar-me de que me estavam a levar para me despedir.

O *Tucker* há muito que partiu, mas a gata da Venus, uma belíssima e gigantesca *regal Maine coon*, vem cumprimentar-me quando me vê no cimo da escada do terceiro piso. A belíssima *Cupid* faz tremelicar os bigodes e abana a cauda para mostrar o seu entusiasmo.

Tiro o elástico do cabelo para aliviar o desconforto do crânio repuxado, e começo a retirar os livros que trouxe num saco para devolver. Pouso-os no balcão polido, e é nesse momento que a Venus em pessoa aparece.

– Sage – cantarola-me na sua melhor voz de bibliotecária. – O que é que

fazes aqui? – Olha nervosamente em volta e faz menção de rodear o balcão para me fazer sair de lá.

Dirijo-lhe um ar confuso.

– Aaaa, vim devolver estes livros...

– Sage? – oiço alguém à minha direita. – Viva, Sage, como é que estás?

Volto-me e deparo-me com a Cassidy, e o Ian logo atrás dela, saindo de uma das salas. Por acaso, sei que nessa sala existe uma janela de vitral por cima de uma mesinha, composta por uma série de sereias coloridas com olhos atormentados. A Cassidy alisa o cabelo preto e perfeito em torno do seu mais-que-perfeito rosto, e mexe na saia como que querendo compô-la. Os meus pensamentos apagam-se. É óbvio que, durante este tempo todo, eu sabia que eles estavam juntos, e claro que várias vezes os imaginei juntos, mas tinha conseguido passar este último ano inteiro *sem os ver*. E muito menos os imaginei aqui, neste lugar tão crucial para a minha vida.

Tenho sido de facto poupada à visão do Ian a colocar-lhe o braço em torno da cintura e a puxá-la para junto de si. E, agora, tenho sérios problemas em processar o facto de ele ser tão afetuoso em público, vendo-o encostar ternamente a cabeça à dela, fixando saudosamente a secretária onde estavam.

Sigo-lhe o olhar e sinto de imediato a garganta como lixa. Exemplares de registos históricos de Spunes, cópias de artigos antigos e fotografias.

– Oohhh, já viste, amor?... – arrulha a Cassidy, fazendo-me saltar como se tivesse levado um choque. – Ela está a devolver aquele livro que tu tanto querias. Agora já podemos levá-lo.

Ela volta-se para mim, e eu só espero conseguir ajeitar as minhas feições para algo parecido com um sorriso, mas sinto os cantos da boca a tremer.

– Também andas a estudar para o concurso de cultura geral? – pergunta-me ela. – Que entusiasmante! O Ian anda com um horário de loucos, e eu adorava ter alguém com quem estudar para a corrida.

Deus do céu, ela é tão genuinamente amorosa que me impede completamente de ser antipática.

– Hmm, bom...

– Amor, não me parece que a Sage vá participar no festival. Além de que não podemos dar nenhuma vantagem aos nossos adversários, certo? – O Ian olha para a Cassidy como se ela fosse um querubim precioso que ele não quer de modo algum macular com os demónios típicos da competição.

– Para com isso – censura ela. A mão sobe até aos peitorais dele e permanece lá quando a dele surge em cima da dela. – Sabes bem que não é esse o espírito da coisa. – Olha para mim: – Sage, fico tão contente por saber que vais participar!

Perante o seu olhar entusiasmado, fico sem me lembrar se lhe disse alguma coisa nesse sentido. Não disse, pois não? Estará ela a assumir que sim, baseando-se nos livros que me viu devolver – e ignorando o Ian –, ou será que apaguei em algum momento? Oiço passos nas escadas e entro em pânico só de pensar que mais alguém possa assistir a esta humilhação. Sinto o cérebro

vazio e... *ó meu Deeeus*, será que vou ter mesmo de lhes dizer que não arranjei parceiro! Vou ter de inventar outra desculpa qualquer. Já sei, digo que vou viajar pela Europa. É isso. Vou dizer, tipo: *oh, eu queria muito participar, sim, daí verem-me com estes livros todos relacionados com temas para essa porra toda, mas isso foi antes de eu ter sabido que esses primeiros dias de agosto em particular são a altura ideal para visitar Cannes. E, lá está, Cannes não pode esperar. Muitas coisas para fazer em Cannes. Coisas importantíssimas.*

Sinto uma mão áspera e quente insinuando-se por debaixo do meu cabelo, pressionando-me a zona entre as omoplatas, e derrete-me completa e imediatamente, como se quase desaparecesse dentro dela. As pálpebras tremem-me quando a mão me sobe pelo pescoço, os dedos pressionando-o ligeiramente.

– Então estás aqui – oiço a voz rouca e profunda do Fisher contra o meu ouvido.

Sinto os joelhos fraquejarem. Inclino-me para ele e viro a cabeça para o lado. Estamos a escassos centímetros um do outro, e os meus olhos vão do verde e castanho dos dele até ao ponto mais escuro na sua bochecha, que, apercebo-me agora, é uma covinha. Se quisesse, bastava-me pôr-me em bicos de pés e enfiar nela a minha língua. Os dedos dele voltam a afagar-me a nuca, e eu vejo-me grega para sufocar um gemido. Aquela parte racional do meu cérebro que deveria impor-se e mandar-me ser mais discreta foi totalmente obliterada pela parte que insiste em repassar o momento em que ele me disse que eu era *muito mais do que pareço*, e outros pedaços de mim que só querem instalar-se no seu calor ou aninhar-se no forte aperto que sinto no pescoço. *Isto. Isto é o que tu podes fazer por mim*, apetece-me sussurrar-lhe neste momento como resposta à oferta que ele fez há pouco. *Podes resgatar-me, a mim e ao meu orgulho.*

– Quero mostrar-te uma coisa – é o que eu digo em vez disso, no pouco fôlego que consigo reunir.

Ele sorri, e eu pressinto-lhe o riso a percorrê-lo antes de se instalar de modo cúmplice nos meus lábios.

– E eu quero muito ver – responde.

E, com a parte racional do meu cérebro ainda desaparecida em combate, sinto que é talvez a coisa mais ilícita que alguma vez alguém me disse. Parece que o meu sangue se detém para seguir na direção contrária, e a minha pulsação instala-se algures abaixo da minha barriga.

Continua a olhar-me fixamente.

– Onde está? – pergunta.

O que é? Também seria uma ótima pergunta.

– Ali – digo, apontando para nenhures.

Uma risadinha falsa e forçada escapa dos lábios da Cassidy, mas eu mantenho o meu olhar treinado no Fisher.

– Olá, sou a Cassidy. Você deve ser aquele *chef* que veio cá passar o

verão – oiço-a dizer.

– Vemo-nos por aí, agente Carver – é a resposta do Fisher, sem se dar ao incómodo de desviar o olhar do meu.

Vejo-lhe um brilho tão malévolo quanto deleitado no olhar, e algo em mim se tranquiliza pelo simples facto de saber que ele se está a divertir com tudo isto, mesmo que seja apenas para chatear o Ian. Quando finalmente desvia o olhar, atinge-os com o sorriso mais amplo que já lhe vi.

– Muito prazer, Chastity. Tenham um bom dia – declara, antes de me levar pela mão para fora dali.



CAPÍTULO 11

FISHER

Tento algumas vezes ligar à Indy para saber dela, mas a única coisa que recebo de volta é uma série de mensagens irritadas.

Parece que um dos gansos da Sage escapou, conseguindo voar por cima da vedação, e recusa-se a deixar a Indy e o Sam sossegados. Diz-me que não é agressivo com ela, mas não para de querer atacar o Sam; e estão os dois a tentar fazer de tudo para conseguirem levá-lo de volta para casa.

Visto que não estou certo quanto aos conselhos adequados a dar sobre o comportamento de um ganso, resta-me apenas seguir as direções que a Sage me deu para chegar à biblioteca. Vejo-a ao longe, uns bons cem metros à minha frente, já praticamente ao cimo da rua, por isso, acelero o passo.

A mente regressa-me às últimas horas e aos últimos dias. A assertividade da Sage, a forma como conseguiu cativar a Indy, e a mim, ontem e hoje, novamente, quando me fez sentir útil. Se por um lado ainda me sinto desconfortável por alguém ter entrado na minha vida sem ter sido convidado – um velho instinto de defesa que desenvolvi, agora agravado por me ver de novo numa terra pequena –, também é exatamente essa característica da Sage que me obriga a estar totalmente presente quando estou com ela. É como quando uma meia nos escorrega para dentro do sapato e parece que todo o nosso sistema nervoso se concentra nisso. Com ela ao meu lado, duvido que consiga deixar que o meu consciente fique desfocado, ainda que tente.

Contudo, continuo a achar que devia pedir-lhe desculpa mais uma vez pela boca infeliz de há pouco. Não obstante o sarcasmo, ficou claro que, quando lhe chamei menina de ouro da vila, isso a perturbou. E depois de a ter ouvido falar no ex, também ficou claro que, apesar de o amor que ela sente por esta terra ser recíproco, continua a sentir também uma certa alteridade – algo que a distingue, mesmo achando eu que ela *quer* estar em conformidade

com todos quantos a rodeiam. E, muito provavelmente, é a razão pela qual ela parece irritar-se com qualquer comentário meu sobre terriolas.

Meu Deus, devo estar mesmo a precisar de marcar outra teleconsulta com a Dra. Deb. Acredito que a terapia pode estar a fazer com que eu fique mais sincronizado com as emoções das outras pessoas, mais do que ajudar-me a resolver as minhas.

Quando chego à porta da biblioteca, preciso de um tempo para recuperar o fôlego. Inclino-me para a frente, com as mãos nos joelhos, antes de olhar para cima, e mais para cima, e mais para cima do edifício que parece um castelo. Parece um tanto deslocado, algo que ficaria mais coerente numa qualquer paisagem francesa do que num oblíquo vilarejo do Oregon.

Entro e vou subindo as escadas em caracol até conseguir um vislumbre da Sage através das barras do corrimão de ferro, algures entre o segundo e o terceiro andares. A expressão no rosto dela faz-me parar a meio de um degrau.

Os lábios sem cor, os ombros caídos para a frente, o queixo metido para dentro. Os olhos dardejам rapidamente por entre as pessoas à sua frente, e o rosto repuxa-se repetidamente para gerar um sorriso, mas sem sucesso. É como ver um ecrã em curto-circuito. E é então que eu reparo que o que a transtorna é aquele polícia em frente a ela, ronronando à mulher que tem encaixada num dos lados do corpo.

É então que eu percebo a razão de eu conseguir reconhecer a pequena brecha de insegurança na Sage, aquele repuxar de alteridade que a retém, que a mantém de pé atrás apesar de tudo o que faz para se integrar.

É o mesmo tipo de insegurança que eu próprio tenho, por mais que deteste admiti-lo.

E, mais uma vez, sou forçado a lembrar-me da razão pela qual desprezo as terras pequenas. Arriscamos cruzarmo-nos com a mesma série de pessoas, em todos os cantos, todos os dias. As mesmas que nos atribuíram os papéis mais desgastados.

Dou por mim a subir o resto dos degraus quase a correr, colocando-me mesmo atrás dela. Decido não pensar muito no gesto da minha mão a pressionar-lhe levemente a zona entre as omoplatas; neste momento sinto toda a sua tensão, e sinto um intenso desejo de a tranquilizar.

No momento em que a minha mão lhe sobe pela pele aveludada da nuca, sinto-a a acolhê-la, a aninhar-se nela, e vejo-me inundado por um sentimento ao mesmo tempo incisivo e terno. Por esta mulher, que não tem razão nenhuma para confiar, ou sentir algum conforto em mim, mas que, ainda assim, se encosta a mim.

– Aqui estás tu – digo, pressionando-lhe suavemente o pescoço para lhe dar força.

– Quero mostrar-te uma coisa – diz-me, após uma pausa tão curta quanto inatingível, e eu fico aliviado ao ver a cor regressar-lhe às faces.

– E eu quero muito ver... Onde está?

Ela aponta para toda a biblioteca, e eu mantenho o meu sorriso parvo

fixo no bonito rosto dela. A mulher que está com o Ian apresenta-se. E eu ignoro-a.

– Vemo-nos por aí, agente Carver – acabo por dizer, sem tirar os olhos da Sage.

Quando finalmente olho para outro lado, deixo que a minha mão percorra o máximo de pele exposta das suas costas, trancando o olhar no do Ian enquanto o faço; a palma da minha mão desliza pelo declive do ombro dela, os meus dedos percorrem-lhe o braço e, por fim, entrelaçam-se nos dela.

– Muito prazer, Chastity. Tenham um bom dia – digo-lhe a ele, antes de me afastar de mão dada com a Sage.

Escolho um corredor aleatória, puxo-a para mim e ficamos cara a cara.

– Estás bem? – pergunto baixinho. A expressão dela é estranha e confusa.

– Sim. É só que... não quero voltar a falar com eles – diz, evitando o meu olhar. A pele da base do pescoço ainda pulsa vigorosamente, um rubor súbito nas bochechas e no pescoço.

– Claro que não – digo, o mais firmemente que consigo soar num sussurro.

Mesmo sentindo-me egoistamente feliz por ter sido eu, para variar, a resgatá-la de um mau momento, acima de tudo detesto vê-la a passar por esse mau momento. Por pouco que eu a conheça, continuo a sentir que ela não merece sentir-se desconfortável em nenhum canto desta vila sensaborona. Não alguém como ela... esta dicotomia tão interessante de afetos e ferocidade. Que cede o seu tempo, a sua casa, a sua energia a criaturas feridas... até a estranhos de duas patas como eu.

– Mas também não quero ir-me embora – diz-me. – Não quero reagir como se isto tivesse sido assim tão importante.

– Claro que não – repito. – Não tens de ser forçada a sair seja lá de onde for. E muito menos à conta daquele imbecil. – A culpa ressurgiu de novo e dá-me um coice no peito quando penso como fui mesquinho com ela na outra noite. Um paternalista de merda.

– *Meu Deus*, aquilo foi tenebroso – murmura-me. – Congelei. Nunca os tinha visto juntos assim de perto. – Geme e tenta esconder o rosto entre as mãos. – Eu não *o quero*, por isso... porque é que isto me chateia?! – Continua num sussurro rápido: – E quem é este tipo, afinal? Sempre *odiou* manifestações públicas de afeto. E nem sequer gostava da biblioteca. Sempre a queixar-se que o pó lhe piorava as alergias...

Estamos ambos encostados a uma estante, mais chegados um ao outro, nem sei bem como.

– Eu penso que certas pessoas nos transformam em diferentes versões de nós mesmos, quer as deixemos, quer não.

Ela bufa:

– Certo. Ela é melhor do que eu, por isso, ele apresenta uma melhor versão de si próprio.

– Não, querida. – Ponho uma madeixa de cabelo atrás da orelha dela, antes de poder sequer reconsiderar, ou questionar porque me sinto confortável ao fazê-lo. – Para mim, ele sempre soube que tu eras demasiada areia para a camioneta dele, logo, tentou fazer-te descer ao seu nível. E conseguiu isso fazendo com que as coisas que te iluminavam parecessem apagadas para ele. – Ela entreabre os lábios e o olhar fica mais vivo. – Eu não conheço o gajo, mas conheço muito bem o género dele – insisto. – E digo-te mais: pareceu-me que ele se esforçou ao máximo para te fazer ciúmes.

Ela solta uma risada irónica e revira os olhos.

– Pareceu-me ser apenas natural, Fisher. E não me parece que o Ian reconhecesse o ciúme nem que fosse atropelado por um camião cheio dele. Aliás, acho que ele nunca na vida sentiu ciúmes de ninguém.

Esta nossa conversa mantida em sussurros faz-me sentir como se o meu sangue estivesse a ser batido em claras em castelo.

– Põe-no à prova – digo, porque ainda não me estou a questionar, além de que nunca me senti tão vivo e presente como agora.

– O quê? – pergunta ela, desta vez num sussurro tão baixo que soou apenas a arquejo, deixando-me com os nervos em franja.

– Sim. Porque não o testamos? Uma pequena vitória pode saber-te bem. Isto se quiseses, claro.

Sinto a coxa dela roçar ligeiramente a minha.

– Como? – pergunta, as faces subitamente rosadas, os olhos como platina.

Faço um gesto de cabeça para o casal de pombinhos.

– Eles continuam ali, no patamar. Eu podia... sei lá... – *Como é que eu digo isto sem soar minimamente lascivo e de forma que ela entenda perentoriamente que eu não levo a mal se ela não aceitar, mas que também lhe permita ter a certeza de que estou disposto e disponível?* – Se eu te beijar, por exemplo, eles vão ver.

Vejo-a engolir em seco e... que porra é que estou a fazer? Só vejo os meus dedos estenderem-se e traçarem-lhe o pescoço. A ponta do meu polegar a roçar-lhe suavemente a clavícula. Arquejo quando a mão dela, fresca, me afaga o queixo, e aninho-me nela.

Mas ela dá-me apenas umas suaves palmadinhas.

– Tu és um sarilho – sussurra-me em tom cúmplice.

Creio que talvez possa ser, sim. Ou gosto de sarilhos ou estou metido em sarilhos, das duas uma. Mas perturba-me a ideia de lhe ser tão fácil recusar.

Nah. Não caio nessa. Não acredito que ela seja tão virtuosa ao ponto de não querer fazer algo egoísta por um breve momento; que não precise e não lhe saiba bem uma vitoriazinha.

– Vá lá. – Não foste tu que dissesse que não eras demasiado simpática? – Digo-o em tom de desafio. – Diz-me que não te apetece magoá-lo nem que seja só um bocadinho...

– Lá estás tu novamente a assumir que ele se importa – diz ela, em tom

indiferente, embora eu consiga captar-lhe um laivo de dúvida.

– Tudo bem. Mesmo que não seja por ele, nunca te apeteceu ganhares nada *por ti*? Tu própria disseste que esta é a *tua* biblioteca.

– Foi uma forma de dizer, não sou a dona.

– Sim, mas disseste que ele nem sequer gostava de cá vir. E há pouco, só de mencionares este sítio, o teu rosto iluminou-se como uma árvore de Natal. Vá lá, Byrd, não me digas que não te agradaria um pequeno triunfo.

Forma-se-lhe uma ligeira ruga entre as sobrancelhas. Está a considerar. Até que me franze o sobrolho num manifesto desafio:

– Explica-me como é que o facto de tu me beijares pode representar um triunfo para mim.

Meu Deus, já me tinha esquecido da sensação que é seduzir uma mulher.

– Se calhar talvez seja melhor demonstrar-te. Para entenderes melhor...

Ela abre os olhos e a boca num amplo sorriso.

– Sarilhos – repete.

– E também lhe provavas que não te deixas alienar. – E o seu lábio inferior tem um pontinho a meio, como um morango, e eu quero muito saber se é tão doce como promete.

– Tens a certeza? – pergunta ela, mordendo precisamente o pontinho. O meu coração dá um salto esperançoso.

Mas... *será que tenho alguma certeza?* Nem me lembro já de quando tive a certeza de fosse o que fosse. Nos últimos tempos, os meus pensamentos e emoções parecem vidro estilhaçado, com pedacinhos espalhados por todo o lado, cortantes, e alguns tão pequenos e escondidos que jamais os encontraria a não ser que inadvertidamente me cortasse neles.

Mas há uma coisa que eu sei, ainda que sem uma razão lógica: só me apetece esmurrar a tromba daquele imbecil do Ian. E também sei que, se fosse preciso, estaria disposto a vestir um pijama-macacão com padrão de cocos e bananas só para provar a boca dela. E também estou quase certo de que andaram a espalhar alguma coisa no ar aqui dentro.

– Sim – afirmo.

E faço-o. Fazemo-lo. Ou, para ser mais preciso, ela fá-lo.

Põe-se em bicos de pés e enterra as mãos no meu cabelo de um modo que quase me rouba o fôlego, antes de pressionar os lábios contra os meus. Uma leve pressão, antes de eu lhe tomar cada um dos lábios entre os meus, um de cada vez. A Sage é suave e fresca, e mesmo a mais leve avidez nela consegue ribombar por mim adentro. Levo um polegar ao queixo dela para lhe abrir um pouco mais a boca rosada, e quando a ponta da língua dela toca timidamente na minha, algo no meu interior se acende e se fragmenta. Ela é tão *doce*, a língua persuadindo a minha, posicionando a cabeça num ângulo que oferece e pede mais. Mordisca-me o lábio, soltando um tipo de gemido que me deixa arrebatado e ligeiramente desenfreado. Lambo e saboreio esse som como que a querer senti-lo de novo para ver a que é que sabe, quando a mão dela me envolve o crânio. As suas costas batem na estante com uma

pancada seca, e ela puxa-me para si. Até que as mãos se soltam da minha cabeça e me descem pelas costas, parando no meu rabo; e sinto-a a puxar-me contra ela. As nossas ancas encaixam-se. Subitamente, nada disto parece poder ter a ver com outros que não nós, nada de tímido ou de rancoroso ou de falso.

Merda. Merda. Merda. Demasiado rápido. Demasiado, no geral. Já estou duro como aço, e ela insiste em apertar-me contra as suas partes mais suaves, esfregando-se docemente.

Afasto-me bruscamente dela, cravando-lhe as mãos nos pulsos e tentando recuperar o controlo. Mas desde logo me vejo a levantar-lhe os pulsos acima da cabeça dela e, porra, é ao mesmo tempo melhor e pior, tão pior, mas eu não posso perder o controlo numa *biblioteca*. A minha dignidade não pode levar com um golpe desses neste preciso momento, mas cada arquejo empurra o peito dela contra o meu, os mamilos salientes debaixo do *top*...

Uma espécie de uivo lento vindo mesmo de cima das nossas cabeças faz-nos saltar e separar.

É a minha vez de soltar um uivo muito pouco masculino quando vejo um par de enormes olhos dourados fixos em mim, do cimo da estante. Coloco-me sobre a Sage como um escudo.

– *Credo, o que é isto?!* – silvo, largando os pulsos da Sage. Ela arqueja contra a minha maçã de adão.

– Bom – diz ela, ofegante –, como não consigo ver, não garanto. Mas quer-me parecer que é a *Cupid*... a gata *Cupid*.

Respiro fundo, mas não me mexo.

– Espera, eu... preciso de um segundo – digo. Angustiado, olho de novo para a besta felina. – Meu Deus! Aquela coisa é arraçada de tigre? – Nunca tinha visto um gato doméstico tão grande. Este sítio é como uma animação de feira.

– Não – responde-me a Sage, sem deixar de me perscrutar o rosto. – É apenas... enfim, enorme. – E leva a mão à boca para abafar uma gargalhada histérica. O modo como o corpo dela vibra contra o meu resulta para mim numa absoluta tortura.

Afasto-me dela, mas pouso a testa no seu ombro para abafar a minha própria gargalhada histérica – ainda que não saiba muito bem qual é a piada.

– Chiu! Ainda somos postos na rua – sussurra-me ela, com um novo estremecer que eu sinto como um choque elétrico.

Os meus olhos viajam pelos lábios dela – minuciosamente beijados – e sou obrigado a afastar o olhar e a focá-lo num livro logo por detrás da sua cabeça. *Traques e Artes: o Ofício da Comédia Inebriante e Transformadora*, de Farley Jones.

Quando volto a olhar para a Sage, vejo-a a perscrutar os arredores com uma expressão nervosa.

– Eu... não sei se isto resultou ou não. Eles já se foram.

– Ah... pois.

– Acho que eles nem sequer repararam – diz-me de sobrolho franzido.

Eu reparei. Decididamente, reparei. *Continuo* demasiado alerta.

– Porra... lamento. – Não lamento nada. Mas mesmo nada.

Um novo riso e um sorriso que conseguiria guiar um barco para porto seguro numa noite escura.

– Não lamentos. Foi divertido. E, agora, deixa-me mostrar-te a minha secção favorita.

Dá-me uma nova palmadinha na cara, como se fosse um familiar amigável, baixa-se para se esquivar à prisão dos meus braços e afasta-se, deixando-me completamente atarantado.



CAPÍTULO 12

FISHER

Ela recuperou mais depressa do beijo do que eu da dentada no *scone* de frutos vermelhos desta manhã.

Se calhar eu também não gosto desta biblioteca. Que porra há aqui de tão interessante que a faz distrair-se assim tão facilmente? E como raio é que ela me *apanhou* assim tão depressa? Como é que eu passei de querer evitar esta terra odiosa – tão *kitsch* quanto agreste – para passar a seguir a sua digna porta-voz qual cachorrinho obediente?

Ela conduz-me por salas e salinhas, cantos e corredores, até chegarmos a uma secção recôndita, com estantes de ambos os lados e janelas de ferro, do chão ao teto, na parte de trás. Sobre elas, um vitral em arco; uma canoa cheia de flores de todas as cores que parece prestes a flutuar para o mar abaixo dela. A luz filtrada pelo vitral projeta no teto uma coleção de tons de pedras preciosas, e os meus olhos prendem-se num quadrado com uma roldana e uma corda pendurada.

– O que é aquilo? – aponto para o teto.

– Sê paciente – diz-me com uma expressão atrevida. – Faremos essa parte da visita guiada noutro dia.

Cerro os dentes e olho-a sem expressão, ainda demasiado estupefacto para alinhar em joguinhos.

– De certeza que já terás reparado que as canoas são um tema recorrente em Spunes, certo? – pergunta-me em tom afetado.

Eu limito-me a grunhir uma confirmação.

– Muito bem, e lembras-te de quando eu comentei que esta terra era feita de fracassos?

– Vais fazer-me um teste sobre isto mais tarde?

– Hmm, excelente pergunta. Mas só se quiseseres! – Mantenho a

expressão confusa e ela insiste: – Reza a história que, por volta de 1870, um abastado casal, de seu nome Edmund e Ida Lee-Hughes, se instalou por cá com as respetivas famílias, no intuito de criarem uma cidade madeireira. As origens da sua fortuna sempre foram um mistério que inspirou muitos mitos urbanos, mas o que é certo e sabido é que, ainda que a febre do ouro tivesse acabado em 1855, eles acharam que havia mais riqueza a amealhar, com a madeira.

Aproximo-me dela.

– Sage, se eu mal terminei o secundário, não foi por falta de inteligência, mas sobretudo porque as aulas teóricas me faziam querer pegar fogo a coisas.

– Fisher, terei o maior prazer em ouvir essa tua história mais tarde, mas, agora, estamos a falar de canoas.

Volto a grunhir em resignada concordância e lanço dramaticamente a cabeça para trás.

– Prometo que serei rápida – diz ela.

E, visto que o meu orgulho ainda está meio ferido, decido aventurar-me.

– E se eu não gostar do *rápido*, Sage? – lanço-lhe, atento à sua reação. – E se eu preferir saborear as coisas? Se quiser o bom e lento e prolongado?

Pupilas dilatadas, uma leve sugestão de arquejo. Um rubor nas faces. OK. Afinal não está assim tão inalterada. Vejo-a engolir em seco.

Pestaneja. Até que desfaz perentoriamente a sua expressão.

– No entanto, os Lee-Hughes já entraram no jogo demasiado tarde – prossegue.

– *Ai, meu Deus* – lamento-me. – Tu és pior do que o teu gato.

– Posto isto, deram por si falidos, e praticamente sem nenhum potencial negócio porque não tinham tido em conta que as condições do ancoradouro não permitiam um transporte marítimo adequado. E, talvez mais importante, acabaram com uma tonelada de árvores abatidas no colo.

– Estou absolutamente fascinado...

– Além de que eles tinham trazido consigo toda a família e amigos. Muitas pessoas que tinham vindo abrir negócios próprios, convencidas de que em breve nasceria aqui uma fábrica enorme e próspera, o centro da economia local que atrairia ainda mais gente para a zona.

Estou a esforçar-me ao máximo para resistir, mas, tal como há pouco, quando ela começou a falar nos labirintos e trilhos que as pessoas construíam na praia, a verdade é que penso que continua a querer enfeitiçar-me.

– Precisavam de descobrir uma maneira de recuperar algum do dinheiro investido, e rapidamente. Analisaram cuidadosamente aquilo que tinham e engendraram um plano.

– Deixa-me adivinhar: envolvia canoas.

– Precisamente. Muito bem, lindo menino, excelente aluno! – exclamou ela, e eu só penso que podia também vir a ser um excelente e arrebatado professor se ela me deixasse. – Adiante. A família toda dedicou-se então a fazer umas brochuras falsas que distribuíram pelo rio Columbia, não só

vendendo esta zona como um paraíso edílico, como desafiando as pessoas a virem tentar a sua sorte numa corrida de canoas. Os prémios seriam dez lotes de terra.

Sorri, contente por me ver atento ao seu monólogo. Ergo o sobrolho para a encorajar.

– Tiveram de perceber como transformar cada canoa em lucro, nada de demasiado oneroso sob pena de se tornar incomportável para a maioria das pessoas, e determinaram esse investimento como joia de admissão, chamemos-lhe assim. Claro que esse valor soou a uma verdadeira pechincha, tendo em conta que havia sérias probabilidades de se ganhar um belo lote de terra. E ainda que os Lee-Hughes se tenham visto forçados a retalhar as suas propriedades, a verdade é que tinham terra suficiente para viver duas vidas. E não apenas isso, mas, obviamente, certificaram-se de que os lotes que iriam desbaratar eram os piores e mais adversos recantos que detinham. E toda a gente da terra alinhou no esquema porque sabiam que mais pessoas, os concorrentes, os espetadores, as respetivas famílias, representariam mais e melhores negócios para eles. – Pega num livro cheio de pó e folheia-o até uma página com fotografias granulosas a preto e branco de pessoas carrancudas dentro de canoas.

– Queres dizer que resultou? – pergunto por fim.

– Resultou. Mas claro que esta história foi ganhando mais contornos ao longo dos anos. Cobiça, perigo, amor... – Olha para mim de lado por cima do livro: – Vou guardar esses pormenores para outra altura, mas posso contar-te um segredo?

Mordisca o lábio como se corresse o risco de ficar muito nervosa. Concordo com a cabeça.

– O modo como o nosso festival de verão se desenrola hoje em dia é completamente diferente, claro. Os prémios e os eventos em si mudaram bastante ao longo dos anos. Ninguém tem uma canoa reservada para si, e ninguém ganha lotes de terra, mas no fim de contas é tudo igual. Fazemo-lo por nós.

– Como assim?

– Ainda não tivemos um único vencedor que não pertença ao município. Nunca. Até mesmo quando tudo começou e o prémio era um pedaço de terreno-lixreira, aquela gente conseguiu sempre arranjar uma maneira de transformar esse lote em algo de exequível, e nunca saíram de cá. Atualmente, atraímos gente de fora para que os nossos negócios e atividades floresçam, cobramos-lhes uma joia de admissão para dar o dinheiro do prémio, e um de nós, ou melhor, alguns de nós ganham-no sempre.

Não contenho um riso.

– Olha que não sei se isso soa assim tão desonesto, Sage. A maioria das armadilhas para turistas têm a mesma base.

– Talvez não seja – diz ela com um inocente encolher de ombros. – Mas, em teoria, qualquer pessoa pode ganhar. Temos provas com vista a obter

pontos que determinam a ordem de uma equipa na corrida, que têm jurados em modo de prova cega, e em que as perguntas do concurso de cultura geral são, teoricamente, sobre informação de domínio público. – Volta a colocar o livro no seu lugar na estante e presenteia-me com um sorriso amoroso: – Sei lá, acho tudo isto interessante – remata.

O que eu considero interessante é que as últimas vinte e quatro horas já me viram escondido no meio de um descampado, a deambular por uma loja em nenhures e a ouvir uma lição de história numa biblioteca – e, contudo, representaram para mim o dia mais interessante de que me lembro nos últimos tempos.



CAPÍTULO 13

SAGE

Finalmente percebi a verdadeira essência da expressão *o coração falhou uma batida*. Ele não falha uma batida, começa é aos saltos como a Dorothy a descer a estrada dos tijolos amarelos – mas sob o efeito de um Red Bull. O meu continua aos pulos no peito e a tentar recuperar o ritmo desde a manhã em que beijei o Fisher, e sinto-me desesperada por readquirir esse controlo.

Nem sei como, mas lá consegui parecer o mais descontraída possível quando saímos da biblioteca, de regresso a casa, acenando-lhe timidamente quando cada um entrou na sua. Pouco depois, redigi e apaguei uma mensagem de agradecimento umas noventa e sete vezes, mas acabei por não conseguir carregar no Enviar. Sempre que penso nisso, gemo e tapo os olhos com o braço.

Imprudente, aquele beijo. Eu tinha, ingenuamente, tentado comportar-me – como se tivesse os meios necessários para manter a compostura – e acabei por me desfazer em pedacinhos ali e naquele momento. Ele era tão *quente*, sólido, firme, grande. Saboreei aquela boca doce e mentolada, e senti-me constrangida, mas não o suficiente para abafar tudo o resto. Perdi-me demasiado a senti-lo, a ouvi-lo. Pensar naquele gemido leve e rouco que ele soltou de encontro aos meus lábios faz-me sentir um novo aperto algures no meu interior.

Não. Não. Fui arrebatada depressa de mais, e tinha de me ter focado noutra coisa qualquer. Daí ainda ter optado por recorrer à História. Não podia correr o risco de ceder, desfalecendo perante os seus encantos como ele provavelmente achou que eu faria. Muito menos estando ele apenas a retribuir-me um favor.

Ainda estamos a meio da noite, mas neste momento o sono é já uma causa perdida. Deambulo pela casa na secreta esperança de conseguir acordar

mais cedo pelo menos um dos meus animais. Mas não tenho sorte nenhuma. De que me servem todos estes companheiros se não sabem sequer fazer-me *companhia* quando eu realmente preciso? Pego no telemóvel e envio mentalmente um agradecimento aos deuses da internet pelo algoritmo perfeito de me emboscarem em distrações com um simples *scroll*, mas uma vez que a tecnologia se tornou aparentemente tão avançada que já consegue sincronizar-se com a minha mais profunda psique, os vídeos que encontro consistem todos em coisas que só conseguem enviar de novo os meus pensamentos para território perigoso – homens jovens e lindos de morrer em cuecas, e vídeos de culinária. Por vezes, a junção de ambas as coisas.

Até que me vejo aliciada por um novo e tentador pensamento que me faz entrar rapidamente no Google antes que mude de ideias. Se alguém ganha uma estrela Michelin, imagino que tenha de haver uma qualquer referência *online*. Escrevo o nome dele e faço uma pausa antes de clicar no *Enter*. Vou até à cozinha para me distrair e depois decidir se devo avançar. Percebi perfeitamente que o Fisher se mostrou hesitante em abrir-se comigo, quase na defensiva ou evasivo quanto a determinadas informações sobre a sua vida. Mas isto não é o mesmo que eu esconder-me no meio das árvores e lançar olhares furtivos à casa dele, e também não é o mesmo que eu perguntar-lhe diretamente. Isto é espionagem intencional.

Por outro lado, é normalíssimo que uma mulher faça buscas no Google sobre um homem antes de pensar em passar algum tempo com ele – que é o que provavelmente farei se decidir ajudá-lo dando-lhe *feedback* sobre o menu, e se conseguir reunir a coragem necessária para lhe pedir que entre comigo nas provas do festival. Haveria quem argumentasse que, independentemente de tudo, essa seria uma atitude prudente da minha parte. Já me parece um pouco tarde, tendo em conta as nossas convivências anteriores, mas acho que é um caso claro de «mais vale tarde do que nunca».

Regresso ao meu jardim de inverno, enterro-me na poltrona e clico no *Enter*.

De início, os resultados são todos positivos. Um artigo elogioso com uma fotografia dele mais novo. Com o cabelo mais curto, ainda que igualmente rebelde, mesmo com uma bandana na cabeça para evitar que lhe caia para a cara. Está ligeiramente curvado para a frente, compondo algo de um prato com uma expressão que creio ser suposto parecer ou de extrema adoração ou de extrema concentração, mas que para mim é apenas uma pose.

Uma lista de prémios e menções honrosas. Outro artigo a louvá-lo por ser um dos *chefs* mais jovens do país a obter uma estrela Michelin, com apenas vinte e três anos. Vencedor de um prémio James Beard. Uma série de críticas de *bloggers* gastronómicos, a maioria exultantes nos elogios, outras mais reservadas e hesitantes, e algumas – poucas – destilando veneno. Estas são claramente escritas com o propósito de tentar envergonhar quem quer que goste da comida dele, levando-os a reconsiderar, ou até de acusar os fãs de estarem a mentir. Não consigo deixar de me sentir eu própria ofendida em

nome dele, e ainda mais em nome das muitas pessoas que o elogiam. Qual é o problema de ele fazer os mesmos pratos dois anos seguidos? Alguma norma contra isso? Talvez fosse precisamente por esses pratos que os clientes insistiam em voltar. Quem sabe se esses pratos não eram os favoritos de muitas pessoas, e que ficaram tristes ao vê-los serem retirados do menu? E talvez ele não tivesse essa autoridade criativa. Afinal, é o restaurante que ganha a estrela. Muitas vezes, quem toma esse tipo de decisões são os donos, não os *chefs*.

Abro um novo *link*, uma notícia sob o título marrow perde duas «estrelas», uma delas, michelin. Conta que a estrela Michelin lhes foi retirada há uns meses e que, consequentemente, o *chef* principal foi despedido. Esta parte deixa-me incrédula. Claro que ele não se pôs a divulgar por cá que fora despedido, mas também sei que não mentiu acerca do assunto – e, vendo bem as coisas, não é a notícia mais alegre do mundo para se partilhar. Não há praticamente nenhuns pormenores sobre a razão que levou o restaurante a perder a estrela, apenas alguns comentários e citações de clientes anónimos que, no geral, declaram que o preço não vale a qualidade e que o serviço também não é lá grande coisa. No fim do artigo, a autora faz as suas próprias considerações, afirmando que, pessoalmente, não acha que o Marrow merecesse a perda da estrela, mas que talvez o Fisher se tenha entusiasmado de mais com o salto, deslumbrando-se com o facto de ter sido presenteado com o reconhecimento de o seu restaurante representar algo novo e empolgante na cena gastronómica, e que ao fim de algum tempo tenha deixado pura e simplesmente de fazer coisas inovadoras. Sinto uma onda ardente de indignação perante o termo presenteado – como se fosse algo que ele não tivesse merecido ou conquistado. Ela insiste, contudo, que na sua opinião nada disto representa uma razão válida para lhes terem retirado a estrela, e acha uma pena o facto de o *chef* ter sido despedido, mas também convida os seus seguidores a assistirem ao vídeo cujo *link* disponibiliza no fim do artigo e a deixarem os seus pensamentos. Faço um *scroll* até ao fim e dou com ele: *Chef Distinguido com Estrela Michelin Agride Blogger em Público*.

Sustenho a respiração e clico no *link*. O vídeo tem uma imagem granulosa, claramente registada com telemóvel, num restaurante com pouca luz e a umas quantas mesas de distância. O Fisher está sentado à sua mesa, uma vela iluminando-lhe as feições, o olhar pousado num prato à sua frente contendo uma sobremesa qualquer, uma espécie de tarte com creme. Tem um garfo na mão, os músculos do queixo cerrados de irritação. Está um homem de pé em frente à mesa dele, falando e gesticulando animadamente, observando-o com a cabeça inclinada – qual pássaro olhando para uma minhoca. O diálogo não é audível, até o Fisher se levantar bruscamente, pegar na tarte e a esfregar na cara do outro; e mesmo aí só se ouvem arfares e murmúrios e exclamações por parte dos outros clientes na sala.

– Você não me conhece, logo, não tem nada de agir como se me conhecesse – diz o Fisher, apontando um dedo à cara do outro, lambuzada de

pedaços e creme de tarte. – E não está apenas a lixar a minha vida, mas a de muitas outras pessoas que trabalham bem mais do que você, que se limita a sentar o rabo e a teclar baboseiras com esses dedos nojentos. – Faz menção de lhe virar costas, mas volta-se e acrescenta: – Além de que me interrompeu a sobremesa.

É claro que eu suponho que o outro dito terá dito alguma coisa que pode ter espoletado esta triste cena, mas não contenho um suspiro de frustração. «Ele é que começou» não me parece uma justificação aceitável, e sem se conseguir ouvir o áudio, o vídeo pode simplesmente parecer conter uma crítica afável e construtiva dirigida a um *chef* num local público, o crítico a falar-lhe com respeito, sendo depois atacado.

Acabo por procurar o dito blogue de gastronomia e chego rapidamente à crítica que deu azo àquele deplorável incidente.

BLOGUE A RAIVA DO ROTH

CHEF FISHER LANGE; PRUDENTE E... TÃO LAMENTÁVEL

Há dez anos, tive o excelso prazer de jantar no Deelane, restaurante Michelin, na viagem inaugural de Fisher Lange como *chef de cuisine*. Tinha ouvido uns zunzuns acerca de um *chef*-revelação, um jovem que conhecera as cozinhas de alguns dos melhores restaurantes do mundo e era atualmente considerado o melhor e mais brilhante dos seus pares. Parti para essa incursão com cautelosas expetativas e, confesso, a nociva intenção de provar que esse entusiasmo não tinha razão de ser.

Em vez disso, fiquei agradavelmente surpreendido. Desconcertado, diria mesmo. Cada dentada um perfeito deleite. Pratos arrojados, corajosos... e, devo dizer, sensuais! A comida de Fisher Lange revelou-se um misto perfeito de ousadia e conforto. O jovem não se limitava a servir as mesmas bodegas com que os restantes *chefs* da cidade nos presenteavam. Não, em vez de afogar tudo e mais alguma coisa em trufas – a grande «tendência do momento», se é que podemos designar assim este movimento –, o *chef* serviu-me uns *gnocchi* de abóbora que ainda hoje me visitam em sonhos. Em vez de optar por um aborrecido e básico bisque, Lange serviu um puré de couve-flor muito à frente do seu tempo.

Mas, infelizmente, até os mais brilhantes astros podem

transformar-se em estrelas-cadentes.

Tenho de admitir que gostei muito da inauguração do atual restaurante do *Chef* Lange, o Marrow, há já sete anos, propriedade da insigne família Visconti. Estava tudo tecnicamente perfeito, os pratos da autoria dele preparados e cozinhados na perfeição. Gosto, aliás, de pensar que o meu próprio e entusiástico apoio na altura terá contribuído para que ele (e o Marrow) ganhasse uma estrela Michelin.

Contudo, lamento mesmo muito ter de vos informar que, praticamente sete anos depois – e ainda que o menu seja o mesmo e as aptidões técnicas se mantenham –, o meu entusiasmo esmoreceu.

Mas gostaria de deixar uma questão perfeitamente clara: desta vez, depois de ver o menu, não me predispus a poder vir a ficar desiludido. A verdade é que quando uma coisa é maravilhosa, queremos *obviamente* voltar a desfrutar dela, certo? Dito isto, decidi deixar-me ficar por ali, ver se haveria algo de novo e excitante acrescentado ao antigo e ótimo. Além de que, na minha primeira crítica, eu afirmei que a comida dele sabia a «algo que reconhecemos mas que temos noção de que nunca experienciámos. Como um *déjà vu* reinventado.»

Pois a *única* coisa que eu experienciei recentemente no Marrow foi uma amarga desilusão. Aquele, senhoras e cavalheiros, já não era o atraente e ousado *chef* de antigamente.

O meu maior problema? Cada um dos pratos era prudente. Nem o menor laivo de modernidade em relação aos antigos. Eu entendo que o objetivo final dos pratos confeccionados é, na sua essência, confortar e agradar. Mas pelo preço que pagamos por uma refeição no Marrow, ultrapassamos a fronteira da mera sobrevivência e passamos ao supremo patamar da arte.

– *Que aconteceu à ousadia?! – gritei. – O que é que aconteceu à individualidade?! – lamentei-me. – Bolas... o que raio aconteceu?!*

Resta-me apenas especular que os rumores sobre a frieza e a falta de personalidade de Lange não são tanto baseados no seu temperamento fleumático, mas mais na filha da mãe de uma atitude sensaborona.

2,5 estrelas

(atualização: já depois da publicação desta crítica, vim a saber que o Marrow perdeu uma das suas estrelas Michelin.

Fecho as janelas todas no telemóvel e largo-o, pequenas ondas de vários sentimentos inundando-me o peito. É mais do que óbvio que o Fisher tem passado um mau bocado. Para além de ter de fazer o luto pela irmã, também perdeu aquilo pelo qual ele se definia – se é que todos os prémios e louvores do início da sua carreira são reveladores de seja o que for.

Ainda é cedíssimo, mas a *Sable* saiu finalmente da cama dela e veio ter comigo cá abaixo, o que eu considero um sinal de que já posso começar o meu dia. Dou-lhe de comer e encho a tigela do *Legoless* com ração, assumindo que anda por aí a caçar. Quando me dirijo ao estábulo para ver como está o *Bud*, meto travões a fundo ao vislumbrar alguém à distância, à minha direita.

O Fisher esforça-se por atravessar o prado com uma concha da sopa numa mão, uma tigela na outra e um pequeno recipiente cilíndrico firmemente seguro debaixo do braço. Quase tropeça ao evitar um *Legoless* saltitante que logo tenta atirar-se de novo à sua perna. A manobra faz com que o líquido da tigela voe pelo ar. O coitado vê-se forçado a fazer uma dança estranha, já que o *Legoless* não desiste de o apanhar, lançando-se às suas pernas. Meu Deus, este gato é uma ameaça.

– A reviver as tuas próprias fantasias de *Música no Coração*? – grito-lhe ao vê-lo fazer uma nova pirueta.

– Importas-te de chamar o raio do gato? – grita-me de volta.

– Ora aí está, é um gato! Não obedece às minhas ordens! – Para ele, estamos todos cá para servir os seus caprichos.

Quando ele chega a poucos metros de mim, o *Legoless* deixa-o finalmente em paz, correndo que nem uma seta na direção oposta, provavelmente em busca de uma nova presa. O Fisher baixa os olhos para si próprio, todo sujo pelo misterioso conteúdo da tigela, e mal contém um rugido raivoso. Quanto a mim, limito-me a aplaudir.

– Bravo! – grito alegremente. – Foi lindo!

– Que inferno do caraças! – vocifera. Mas os olhos sorridentes não condizem com a linguagem verbal. – Queria que experimentasses umas coisas – declara.

– Se tivesses ligado, eu teria aparecido – digo com uma risada.

– Não encontrei o telemóvel e já tinha passado a cerca quando me lembrei disso – explica. – Primeiro isto.

Passa-me a concha. Fico a olhar para o líquido em tom laranja-vivo, com pequenos pedaços de cebolinho por cima. Inclino-me e bebo uma dose generosa.

– *Porra* – murmuro, maravilhada, levando a ponta dos dedos à boca. Não sei do que estava à espera, mas não era a mistura de paladares que estou a saborear. Levemente adocicada, com uma especiaria que sugere um travo a

uma pimenta qualquer.

– É uma ideia que tive para a sopa do restaurante – explica-me, entusiasmado. – Cenoura e *jalapeño*. Algo diferente, mas que não empanturra. Não é sazonal, posso confecioná-la quando quiser. Vai muito bem com sabores de verão, mas o tempero também é aconchegante nos meses mais frios.

– Delícia – é tudo o que consigo dizer.

A sopa é fenomenal, mas estranhamente não consigo encontrar as palavras certas. E ele parece estar a levar isto muito a sério, todo ele profissional. Por isso, tento acompanhar essa energia em vez de lhe dizer que até bebia isto de dentro de uma bota suja, se fosse preciso.

– Toma. – Estende-me a tigela. Uma bola de queijo branco no meio, rodeada de uma mistura colorida de picadinhos variados. – *Burrata* fresca de uma quinta local, com maçã verde, mel, o teu manjerição e presunto. Que tenciono servir com uma crocante fatia de pão de alho.

Pego na colher, que milagrosamente continua na tigela, e sirvo-me dela para cortar e levar um pedaço à boca. Os meus olhos reviram-se sem que eu consiga evitá-lo. Ele age como se estas coisas fossem simples, mas eu nunca provei nada de tão delicioso. E o melhor de tudo é que são coisas *inteligíveis* que qualquer pessoa percebe do que se trata ao ler o menu. Nada de intimidante, portanto.

– Poorra! – é a minha única reação. Só imaginar esta delícia por cima de uma estaladiça fatia de pão de alho faz-me soltar um ligeiro gemido de prazer.

Quando ergo o olhar para o Fisher noto-o... presunçoso? Não, *orgulhoso* é a palavra certa. Orgulho com um certo toque de alívio. Como estando algo orgulhoso e muito aliviado por constatar que *ainda* consegue conceber coisas criativas e sublimes.

– E por último... pelo menos por hoje – diz-me. – Não podes ter um restaurante a dois passos da praia sem servires marisco, por isso, fiz uns mexilhões a vapor com um molho picante. – O tom dele é meio defensivo, como que esperando que eu refute alguma sugestão.

– Eu nunca disse que não devias servir marisco, Fisher, apenas que coisas como caviar e *sashimi* não iriam fazer sucesso por cá – digo. – Não quero que penses que estava a tentar ofender-te ou a achar-me dona da verdade absoluta. Não tenho dúvida absolutamente nenhuma sobre quem é o especialista aqui: és tu. – Achei que era importante dizer-lhe isto, tendo em conta tudo o que sei acerca dele.

Ele ergue as sobrancelhas antes de responder:

– Eu sei. Mas tu és a especialista em Spunes, e a representante dos clientes-alvo. – Olha para as coisas que tem nas mãos antes de se fixar em mim: – Quero ter a certeza de que tu gostas de tudo.

A expressão dele deixa-me algo tímida, e as memórias que estavam a demorar a vir à tona depois da batalha de dança pelo campo ganham vida. Ainda consigo sentir o ponto no meu queixo onde ele ontem passou com a

barba rala. Pigarreio por puro instinto e pego no recipiente, agarro num mexilhão e enfio-o na boca, sorvendo de seguida um pouco do caldo.

– Hmm, *perfeito* – declaro. Preciso de uma cuba disto.

Ele assente com a cabeça, um ar satisfeito, e depois estende-me a tigela com a *burrata*, para eu levar juntamente com os mexilhões e a sopa.

– Vê isto como um agradecimento – diz-me. – Daqui a pouco, levo-te mais sopa.

Não me faço rogada em aceitar presentes comestíveis, por isso, aconchego cuidadosamente ambas as coisas ao peito e respondo com um caloroso «obrigada», até que me lembro de uma coisa.

– Espera lá, são seis da manhã. O que é que te deu para acordares tão cedo e fazeres isto tudo? – rio-me.

– Nem sei bem. Talvez tenha sido do excesso de excitação de ontem – diz-me com um simples encolher de ombros.

Finjo, obviamente, que não percebi a mensagem.

– Ah, sim, a história de Spunes também me deixa por vezes com insónias.

Ele mal disfarça um sorriso irónico e enfia a mão recém-liberta no bolso das calças de treino pretas. Com tanta nódoa, a *t-shirt* branca estará irremediavelmente perdida, creio. Mas mesmo todo desganhado e sujo, e com uma concha na mão, só me dá vontade de passar timidamente a mão pelo cabelo e soltar risadinhas parvas.

– Até agora, esse é o meu preferido – diz-me. Aponta com o queixo algures para o meu peito, e dá meia-volta para regressar a casa.

Baixo o olhar para o meu robe e não contenho um gemido. Tem pequenas canoas de cima a baixo, com um emblema do lado direito do peito: dois remos cruzados e a frase «mais felizes quando molhados».



Depois de guardar a comida na minha cozinha, e dar por terminadas as primeiras tarefas diárias, reparo que nem sequer são sete e meia, e continuo com um estranho formigueiro de ansiedade nervosa. Quer seja pelos acontecimentos de ontem, pelo encontro desta manhã, ou pelo culminar de tudo, chego à conclusão de que preciso de fazer algo que me puxe pelo físico, algo que canalize todo este excesso de energia, e uma vez que não tenho nenhuns planos para o dia de hoje, decido-me pelo *paddle surf*. O Silas e o Elis têm andado demasiado ocupados para me ajudarem a acartar com a minha canoa até à nossa zona no estuário – e eu não sou parva ao ponto de o fazer sozinha penhasco abaixo. Uma prancha de *paddle* continua a ser pesada e complicada de transportar, mas essa já consigo manobrar sozinha.

Encolho-me e contorço-me toda para me conseguir enfiar no fato de mergulho. E lá saio eu para o ar fresco da alvorada, prancha e remo



Está um daqueles amanheceres em que o mar parece mais azul, a erva musgosa das margens ainda mais verde. Tudo parece coberto por uma névoa serena, aguardando a chegada da manhã para acolher o novo dia. Faz-me lembrar o livro de conselhos que a minha mãe fez para mim antes de morrer. Cheio dos seus lemas favoritos e dos princípios orientadores que ela teve por verdadeiros ao longo da sua vida – e que me quis passar perante a sua ausência. Há uma folha a que eu regresso inevitavelmente, que diz «sempre que menosprezares o mundo, lembra-te de que um algures, um alguém ou um algo está à espera de ser conhecido.» Estou convencida de que isto é uma adaptação de uma frase antiga, mas eu adoro esta versão. É uma daquelas coisas que, ao mesmo tempo, me transmite paz e me deixa curiosa.

Quando vou a remar, passo por um casal de lontras e quase guincho de alegria, e depressa dou por mim a olhar instintivamente à minha volta como que procurando alguém com quem partilhar a minha excitação, e a sensação de vergonha que sinto torna amarga toda a minha felicidade. É como quando comemos uma coisa demasiado doce que nos deixa um sabor enjoativo na boca.

Confusa, olho em volta para tentar perceber o que acabou de acontecer e me deixou tão incomodada.

Dou por mim a culpar o Fisher. E creio que o culpo por, subitamente, o *sozinha* se transformar em *solitária*, e pelo facto de o estar sozinha, em contraste com o ter alguém, me parecer repentinamente tão cru. Ter alguém a pedir-me a opinião, ou o simples facto de ter um companheiro para coisas normais – como fazer tarefas quotidianas ou receber um beijo que deveria fazer-me sentir poderosa mas que apenas me fez sentir fácil de ser dominada –, tem sido tão agradável. Acho até que me tinha esquecido de como podia ser tão bom.

Foi uma coisa tão simples a que eu fiz, aquela reviravolta rápida mas ponderada. Logicamente, sei que tenho de largar o passado. Mas ouço uma voz baixinha e sinistra a dizer-me que é perigoso e significativo, e que não pode ser levado com ligeireza. Que meia dúzia de dias com alguém ao meu lado não deve – não pode – gerar uma resposta automática.

E também penso que essa deve ser a razão pela qual eu não aceitei imediatamente a oferta dele, nem lhe pedi logo para ser meu parceiro no festival deste ano. É como se o meu subconsciente tivesse em conta – acima de tudo – os meus melhores interesses, logo, mostrando-se hesitante em manter uma ligação mais forte com ele por saber que será apenas temporária.

Mas também não consigo deixar de pensar vezes sem conta no elogio que ele me fez, na sua expressão quando me deu a provar pela primeira vez a

comida que confeccionou, e no que eu me diverti com ele. Até a expressão que ele assumiu na biblioteca quando eu lhe dei aquela lição de história me pareceu adorável, porque se há alguém que percebe quando um aluno não está a prestar atenção, sou eu. Ele esteve atento o tempo todo. Assim como quando me sugeriu que colaborasse no menu do Starhopper, e me beijou na biblioteca; eu percebi que ele fez a oferta de livre e espontânea vontade.

Assim que regresso a casa, já está calor suficiente para eu perceber que irei simplesmente derreter se adiar mais tudo o que tenho para fazer no jardim. Posto isto, esforço-me por enxotar de mim este estado de espírito estranhamente chocho, e meto mãos à obra.

O balde que trago na mão cai ao chão, e solto um arquejo quando vejo aquilo que me surge à frente dos olhos.

– Não – murmuro aterrorizada. – Não, não, *não*...

Solto um grito de dor quando vejo as minhas dalias caídas sobre uma pilha de outras suas irmãs derrubadas. Outra estremece, e tudo o que posso fazer é ficar a ver, impotente, um botão rosa-choque que poderia vir a tornar-se uma belíssima dália *Dinnerplate Break Out* do tamanho da minha cabeça a ir descaindo em câmara lenta e a embater no chão, qual soldado atingido.

E é então que a vejo. A hedionda cabeça peluda e os demoníacos olhos negros. Uma marmota.



CAPÍTULO 14

FISHER

Talvez ainda seja demasiado cedo para tirar conclusões, e a última coisa que eu quero é atrair o azar, mas eu acho que a Indy e eu temos melhorado bastante a nossa relação. No geral, as coisas tornaram-se menos tensas desde que, há dias, cheguei a casa e me deparei com ela e com a Sage a desmontarem a treliça da janela. E hoje também acordei mais leve, se bem que isso seja mais difícil de identificar ou explicar. A única coisa que sei é que foi a primeira vez que acordei entusiasmado perante a ideia de cozinhar alguma coisa – e tive mesmo algumas ideias simples que fiquei doido por experimentar.

Ainda estava escuro quando entrei na cozinha e comecei a misturar coisas, qual cientista louco. Umás horas depois, vi a silhueta da Sage à distância e decidi que precisava do *feedback* dela ali e naquele momento; o que me fez sair porta fora com os braços cheios de coisas.

Já percebi perfeitamente que tenho de ser mais firme no meu autocontrolo no que à Sage diz respeito. Entre o beijo de ontem e os sons que ela soltou há pouco quando provou a minha comida, corro o risco de me viciar em estar perto dela.

Ontem à noite, a Indy pediu-me *satay* de frango, o prato favorito da Freya, e esta manhã, quando desceu, pediu-me que lhe fizesse uma omelete de *bacon* e espinafres. Tê-la a fazer-me estes pedidos especiais fez-me sentir tão feliz, que foi preciso muita contenção da minha parte para não fazer uma festa em ambas as ocasiões.

Tenho pouco mais de uma semana antes de começar a trabalhar com a construtora do Starhopper, o que vai coincidir com o início das aulas de verão da Indy, pelo que sinto que tenho de aproveitar e tirar o máximo partido do momento presente.

– Queres fazer alguma coisa hoje? – pergunto à minha sobrinha enquanto acabo de arrumar a cozinha.

É incrível a quantidade de horas que este dia já teve, tendo em conta que ainda nem são nove da manhã. Talvez esta seja mais uma característica das terras pequenas e do modo de vida mais lento.

A Indy olha-me com uma expressão tensa, arrastando a cadeira alta da bancada dos pequenos-almoços.

– Por acaso tenho umas cenas combinadas com o Sam e os amigos dele – informa-me.

Algo dentro do meu cérebro escorrega e aterra de cu.

– Oh... hmm... está bem – digo. E acrescento, menos seguro: – Se calhar, da próxima vez, era melhor primeiro perguntares se podes ir, OK? É que, depois daquele número todo que montaste naquela noite...

– *Número?*

– Recusaste-te a comunicar comigo e chegaste a casa muito depois da hora combinada.

– Para já, não me lembro de termos combinado uma hora, e, além disso, acabei de te *comunicar* os meus planos para hoje – diz ela, com aquela inflexão típica da Wednesday Addams.

– Indy...

O telemóvel toca e eu, quando vejo que é a Carlie, faço sinal à Indy para esperar. Mas ela enfia o telemóvel no bolso e, num único e ágil movimento, encaminha-se para a porta de casa – e eu decido simplesmente desistir, pelo menos para já.

Atendo, cumprimentando-a num tom desanimado:

– Viva, Carl.

– Quem é que chateaste desta vez?

Resolvo arriscar:

– Hmm... a ti? Pela tua voz?

Mas também chateeí a Indy, e aquela tal de Martha, e chateeí-me a mim próprio.

Ela solta um suspiro exasperado:

– Acabei de receber uma notificação a dizer que a nossa licença foi suspensa até setembro. Pelos vistos, houve uma *nova* petição.

A Martha.

– E que argumento é que apresentaram?

– Não apresentaram – responde ela. – Dizem que saltámos um passo importante da inspeção, e que agora não podemos seguir em frente enquanto eles não forem lá de novo. Coisa que, obviamente, alegam só ser possível em setembro. Tive de ser eu a fazer inquirições e ameaças para descobrir a verdadeira razão.

Massajo as têmporas.

– Diz-me o que precisas que eu faça – peço-lhe.

– Eu preciso que tu – diz-me ela, num tom tão suave quanto o seu

autocontrolo lhe permite – seja simpático. Que vejas se há maneira de dar a volta a isto. Eu preciso que isto vá para a frente, Fisher, tenho a merda de uma torre panorâmica construída aí, pelo amor da Santa! – Não se contém a bufar. – Não posso dar-me ao luxo de perder dois meses de potencial desenvolvimento desse projeto. Sei que era suposto teres duas semanas para te instalares e te adaptares, mas, à luz dos últimos acontecimentos, tinha esperança de que pudesses ajudar mais cedo. Gostava muito que o Starhopper estivesse pronto antes do festival, isto para conseguirmos rentabilizar o negócio ainda este ano.

Se eu também falhar nisto antes sequer de ter a oportunidade de começar... Não posso. Sei que a Indy está a começar a sentir-se confortável, integrada. Gosta de ir a casa da nossa vizinha visitar os animais, e nós os dois também estamos finalmente a fazer progressos na nossa dinâmica. Não vou permitir que as minhas debilidades ou o jogo de um vilarejo entediado se metam no meu caminho. Reúno os últimos fragmentos do meu orgulho.

– Eu resolvo isto – digo-lhe. – E sei quem me pode ajudar.



Pego no resto da sopa que fiz esta manhã e marcho decidido até à casa da Sage, falando-me contudo um passo ao ver algo de estranho à distância.

A meio do descampado vejo *Bud*, o cavalo, *Sable*, a cadela, e *Legoless*, o gato. Este último está calmamente sentado no lombo do cavalo, e a cadela está aos pés – os três a olharem na mesma direção.

Quanto mais me aproximo, mais barulho oiço vindo da casa. E não contenho uma risada ao ouvir um chorrilho de palavrões – tão explícitos que fariam um carroceiro corar de vergonha.

– Sage?

Dou a volta à casa e encontro-a meio agachada, fazendo lembrar o Gollum, d’*O Senhor dos Anéis*. Move-se num círculo, revelando a cara coberta de pó e de suor. Um fato de mergulho preto pende-lhe do tronco, os ombros e o peito estão vermelhos que nem pimentões.

– O que é que aconteceu?

Dou um salto quando a Indy, vinda de nenhures, surge ao meu lado e diz:

– Está assim desde que eu aqui cheguei.

– *Que susto!* O que é que tu fazes aqui?

– Estou à espera do Sam. – Um dos gansos solta um grasnido aos pés dela.

– Essa coisa é suposto estar solta? – indago.

A Indy dedica-me um leve revirar de olhos.

– Ele não se afasta de mim, fica descansado.

Volto-me de novo para a Sage e vejo-a num estado lastimoso, aos

pulinhos, calcando agressivamente todos os buracos que encontra no chão.

– Fazes alguma ideia do que possa ter acontecido? – pergunto à Indy.

– Apenas disse «marmota» e voltou a isto. – Responde-me ela.

– *Juro que vou dar cabo desta filha da mãe!* – berra a Sage. – Não, vou apanhá-la viva numa armadilha! Esquartejá-la toda e deixar os pedaços bem à vista como aviso a todas as outras!

A Indy e eu trocamos um olhar tão solidário quanto assustado.

– Indy, que tal ires para o alpendre esperar pelo Sam?

– Ótima ideia.

Assim que vejo a miúda a uma distância segura, aproximo-me da ainda feral e ameaçadora Sage.

– Falaste numa marmota?

– Sim! – lança-me, num trinado perigoso. Ergue-se, leva a mão à testa suada e perscruta a área à sua volta: – Já lancei uma bomba de gás por aquela toca abaixo, mas não devo tê-la ativado bem, ou talvez não tenha ido suficientemente fundo, porque o fumo saiu cá para fora. – *Oh, não!* A voz dela adquire aquela tensão de quem está à beira das lágrimas. – Tu não entendes, Fisher. Deu-me cabo de... mais de metade das minhas dalias. *Aniquilou-as.* Deram-me tanto trabalho para pegarem, e finalmente tinha conseguido! – Merda. Soltam-se os primeiros soluçares, e as palavras começam a atropelar-se umas às outras: – Quero vê-la *morta!* – O primeiro riacho de lágrimas corre-lhe bochechas abaixo. – Quero esta família toda morta! Quero que sofram, quero ver *dor*, carações, *muita dor!*

Fico sem saber o que fazer, que conforto proporcionar-lhe, ou como conter as lágrimas. Até que ela enterra o rosto entre as mãos e avança para o meu peito encostando-se a ele, bem no meio, os dedos esborrachados entre nós. Inesperadamente, oiço sair de mim uma inexorável risada.

Sei de muita gente que tem o coração na boca, mas só precisei de meia dúzia de interações para poder concluir que esta mulher anda com o dela na mão, pronto para o passar a alguém em qualquer altura ou situação.

Passo-lhe a mão pelas costas, em círculos, tento ignorar o facto de ela estar de biquíni.

– Pronto. Acalma-te, matadora... – digo, num sopro junto à nuca dela. – Jamais imaginaria que fosses assim tão sanguinária.

– *Não me orgulho disso!* – lamenta-se.

– Não se nota. – brinco. – Mas pronto, antes de entrares em modo tortura e execução medievais, podemos ao menos tentar outra solução qualquer?

Ela afasta-se de mim com uma fungadela e olha-me nos olhos. O choro deixou os olhos dela num tom água-marinha.

– Tens alguma ideia? – pergunta-me, limpando uma lágrima teimosa e voltando de novo à ação.

– Bom, antes de mais, precisamos de... merda.



CAPÍTULO 15

SAGE

– Merda? – digo.

– Sim, literalmente, merda verdadeira. De preferência de cavalo ou de cão, creio – explica-me ele.

Vê-se que fez a barba há pouco, está ligeiramente corado, tem as covinhas bem formadas e... uma pequena zona molhada na *t-shirt* branca que eu terei produzido com ranho quando me abracei a ele. Apesar do teor escatológico desta nossa conversa, o sorriso torto dele faz-me aquecer o sangue pelas mais variadas razões.

– Esta manhã fui fazer *paddle* – justifico-me estupidamente. – Daí este fato. Voltei para casa e comecei a tratar do jardim e... – Caio no erro de baixar os olhos para a terra revolta e para as flores, todas arrancadas e partidas, e mal contenho um novo soluçar.

– E só viste vermelho, já percebi – diz ele, tentando soar sério. – Sede de sangue. Selvajaria. Assassinato. – Uma pontada de culpa faz-me tremer o queixo, e ele solta uma gargalhada. – Estou a gozar, Byrd. Anda daí. – Passa-me um braço pelos ombros e leva-me do jardim.

Vou mudar de roupa e o Sam e a Indy acabam por esquecer os planos que tinham, passando praticamente o resto da manhã comigo e com o Fisher a desbravar os buracos da marmota. Uma enorme parte de mim gostaria de dizer ao Fisher que esta atividade não é, nem de longe nem de perto, uma das encantadoras tarefas para as quais ele certamente estaria à espera que eu lhe pedisse ajuda, mas a verdade é que ainda me sinto culpada e envergonhada pelo triste espetáculo para conseguir achar-lhe piada.

Estamos já no início da tarde quando a Indy e o Sam vão à sua vida, deixando-me a mim e ao Fisher o encargo de terminarmos sozinhos este bizarro processo de fortificação. Ele começa por me dizer que vamos precisar

de colunas, as maiores possíveis, pelo que, depois de eu enviar uma mensagem aos Andersen a pedir autorização, entramos na garagem deles e saímos de lá com toda uma parafernália de cabos e extensões.

– Música? A sério? – pergunto.

– Não garanto que não tenhas de vir a recorrer a mais violência, mas alguma barulheira e provas claras e inequívocas da existência de outros animais nesta zona vai torná-la muito menos apelativa – explica-me.

– Certo – digo com um encolher de ombros.

Estou convencida de que mal não faz. Pego no telemóvel, mas antes de percorrer as minhas opções musicais, deparo-me com uma série de mensagens, muitas das quais de nomes relativamente surpreendentes.

Um «boa, miúda!» da Bea Marshall?

Uma série de pontos de exclamação e de interrogação da Wren.

Uma do meu irmão Micah com um meme de um lagarto de boca aberta a dizer «Hehehe. Fixe!»

E, por fim, uma da Athena Cirillo; um *printscreen* de uma conversa entre ela e a Venus que inclui uma fotografia ampliada de mim a sair da secção da biblioteca, corada e levando os dedos aos lábios, com o Fisher logo atrás de mim com um inescrutável franzir de testa.

Assim que junto as peças do *puzzle*, o meu estômago faz um mortal à retaguarda. Estão todos a assumir que ando enrolada com o Fisher de um modo mais regular do que alguns beijos na biblioteca... algo perfeitamente permitido a dois adultos, desde que com mútuo consentimento. É óbvio que estas pessoas saltaram cinco degraus nas suas conclusões, mas, porra, porque é que esta sensação *me agrada*? Sinto-as vibrantes e orgulhosas de mim, em vez de compadecidas ou preocupadas ou moralistas. A própria Venus olhou para mim com uma expressão horrorizada quando me viu entrar na biblioteca, e tudo porque tinha acabado de esbarrar no Ian com a Cassidy. OK, acho que ela teve toda a razão em ficar preocupada, porque o meu próprio cérebro congelou de horror nesse momento, mas foi a primeira vez que eu fui confrontada com aquilo! E alguém podia perder as estribeiras! Até já estava a achar estranho não me cruzar com eles. Esta terra é demasiado pequena para ser apenas o destino, disso tenho a certeza. E também houve aquelas atitudes, da Savannah e da Wren, de quase se terem recusado a fazer o bolo de casamento deles; e dos meus irmãos, de terem deixado de falar com o Ian.

Por isso, acho que é bom sentir que estão todos a aplaudir-me, ou entusiasmados por mim perante uma dada situação, mesmo sendo por excesso de zelo.

O meu sangue aquece mais um grau quando me lembro de que o próprio Fisher está à minha frente, à espera de que eu ponha música.

Solto um suspiro bem sonoro para encher o silêncio desconfortável e faço um *scroll* pelas minhas opções. – O que é que achas que as marmotas mais detestam? *Smooth jazz*? – A mim, talvez este estilo de música me ajude a descontraír e a fazer com que o meu coração regresse ao seu ritmo normal.

– Lembra-te de que também *nós* estaremos sujeitos ao género de música que escolheres.

– OK, então definitivamente Kenny G, certo?

Ele ri-se, e eu acabo por escolher uma música instrumental completamente aleatória, antes de lhe fazer sinal para entrarmos em minha casa.

– Vou fazer alguma coisa para comermos – digo, quando já estamos suficientemente longe do chinfrim que mais parece a banda sonora da série *Bridgerton*, e quando já conseguimos ouvir-nos. – Para te agradecer por me teres ajudado. – E também para me dar tempo para ganhar coragem de o pôr a par destes novos mexericos da terra sobre nós os dois.

Fico à espera de que discuta comigo, ou de que simplesmente recuse a minha oferta. Mas a resposta dele surpreende-me:

– Sim, já comia qualquer coisa.

Entramos diretamente para a cozinha, e ele puxa uma cadeira da mesa e senta-se. Fica a olhar para mim, um antebraço apoiado na mesa e uma postura típica de homem, de pernas abertas, ao mesmo tempo controlado e confortável, o que me faz sentir que acabei de engolir algo gaseificado. Ou melhor, como se tivessem deitado um Mentos na sensação gaseificada que tenho sentido – e tentado gerir – nas minhas entranhas. Ele deve ter reparado na minha expressão, já que comenta:

– O que foi? Tu é que me disseste uma vez que gestos desinteressados são coisa que não existe por aqui. Por isso, é claro que te cobro.

E a minha mente escolhe precisamente este momento tão inconveniente para executar alguns elementos da ginástica de solo ao som do seu: *e se eu quiser o bom e lento e prolongado?*

Credo! Tenho o coração a palpar-me na garganta. Preciso de me reencontrar.

– E diz-me lá, como é que sabes tanto sobre... enfim, aquela trampa toda? – lanço-lhe, apontando para o jardim antes de me dirigir ao frigorífico. Não faço a mais pálida ideia do que servir a um *chef* estrela Michelin. Não vou com certeza dar-lhe as sobras do que ele me deu de manhã.

– França – explica-me. – No ano que lá passei, vivi na quinta do meu mentor. Não sei se eram marmotas, mas havia uma série de roedores por lá. Ele obrigou-me a carregar uma bateria lá para fora e a tocar durante um bocado todas as noites, o que talvez fosse simplesmente para o entreter a ele, quem sabe? – Ri-se e parece ficar algo ausente. – O gajo era do piorio no que respeitava ao seu adorado jardim.

Também me rio. Alto de mais, provavelmente, e sem dúvida soando a falso, mas o que é facto é que ainda estou a tentar recuperar a compostura.

– Então? Não devias ser tão crítico com ele – digo. – A criatividade dá imenso trabalho.

– Ele *também* tinha o complexo de deus – observa, erguendo as sobrancelhas.

Atiro-lhe com um tomate-cereja, que ele apanha de forma exímia com a boca, mastigando-o com um sorriso presunçoso. Porra, este gesto não devia ser tão *sexy*...

– Sim, sim, teria mesmo dado cabo daquela sacaninha, se pudesse – admito, ainda vexada. – Finalmente tinha conseguido fazer com que as dalias parecessem promissoras este ano. – Pouso na mesa um sortido de coisas para picar e sento-me virada de frente para ele. *Crackers*, queijos, carnes frias, várias frutas.

O Fisher solta um som de aprovação quando leva uma amora à boca. Fez o mesmo quando há dias provou o *scone*, e pergunto-me se ele sequer tem noção de que a comida surte nele este tipo de efeito. Por uma estranha razão, a constatação serve para me acalmar os nervos. Consigo ficar confortável com esta pessoa, penso. Já conseguimos gerir alguns momentos vulneráveis um com o outro para que isso se verifique. Mesmo que ele ainda nutra sentimentos rancorosos por terras pequenas, não creio que me vá culpar por este novo surto de coscuvilhices, ou sequer ficar chateado *comigo*.

– Posso perguntar-te porquê flores? – diz, cortando-me os pensamentos.

Acabo de mastigar o que tenho na boca.

– Como assim?

Ele recosta-se na cadeira.

– É que... tens ali um grande projeto, demasiado trabalhoso para representar um simples *hobby*. E a maior parte dos jardineiros caseiros adoram plantar tomates e curgetes. Coisas que possam comer.

– E então? Lá por não poder comê-las, não valem o meu esforço ou o meu tempo? – Até eu própria me surpreendo com a acidez no meu tom.

Ele ergue-me o sobrolho, como se eu tivesse revelado algo que não quisesse partilhar.

– Eu não disse isso. Apenas disse que a maioria das pessoas cultiva coisas mais proveitosas, diria. E eu gosto de ficar a saber como é que a *tua* mente funciona, só isso.

Oh.

– Desculpa. Acho que ainda estou meio... – Agito os braços no ar à laia de explicação.

Ele limita-se a assentir, esperando que eu continue. E tendo em conta o que eu já fiz – entre tê-lo beijado na biblioteca, e ter chorado baba e ranho na *t-shirt* dele, e já lhe ter vomitado tanta coisa sobre mim de várias maneiras –, o melhor mesmo é conceder-lhe a mais sincera das respostas.

– Bom, eu comecei por uma horta, na verdade – digo-lhe. – Mas depois descobri que os pepinos crescem melhor quando plantados ao lado de girassóis. Os caules formam uma ótima estrutura para as ramificações dos pepinos, além de os protegerem com sombra. E fui descobrindo outras coisas desse género, tipo, que os morangos se dão lindamente com a borragem porque as suas flores atraem abelhas e outros polinizadores. Mas, de início, foi tudo muito difícil para mim. Tive de aprender a não regar demasiado, e

comprei toda a variedade possível e imaginável de suplementos para plantas, o que acabou por ser mais nocivo do que benéfico. – Rio-me, mas paro quando o vejo olhar-me com uma expressão gozosa. – Mas sobretudo – prossigo –, penso que... ou melhor, sei que quando finalmente plantei algo que teve sucesso foi a primeira vez que me senti... – Tento encontrar as palavras certas.

– Poderosa? Onnipotente? – sugere o Fisher.

– Isso também – brinco. – Mas senti que não era inútil – digo, sinceramente, fazendo-o olhar-me com uma expressão mais séria. – À medida que eu fui crescendo, sempre pensei que não era nada de especial. Não era nem esperta nem burra, nem atlética nem preguiçosa, nem tímida nem extrovertida. E acho que isso também se manifestou a nível físico – rio-me. – Serei loura ou morena? Um bocado de ambas. Não sou alta, mas também não sou baixa. Não sou magra nem curvilínea. Sou uma série de «nem isto nem aquilo». – Sinto o olhar dele fixo em mim, mas continuo: – Nunca me achei capaz de fazer algo de extraordinário. Eu e os meus irmãos limitámo-nos sempre a ir vivendo, tentando alcançar os nossos sonhos individualmente ao longo do percurso. Tudo o que eu sabia era que as poucas memórias que tinha dos meus pais, sobretudo da minha mãe, estavam aqui, e que eu queria ficar perto delas. – Talvez seja precisamente a mesma razão pela qual os meus irmãos nunca quiseram esta casa. Creio que as memórias deles são mais fortes e mais vívidas, tornando tudo mais difícil, enquanto as minhas são mais escassas e longínquas e fazem-me querer agarrar-me mais a elas. – Mas... da primeira vez que eu plantei nesta terra umas florzinhas de nada, senti que tinha contribuído para o mundo com algo realmente belo, e com aquilo que tinha ao meu alcance. Tudo aqui na ponta dos meus dedos. – Atrevo-me a olhá-lo. – E também gosto de pensar onde as flores podem acabar e no que se podem tornar. Em certas alturas, representam pequenos apontamentos de beleza em algo triste e duro, como um funeral. Noutras, tentam expressar num *bouquet* algo que as palavras não conseguem. – Forço uma gargalhada e pego num pedaço de queijo. – Hoje em dia, a maioria das minhas flores acabam cedidas aos negócios ou atividades de Spunes, ou vendidas nos mercados de cá ou de Yoos Bay.

– Como assim, *cedidas*? – pergunta-me ele. – Por que razão não haveria toda a gente de te pagar por elas?

Pestanejo umas quantas vezes.

– Bom, eu acho que não... Não tem importância. Eu *gosto* de as oferecer. Adoro cultivá-las. Não é uma questão de as pessoas a quem eu dou as minhas flores *precisarem* delas.

– Porquê? Porque as flores não as sustentam como, sei lá, os tomates ou as curgetes? – diz ele em tom de desafio, devolvendo-me a minha própria lógica. – Lá por ser uma coisa que tu adoras, não significa que não mereças também ser respeitada ou reconhecida por isso. Por vezes, essas coisas surgem em forma de compensação.

Apetece-me responder-lhe com um cliché do tipo «o dinheiro não compra felicidade», ou que talvez eu goste de as oferecer apenas por gostar de as oferecer, ou pelo orgulho que isso me traz, mas percebo que, neste caso em concreto, soaria algo falso. É claro que eu adoraria fazer carreira disto – cultivar flores profissionalmente –, se pudesse. Adorava ser muito boa nisso e suficientemente bem-sucedida para poder viver desse trabalho.

Mas é precisamente aí que todas as minhas convicções começam a vacilar; quando começo a cair na real, cortando de vez com os meus sonhos inalcançáveis. A realidade é esta: quem sou eu para querer algo maior para a minha vida quando, afinal, tantas vezes me vejo forçada a sentir que as coisas que eu adoro são pequenas e frívolas?

Mesmo que eu diga «quero cultivar flores profissionalmente», isso soa-me inerentemente pouco profissional, porque sou automaticamente transferida para as coisas que o Ian valorizava e pelas quais media a competência – ou a falta dela. Não tenho uma licenciatura em botânica ou horticultura, e também não faço a mais pálida ideia de como se inicia ou se gere um negócio. Passam-me pela mente ecos breves das declarações dele sobre eu precisar de fazer coisas, mais úteis.

Embarcar neste comboio de pensamentos é perigoso para mim; e, assim, arranjo maneira de mudar de assunto.

– Talvez tenhas razão. Mas queres saber a notícia do ano? Pelos vistos, Venus, a bibliotecária, apanhou-te a beijar-me – digo.

Consegui de facto mudar de assunto, mas como consequência acabei por saltar de um penhasco. O Fisher engasga-se com o que estava a comer e desata a tossir, pelo que empurro o copo de água na sua direção e tento suavizar a questão.

– Na verdade, acho que até podemos considerar isto uma boa notícia. Aposto que a partir de agora deixas de ter uma horda de visitas à tua porta – explico. – A vantagem de ser a tragédia da terra é que ninguém vai tentar meter-se entre mim e a minha vontade de me divertir.

Pelo meio de um novo ataque de tosse, o Fisher fulmina-me com o olhar, mas recompõe-se:

– E é isso que *eu* sou neste cenário? Um *divertimento*? – Tosse para o punho uma última vez. – Já agora, creio lembrar-me com uma clareza estonteante de que tu me beijaste de volta.

Limpa a mão às calças de ganga e inclina-se para mim com uma expressão austera, por isso, opto por desviar o olhar da cara dele para a mão. É uma ótima mão, na verdade. Grande e bronzeada, dedos grossos com pontas direitas. Unhas curtas e limpas. Nós dos dedos com uma pele ligeiramente mais escura, como tendo sido macerados. Noto-lhe também algumas cicatrizes, pequenas e esbatidas.

– Sagebyrd – diz ele, como quem diz *melro* ou *tordo*, ou como se eu fosse uma espécie rara e exótica que ele acabou de descobrir e batizou. E, assim, vinda do nada, surge-me a única alcunha que alguma vez adorei.

– O que foi? – pergunto, a expressão cautelosa.
– Desapareceste por um segundo. – Abana a cabeça e afasta o cabelo da cara: – Estás chateada por as pessoas pensarem que andas enrolada com um comum forasteiro, é isso?

Merda. *Claro que não.* Só que não pensei na hipótese de *ele* poder ficar aborrecido.

– Espera lá, tens alguém em Nova Iorque? Não pensei em como isto podia desestabilizar a tua potencial vida amorosa cá, mas não confirmei nada a ninguém, prometo. Claro que posso dizer a verdade.

– *Por amor de Deus*, não! – Não tenho ninguém em Nova Iorque – responde. – Mas digo-te que, se tivesse, o facto de ter enfiado a minha língua na tua boca faria de mim um parceiro de merda. – Engole em seco e eu dou por mim a fazer o mesmo. – E não, por mais que te choque, eu não estava de todo à espera de me envolver fosse com quem fosse neste meu breve desvio da minha vida normal, portanto é-me completamente indiferente ter saído do mercado de Spunes. Aliás... – Levanta-se de um salto e abre o meu frigorífico com o mesmo à-vontade de alguém que eu conhecesse de toda a vida, e não há escassas semanas. – Tens cerveja? – Começa a reorganizar as coisas que tenho na porta. *Fascinante.*

– Claro que sim. Ou não fosse eu do Oregon. Estão aí em baixo – digo-lhe. Ele continua a mexer, e eu levanto-me para ver melhor, mas eis que ele tira uma garrafa de uma das gavetas. – Dá-me uma também, por favor.

O Fisher fecha a porta com o pé e volta-se para mim, uma garrafa de cerveja em cada mão.

– Abre-cápsulas? – pede.

Tiro-lhe uma garrafa da mão e chego-me à bancada, contando que ele se afaste para me dar espaço. Em vez disso, sinto o calor que irradia dele mesmo junto de mim, e pela visão periférica vejo o seu peito elevar-se-lhe quando me sirvo do rebordo da bancada para abrir a cápsula com uma pancada seca. Estendo-lhe a garrafa e pego na outra, roçando o mindinho pela mão dele. Abro a minha, e olhamos um para o outro antes de darmos um longo gole.

– Bom, o que me trouxe cá esta manhã – disse ele, por fim –, foi ver se também me podias ajudar numa coisa. E acho que... Enfim, penso que isto – faz um gesto com os dedos indicando o curto espaço entre nós – pode vir a ajudar. – Dá outro longo gole na cerveja.

Noto-lhe os olhos verdes a viajarem nervosamente pelo meu rosto, a música vinda lá de fora servindo de banda sonora a este momento.

– Então conta lá – digo, por fim, como se não estivesse já interiormente aos saltos de excitação.

Conto à Sage tudo aquilo que a Carlie me disse ao telefone, sobre a suspensão da licença e o atraso do projeto. Ela ouve-me em silêncio, soltando e prendendo o cabelo com uma mola no alto da cabeça umas quantas vezes.

Há pouco, quando entrámos em casa, ela descalçara as botas e as meias, e agora, olhando-lhe para as unhas pintadas de azulão e vendo-a massajar um calcanhar, arrependo-me de não lhe ter pedido na hora para fazer o mesmo. Subitamente, ganho consciência de quão facilmente me deixei inserir aqui e ficar confortável; como a deixei alimentar-me, como remexi no frigorífico dela... *meu Deus*. E ainda tive a audácia de lhe pedir ajuda, implicando um verão inteiro do tempo dela.

– Isso não me parece difícil, Fisher. Não te preocupes – diz-me, conseguindo de algum modo serenar a angústia na minha mente.

– Quer dizer que não te importas de me ajudar a convencê-los a deixarmos acabar os trabalhos? – digo. – Mas a sério, faço questão de que saibas isto: eles estão em cima dos mais entediados dos pormenores. Pelo menos da estrutura toda, interior e exterior.

– De todo o santuário do órgão reprodutor masculino.

– Da *torre panorâmica* – corrijo-a com uma risada.

– Eu acho que a parte mais dura já foi conseguida – observa.

– Oh, não, mais uma piada sobre pilas? – digo.

Ela lança a cabeça para trás e solta uma adorável gargalhada que me faz eriçar os pelos dos braços.

– Por acaso não era – diz-me –, mas caramba, esse sítio vai ser um eterno manancial de piadas do género, isso garanto-te. – Dirige-me um amplo sorriso. – O que eu quis dizer foi que o trabalho mais *difícil*, pronto, já foi feito. Ou seja, a partir de agora já tens um agente infiltrado, e isto porque toda a gente já está convencida de que estamos juntos. Eu estou ciente daquilo que lhes podes oferecer, e sobretudo do que é que pode pesar a nosso favor para conseguirmos dar-lhes a volta; tudo o que precisamos é de alimentar um pouco estes rumores, isto se não te importares com tudo o que isso possa acarretar.

A Sage levanta-se e começa a levar os pratos para o lava-loiças, as sobras para a bancada, guardando-as em saquinhos antes de os guardar de novo no frigorífico. Eu pego nas garrafas de cerveja vazias, coloco-as na reciclagem, e trato de a ajudar a arrumar a cozinha.

– Como por exemplo? – pergunto, abrindo a torneira para lavar um prato. Sinto-me subitamente invadido por uma onda de nostalgia. Tantas conversas importantes que já tive em frente a um lava-loiças.

Ela encolhe os ombros:

– Nem te sei dizer. Talvez sermos carinhosos um com o outro em público? – Volta-se para mim, a ponta das orelhas vermelhas. Ao vê-la mordiscar o lábio inferior, o prato quase me escorrega das mãos.

Esfrego o prato pela segunda vez e concordo firmemente com a cabeça.

– Por mim, tudo bem, claro – digo. – E a que coisas é que te referes

quanto ao que poderá convencê-los a deixar a equipa da Carlie acabar a obra?

– Antes de mais, certificares-te de que contratas pessoal aqui da terra – sugere ela. – Na primeira fase da construção, ninguém conhecia uma alminha que fosse trabalhar nessa obra. – Passa-me o outro prato, com um sorriso doce. Adoro o facto de ela não se sentir desconfortável por eu estar a lavar a loiça. Gosto imenso de me sentir útil. – E só o simples facto de estarmos juntos vai ajudar o teu caso. No fundo, é como se fosses um de nós por afinidade.

Quanto mais ela falava, mas ébrio de alívio eu me sentia. Não me tinha apercebido de até que ponto estava preocupado em não conseguir ajudar a Carlie – e quem sabe a mim próprio.

– Mas eu tenho algumas condições – acrescentou a Sage. – E gostaria de te pedir uma coisa em troca. Sei que não devo dar à espera de algo em troca, mas...

– Mas nada – rio-me. – Tu não precisas de *me dar* seja o que for, Sage. Fico feliz em poder ajudar-te seja no que for. – Até me sinto melhor por também eu poder ajudá-la, na verdade. Acabo de secar os pratos e dedico-lhe toda a minha atenção.

Ela começa a brincar com um dos seus anéis.

– Eu quero concorrer ao festival deste ano – diz, olhando para a mão. – E quero-te como meu parceiro.

– Estás a falar da corrida de canoas? – pergunto.

– Sim – diz-me. – Mas é mais do que uma simples corrida de canoas. Lembras-te de eu te falar noutras provas que determinam a posição de cada um na partida?

– Sim, falaste nisso.

– Pois. Se quisermos partir numa boa posição, teremos de ser mesmo bons nessas provas – diz-me. – Uma deles é um concurso de cultura geral baseado na história da nossa região e com uma série de perguntas exclusivamente relacionadas com Spunes.

– E a outra?

– A outra é... um concurso de culinária – informa-me, a expressão entre um sorriso e um estremecer de apreensão. – Que é baseado a cada ano num recurso específico de Spunes. Tipo o *Iron Chef* ou o *Chopped*, só que escolhem um único ingrediente e temos de o utilizar nos três pratos.

Parece-me haver potencial para vir a ser o meu pior pesadelo.

– Mas porquê? – pergunto. – Porquê um concurso de cozinha?

– Começou como uma forma de embolsar mais algum dinheiro – explica-me ela, contorcendo depois os lábios. – Escolhendo um ingrediente que precisassem de vender.

– Gerar a procura para poder vender? – rio-me. – Ena, ena, afinal Spunes não é assim tão séria e puritana como se quer fazer parecer, hã?

– Basicamente.

Isto é mais do que eu tencionava dar em troca, mas não por nenhuma das

razões que ela supostamente pensa. Será impossível eu recusar a única coisa que eu sei de antemão que consigo fazer – o concurso de cozinha –, e também não tenho medo nenhum de ter de treinar no duro para a corrida de canoas.

Mas uma parceria oficial, presumivelmente misturada com tudo o que pode acarretar o facto de alimentarmos um romance entre nós, bom, isso, sim, deixa-me ansioso para carações. Sempre que estou com a Sage, fico com mais e mais vontade de estar com ela, e também me sinto cada vez mais lixado. É como se o anseio pela próxima vez me batesse forte ainda antes de o momento em que estou com ela terminar, por mais que eu tente combater essa sensação. Só o facto de a ter visto lá fora esta manhã, mal tinha nascido o sol, fez-me sair de casa a correr. E sei a que sabe a boca dela e as coisas fascinantes que dela saem.

Já estou muito melhor na triagem que faço às minhas emoções, e cada vez se torna mais claro que já não conseguiria voltar a ficar entorpecido, ainda que quisesse. Pode não ser prudente colocar-me numa posição que me deixe sujeito a uma dose maior desta atração, uma vez que, no final de contas, ela não tem sítio para onde ir.

No entanto, sinto que até lá o melhor é tentar saboreá-la. Divertir-me, no entanto.

– Disseste que conheces bem os meandros desta cena toda, certo? – pergunto-lhe por fim. – Tipo as regras traiçoeiras, as manhas e tudo o resto com que poderemos deparar-nos.

– Tudinho – confirma-me.

– Ótimo – digo. – É que, se vamos meter-nos nisto, podes crer que não faço a mínima tenção de perder.

Ela solta um grito de alegria e lança-se para mim num abraço vitorioso.

– Vamos ter de criar um plano de treino, e outro de estudo – diz-me, entusiasmada, abanando-me os ombros.

– Sim, claro – concordo. Não consigo deixar de lhe sorrir. – Bom, é suposto eu começar já na próxima semana a parte que me compete da gestão do Starhopper. Quer dizer, era, antes de a licença ter sido suspensa. Por isso, acho que, quanto mais cedo resolvermos isso, mais cedo poderei estabelecer um horário de trabalho.

– Oh, não te preocupes. Vais poder começar a trabalhar não tarda. E eu até já sei como é que vamos conseguir isso.

– A sério?

– Sim – diz ela alegremente. – Vais odiar.

Não tenho a menor dúvida quanto a isso e, contudo, continuo a sorrir.



CAPÍTULO 16

FISHER

– Este tipo de coisas gera um sentido de confiança e comunhão – diz a Sage, mesmo a meu lado. Três dias depois de selarmos a nossa parceria, ela conseguiu marcar esta reunião municipal, à qual chegámos de braço dado. – Levam-nos a debates inteligentes que nos ajudam a prosperar enquanto comunidade. Esta gente não é tão tosca como tu pensas.

– A sério? Será por isso que aquele tipo ali trouxe o seu porquinho-da-índia no bolso? – digo, em tom casual, com um gesto de cabeça para o homem em questão, que aguarda em frente à porta da biblioteca.

– Ah, é o Walters. É o dono do restaurante, mas vai reformar-se no final deste ano. Ou pelo menos é o que ele diz. Já há dois anos que diz a mesma coisa, mas enfim.

– Um gajo que lida com gerbos trabalha com *comida*?! – grito.

– Chiu... A *Pegasus* é uma chinchila! – argumenta ela. – E é claro que não anda com ela no bolso enquanto está a trabalhar.

Não me escapa o pormenor de ela *não dizer* que ele deixa o rato em casa, mas acho melhor não perguntar.

Entramos na assembleia municipal – que pelos vistos se situa no piso térreo da biblioteca – e sentamo-nos na primeira linha de cadeiras em frente ao estrado provisório. Hoje, a Sage traz um vestido de alcinhas preto com flores brancas que se agita sensualmente em torno da sua silhueta. As unhas estão pintadas de um sedutor tom vermelho-vivo. Mantém um anel em cada dedo, mas hoje dá-me a sensação de estarem dispostos de modo diferente – ou talvez sejam anéis distintos dos que eu lhe tenho visto.

Continuam a entrar pessoas. Há rostos que eu reconheço – a cabeleireira, a veterinária e a arrogante Martha O'Doyle. Vejo também os irmãos que conheci na noite do incidente com o robô-aspirador e murmuro ao ouvido da

Sage.

– Eles não se vão armar em espertinhos em relação a nós, pois não? – digo, acenando com a cabeça na direção deles.

Vejo-lhe o brilho na pele da clavícula quando ela solta uma das suas gargalhadas, daquelas que me arrepiam da cabeça aos pés, e instintivamente volto a cara para o lado. Nunca até hoje o *riso* de alguém me provocou uma reação tão visceral.

– Se eles vierem com o seu número dos irmãos ultraprotetores – diz-me –, terei o maior prazer em lembrá-los de que costumavam enfiar-me um capacete e convencer-me a entrar em lutas cabeça de cabeça com as cabras, razão pela qual não têm nenhum direito de reagir como se se preocupassem muito com o meu bem-estar. – Solta um suspiro nostálgico e sorri: – São uns parvalhões na maior parte das vezes, mas não são misóginos. Não interferem nos meus namoros.

Mais umas quantas pessoas que eu não conheço vão ocupando os seus lugares, até que chega o polícia com a noiva. Uma mulher cujo rosto reconheço vagamente da biblioteca dirige-se até ao centro da sala, sorri e pisca-me o olho – Venus, penso que é assim que se chama. Nos últimos dias, para além de a Sage me dar uma série de conselhos e pontos de discussão, tem igualmente tentado que eu decore os nomes das personagens mais relevantes na vida dela.

– OK, não te esqueças de falar no teu plano de contratar o máximo possível de pessoal local para a fase da construção, e do plano de contingência caso o restaurante não fique pronto antes do festival – sussurra-me ela. – É a Athena que dá início à reunião, e que explica o que se está a passar. E de certeza que vão deixar a O'Doyle falar primeiro.

– Certo.

– Não fiques nervoso.

– Não estou nervoso – digo nervosamente.

– Fá-los sentirem-se importantes e integrados, e vais ver que eles também vão querer apoiar-te, prometo. E agora vou beijar-te e mostrar o meu afeto.

– *O quê?! – exclamo.*

– Vou agir como se estivesse mais feliz do que nunca, e tudo por tua causa. Fazer-te ganhar uns pontos, percebes? Tipo, como se estivesse a viver um sonho e a divertir-me à grande. Tipo, que ando muitíssimo bem-fornecida de orgasmos.

Ai, merda, ela murmurou mesmo a palavra *orgasmos* ao meu ouvido? Aperta-me carinhosamente o bíceps e inclina-se para mim.

Alguém começa a falar em frente ao estrado, mas eu estou oficialmente distraído de mais.

– E andas? – pergunto-lhe roucamente. Ergo ligeiramente o queixo e vejo-lhe uma sobranceira tremer de confusão.

– Ando o quê? – pergunta-me, toda ela olhos grandes e pestanudos.

Sinto-me meio pervertido por fazer a pergunta, mas a verdade é que foi *ela* que puxou o assunto, por isso...

– Bem-fornecida de orgasmos.

Não sei se foi da frase, se da rouquidão sensual da minha voz, mas a Sage cora que nem um pimentão. Talvez a mistura das duas coisas.

– Estou sozinha há mais de um ano e meio.

– Isso quer dizer que não?

Ela solta um som escandalizado, mas sorri de orelha a orelha.

– Tenho dado o meu melhor sozinha, mas creio que podia sempre esforçar-me mais.

Uau, que belo contra-ataque. Agora sou eu que fico perplexo, sem conseguir tirar da cabeça a imagem dela a *esforçar-se por isso sozinha*.

A Sage solta uma risada antes de me dar um beijo, que me apanha o canto da boca e o queixo. Sinto que esta miúda *sabe* que me está a torturar. Aperto-lhe a coxa, na zona logo acima do joelho, e deixo lá ficar a mão enquanto vejo a Martha O'Doyle subir ao estrado.

– Walter – rosna.

O homem, claramente confuso, desvia o olhar do seu roedor para ela.

– Esqueceste-te?! – lança-lhe ela. – O projetor!

O Walter salta do seu lugar e passa a *Pegasus* à pessoa do lado como se de uma batata quente se tratasse. Apressa-se até ao fundo da sala, as solas chiando no chão de mosaico. Volta logo de seguida com o projetor na mão, nervoso e desajeitado, a respiração ofegante. Não consigo mesmo perceber a urgência da situação, a sério.

– Ligaste-o à corrente? – pergunta a O'Doyle ao Walter, no segundo em que ele se preparava para se sentar. Os ombros descaídos dão-lhe a resposta.

– Eu trato disso, Martha! – grita alguém.

Volto-me para ver de quem se trata. Do agente Carver, pois então. O menino de ouro. Quando estabelecemos contacto visual, sorrio com uma expressão que, espero eu, resulta num misto de presunção e antagonismo. Ele não mo devolve.

– Luzes! – ordena a O'Doyle.

Ela traz uma tela de projeção com tripé para o meio do estrado e as luzes apagam-se. Mas, assim que a primeira imagem surge no ecrã, a porta da sala abre-se de rompante, deixando entrar a claridade.

– Quem é?! – berra a Martha, piscando os olhos perante a intrusão. – Quem é que chegou mais de dez minutos atrasado?

O perpetrador tem a forma de uma mulher curvilínea, de avental de sarja, um verdadeiro ninho de caracóis louros apanhados no alto da cabeça.

– É a Wren – sussurra-me a Sage ao ouvido, fazendo os pelos da minha nuca eriçarem-se. – A minha melhor amiga e mãe do Sam.

Surpreendente, penso. Não parece ser um dia mais velha do que eu. Por alguma razão, assumi que o Ellis era bastante mais velho. Assim que a Wren vê a Sage, acena-lhe com uma expressão cúmplice.

– Que bom ter-te connosco, Meridian – declara a O’Doyle secamente. A Wren parece ignorá-la, mas ouve-se alguém murmurar qualquer coisa ao fundo da sala.

– Perdão? – diz a O’Doyle. – Há alguém que queira dizer alguma coisa antes de começarmos?

– *Eu disse* – declara a voz, desta vez mais alto, e todas as cabeças se voltam para o Ellis. – Ela continua a ser uma Byrd – declara em tom firme.

Os dedos da Sage enterram-se-me no braço, e a Wren fecha os olhos como se tivesse sido picada.

A Sage levanta-se de um impulso.

– OK, malta, vamos lá continuar! – grita, batendo palmas para atrair as atenções para ela.

– Obrigada, Sage – responde a O’Doyle.

A Wren enfia-se na cadeira vaga ao lado da Sage e aperta-lhe a mão à laia de agradecimento.

Uma sonora paulada faz toda a gente saltar de susto, quando a O’Doyle bate com um longo ponteiro no topo da tela.

O primeiro *slide* mostra uma imagem antiga e granulosa de um casal rodeado por uma vastidão de canoas. A O’Doyle começa então a conduzir-nos pelos primórdios da história de Spunes, exibindo anos e anos de fotografias que incluem especificamente – e propositadamente, diria eu – o velho armazém em tijolo que está agora a ser transformado no Starhopper. Quando ainda mal entrámos nos anos de 1900, eu segredo à Sage:

– Estará ela a tentar entediar de morte toda a gente até nos submetermos à sua vontade? Por que raio é que *tudo isto* é relevante?

Alguém atrás de mim ressona alto, como que a responder-me.

– Certo! – grita a Martha, claramente desagradada. – Perdoem-me por ter querido que ficassem com um panorama completo e inteligível do desastre que nos esperava se não tivéssemos seguido em frente com a decisão de atrasar este projeto. – Clica no comando para o próximo *slide*.

É uma foto recente de toda a extensão do amplo relvado em pleno festival, cheio de gente da terra, turistas, os vendedores nas respetivas barraquinhas.

– Mas, enfim, passo já diretamente ao assunto principal – diz ela. – De modo a mantermos a nossa licença anual para acomodar todas estas pessoas, precisamos de instalações sanitárias adequadas. – Ergue o ponteiro para mim: – Este homem tirou-nos as nossas casas de banho e invadiu o nosso espaço disponível com aquele... aquele... *aquela torre panorâmica*.

– Eu praticamente acabei de chegar – digo. – Não vos tirei rigorosamente nada.

A Sage coloca-me a mão no ombro.

– Consegue garantir que as instalações sanitárias de ambos os lados desse edifício, com acesso ao exterior, evidentemente, estarão prontas a tempo? – pergunta-me a Martha diretamente, com uma nova investida de

ponteiro.

Vejo nisto a minha deixa para começar e levanto-me.

– Hmm... olá a todos – digo para a sala inteira. – Eu represento apenas uma pequena parte deste projeto, mas estou autorizado a falar em nome dos proprietários, pelo menos sobre uns quantos aspetos.

Todos me olham inexpressivamente. A Sage sorri, encorajando-me.

– Ainda que não possa garantir que as casas de banho fiquem prontas a tempo, posso, contudo, afiançar que iremos ampliar e abrir o pátio exterior para serem instalados sanitários portáteis como forma de compensar o espaço que a torre panorâmica vai ocupar. – Olho para a Sage e ela concorda. – Bom... Walter? – Olho para o homem com a chinchila, dono e animal fixando-me com expressões parecidas. – Sei que tem um sobrinho em Gandon que tem uma empresa de WC portáteis.

Ele ergue o sobrolho, nitidamente surpreso.

– Sim, tenho.

– Certo. Ora eu sei que o nosso empreiteiro pretende instalar alguns no local da obra durante o tempo restante até à conclusão dos trabalhos. E precisamente devido a estes inconvenientes, também estão dispostos a arcar com a despesa da instalação de outros, a serem utilizados durante o festival mesmo que até lá as instalações fiquem concluídas.

– Isso seria... fantástico? – diz o Walter, mas não sem olhar em volta para obter validação.

A Sage faz-me um gesto para me lembrar do próximo assunto: contratação das gentes locais para o resto da obra.

– E o empreiteiro também me pediu que vos sondasse a todos no sentido de se candidatarem a vários trabalhos neste projeto, por isso, quem estiver interessado e tiver recomendações, pode passar-mas ainda hoje, no fim desta reunião – digo. – A única ressalva é que é para começar imediatamente.

Recebo um polegar erguido da Sage.

– Existe também uma ameaça adicional que considero grave! – grita a O'Doyle. Clica para fazer surgir o *slide* seguinte: fotografias de beatas no chão, pregos, lixo. Sai de trás do estrado preparada, imagino, para a sua estocada final. – Isto – nova bordoadada no topo da tela – é resultado de nem três meses de trabalhos! Não temos de ser nós a gastar o nosso precioso tempo com serviços de limpeza adicionais, quando temos tanto a preparar e organizar para o festival. Passei horas sem fim a limpar a porcaria toda que veem nestas imagens, mas não tenciono fazê-lo de novo.

Decido-me a refutar:

– Eu creio que se envolvermos o mais possível a comunidade à medida que vamos progredindo nos trabalhos, quer seja elegendo um representante para agir como principal ponto de contacto... – Faço uma breve pausa para deixar que isto cause o seu efeito na Martha. – ... quer também organizando reuniões regulares para debatermos os pontos de situação, enfim, acredito que conseguiríamos eliminar a maioria destes obstáculos. – Foi a Sage quem

escreveu este ponto e sinto-me orgulhoso por tê-lo decorado tão bem. – O empreiteiro também me encarregou de vos dirigir o seu pedido de desculpas em relação a todo este lixo, e garantiu que a partir de agora estará totalmente empenhado em que estes problemas não se repitam.

Deixo que as pessoas troquem olhares silenciosos entre si e preparo-me para apresentar a minha argumentação final:

– Resumindo, comprometendo-nos nós a assegurar que a questão dos WC terá a solução mais adequada, e prometendo manter a comunidade o mais envolvida possível nas restantes fases do nosso projeto, foi-me pedido que, por uma questão de respeito para com este município, obtivesse a vossa autorização para que seja levantada a suspensão da licença. Como poderemos votar? – acrescento, com um sorriso confiante.

– Às terças-feiras pode haver tacos no seu restaurante? – pergunta alguém lá atrás.

– Hmm – digo –, ainda não sei.

– Mas disseram-nos que era você que decidia a ementa – outra voz vinda do fundo.

– E sou, mas...

– Eu acho que tem de haver terças-feiras de tacos.

Esforço-me por endireitar os ombros.

– Alguma preferência pelo tipo de tacos? – pergunto.

– Eu acho que devia ir mudando. Não tem de ser sempre a mesma coisa todas as semanas. – Reparo que foi a Wren quem disse isto.

– OK, negócio fechado. Terças-feiras de tacos incluídas na ementa – concedo. Creio que terei a autoridade necessária para tornar isto oficial.

– Então e as sobremesas? – Reconheço a voz da Venus, a bibliotecária.

– Como assim? – digo.

– Bom, eu acho que algumas das sobremesas que servir deverão ser fornecidas pela Savvy's. Por uma questão de apoio à comunidade – diz a Athena, gerando sons de concordância na sala toda.

– Sim, claro. Acho ótima ideia.

– E *brunches*?

– F... – contenho-me a tempo de não responder com um palavrão o que qualquer *chef* que se preze pensa sobre os *brunches*.

– *Brunches* para quê, malta? – intervém a Sage em minha defesa. – Já temos a Savvy's e o Bean, certo?

Alguns resmungos discordantes, mas nada de mais.

– Calculo que esteja previsto para breve a encomenda da mobília para o restaurante? – pergunta finalmente a O'Doyle, agora curiosa e menos bélica.

– Sim, esse será sem dúvida um dos próximos passos – digo com um sorriso de alívio. Quer dizer, acho que sim. Aliás, claro que sim, se isso me ajudar a andar com isto para a frente.

– Vamos lá falar então das mesas e das cadeiras...

Sair da biblioteca de mão dada com o Fisher transmite-me um sentimento tão intoxicante quanto precário. A Serena e a Bea merecem um óscar pela subtileza dos sorrisos orgulhosos que me dirigem. A O'Doyle continua carrancuda, mas, para já, parece ter ficado satisfeita. Até mesmo o Walter e o *Pegasus* se despedem de mim com expressões impressionadas. A Wren mal contém a sua excitação, apesar daquele embaraço público com o Ellis.

– Sempre passas lá na pastelaria esta semana? – pergunta-me ela, os olhos muito abertos fixos nos meus.

Não me lembro de ter combinado nada com ela, mas sei reconhecer uma dica quando a oíço. Nos últimos dias mal tenho falado com ela, muito menos conseguido pô-la a par de tudo isto.

– Sim, claro. Ligo-te mais tarde. – Ela dá-me um aperto carinhoso no braço antes de se afastar.

Estou doida para conseguir arrastar o Fisher para o parque de estacionamento, para tentar perceber como é que ele se sente com as promessas todas que teve de fazer para vencer esta guerra, entre as quais permitir à Martha a sua opinião sobre a decoração e aceitar que ela recomendasse uns primos dela para alguns dos móveis, ou dar autorização aos habitantes da terra para eventualmente alugarem o espaço para eventos maiores. Mas eis que vejo o Silas à nossa espera. Já sabia! No momento em que ele me vê a tentar levar o Fisher na direção oposta, chama-nos.

– Merda... – murmuro.

– O que foi? Não disseste que te estavas nas tintas para o que eles pensam? – diz-me o Fisher, percebendo para quem estou a olhar.

– E estou. Mas quero ver se te poupo a mais cenas... sei lá, intrusivas? Achei que, depois do que já passaste, gostarias de ser poupado.

Ele ri-se, abana a cabeça e solta um suspiro:

– Está tudo bem, Byrd. A sério.

Parece-me sincero, mas já começo a sentir que estou a ficar em vantagem no nosso acordo.

E vejo-me subitamente impedida de dizer mais uma palavra sobre este assunto quando alguém enfia um telemóvel no espaço entre os dois.

– Mas que porra é esta, Silas? – atiro ao grande parvo que segura o telemóvel.

– O Micah quer ver como é que ele é – justifica-se ele.

– O Micah no FaceTime? Essa é boa! A mim não respondes sequer a uma simples mensagem, mas para o Micah já tens todo o tempo do mundo? – queixo-me para as costas do telemóvel, como se fosse o meu irmão amoroso. O Silas vira-o na minha direção, a dois centímetros do meu rosto.

– Pelo menos este é melhor do que o Ian, devo dizer – é a resposta que

obtenho do meu irmão Micah.

– *Ele* está a ouvir-te, e só o viste dois segundos, Micah. – lanço-lhe.

O Silas vira o telemóvel para si próprio e desliga sem sequer se despedir. Zero de educação e uma chocante falta de tato, como era de esperar.

– Estou doido por poder dizer um dia aos meus sobrinhos e sobrinhas que fui eu que vos juntei – diz, sorrindo para mim e depois para o Fisher.

Ai, não, para mim chega.

– Para mim, morreste – rosno-lhe, tentando arrastar o Fisher para a carrinha.

– Mas no fundo, no fundo, o responsável por isso foi o aspirador-robô, certo? – insiste o Silas.

Eu mato-o, juro que o mato. Pego numa navalha e rapo-lhe uma tira de cabelo quando estiver a dormir, tal como ele fez ao Micah quando ele tinha treze anos. Eu...

Espera lá...

Olho para o Fisher, que continua impávido perante tudo isto... E pior, ri-se! Ri-se a bom rir, numa gargalhada gutural que lhe contorce o rosto todo. Esta última hora deve ter representado o seu pior pesadelo. Uma reunião municipal verdadeira. Ter de negociar com um bando de metedidos e coscuvilheiros. Familiares prepotentes a esfregar-se na cara dele. E, contudo, age como se toda esta situação não o tivesse afetado minimamente.

Retira gentilmente a mão da minha e estende-a para apertar a do Silas.

– Prazer em ver-te de novo... Silas, certo?

– Sim. E tu és Fisher Lange. Eu pesquisei-te na *net* – informa-o o meu irmão. Porque parece retirar prazer em deixar as pessoas desconfortáveis.

O Fisher mostra-se inabalado, mas eu sinto-o tenso a meu lado.

– E encontraste alguma coisa interessante? – pergunta ele ao Silas.

Percebo que o Silas sente o meu olhar a fulminá-lo, mas nem olha para mim.

– Bom, és um figurão, devo dizer. Demasiado importante para esta terrinha, isso de certeza – diz-lhe o Silas.

Continuam ambos a apertar as mãos um do outro ao ponto de os nós dos dedos ficarem brancos.

– Agradeço a informação – responde-lhe o Fisher em tom casual.

Reparo que a expressão do meu irmão endurece um pouco. Sinto-me como se estivesse a assistir a uma conversa em código.

– O que é que se está a passar aqui? – pergunto, já no limite da minha paciência.

O Silas é o primeiro a ceder, com um dos seus sorrisos descontraídos, familiares.

– Nada de nada, miúda. Fico feliz por teres arranjado um companheiro para o verão. Tudo indica que vai ser uma época de incêndios caótica, por causa da seca, por isso não me vais ver muito por aqui. Nem ao Ell, aliás.

Perscruto a expressão dele de muito perto, tentando perceber o que é que

me está a falhar. O Silas foi o único de nós a herdar os olhos azuis do nosso pai, o seu cabelo louro escuro e ondulado, num corte que eu carinhosamente descreveria como um *mullet* moderno. É sem dúvida o mais bonito, temperamental e impulsivo de todos nós.

– Tem cuidado contigo – digo-lhe, como sempre digo.

Normalmente, ele responde-me «podes crer que sim». Mas, desta vez, ergue o sobrolho e diz-me em tom de aviso:

– E tu também, Sage.



Conseguimos chegar à carrinha sem que mais alguém nos detenha. E, antes de eu me lançar no rol de pedidos de desculpa que tenho pensado para o Fisher, ele pergunta-me:

– Posso ser eu a guiar?

Solto uma risada falsamente ofendida:

– Não gostas do modo como eu conduzo?

– Não é isso. Quero é ter algo que me ocupe as mãos.

Estará ele a provocar-me? Confesso que preciso de um esforço hercúleo para não me rir como uma parvinha de cada vez que o oiço dizer uma coisa deste género. E acho que devo ter a libido de um camionista, porque só oiço a minha mente gritar: *Eu dou-te algo com que ocupares as mãos!*

Estendo-lhe as chaves da carrinha e reprimo um arquejo quando ele me agarra o pulso com força, puxando-me para si até ficarmos testa com testa.

– Obrigado – diz, sorrindo-me sedutoramente. – Se é para fingir, é para fingir, certo?

– O quê?... – pergunto, mas ele beija-me o canto da boca, a barba rala arranhando-me a cara...

E é aí que vejo o Ian e a Cassidy a olharem para nós, segundos antes de ele me tirar as chaves da mão e de entrar para trás do volante.



No regresso a casa, eu bem tento manter-me num silêncio confortável, mas segundos depois de sairmos do estacionamento já estou a desculpar-me:

– Desculpa a cena do Silas. Foi tudo muito estranho e nada habitual nele. Bom... – concedo – ... não me refiro à presunção, que essa é mesmo a praia dele, mas sim à energia estranha, àqueles maneirismos...

– Ouve, Sage, se tencionas continuar a pedir-me desculpa por tudo... bom, isto perde a piada toda – diz-me.

Observo-lhe o perfil, com a belíssima vista da costa a passar em fundo.

– Ah, quer dizer que estás só a querer divertir-te? Não estás minimamente chateado com as nossas artimanhas até agora? – pergunto-lhe, esperançosa. Até que percebo que ele conseguiu, mais uma vez e com a destreza habitual, evitar o assunto, pelo que acrescento: – E, já agora, o que é que foi aquilo há bocado?

Vejo-lhe o biceps fletir-se ao virar o volante.

– Acho que o teu irmão só quis mostrar que sabe que eu estou cá apenas temporariamente.

Ah, deve ter sido por isso que ele me deixou aquele aviso a mim também.

– Mas queres saber uma coisa? – perguntou ele, em voz débil.

– Claro, diz.

– Ver-te a embirrar com ele deu-me uma saudade enorme da minha irmã – diz, e aclara a garganta. – Lembrei-me de que também eu lhe ignorei chamadas pelo FaceTime...

Sinto um calor no peito. Cravo as mãos nas coxas, tal a vontade de o puxar para mim e o abraçar.

– Ela sabia que tu a amavas. Tenho a certeza disso, Fisher. Os irmãos sabem sempre, acredita.

– Espero que sim – diz-me, tristonho e desgastado. – Sei que nem sempre fui um bom irmão. Nem tio, aliás. Tenho de fazer melhor.

Regressa-me o calor no peito porque *isto* é algo em que eu sei que posso ajudar. E é também uma forma de garantir que os benefícios deste nosso acordo sejam equilibrados.

– Eu posso ajudar-te com a Indy – digo-lhe, mas tentando não soar desesperada. – Quero dizer, ainda não sei exatamente como, mas sei que posso ajudar. Não sei precisamente o que ela está a sentir, claro, mas pelo menos sei o que é ser-se uma rapariga que perdeu a mãe.

A boca curvou-se-lhe no esboço de um sorriso.

– Obrigado. Quanto a isso, preciso de todos os conselhos que me queiram dar.



CAPÍTULO 17

FISHER

– *A sério?!* – exclama a Indy. – Porque é que não vamos antes até uma vila próxima? Sei lá, tentamos encontrar vida inteligente e uma Target?

Desligo a ignição no parque de estacionamento da O'Doyle's e, pelo retrovisor, dedico um olhar de sobrolho franzido à minha sobrinha. A Sage poupa-me a ter de lhe responder.

– Embora tenha de te dar razão, acontece que temos de lhe comprar um fato de mergulho e, a ti, material escolar. E esta é a única loja suficientemente estranha para vender ambas as coisas – explica-lhe ela, imperturbável.

A Indy ri-se, parecendo satisfeita com a resposta, o que me faz sentir que preciso desesperadamente de andar com um bloco de notas. Ontem à noite, lembrei-me de perguntar à Indy se ela e o Sam eram namorados, e pelo zombar nasalado, horrorizado e enojado que recebi, pensar-se-ia que lhe tinha perguntado algo bem mais íntimo. Tomo uma nota mental: *os adolescentes só reagem bem ao sarcasmo.*

Mas, como seria de esperar, em breve se prova que estava enganado. Com a Sage, não é apenas ao sarcasmo que a Indy reage bem. Responde às perguntas sinceras que ela lhe faz com igual franqueza e à-vontade. Conversam sem réstia de aspereza ou acidez por parte da Indy.

E formam uma equipa cúmplice, gozando-me e provocando-me em relação a uma série de coisas.

Ainda assim, e se bem que esse nível de conforto ainda não se aplique a mim e à minha sobrinha, vê-las a interagir desta forma dá-me uma renovada esperança.



Depois das compras, vamos ao Walter's encomendar hambúrgueres e batatas fritas e, por sugestão da Sage, acabamos no parque próximo do Starhopper. Entramos num espírito de conversa agradável, silêncios confortáveis e borbulhantes de palhinhas nas nossas bebidas.

Quando a Indy começa a fazer perguntas à Sage sobre os seus variados *piercings* nas orelhas, a minha mente decide vaguear pelo tema «comida» – ainda que esteja tão cheio que precise de me recostar no banco para me sentir confortável. Estou a pensar passar outra vez pela loja e trazer mais uma caixa de amoras, uma vez que as que tenho visto e comprado não sabem tão bem como as que a Sage tinha em casa. Tenho andado a magicar num molho de amora para um hambúrguer do menu do Starhopper, mas também num bolo de creme de limão que costumávamos servir no Marrow. Só que, em vez do toquezinho a ruibarbo que costumávamos acrescentar, penso em fazer alguma coisa com aquelas amoras... talvez com um creme de chocolate branco a acompanhar.

Continuo na minha desconstrução mental quando a Sage me pergunta:

– Quando é que decidiste furar as orelhas?

Pestanejo umas quantas vezes e acordo do meu devaneio gastronómico. *Quando foi a última vez que me deu para este tipo de divagações?*

– Aos quinze anos – rio-me. – Porquê?

A Sage afasta a bebida da sua frente e pousa os cotovelos na mesa de piquenique.

– Não sei, parece-me que se trata de uma decisão algo específica, não? Quase sempre acompanhada de outras do género, como tatuagens, por exemplo.

– Ai, sim? Então mostra-me lá as tuas tatuagens – digo-lhe, apontando com a cabeça para os quatro ou cinco brinços que ela tem em cada orelha.

– *Touché* – responde-me ela.

A Indy resolve intervir:

– A minha mãe dizia que tu eras gozado por causa das tuas orelhas, quando eras criança. – Vejo-a a abrir muito os olhos, como se se sentisse mal por ter partilhado demasiada informação.

– Sim – respondo rapidamente, rezando para que ela não perca a audácia. – Aos nove anos, as minhas orelhas já tinham o tamanho que têm hoje. Olhando para trás, parece uma parvoíce, mas acho que, na altura, foi a maneira que escolhi para mandar esses putos todos à merda.

– Só nos dói se deixarmos – comenta a Sage.

Pela forma como ela me olha, percebo que consegue ver-me por dentro, que me conhece bem de mais, que talvez compreenda muito para lá do facto de eu ter sido vítima de *bullying* por ter orelhas grandes. Desconfortável, mexo-me no banco.

– E já agora, como sabes que não tenho tatuagens? – digo, na esperança de conseguir esquivar-me às consequências daquele olhar. – Talvez estejam em partes do meu corpo que ainda não viste.

A Indy solta um grunhido desagradado:

– *Por favor, poupa-me a esse tipo de bocas, OK?*

Fora ideia da Sage trazer a Indy connosco às compras, quando ontem nos veio pedir que a ajudássemos a plantar um canteiro de tulipas. Inclinará-se para mim quando enterrávamos os bolbos na terra e dissera-me: «Mostrarmos confiança também nos faz ganhar a do outro».

A Indy parecera indiferente àquilo tudo. «Faz-se o que for preciso para despachar o trabalho, acho eu», dissera com um encolher de ombros.

– Vou até à Savvy's ter com o Sam, pode ser? – diz-me ela agora.

– Sim. Claro. Com certeza. Vai lá – respondo, completamente chocado por ela sequer me ter pedido. Pelo canto do olho, vejo o sorriso divertido da Sage. – Encontramo-nos aqui mais tarde, ou... enfim, como preferires. Só te peço é que nos digas alguma coisa, OK?

A Indy assente, vira costas e segue na direção da pastelaria.

Volto-me imediatamente para a Sage e a sua expressão cúmplice.

– Que tal um passeio? – sugere.

– Claro.

Limpamos a mesa de piquenique, deitamos tudo no lixo, e sigo-a pelo trilho que ladeia o parque. Hoje, ela traz uma parte do cabelo apanhada, mas o vento insiste em desfazer-lhe o penteado e algumas madeixas chicoteiam-lhe o rosto e caem-lhe sobre os ombros sardentos. Mas não parece importar-se, continua com aquele sorriso de há pouco cravado no rosto, distraída quiçá pelo seu próprio subconsciente. Volto ao meu pensamento anterior: como é que ela entra em mim tão rapidamente, na minha cabeça e noutras partes vitais? E também não consigo deixar de pensar como raio é que eu consigo afetá-la a ela também. Mas desde logo me regressa o remorso, porque... de que é que tudo isto serve? Não me posso esquecer de que me vou embora no final deste projeto.

– Mudaste de novo o verniz das mãos – observo; um comentário totalmente inocente para preencher o silêncio.

Ela estende a mão à sua frente, como que a confirmar. Hoje, as unhas estão de laranja-claro.

– Reparaste?

– Passas a vida a mudá-lo, certo? – digo com um encolher de ombros. Mas, ao vê-la sorrir, sorrio também.

– É verdade – diz. – A Wren acha que eu sou maluca, mas, sim, acho que mudo o verniz umas três vezes por semana. Relaxa-me.

– O dos pés também?

– Tens fetiche por pés? – goza-me ela, com uma adorável expressão desconfiada.

O meu fetiche és tu, penso e, felizmente, engulo a resposta antes de a deixar sair.

– Sinto curiosidade por ti, só isso. – *E, por favor, continua a deixar-me entrar na tua mente. Fazes com que pareça um sítio divertido.*

– Sim, na maior parte das vezes também mudo a cor dos pés. – O ombro dela roça-me o braço e aquele breve calorzinho pegajoso prolonga a coisa um segundo a mais, deixando todos os meus sentidos em queda livre. – E também costumo ler – prossegue. – Ou escrevo no meu diário. E tu? O que é que fazes para relaxar?

Eu dizia-te o que mais gostaria de fazer para relaxar.

– Faço exercício, sobretudo. Vejo televisão. O normal.

– Programas de culinária? – pergunta-me.

Reajo como se tivesse levado um murro no estômago.

– Não! – digo bruscamente, contendo um arrepio.

– É assim tão mau? – ri-se ela. – Deve ser o mesmo que cirurgiões verem séries passadas em hospitais. Não aguentam ver os outros a fazerem merda?

Chegamos ao cruzamento onde se pode virar diretamente para a porta do Starhopper e decido lá ir, subitamente ansioso para lá entrar e proteger-nos um pouco deste vento e do calor. Disse-lhe que tinha curiosidade por ela, e ela conseguiu mais uma vez virar o bico ao prego e fazer de mim o cerne da conversa. Tiro do bolso as chaves do restaurante, aclaro a garganta e tento explicar-me.

– Sim, por vezes é isso, mas nem toda a gente faz coisas particularmente más ou pouco realistas. E também não fazem nada de arriscado, como no caso das séries passadas em hospitais. Eu é que... – Franzo a testa e aliso uma sobrancelha. – Eu próprio não faço nada de importante, por isso parece meio ridículo afirmar que esses programas de culinária me causam... ansiedade. O som metálico dos tachos e panelas, vozes aos gritos, calor e fumo e vapor. Quando estou a trabalhar, fico o mais entorpecido que me é possível, por isso, para quê dispor-me a sentir-me assim no meu tempo livre? – Reajo quando os dedos frios dela me tocam no antebraço.

– O que é que te leva a afirmares que não fazes nada de importante? – quer saber, a testa franzida de preocupação.

Solto uma risada forçada quando finalmente nos aproximamos da porta.

– Eu não salvo vidas, Sage. Nem me exponho a nenhum perigo. Limito-me a fazer merdas pretensiosas através de métodos demasiado complicados.

Ela parece ficar arrasada com esta frase, e fico sem saber se me apetece dizer algo sarcástico para retirar o que disse, ou enterrar o rosto no pescoço dela e deixá-la reconfortar-me.

– Eu acho que literalmente todos os acontecimentos importantes na nossa vida são festejados em torno de comida, seja lá de que maneira for – diz-me. – Não achas que isso é importante?

– Eu não faço *comida*. Não... não faço as coisas de que tu precisas para sobreviveres, para te *sustentares*.

– Talvez não, mas na sua essência é o que acabas por fazer! Muitas pessoas não querem apenas comer. Muitos de nós tentamos *alimentar-nos* de algo, sei lá, algo de diferente, algo *mais*, quando vamos a um restaurante – diz

de forma enfática.

Chegados à porta do Starhopper, abro-a e faço-lhe um gesto para que entre à minha frente. Ela continua de olhos fixos em mim.

– Como é que podes dizer aquelas coisas todas sobre eu plantar *flores* e não sentires o mesmo em relação ao que fazes? Principalmente quando já deste todas as provas de que o fazes *bem*. Recebeste prémios por isso, Fisher!

– Andaste a googlar-me? – digo, com um gemido. Calculei que o faria depois de o irmão ter trazido o assunto à baila no outro dia.

Ela cora.

– Ora... que se lixe. Queres mesmo saber? Sim, claro que te pesquisei. Logo depois daquele nosso dia na biblioteca.

Ela ergue os braços e depois deixa-os cair nas coxas, e eu tento lidar com o facto de ela já saber de tudo há mais tempo. E isso nunca afetou a nossa relação?

– Eleito o *chef* mais promissor aos vinte anos pela Food & Wine?! – continua. – Nem sequer tinhas idade legal para beber!

– *Legal*, disseste bem – murmuro na brincadeira.

– Um prémio James Beard aos vinte e dois? Ah, e, já agora, tens *três* estrelas Michelin, porra!

Avanço até à entrada, ainda que o que procuro seja mais uma saída de emergência para fugir a este assunto.

– Exato. E não.

– Exato o quê? – diz-me, já quase num berro, seguindo-me e apanhando-me pelo antebraço, forçando-me a voltar-me para ela.

Os seus olhos continuam vivos e brilhantes e vejo uma veia saliente a pulsar-lhe na testa. Sinto-me perdido e confuso. Comecei esta conversa no sentido de tentar saber mais coisas acerca dela, e é ela que me deixa exposto, nu e cru.

Não faço ideia de como é que chegámos aqui, mas sinto o coração a galopar-me no peito só de a ter tão perto de mim. E estou quase, quase a dizer-lho. Vou dizer o que sinto e mostrar-me tão patético como me sinto.

– Pois – digo, em vez disso –, é *precisamente* por isso que não tenho a mais pequena razão para me sentir tão infeliz. Consegui o que queria. Realizei um sonho, e isso pareceu-me tão miseravelmente oco. E, mesmo assim, depois ainda consegui lixar mais as coisas. – Suspiro umas quantas vezes antes de acrescentar: – Não faço ideia do que é que descobriste a meu respeito, mas imagino que também tenhas sabido que perdi uma dessas estrelas.

Vejo-lhe a tensão desvanecer-se, tudo nela a ficar mais brando. Até que faz uma coisa que eu não antecipei. Não tenta dizer algo que a desculpe ou lhe justifique os atos, não tenta sacar-me mais informação e também não me diz que tenho razão. A expressão meio zangada esvai-se-lhe totalmente, chega-se a mim e dá-me um abraço.

É tortura. É agonia. É êxtase. Como é que o abraço de alguém consegue

deixar-nos com a sensação de que estamos prestes a estilhaçar-nos?

Os braços dela rodeiam-me as costelas e cruzam-se sobre a minha coluna. Sinto as suas mãos fecharem-se em punhos e a empurrarem-me ligeiramente para ela, como uma espécie de manobra de Heimlich, mas ao contrário.

Solto um longo suspiro e cedo, pousando a face no topo da sua cabeça. O seu aroma invade-me os sentidos – cítrico e doce, como aqueles patéticos *marshmallows* extravagantes que um dia fizemos sob o mote «*snacks* para fogueiras», no meu primeiro trabalho como *sous chef*. Quadrinhos de *marshmallows* de flor-de-laranjeira mergulhados em chocolate e polvilhados com pistácios partidos.

– Obrigado – digo roucamente para o cabelo dela.

O riso com que me responde vibra dentro de mim.

– Por quê?

– Pelo abraço – digo. – E por não me dizeres que eu sou um sacana de um privilegiado, ingrato e choramingas.

O cabelo dela prende-se na minha barba de muitos dias quando ela se afasta para olhar para mim.

– Eu não acho nada disso. De maneira nenhuma, Fisher.

Com o polegar, afago-lhe o espaço entre as sobrancelhas e tenho de me conter para não lhe tocar nos lábios. Tudo no meu corpo se sente tentado a tocar nela. Demoro-me a olhar para a sua boca, e sinto-a a sustentar a respiração. Por um momento penso nisso, em beijá-la, e quase me parece que estamos numa bolha, mas... não. Ela só quis reconfortar-me e eu não posso confundir as coisas, muito menos aproveitar-me dela. Desembaraço-me dela com gentileza e um sorriso de gratidão no rosto, antes de poder fraquejar ainda mais, e volto-me para o resto da divisão.

– Queres conhecer o espaço? – pergunto, com um gesto largo da mão.

– Claro – diz-me ela com um olhar que não consigo decifrar.

O restaurante principal ainda é uma tela em branco. As placas de reboco e a caixilharia já estão, mas o sobrinho do Walter é o pedreiro e ficou de começar esta semana os trabalhos de reparação nas zonas de tijolo exposto. A Carlie também contratou um dos irmãos da O'Doyle para as canalizações, e a irmã para a pintura de interiores.

Na nossa última conversa, a Carlie disse-me que a cúpula da torre panorâmica era a única coisa que já estava praticamente pronta, uma vez que estivera a cargo de uma empreitada mais específica.

– Parece que existe uma cervejaria em Bend que tem uma coisa destas – digo à Sage, apontando para o caixilho de uma das janelas da torre. – A Carlie até brincou que podem ter-lhe dado *brownies* psicadélicos sem ela perceber quando lá estive, mas que se tratou de facto da experiência mais imersiva que ela viveu. «Boa comida, amigos, e uma viagem pelo tempo e pelo espaço», estou a citá-la.

– Já gosto dela. Parece-me sensata – diz a Sage.

– Iria adorar-te, disso tenho a certeza – digo. E aponto para a torre panorâmica: – Subimos? O elevador ainda não está a funcionar, mas dá para ir pelas escadas.

Saímos e subimos a escada em caracol que envolve o exterior da torre, parando na plataforma do segundo andar para apreciar a vista. A Sage olha em volta e sorri amplamente para si própria. Talvez naquilo que eu vejo como um mar bonito ou uma extensão de relva verde ela esteja a ver memórias e muito mais.

– E dizias-me tu que isto não é encanto oculto? – observo, olhando para a sua expressão. *Ela* encanta-me de todas as maneiras possíveis.

– Tudo bem – concede-me. – Talvez tenha algum, sim. – Põe uma madeixa para trás da orelha. – Então porque é que as detestas tanto?

– Detesto o quê, as terras pequenas?

– Sim – diz-me, olhando-me com a cabeça inclinada para o lado, atenta que nem um mocho.

– *Detestar* – digo – talvez seja um termo demasiado forte.

Ao ver que nada mais acrescento, ela incentiva-me a continuar, mas eu opto por tirar o telemóvel do bolso e procurar o código da porta, fazendo-nos entrar.

Deixo que os meus olhos se ajustem à luz interior. Chãos de lousa azul-escura unem-se a paredes pintadas a condizer, com formas labirínticas desenhadas a todo o redor.

– Talvez a Carlie estivesse *mesmo* sob um efeito psicadélico quando decidiu fazer isto – murmuro, na esperança de que uma piada evite eu ter de responder à pergunta dela. Mas vejo-a a dirigir-me um olhar astuto, e deixo escapar um suspiro.

– Eu não detesto terras pequenas – concedo-lhe. – Só acho que elas tendem a conter um lado negro que a maioria das pessoas não considera.

– Importas-te de... desenvolver?

Importo, quase lhe digo. Mas já me abri completamente:

– Acho que tudo teve início quando eu era bem mais novo e comecei a reparar nas coisas. Tipo... quando eu era criança, os meus pais abriram uma loja, especializada em sanduíches. Não uma cadeia, apenas uma lojinha, uma coisa muito familiar. A minha irmã e eu fazíamos *stroopwafels* em casa com a minha mãe e trazíamo-los para a loja todos os dias. – Ela olha para mim como já sabendo onde esta conversa vai dar, a expressão doce e solidária. Seja como for, prossigo na mesma: – Ninguém queria ter estrangeiros a abrirem negócios por lá. A loja chegou a ser vandalizada por um grupo de adolescentes imbecis, certamente a mando dos pais. – Solto uma risada amarga: – Os meus pais não pretendiam de modo algum prejudicar os negócios alheios. Queriam apenas partilhar algo que adoravam fazer e, já agora, conseguir viver disso. Não estavam propriamente a tentar monopolizar a América insípida. Mas, a julgar pela loja sempre às moscas, tudo parecia indicar que sim. E isto porque havia outra família que era dona de uma pastelaria uns quarteirões mais abaixo. –

Mexo na lona protetora de um dos telescópios. – Fomos à falência em menos de um ano.

»Depois disso, acho que sempre me senti à margem. Percebi como as terras pequenas e as mentes tacanhas conseguiam ser. Fui vítima de *bullying* na escola. Tinha extrema dificuldade em fazer amigos. Não estava a tentar ser o atleta popular que atinge o auge no liceu, por isso nunca me consegui integrar muito bem – acrescento amargamente. E mordo a língua para não ter de lhe contar também o caso da Freya, de como ver a forma como a destravam me deixava furioso e com mais e mais ódio por aquela terra.

– E foi por isso que decidiste ir para uma escola de culinária? – pergunta-me a Sage.

– Provavelmente, sim – digo com franqueza. – Não havia muito em termos de restaurantes finos, já que mesmo as nossas opções banais eram limitadas. – Acabo de dar uma volta à sala e volto para Sage, ficando cara a cara com ela. – Lembro-me de pensar que, se me tornasse melhor do que essa gente, alguém *especial*, então também seria mais feliz do que eles.



Um alvoroço no exterior chama a nossa atenção para a porta no momento em que a Indy, o Sam e uma rapariga entram na divisão. Parto do princípio de que o Sam conseguiu detetar a localização da Sage, tal como ela fez naquela noite em que andámos à procura dele. A Indy apresenta-me a Blake, que a Sage já conhece por ter sido sua professora.

– Posso ficar com eles o resto do dia? – pergunta a Indy.

– Claro. – Oxalá conseguisse dizer-lhe como fico orgulhoso de a ver tão aberta e disponível para fazer amigos, mas o receio de ser atingido por um olhar furioso e humilhado impede-me. – Só não chegues a casa muito tarde, OK? – acrescento. – Amanhã temos todos de acordar cedo e bem precisamos de descansar.

– Isso mesmo – diz a Sage com o seu radioso sorriso-assinatura. – Vocês começam a escola de verão, e nós começamos oficialmente os nossos treinos.



CAPÍTULO 18

SAGE

Numa chocante reviravolta nos acontecimentos, vejo-me de novo acordada antes do nascer do sol. Mas hoje, creio eu, é da excitação.

Não posso dizer o mesmo do Fisher.

Beberrico do meu café quando o vejo atravessar o descampado, de fato de mergulho na mão e passada claramente letárgica. A *Sable* também mostra o seu agrado por vê-lo, dando saltinhos no chão em mosaico da nossa salinha. Abro a porta lateral antes de lhe dar tempo de bater, e ele pestaneja como se eu lhe tivesse apontado uma lanterna para a cara.

– Porque é que não estás vestido? – pergunto, num tom que tentei que fosse suave mas que me saiu tão discreto quanto uma sirene.

– Café? – responde-me ele simplesmente.

Fico sem perceber se se trata de uma pergunta ou de um pré-requisito para entabular uma conversa. Seja como for, levo-o até à cozinha e encho-lhe uma caneca de café, esforçando-me por manter uma aparência calma e paciente. Encosto-me à bancada vendo-o arrastar uma cadeira e sentar-se voltado para mim.

Fico em silêncio até só restarem borras na caneca dele e tento avaliar o seu estado de espírito ao estabelecer o meu.

– É tão bonito aqui de manhã – digo, numa voz plena de euforia. – Já viste? Tudo parece exalar vapor, como se os dragões também estivessem prestes a acordar ou coisa no género. – Solto um suspiro feliz. – Tudo tão silencioso e completamente sereno, e a água deve estar gelada como o caracas, mas também tão genuinamente refrescante! Há focas por todo o lado no sítio para onde vamos hoje. Da última vez, vi um casal de lontras. Vai ser fantástico, Fisher!

Ele solta uma risada exausta e passa as mãos pela cara antes de pegar na

caneca vazia e dirigir-se à cafeteira.

– Hmm, estou a ver que és pouco conversador a esta hora, hã? Assumo que aquele dia dos petiscos foi uma exceção? – cantarolo. – Tudo bem, eu espero. É só mais uma coisa que preciso de trabalhar em ti.

O Fisher consegue manter contacto visual comigo enquanto acaba o seu café – e eu dou por mim a achar no mínimo *injusto* que a expressão cansada e os olhos inchados lhe fiquem tão bem. Incrível como até a sua cara de acabado de acordar é atraente. Os círculos subtis debaixo dos olhos servem apenas para o tornar mais real, mais *aqui*. Presente em carne e osso na minha cozinha, com a cabeçorra da minha cadela aninhada abaixo das costelas. Enquanto ele coça a *Sable* entre as orelhas, ela olha-o com uma expressão tão adoradora que chega a ser confrangedora para ambas. A língua pendurada ao canto da boca só me dá vontade de lhe revirar os olhos.

– O que é que tens por baixo disso? – pergunta-me ele por fim, a voz sonolenta arrepiando-me dos pés à cabeça. Quando repara na minha expressão perplexa, solta um grunhido ensonado e esfrega os olhos: – Desculpa, expressei-me mal. Estás só de fato de banho? – esclarece-me, erguendo o fato de mergulho que ainda traz na mão. – Não sabia o que vestir debaixo disto.

– Ah... – digo. – Sim, é usar o mínimo possível por baixo. – Coro ligeiramente e apresso-me a corrigir-me: – Ou seja, convém estares o mais confortável possível.

– Certo...

– Certo...

E porque os milagres acontecem, conseguimos evitar mais conversas com duplos sentidos e eu dirijo-me até ao celeiro onde guardo a canoa, enquanto ele veste o fato de mergulho. Por fim, e não sem algum esforço, lá descemos o trilho com a canoa às costas e com apenas umas breves paragens.

– OK – digo quando chegamos à beira da água. – Antes de mais, deixa-me apresentar-te a *Connie*.

Ele ergue o sobrolho, divertido:

– A canoa?

– Toda e qualquer embarcação merece um nome – declaro. – E a *Connie* será a nossa canoa de corrida oficial, por isso há que lhe ter respeito.

– Sim, Capitão – diz-me ele, com ironia, fazendo com que a comparação com o pirata *sexy* se complete. Reprimos uma risada idiota.

A proximidade da água e a expectativa de finalmente fazermos isto deixa-me em modo hiperfocado, pelo que me lanço nas instruções que tinha planeadas. Quanto mais cedo conseguir que ele lhe apanhe o jeito, mais depressa podemos passar aos treinos a sério.

– Hoje ficamo-nos pelo básico – informo-o. – Antes de mais nada, falaremos sobre as questões de segurança, depois onde colocamos as coisas, como nos movemos, como respondemos ao ritmo e à força das remadas um do outro, etc.

Ele dedica-me um olhar sofrido antes de encolher resignadamente os

ombros.

– Claro – murmura, brincando com o colete salva-vidas, sob o laranja do nascer do sol atrás de si.

– É assim – digo, esticando o braço e dando-lhe uma palmada na mão. Acabo de apertar o meu colete e passo para o dele, libertando o fecho encravado e puxando-o para cima num único e firme movimento. Quando sinto o corpo dele ficar rígido sob os meus dedos, apresso-me a apertar as fivelas, mas com a pressa acabo por trilhar um dedo.

– *Ai!* – gemo, levando o dedo à boca.

Vejo-o a engolir em seco, mas quando o olho nos olhos, ele desvia o olhar. Se calhar a cafeína não surtiu ainda o devido efeito, ou se calhar até surtiu e é precisamente por isso que ele se mostra tão nervoso.

Seja como for, disfarço e prossigo como se nada se tivesse passado.

– Ora bem, primeiro vamos falar um pouco sobre os remos. – Torna-se inevitável passar para o meu tom de professora. – Os remos estão presos à canoa e impulsionam-na na direção oposta à que o remador principal se encontra, tal como já debes ter visto numa competição de equipa. A *nossa* corrida permite apenas remos de uma pá, e teremos ambos de nos sentar voltados para a frente, impulsionando-nos também para a frente. Enquanto as canoas em si já não têm de ser integralmente em madeira, os remos, sim. Em nome da tradição.

Aguardo até o ver assentir em silêncio antes de continuar, pegando no remo e estendendo-o à nossa frente.

– Esta pega de borracha aqui do topo chama-se empunhadura, e temos sempre de ter uma mão nela e a outra aqui, a meio, no chamado cabo.

Ele lança a cabeça para trás com uma risada amarga, olhando para o céu.

– Byrd, por favor, vamos a isto. Eu sou mais do tipo que aprende com a prática.

Se ele julga que a sua irritação me intimida, está redondamente enganado. Com três irmãos mais velhos, sou mais do que versada em chagar cabeças e nunca desistir.

Mas, para já, decido guardar o resto da minha aula para depois, e vou atrás dele. E não olho mesmo para as suas coxas firmes (e surpreendentemente grossas) nem para o rabo igualmente rijo debaixo do fato de mergulho.

– OK, tudo bem, sou uma pessoa bastante flexível – digo-lhe alegremente.

– Tenho a certeza de que sim – lança-me.



Sem mais demoras ou birras, metemos a canoa na água e instalamo-nos nas respetivas posições. E que comece a corrida, digamos assim.

Descrevo-lhe as diferentes partes da canoa e explico-lhe que hoje,

exceccionalmente, vamos ficar sentados frente a frente, apenas e só para esta aula em particular. Cabe-me remar à popa, enquanto ele segue no lugar da proa. Durante os vinte minutos do meu tutorial, noto-o a ouvir-me com uma expressão nitidamente aborrecida.

– Ouve, vamos ter de trocar de lugar ou assim – diz-me subitamente, no momento em que tento demonstrar-lhe como devemos agarrar no remo e a que distância do corpo. – Sei lá, acho que vou precisar de um chapéu-de-sol, se for para ficar sentado aqui e deixar-me levar pela tua remada – queixa-se ele.

– Um chapéu-de-sol?! – controlo uma gargalhada. – Com um fato de mergulho?

– Sabes o que quero dizer – lança-me ele. – *Eu* é que devia conduzir-te. Porra, eu é que devia ser o remador principal – grita, enterrando o rosto nas mãos.

– OK, OK – digo. – É o momento ideal para falarmos sobre como endireitar uma canoa virada. E a primeira lição é: como agir se, por acaso, virarmos.

Ele deixa cair os braços em manifesta exasperação.

– Aposto que a seguir vais dizer algo sobre eu virar a canoa – rosna-me.

Franzo o sobrolho e endireito-me perante o tom dele.

– Bom, podes virá-la se quiseres. Ou posso ser eu a fazê-lo. Ou podemos fazê-lo juntos.

– Oh, eu viro a canoa, Sage.

– Maravilha! Estou prontíssima, se t...

O choque da água surpreende-me sempre. Sinto o ar a petrificar-se nos pulmões, o mar glacial a morder-me a pele nua do rosto. O frio inicial que consegue sempre infiltrar-se no fato também me afeta, mas, em breve, a borracha impermeável causará o efeito contrário.

Venho à superfície com uma risada e procuro pelo Fisher, mas não o vejo, nem tão pouco o remo a flutuar.

– Fisher? – chamo.

Oioç um som abafado vindo de dentro da canoa virada e nado até lá, apanhando o meu remo pelo caminho. Aqui no estuário as águas são calmas e com uma profundidade de três metros, no máximo. Mergulho e passo por baixo da borda da canoa, ainda virada. E, claro, encontro-o lá debaixo, com o remo a boiar junto ao ombro dele. Não parece espantado por eu o ter encontrado.

– A esconderes-te de mim? – pergunto, a voz reverberando pelo casco à nossa volta.

Ele sorri e abana a cabeça.

– Eu sabia que me encontrarias.

Os olhos dele fixam-se na minha boca, depois perscrutam-me o resto do rosto, de um modo que normalmente me deixaria nervosa, mas que neste momento só me causa arrepios. Apesar da água gélida, sinto o couro cabeludo

em chamadas. Tirando o som da nossa respiração e da água a ondular gentilmente contra nós, nada mais se ouve aqui dentro. Parece que estamos dentro de um bolso do universo, podendo dizer o que quisermos, fazer o que nos apetercer, e quem sabe esquecer tudo o resto. Esquecer todo o ruído – incluindo até o alarido dentro de nós.

– E encontrei – respondo por fim, num murmúrio quase inaudível.

Não lhe digo que ainda bem que o encontrei na noite em que ele chegou a esta vila, ou que ainda bem que ele me encontrou na biblioteca naquele dia, mas algo me diz que não preciso de o dizer. Que ele sabe o que quero dizer. Nenhum de nós parece conseguir evitar encontrar o outro.

A humidade faz com que o cabelo dele se cole ao pescoço, as pestanas molhadas salientam-lhe ainda mais os olhos escuros. Sem que me tenha dado conta, o meu corpo flutuou mais para junto do dele, e quando ele volta a fixar o olhar nos meus lábios, lambo uma gota salgada.

– Sage... – murmura ele com esforço, os olhos fixos no mesmo ponto.

O mais ínfimo som ecoa neste espaço tão exíguo – a minha respiração a tentar recuperar o seu ritmo, ele a engolir em seco. As batidas da água contra a madeira acompanham a minha pulsação. O meu colete salva-vidas embate no dele, e sinto uma das suas enormes mãos, debaixo de água, a cravar-se na minha anca, o polegar pressionando o meu ponto sensível junto à saliência do fémur. Todo o meu calor corporal flui para aí, e o menor dos nossos movimentos gera ondas que embatem cada vez mais rapidamente na embarcação.

É o filme da biblioteca a passar de novo, em que a segurança que eu sinto com ele é de certo modo perigosa – e impossivelmente tentadora. A diferença é que desta vez não temos «desculpa», não está aqui ninguém senão nós. Nem eu estou a confortá-lo, nem ele a ajudar-me a ganhar seja o que for.

Eu só *quero*. Toda eu sou querer. Sinto ideias e pensamentos aflorarem-me à mente, palavras que deveria dizer – e sei que mais tarde terei de refletir sobre elas, mas, neste momento, talvez possa seguir o meu próprio conselho e viver plenamente no presente. E ele também *quer*. Vejo-o no irresistível tom rosado das suas bochechas, nas pupilas dilatadas. E sinto-o na forma como a postura dele parece instável e acaba por ceder. *Talvez eu possa fazer isto, penso. Talvez consiga ter um simples caso de verão.* Assim como estamos, já fazemos tantas coisas juntos, partilhamos tanto. Já somos uma equipa nesta espécie de contrato que fizemos, e talvez isto seja apenas um pequeno bónus acrescido.

Um bónus acrescido e nada mais, porque *já* jamais poderá vir a ser algo para além disso.

No instante em que me apercebo de que o meu ruído interno está a ganhar volume, é como se este meu querer se tornasse numa coisa viva, gritando e sobrepondo-se a tudo o resto.

Chego-me mais a ele, os nossos narizes roçam um no outro, e ambos inspiramos profundamente com esse toque – ou talvez seja só eu a imaginar

que sim. Inspiro-o mais uma vez, à espera de uma voz que me grite suficientemente alto para eu me afastar dele. Mas, em vez disso, sinto-lhe a respiração na minha bochecha e a mão a cravar-se com mais força na minha anca. E decido afogar tudo o resto levando a minha boca à sua.

Ele parece ronronar – o mesmo som que faz quando come algo delicioso – e coloca as minhas pernas em torno das ancas dele, gerando um remoinho na água em nosso redor.

– Põe os braços à volta do meu pescoço – diz-me, agarrando a ponta da canoa com uma mão para conseguir manter-nos à superfície.

E eu obedeço-lhe, intrinsecamente apanhada numa espécie de transe que me faz colocar a língua na covinha do queixo dele e roçar-lhe os dentes pelo maxilar. Há algo que me faz saber que, a partir de agora, o gosto dele e o gosto à água salgada passarão a ser aquilo que associarei sempre a um sabor de verão.

Não consigo conter um gemido quando ele passa os lábios pelo meu pescoço –, para cima e para baixo, o cabelo frio a fazer-me cócegas e a barba rala a roçar-me a pele sensível.

– *Merda* – oiço-o murmurar –, és tão doce, Sage...

Volto-me e ele captura de novo a minha boca com a dele, lambendo-me docemente os lábios como se quisesse saborear-me. As minhas ancas movem-se ao ritmo das dele, carentes e desejosas, e não contenho um arquejo quando o sinto a puxar-me mais para si. Acedo, chegando-me mais, esfregando-me na dureza entre as suas pernas.

Isto é impossível, uma loucura. Isto não pode acontecer aqui. A minha mente impaciente inicia uma corrida veloz para um qualquer outro cenário plausível onde possamos desfazer-nos destes fatos para chegarmos um ao outro; e, conseqüentemente, tropeça em todas as logísticas incómodas.

De súbito, sinto uma pancada forte no topo da cabeça, fazendo-me ver estrelas.

– Ai! – sibilo. Os meus dedos embatem na superfície dura da canoa por cima de mim quando me inclino para trás para ver o que se teria passado.

Ai, merda.

Afasto o Fisher de mim como se eu estivesse a arder e, em pânico, olho em volta em busca do meu remo. – A sucção! – aviso-o em tom de urgência.

– tubarão? onde?... – grunhe ele, sobressaltando-se e batendo com a cabeça numa das barras de transporte da canoa.

De certeza que vou achar imensa piada a isto mais tarde, mas agora sinto o coração aos pulos na garganta.

– Não é tubarão nenhum! – grito-lhe. – Temos de travar a sucção para conseguirmos virar a canoa antes que ela se afunde demasiado e tenhamos de a abandonar. Temos de sair daqui de baixo, e depois vou precisar que uses o remo como uma espécie de alavanca para a fazeres virar para este lado. agora!

Ele obedece. Mergulhamos e nadamos até à proa. Quando venho à superfície, a canoa está mais alagada do que em todas as minhas experiências

anteriores, mas recuso-me a admitir já a derrota. Não corremos risco de hipotermia, e somos ambos fortes.

– OK, assim que travarmos a sucção, temos de conseguir erguer esta ponta e fazer a canoa rolar para o lado – explico. – Há um saco preso no assento da proa, e eu preciso que o uses para retirar o máximo de água possível antes de endireitarmos completamente a canoa.

Ele assente e dedica-se ao trabalho.

Entre os dois, conseguimos travar a sucção e levantar a proa da canoa, com muitos grunhidos e gemidos. Assim que conseguimos por a canoa de lado, ele agarra no saco seco e começa rapidamente a retirar água do casco. Eu seguro na canoa com uma mão e sirvo-me do outro braço para retirar água também. Quando finalmente estão criadas as condições para podermos saltar lá para dentro, já estamos ambos ofegantes e extenuados.

– Espera – murmuro com dificuldade. – Preciso de recuperar o fôlego, e depois... – Tusso. – E já te mostro como sobes para a canoa.

Ele próprio também respira com dificuldade, mas observa-me com preocupação.

– Estás bem? – pergunta, o sobrolho franzido.

Olho para ele, mas apenas por um segundo; preciso de não pensar no que estávamos a fazer, ou ficaremos aqui muito mais tempo até eu recuperar o equilíbrio mental.

– Sim, estou bem – digo, mostrando-me controlada e confiante. – E tu?

– Sim, também estou bem.

Ensino-lhe como impulsionar o corpo para cima e como se colocar de lado ao entrar para a canoa sem se ajoelhar, já que isso a faria resvalar e lançá-lo para o lado oposto. Assim que o vejo bem posicionado e firme, estendo-lhe o braço e deixo que ele me ajude a subir. Desta vez, certificando-me de que ele fica sentado à proa, sento-me virada para a popa, para evitar ficarmos frente a frente. Por cima do ombro, lanço-lhe umas instruções vagas, pedindo-lhe que veja como eu remo e tente fazer o mesmo, enquanto nos dirigimos para terra.

A inquietação regressa, aqui a céu aberto, fora da segurança do nosso pequeno mundo invertido de há pouco. As minhas remadas ganham força de acordo com a ansiedade dos meus pensamentos. O que é que eu quero deste homem? Mais importante, o que é que alguma vez poderei esperar dele, para além da sua amizade e parceria neste verão? Não sou obtusa ao ponto de ignorar que nos sentimos atraídos um pelo outro. Mas também não posso mentir a mim própria; e a verdade de tudo isto é que, até agora, eu nunca tive uma aventura do género. Nunca me vi a reagir desta maneira, e nem sei se serei capaz. Só de pensar nisso, enfio desastradamente o remo na areia.

A tonta, doce e demasiado simpática Sage. Mas por que diabos não hei de me divertir? Aceitar uma coisa que quero apenas por aquilo que ela é e passar um verão cheio de alegria, divertimento e sexo saudável?

Se ele também se mostrar disponível para isso, claro.

É a única forma de eu conseguir que alguém como o Fisher alinhe numa coisa comigo. Regra geral, pessoas como ele aborrecem-se sempre com pessoas como eu. No final de agosto, ir-se-á embora a toda a velocidade, de volta à sua vida normal. Sim, porque foi assim que ele descreveu este verão quando o conheci, certo? Um *breve desvio* à sua vida normal.

Se calhar, eu própria preciso de um desvio. O ideal seria conseguir manter firmes todos os limites, preservando sempre tudo a um nível superficial. E pelo modo como temos sido tão abertos um com o outro, darmos um passo atrás em relação a isso seria difícil.

Meu Deus, que exasperante que isto é. O primeiro amigo que eu faço em muitos anos, alguém que me está a ajudar a finalmente fazer algo por mim mesma, e tinha logo de me apaixonar por ele...

Remamos em silêncio até chegarmos a terra – eu com este fato estúpido e com um nó na garganta a apertar-me mais e mais a cada segundo. Assim que chegamos à meia-lua que representa a nossa pequena praia, praticamente salto da canoa.

– Não precisamos de a acartar até lá acima – informo-o, estendendo a mão para agarrar uma das barras de transporte e arrastando a canoa para a areia. Digo isto sem olhar para ele.

– Sage – diz-me.

– Tenho um esconderijo ali atrás de uma rocha, e ninguém mais desce até aqui, por isso é seguro.

– Sage – volta a dizer-me.

Fecho os olhos e reúno a coragem necessária para olhar para ele. Quando o vejo com o fato aberto completamente exposto, fico de boca aberta.

– Desculpa – diz-me ele, de peito nu e a brilhar. – Estava a morrer de calor e sentia-me demasiado apertado – apressa-se a justificar-se, acrescentando: – Precisamos de falar sobre aquele beijo, não achas?

Ergo os olhos para o céu para evitar ter o peito dele mesmo à frente dos meus olhos. Isso e a penugem que lhe cobre os peitorais e a tablete de músculo no abdómen.

– Está tudo bem, Fisher – digo. – Não temos de falar nisso. Provavelmente foi má ideia.

– Foi *decididamente* má ideia – concorda, e os meus olhos regressam aos dele.

– Certo – concordo eu, zangada. – Mas, só por curiosidade, só mesmo para ficar a saber... Porque é que *tu* achas que foi má ideia?

Ele massageia a nuca, fazendo sobressair o bíceps.

– Porque... eu estou feito num oito, Sage. Não me recomendo a ninguém.

Como eu o odeio neste momento. Por ter desviado a culpa para ele próprio em vez de tornar tudo isto mais fácil dizendo qualquer coisa do tipo: *porque, minha querida e doce Sage, eu sei que te vais apaixonar e eu continuo a ser um tipo decente que não te quer magoar.*

– Estamos todos feitos num oito, Fisher – respondo. – Mas queres saber? Está tudo bem, a sério. Não tens de te preocupar com a eventualidade de eu – aponto para mim e para ele – voltar a misturar as coisas, OK? Somos amigos. Eu deixei-me simplesmente levar pelo momento, mais nada. Uma rapariga de terra pequena com estrelas nos olhos e blá, blá, blá...

– Não faças isso – diz-me, em tom zangado. – Só dói se deixarmos, lembras-te de me teres dito isso? – Vejo-lhe a expressão suavizar-se. – Como teu *amigo*, não gosto quando tentas menosprezar-te. E lamento se alguma vez te desvalorizei, não devia tê-lo feito. – Solta um sopro frustrado: – Eu não sei mesmo como te defender de ti própria, Sage.

Perscruto-lhe o rosto num silêncio empedernido, e ele tenta encurtar um pouco a distância que nos separa.

– Eu estou feito num oito porque estou sem norte. Passei muito tempo, e numa luta muito dura, a tentar ultrapassar muitas merdas, e agora estou a tentar perceber porquê. Até questiono a minha carreira, algo que já nem sequer tenho, Sage. Sinto que devo ser muito direto e deixar isto muito claro. Fui despedido. Hoje ponho em causa *muitas* das decisões que tomei na vida, e como se isso não fosse pressão suficiente, tenho uma miúda de quinze anos que depende de mim e com quem já falhei rotundamente.

– Fisher...

– Desculpa, mas tenho mesmo de desabafar tudo isto que tenho no peito e pôr as cartas na mesa antes que volte a perder a coragem, OK? – A boca contorce-se em dor. Eu assinto e ele continua: – Também sou padrinho dela. Ou seja, até fui designado oficialmente para este papel, entendes? Quando a minha irmã me ligou a pedir-me isso, eu estava cheio de pressa e aceitei e desliguei no segundo seguinte. E o pior é que nem sequer sei porque é que estava com presa, porra, mas lembro-me bem de cada palavra dela ao longo dessa conversa. E queres saber o que é que eu fiz quando esse dia chegou e era suposto eu estar presente? – A emoção endurece-lhe as feições. – *Abandonei* a Indy, porra! – A fraqueza na voz dele só me faz querer abraçá-lo, confortá-lo. – Os meus pais ofereceram-se para tomarem o meu lugar e eu deixei-os. E não foi por estar a passar por algo grave, tipo uma adição ou coisa no género, nem por não ter condições financeiras. Foi apenas porque não sabia como iria coordenar isso com uma carreira já a esmaecer. No fundo, não sabia o que estava a fazer e ainda estava tão agarrado à minha vida, que tinha *pavor* de tudo o resto que surgisse fora do meu controlo. E advinha! Nenhuma dessas coisas mudou na minha vida. Neste momento estou apenas finalmente a enfrentar a realidade de todas elas e a *tentar*, creio. Este sou eu a tentar, e continuo a sentir-me feito num oito. – Os olhos dele dardejам para os meus, fugindo logo a seguir. – Por vezes, sinto-me tão perdido que preciso de me lembrar de respirar, Sage. Eu... até te conhecer, até começar a passar algum tempo contigo, era como se me tivesse esquecido de simplesmente estar presente. – Solta uma risada que me arrepia de tão triste. – Mas sinto que tu impedes que eu me sinta presente noutro sítio qualquer.

Sei que estou de boca aberta, mas ele parece ignorá-lo e insiste em prosseguir.

– Por isso, não é que seja má ideia tornarmo-nos amigos – diz. – Fico contente por nos termos um ao outro, e *feliz* por estarmos a fazer isto. Independentemente das horas absurdas a que começamos e tudo isso. – Um músculo sobressai-lhe do maxilar, e ele solta um longo suspiro. – E não te vou mentir, Sage. Eu desejo-te. Mais do que devia ou gostaria, acho, mas sabe-me muito *bem* desejar-te. – É o que vejo no rosto dele. – Eu só não sei o que te posso oferecer para além daquilo que seremos um para o outro nos meses que aí vêm. Amigos, colegas de equipa. Amigos coloridos, à falta de melhor termo. E sabes, Sage, estou tão farto de desiludir os outros... eu próprio incluído. – Não resiste a olhar para a minha boca, mas disfarça de imediato. – Só te posso prometer que não te vou falhar em *determinados* assuntos. – Sorri-me, e eu mordo o interior da bochecha para impedir as borboletas de subirem pelo meu peito. – No entanto, sei que te decepcionaria se deixasse tudo isto correr... desenfreadamente.

Basicamente, ele está apenas a confirmar aquilo que eu já sabia, mas ouvi-lo explicar-se, justificar-se, assumir que está tão inseguro quanto eu... soa como se ele corresse os mesmíssimos riscos que eu de vir a sofrer.

Não me espanta que continuemos a descobrir-nos um no outro. Eu estou a aprender que não tem mal nenhum em querer algo mais para mim mesma, ambicionar o novo e o desconhecido; e ele está a aprender a contentar-se com menos. A aprender a largar o passado, a deixar de tentar controlar tudo, a livrar-se da vergonha e dos remorsos.

Aclaro a garganta e digo:

– Eu acho que devemos esperar. Só para termos a certeza de que isto não passou de uma situação excecional criada por um ambiente romântico.

Porque, seja lá o que isto for, se dermos este passo, as coisas estão destinadas a ficarem estranhas e desconfortáveis na hipotética manhã seguinte. Ainda temos todo um verão à nossa frente. E eu preciso de deixar o romance à porta.

Ele não contém um sorriso.

– Eu sempre disse que não existia nada de mais romântico do que vermo-nos submersos nas águas gélidas do Pacífico antes das sete da manhã.

Rio-me.

– Mas que lema de vida tão específico.

– E não acho que tenha sido uma exceção. Sabes porquê? – pergunta.

– Porquê?

– Porque já aconteceu há mais de meia hora – diz-me, avançando para perigosamente perto de mim, tão perto que sinto a temperatura alterar-se-me. – E ainda estou cheio de tesão por ti.

O desejo invade-me e sobe-me pela espinha. Baixo os olhos para perceber se ele está a dizer a verdade, mas o fato de mergulho que lhe pende do tronco bloqueia-me a vista. Além de que ele me ergue o queixo com um

dedo, forçando-me a fitá-lo.

– Como é que consegues manter-te duro depois de um discurso tão longo e profundo? – pergunto, fazendo-me de pateta.

– Querida, estou a começar a perceber que, no que te diz respeito, não sei do que serei capaz... mas estou mais do que disposto a testar esses limites.

Ele sorri-me.

– Vou dançar ao som da tua música. E o nosso acordo mantém-se, independentemente do que tu decidas.

Esforço-me por engolir em seco, mas sinto a garganta seca de mais.

– OK – é apenas o que me sai, antes de lhe virar costas e me afastar.



CAPÍTULO 19

FISHER

Já lá vão quarenta e oito horas em que não sei nada da Sage, desde a nossa primeira lição de canoagem. Tento não ficar demasiado ansioso com isso. Talvez me tenha esticado de mais, ou quem sabe se não a ofendi só por ter sugerido mantermos uma amizade colorida.

Mas talvez seja melhor assim. E também não sei se seria lá muito boa ideia atirar-me aos pés dela. A única coisa que sei é que quis fazê-lo.

Mas o *querer* nem sempre é a razão mais sensata para se tomar uma decisão, pelo que, ao mesmo tempo, também precisei de reconhecer isso.

As coisas com a Indy continuam a correr bem na maioria das vezes, pelo menos. Acho que esta manhã ficou chateada comigo por eu a ter ido buscar à escola de verão em vez de a deixar vir de boleia com o Sam ou a Blake. Seja como for, disfarçou bem. Apesar do vago estado de nervosismo que experienciei durante todo o dia por não saber bem como estão as coisas entre mim e a Sage, a verdade é que acabo por conseguir passar um serão muito agradável com a minha sobrinha. Ela faz os trabalhos de casa na ilha da cozinha enquanto eu preparo uma *panzanella*, bebendo uma caneca de vinho.

Depois do jantar, instalamo-nos no sofá da sala a ver temporadas antigas de *Friends*, e quando começo a sentir as pálpebras pesadas, oiço a Indy perguntar-me:

– A mãe alguma vez te contou da cena da boleia partilhada?

Endireito-me e vasculho o meu cérebro.

– Acho que não.

Ela abana a cabeça.

– Aqueles grupos de mãezinhas arrogantes e imbecis eram sempre tão cabras para ela – conta-me. – Mesmo quando eu era pequena e tínhamos os treinos do futebol, nunca a deixavam fazer parte dos grupos das boleias.

Sinto um acesso de raiva só de ser lembrado daquela terra e daquela gentinha.

– Desculpa não ter estado mais presente, Ind. Para vocês as duas.

Ela faz uma careta e senta-se em cima dos pés.

– Não tens culpa de elas serem todas umas poias ignorantes.

– É suposto eu chamar-te a atenção para esse tipo de linguagem ou...? – É que não faço mesmo ideia, a sério.

Ela limita-se a um encolher de ombros, cruza os braços e prossegue:

– Sabes que a mãe do Sam também só tinha dezasseis anos quando o teve? Só que aqui nunca ninguém a criticou ou ostracizou por causa disso.

Sinto uma tristeza profunda perfurar-me o peito, tão forte e tão grave que me aperta dolorosamente as costelas. Como é que aquela gentinha de merda continuou a tratar a Freya como se ela não merecesse o mesmo ar que respiravam, ousando sequer *pensar* que eram melhores pessoas do que ela?

– Provavelmente porque a mãe do Sam sempre foi vista como igual, uma filha da terra, digamos. E tu sabes como as terras pequenas protegem os seus.

Ela ficou calada por um momento, antes de dizer:

– Eu acho que continuo zangada com ela... Jamais entenderei porque fez questão de que ficássemos lá.

A dor aprofunda-se de tal maneira que quase a sinto apertar-me os ossos.

– Também gostaria de saber – murmuro. – E também não sei porque é que a avó e o avô continuam por lá. – Sim, porque, no fundo, eles foram os párias originais. E os mesmos que se viram forçados a procurar trabalho a duas terras da sua.

– Talvez porque atualmente já se sintam doutrinados – supõe a Indy amargamente. – A avó até já faz parte de um grupo de jogos de dados.

– Estás a gozar!

– Nããã – diz ela, prolongando raivosamente a sílaba.

Não sei mesmo o que pensar em relação a isso, pelo que não me ofereço para mais nenhum comentário ou justificação.

– Indy, eu lamento muito – é tudo o que sou capaz de dizer.

Já perdi a conta às vezes que lamentei e lhe pedi desculpa, mas foram sempre conversas que serviram para aquietar a minha própria consciência. *Pensei que era pelo melhor. Achei que o avô e a avó fariam um trabalho muitíssimo melhor do que eu.* Mas agora que estamos finalmente a descobrir a melhor maneira de lidarmos um com o outro, também lamento a quantidade de anos que perdemos precisamente para conquistarmos o que já alcançámos.

– Eu tinha de ter estado lá para ti. Foi o que a tua mãe me pediu e lamento tanto não o ter feito – digo-lhe.

Ela olha-me fixamente, mas apenas por poucos segundos.

– Eu estou feliz por estarmos juntos agora – diz-me.

– Eu também.

Fazemos o mesmíssimo sorriso amplo e sentido, antes de soltarmos uma gargalhada ao constatá-lo. E regressamos ao silêncio confortável sob o brilho

da televisão.

– Sabias que – disse a Indy, quando o episódio chegou ao fim –, no dia do acidente, a mãe regressava a casa depois de uma daquelas reuniões de grupo de um esquema em pirâmide? Quer dizer, de todas as coisas estúpidas deste mundo, parece que ela morreu a tentar encontrar *a sua gente*. Sem nunca desistir de encontrar um lugar em que fosse aceite.

Vejo-lhe uma lágrima correr-lhe pelo rosto, numa expressão tão parecida com a da Freya que assistir se torna intolerável. Luto contra a urgência de esconder a minha dor, algo que sempre tenho feito há demasiado tempo. Se a Indy consegue ser corajosa como agora se revela, eu também terei de conseguir. Deixo o nó na garganta apertar-se um pouco mais e rendo-me às lágrimas quando elas me surgem.

– Quando eu era mais nova, achava que um dia nos mudaríamos para Nova Iorque, para perto de ti – oiço-a confessar. – Achei que, se a mãe saísse dali, vocês os dois acabariam por ser como o Ross e a Monica, ou assim. Tipo, ela saía um dia para tomar um café numa esplanada e... *puf* ! Conseguia-nos uma nova vida. – Solta uma meia-risada, como não querendo que eu a leve demasiado a sério, ou como se quisesse transmitir-me quão ridículo foi aquele seu sonho. – E nem sequer me importava de ser filha de uma adolescente, ou de não ter pai, porque seria sempre um mundo diferente, percebes? Sem aquelas pessoas a tentarem alcançar os sonhos medíocres, vazios e suburbanos dos paizinhos, sem nunca saírem do mesmo sítio.

Não sei por que razão me parte o coração constatar que esta é a sua visão das coisas, quando também foi a minha durante este tempo todo. No entanto, também não estou seguro de que, ao partilhar com ela a minha experiência aqui (como tudo me corre tão bem quando comparado com quando estava por lá), isso a ajude a ser menos cínica.

Penso na Sage e na sua espantosa determinação em conseguir algo de belo apenas com o que tem nas pontas dos dedos, apesar das tragédias da sua vida. Se eu conseguir ajudar a Indy a adotar este tipo de resolução, acredito que ela fique bem, independentemente do local onde acabe a viver.

– Sabes, eu acho que se encontrares as pessoas certas, se encontrares as *tuas* pessoas, poderá ser precisamente isso a fazer com que te sintas em casa, onde quer que estejas – digo.

Ela pega no comando, seleciona o episódio seguinte e fala sem olhar para mim:

– Ou então aprendes rapidamente que mais ninguém tem esse tipo de poder. O poder de te fazer feliz. Por isso, percebes *o que* queres e *onde estás*, e *vais* atrás disso. Tal como tu próprio fizeste. – Mais um choque de dor antes de ela continuar. – E talvez as pessoas que se conseguirem enquadrar nisso sejam as nossas pessoas.

Já muito depois de ela se ir deitar, dou por mim a pensar naquilo. De como ter tido sucesso na minha chegada a Nova Iorque e ter realizado aquilo que julguei ser o meu sonho não me fez feliz. E também não fez com que

encontrasse as minhas pessoas.

A Carlie e a sua família estão próximas disso, mas a verdade é que eu continuo a ser um simples empregado. Apercebo-me de que, de certo modo, permiti que outras pessoas ditassem o caminho da minha vida, mesmo encontrando-se no outro extremo do país.

A determinação que eu experiencio atualmente é de um tipo mais sereno, algo calmo e traquejado. Da próxima vez, fá-lo-ei por mim. Para provar a mim mesmo e à Indy que consigo. Vou pegar na vida que tenho na ponta dos dedos e fazer alguma coisa dela. Passarei mais tempo com pessoas fora do trabalho. Vou aceitar quando as pessoas me convidarem para tomar um copo, e vou levar a Indy a espetáculos da Broadway. Vou parar para ouvir os músicos que tocam no parque. Vou imitar aquilo que a Sage parece fazer, e experienciar todas as pequenas alegrias que eu tão frequentemente ignoro.



Na manhã seguinte, a Indy volta a pedir-me para estar com os amigos depois das aulas e, desta vez, permito. O dia alonga-se à minha frente qual quadro em branco – ou, melhor dizendo, como um fosso. Não tenho trabalho a que me possa agarrar para me confortar ou distrair. Não há muito mais que eu possa fazer pelo Starhopper até amanhã, que é quando o Frankie chega para nos reunirmos e fazermos o ponto da situação e podermos começar a avançar. Anotei todas as ideias e retificações que já tenho pensadas para a disposição da cozinha. E hoje apetece-me muito fazer outras coisas que não trabalhar. Por isso, pensar em menus não é algo que vá acontecer.

Pego no telemóvel e penso em mandar uma mensagem à Sage. Não podemos continuar a evitar-nos sempre... a não ser que ela agora queira. A não ser que, como diria Indy, eu tenha «estragado o momento» e agora ela prefira acabar com o acordo. E a verdade é que eu já consegui o que queria. Por que raio ela não há de querer que eu a apoie na parte dela?

Merda. Será que ao longo do percurso eu interpretei mal alguma coisa? Não é de todo impossível.

Não posso continuar aqui sentado a massacrar a cabeça com tudo isto, isso sei eu. Faço um rápido *scroll* mental por tudo o resto em que possa ser produtivo. Ocorre-me logo que posso começar a estudar para o concurso de cultura geral. Só que não faço a menor ideia do que estudar, pelo que continuo a precisar dela. E quanto ao concurso de culinária, também não me apetece nada conceber hoje um menu de três pratos – para mim, eu próprio e a minha pessoa. Além de que nós não estabelecemos ainda o que fazer quanto a isso. Tenho algumas dúvidas: teremos algum limite na forma como podemos preparar cada um dos pratos? Que constrangimentos de tempo teremos, etc.?

Chegou o momento de pôr em prática aquilo que ontem à noite me propus fazer: descobrir pequenas alegrias para mim próprio. Para mim, para o

meu bem-estar, é-me necessário alcançar o estado de exaustão física. Pode não ser canoagem, qualquer tipo de treino será bem-vindo, as endorfinas só beneficiam a mente.



CAPÍTULO 20

SAGE

Três dias depois de ter beijado o Fisher (de novo), estou a andar para um lado e para o outro no meu jardim de inverno, numa mão o diário com conselhos da minha mãe, na outra o telemóvel no qual já tenho uma mensagem redigida, apenas à espera de ser enviada. Mas, neste momento, fico rendida a uma nota da minha mãe que diz: *as pessoas não podem seguir as tuas regras se não as tornares claras. Isto aplicar-se-á do mesmo modo a todas as tuas relações: parentalidade, amores e amizades. Se não disseres às pessoas o que aceitas e o que não aceitas, elas não terão como o saber.*

Por fim, carrego em Enviar na SMS que diz: «Talvez devamos estabelecer algumas regras». E obrigo-me a sentar-me.

Mas hesito quando percebo que talvez o devesse esclarecer melhor: «Por nós». E envio-a, mais uma vez precipitadamente, e solto uma praga. «Pela nossa situação... potencial... e benéfica». Pronto, acho que assim fui clara. Mostro que estou a ser respeitosa e completamente descontraída em relação a isto.

Ontem de manhã, encontrei-me com a Wren na pastelaria ainda antes de ela abrir, para finalmente lhe contar pessoalmente tudo o que se tem passado, em vez de estarmos a trocar mensagens muito vagas e dessincronizadas a recebê-las e a responder-lhes. Somos ambas péssimas a conversar por mensagem de forma clara e consistente, e eu estou mesmo a precisar de conselhos cara-a-cara.

– OK, mas diz-me lá exatamente de que é que tens medo – pediu-me ela quando lhe falei na proposta que fiz ao Fisher.

– O que é que queres que te diga? – comentei. – Ele só cá vai estar no verão. Isto é temporário.

– Volto a perguntar – disse ela, começando a tratar de abrir a loja,

organizando as coisas, colocando bolos na montra. – De que é que tens medo? Especificamente.

Puxei de uma cadeira e sentei-me.

– Não é óbvio? – perguntei, irritada comigo mesma. – Tenho medo de ganhar sentimentos.

Ela assentiu, parecendo entender, e veio para junto de mim, apoiando-se na mesa.

– Alguma vez te disse que foi o Ellis que me ensinou a aprimorar os nossos *scones*? – perguntou-me.

Estranhando a pergunta, abanei a cabeça.

– Pois. Durante semanas e semanas andei de roda deles, a tentar melhorá-los. O Sam teria aí uns três anos, e nós tínhamos acabado de nos mudar da vossa casa para aquela cave mínima da casa dos meus pais. E juro-te, Sage, eu devo tê-lo feito provar centenas de *scones* comigo. Queria aperfeiçoar a receita, torná-la minha, única, e servi-la no menu. Não era nada de especial, mas era importante para mim, entendes? – Aclarou a garganta e prosseguiu: – E, se bem te lembras, na altura nem sequer fazíamos muito dinheiro, mas assim que eu consegui a receita perfeita, o Ellis resolveu investir parte daquilo que tínhamos na misturadora industrial que ainda hoje usamos. Qualquer pessoa diria que ele tinha ficado feliz por não ter de provar mais *scones*, mas a verdade é que me arranjou uma coisa que permitia fazer toneladas de cada vez. – Olhou-me nos olhos e acrescentou, baixinho: – Sempre que uso aquela coisa, lembro-me de o ver andar com o Sam ao colo pela nossa cozinha obscenamente minúscula, sempre em tronco nu, provando todos os meus ingredientes ou enfiando o dedo em qualquer massa que eu preparasse. E lembro-me da felicidade que isso me dava. – Endireitou-se, erguendo os ombros: – Se isso faz com que por vezes me doa mais? Sim, muitas vezes. A maior parte das vezes. – Suspirou: – Sempre. Mas não mudaria nada. É um clichê, mas é a mais pura das verdades.

E continuou a divagar, dizendo que, se fosse eu, tentaria estabelecer diretrizes para mitigar a dor potencial. Tipo, evitarmos ser demasiado pessoais com demasiada frequência, ou limitarmos os nossos benefícios a uma ou duas vezes por semana. Tudo isto me soou muito pouco natural, mas pelo menos fez-me ter vontade de abordar esta questão com o Fisher.

A única coisa que me parece realmente natural é querer fazê-lo.



Ao ouvir bater no vidro não contive um berro:

– Porra!

– Desculpa – diz-me o Fisher, rindo, encostado à moldura da porta. – Estava a chegar de uma caminhada e, bom, vi a tua mensagem e achei que podia aparecer. – Parece-me meio sem fôlego.

– Porque é que estás tão transpirado? – pergunta a minha boca sem me dar tempo de aclarar o cérebro primeiro. E sai-me como uma crítica.

Ele dedica-me um dos seus sorrisos tortos e sinto regressarem-me as borboletas à barriga.

– Fui correr para a praia e fiz umas flexões e elevações e essas merdas. Mas se me estás a perguntar o que é que me deu para fazer isso, não sei bem? Acho que é por me encontrar numa jornada de autodescoberta e de cura, e penso que é isso que geralmente uma pessoa faz quando se vê nesse tipo de expedições.

A minha gargalhada chocada morre-se-me nos lábios assim que ele levanta a bainha da *t-shirt* para limpar a testa. Vislumbro-lhe uma linha clara de pelos que lhe desce o abdominal, uma veia sobressaindo do cós dos calções. Rodo rapidamente nos calcanhares e ocupo-me com coisa triviais, como arrumar o diário da minha mãe na estante e largar o telemóvel.

– Isso é bom – digo. – Para a nossa corrida, pelo menos. – Volto-me e vejo-o um metro mais perto, brincando com as folhas de um dos meus lírios-da-paz.

– Sim – concorda. – Continuas a querer manter o nosso treino esta semana?

– Claro – respondo, esforçando-me por controlar os nervos. – Porque é que havia de não querer?

– É só para saber – diz ele com um encolher de ombros. – Eu só não posso às quartas-feiras.

– Porquê? – pergunto, sem me conter. E apresso-me a acrescentar: – Desculpa, não tenho nada a ver com isso, nem tu precisas de te justificar.

Ele cruza os braços e, logo a seguir, esfrega nervosamente o pescoço.

– É só porque...

– Não, Fisher, tudo bem. Não tens de te explicar, a sério.

– Eu... tenho sempre uma teleconsulta com a minha terapeuta às quartas de manhã. Comecei pouco depois de a Indy me aparecer à porta de casa. Temo-la consultado os dois, separadamente.

O instinto que sinto para lhe saltar para cima faz-me agarrar-me à vidraça mais próxima. O modo como ele se esforça tanto por fazer sempre tudo bem com a Indy, sem sequer se aperceber realmente disso, tem em mim um efeito afrodisíaco que não consigo entender. Ele só me faz sentir como se estivesse a ser vítima de uma qualquer doença dos nervos. Com um surto de espasmos pelo corpo todo. Talvez eu devesse mesmo saltar-lhe para cima e poupar-nos a ambos toda esta conversa da treta.

– Eu passo a vida a dizer às pessoas que precisamos de um terapeuta aqui em Spunes – digo, num tom nervoso.

– *Sage* – diz-me ele e, oh não, avança para mim.

Está tão perto que consigo cheirá-lo. E, claro está, cheira ainda melhor do que o habitual porque, se bem que todo suado, neste momento eu estou desprovida de qualquer réstia de lógica, toda eu apenas hormonas e luxúria.

– Disseste que querias falar sobre regras – prossegue ele.

Regras. Sim, regras. Zero de regras. Quanto mais a repito mentalmente, mais a palavra me soa estranha. Há um termo para isso, certo? Saciedade semântica. Disso eu lembro-me, mas regras? Não me lembro de uma única, sequer.

Mais uma vez, pressinto o olhar dele na minha boca. Encosto-me à vidraça atrás de mim, sinto as palmas a aquecerem de encontro a ela. Ele estende a mão para a zona atrás da minha orelha, e eu não resisto a aninhar-me nela.

O meu peito sobe e desce de uma forma quase cómica, como se eu fosse uma donzela em perigo contida num corpete, mas na verdade estou presa sob a minha própria pele e ossos, doida para me fundir com os dele. Ele morde o lábio na tentativa de conter um sorriso.

– Deves ter uma lista considerável – diz, a cabeça de lado, um leve sorriso.

– Lista? – pergunto, confusa, a cabeça a andar à roda.

– As regras de que falaste – explica-me. – Se te levaram três dias a conceber, calculo que seja uma lista grande.

Ele desce os dedos pela minha *t-shirt* até à cintura, detendo-se no cós da saia comprida em que me enfiei esta manhã.

– Diz-me lá a tua primeira regra, Byrd – murmura, num tom baixo e sereno, e eu, meu Deus, juro que não consigo lembrar-me de nenhuma. Aliás, tudo se me varre da mente quando o dedo dele se insinua por dentro do cós da minha saia.

– Vais precisar que eu te *provoque* para me dizeres? – pergunta-me, arrepiando-me com a sua voz rouca. E, antes de me deixar responder: – Não... não acho que te agrade seres provocada.

– Não? – Esforço-me para não soar incrédula ou para não gritar qualquer disparate do tipo: *Agrada-me, sim!*

– Não, Sage. Acho que reagirias melhor a um esforço intencional e premeditado – comunica-me. – Queres que te explique como?

Espero que o meu aceno de cabeça resulte melhor do que aquilo que sinto que vá resultar.

– Eu começaria por te perguntar se iria contra as tuas regras eu dizer-te que não me sai da cabeça o teu sabor desde aquele dia na biblioteca – diz ele. Passa o polegar por uma parte exposta da minha pele. Com alguma dificuldade, engulo em seco e mordo o lábio para sufocar o arquejo ruidoso da minha respiração. Ambos observamos enquanto a mão dele continua a mover-se entre nós. – Teria de saber se existe alguma regra no que respeita a imaginar em que outras zonas do teu corpo também terás sardas – murmura. Solto um novo arquejo ao sentir a ereção dele contra a minha anca. – Ser-me-á permitido descobrir tudo o que tu gostas? O que é que te faz ganhar esta cor tão bonita aqui? – A outra mão desce pelo vidro, e o polegar toca-me a clavícula como se me estivesse a pintar o rubor. – E o que é que te deixa

molhada?

Um som humilhante escapa dos meus lábios, e quando arqueio as costas e elevo as ancas na direção das dele, ouço-o também reagir com um gemido muito próprio.

– Beija-me – digo. Mas soa como *por favor, por favor, por favor*.

Ele leva ambas as mãos às minhas costelas e baixa-se ligeiramente ao meu nível, dolorosamente lento. *Não me quer provocar, o caraças!*

Gememos ambos quando as nossas bocas finalmente se unem. A língua dele afaga a minha, e o profundo alívio que sinto faz-me sorrir, puxando-o mais para mim. Mas o alívio desde logo se transforma em desejo puro e duro, e a pele despida do alto das minhas costas esfrega-se no vidro com um leve chiar. Quando lhe sinto as mãos em concha sob os meus seios, gemo e arqueio-me para ele.

– Diz-me o que queres, Sage – diz-me, mordiscando uma zona suave do meu pescoço.

– Quero *isto*. Tu a mostrares-me o que *tu* queres – digo, apertando as coxas só de o ouvir ofegar. – Não quero pensar – acrescento. Tudo o que quero é perseguir este prazer que sinto percorrer-me o corpo todo.

Ele afasta-se muito ligeiramente, inclinando a cabeça só para me fixar, os olhos vidrados, as pupilas dilatadas. Ponho-me em bicos de pés e mordisco-lhe a orelha, os dentes roçando-lhe o brinco. Ele encosta-me à parede de vidro e recompensa-me com um beijo avassalador.

– Levanta a saia – murmura de encontro aos meus lábios. As mãos cravam-se impacientemente nela e esforça-se para me fazer subir pelas pernas sem tirar a boca da minha.

Quando ele chega ao cimo das minhas coxas, pouso as mãos trémulas no tecido e vejo-o ajoelhar-se à minha frente, sentindo ao mesmo tempo os meus próprios joelhos à beira de ceder.

– Oh, *Sagebyrd*... – diz ele com uma risadinha bem-disposta. – Por mais que eu goste dos teus robes amalucados, acho que gosto mais disto... – O polegar enfia-se pelo cóis da minha tanga simples de algodão.

Não sei porquê, mas sinto-me corar ao ouvi-lo elogiar os meus robes.

– Sim – digo –, mas... – Solto um sibilar quando ele me beija a coxa e a afaga suavemente com as palmas das mãos. Largo a saia e cravo as mãos no cabelo dele: – Uma mulher não pode ir comprar pão só de cuequinhas...

Ele opta por me ignorar, concentrando-se totalmente no resto de mim. As mãos ásperas afagam-me a barriga das pernas, a boca descobre uma covinha sensível junto ao meu joelho. Do nada, sinto ciúmes de quem quer que já o tenha visto cozinhar, se a concentração dele parecer tão devota ou apaixonada como agora.

A pressão firme da boca dele sobre o tecido húmido das minhas cuecas faz-me tremer. Com o polegar, ele fá-las deslizar pelas minhas coxas abaixo, e depois, pacientemente, faz-me levantar um pé, depois o outro, para as despir de vez.

– Estás bem? – pergunta roucamente.

Não. Sinto-me completa e irrevogavelmente alterada, acho. Mas que me sinto melhor do que bem.

– Por favor – diz ele, plantando-me um beijo no osso da anca –, diz-me se te sentires desconfortável com alguma coisa.

– Sim – concordo, num arquejo.

Afasta-me com os polegares e passa a língua pelo meu cerne em brasa, com lambidas quentes que me fazem ficar sem ar.

– Hmm... o teu corpo dir-me-á se isso acontecer – comenta, como se os sons que rouba de mim não fossem um sinal evidente.

A partir de então, não há nada de pensado ou apressado na forma como ele me saboreia.

Quando eu tento desajeitadamente conceder-lhe algum ritmo, ele encaixa a minha perna sobre o seu ombro e assume definitivamente o controlo. Solta contra mim aquele gemido que eu adoro, e eu sinto-o *dentro* de mim. É uma sensação eufórica como o caraças. Atinge as minhas terminações nervosas até eu deixar de perceber se me estou a vir ou a desfalecer, até que entendo que são ambas as coisas, até me ver completamente contorcida e pulsante.

Como entretanto eu largara a saia, agarrando antes os seus cabelos, agora as minhas mãos relaxam e repousam bambas sobre a cabeça dele. Ele poisa a testa na minha barriga, depois soergue-se e levanta-me as pernas lânguidas de forma a voltar a vestir-me as cuecas. Os nossos peitos juntam-se num abraço forte e terno, e reparo que ele está tão ofegante quanto eu, o coração cavalgando ao mesmo ritmo que o meu. Beijo-o docemente, percorrendo-lhe o queixo, e ponho timidamente a mão entre as suas pernas. Ele solta um som rouco e estilhaçado..

– Eu não estava nada à espera disto – murmura-me, antes de tomar os meus lábios nos seus. – A Indy está mesmo a chegar a casa. Nós não... – Outro beijo. – Não temos mais tempo.

Sinto uma certa mágoa, mas sorrio na mesma.

– Nem eu te esperava cá hoje – digo –, mas fica – acrescento, antes que mude de ideias. Encosto-me a ele como se não conseguisse evitar. – Deixa-me fazer-te...

– Não – murmura ele, mas sorrindo-me de volta. – Está tudo bem, Sage, nós temos tempo. – Engole em seco. – Quero ir com calma.

No rescaldo efervescente do orgasmo, as palavras dele deixam-me inexplicavelmente triste. Sim, temos tempo, mas quanto?

– Sim, mas fica... ou volta para jantar? – peço-lhe. – É o meu jantar mensal de irmãos. E o Sam também vem, por isso, a Indy também iria gostar. – Não sei porque é que o facto de lhe pedir isto me faz sentir tão vulnerável, minutos depois de ter a língua dele dentro de mim.

Vejo-o mudar de expressão e esboçar um sorriso suave.

– OK – diz, e beija-me bruscamente mais uma vez. – O que é que pensas

fazer para mim?



Nessa noite, acabamos por fazer pizzas caseiras no grelhador. Eu já tinha massa pré-feita, bem como uma série de ingredientes no frigorífico e legumes da horta que o Fisher me convenceu a acrescentar.

– De certeza que te apetece piza? – pergunto-lhe às tantas, enquanto ele me ajuda a preparar os ingredientes. – Quer dizer, calculo que já tenhas comido as melhores pizzas do mundo. Isso não faz com que as coisas mais básicas te pareçam sensaboronas?

Ele pega no copo de vinho barato que lhe servi e dá-lhe um longo gole. É verdade que foi ele quem me proporcionou um belo de um orgasmo há pouco, mas, curiosamente, parece bem mais relaxado do que eu. Movimenta-se pela minha cozinha como se estivesse em casa.

– Eu acho que a melhor piza que eu jamais comi foi na noite do meu baile de finalistas, algures no Nebraska – diz ele com uma risada bem-disposta. – O queijo era tipo borracha e o molho parecia ácido puro e a massa estava esturricada nas bordas e malcozida no meio.

– Que coisa horrível.

– De facto era. *Mas...* havia uma rapariga.

Olha-me com uma expressão malandra. As pálpebras beijadas pelo sol, os lábios húmidos, a sombra da barba vespertina e o brilho do brinco fazem-no parecer um pirata saqueador. Pergunto-me se não terá mesmo algumas tatuagens ocultas.

– Pois claro, só podia – digo, com uma risada.

– Basicamente, os meus pais insistiram que eu fosse ao baile mesmo não tendo companhia. E eu acho... ai, isto é *mesmo* embaraçoso... acho que a minha mãe chegou mesmo a comprar-me uma flor de lapela. – Franze a testa só de se lembrar: – Mas esta rapariga... Lauren Chilton, tinha sido um verdadeiro terror ao longo de toda a primária, e um autêntico monstro no secundário. Mas também tinha sido eleita a Rainha do Baile. Obrigava toda a gente a tratá-la por LC. O Rei do Baile que seria suposto acompanhá-la era também um idiota do pior mas, resumindo, ela apanhou-o em pleno baile a curtir com a capitã da equipa de lacrosse e resolveu fazer-se a mim.

– Aha! Quer dizer que já nessa altura eras apologista da cena fazer-ciúmes-aos-ex? – digo, em tom de brincadeira.

– Bom, adiante – diz ele, ignorando-me. – Eu tentei mostrar-me o mais tranquilo possível durante toda a noite, em vez de reagir como se os meus sonhos de adolescente se tivessem tornado realidade. Ela pediu-me que a levasse a casa e que, no caminho, parássemos na loja de *waffles*. Só que sem a escuridão do ginásio e a música e a dança, fiquei demasiado nervoso para conseguir comer à frente dela. Sentia o estômago cheio de nós. – Solta uma

gargalhada. – Assim que parei à entrada de casa dela, ela curtiu comigo durante exatamente sete segundos, e apalpou-me as partes baixas durante um nanossegundo, até que o meu estômago desatou numa cacofonia de barulhos estranhos, o que a fez perder o interesse. – Leva uma amora gorda e succulenta à boca. – Resultado: no regresso a casa, parei na primeira loja de conveniência que encontrei e devorei uma fatia de piza, que provavelmente já estaria na montra aquecida há dez horas; e pronto, foi assim a história do meu primeiro beijo.

O que quer dizer que a piza intragável foi para ele a melhor de sempre por estar associada a uma memória. Não é portanto de estranhar que ele ponha tanto esforço no que faz. Para ele, em tempos a comida equivaleu a memórias.

– Ah, antes que me esqueça de perguntar – diz ele. – Onde é que tu arranjas estas amoras divinais? As que eu compro não têm nada a ver.

– Porque estas – respondo – crescem precisamente *aqui*, nas traseiras das nossas casas. As que compras são amoras banais, estas são silvestres.

Ele franze o sobrolho, dedicando um olhar maléfico às amoras que tem na mão como se elas o fizessem sentir-se estúpido. Eu rio-me e beijo-lhe o queixo.

O Silas, o Ellis, o Sam e a Indy aparecem pouco depois. Instalamo-nos lá fora, sob o sol do fim da tarde, comendo e bebendo e rindo. O Silas e o Ellis esticam-se um bocado sobre algumas das minhas histórias de infância mais embaraçosas, e eu contra-ataco com todo um arsenal semelhante. Quando o sol se esvai e o céu adquire um bonito tom rosado, o Sam e a Indy decidem ir dar um passeio pelas redondezas.

– Aquele rapaz está lixado – comenta o Silas com um gesto de cabeça para o Sam quando este se afasta.

O Ellis ergue um sobrolho desagradado.

– Porque é que dizes isso? – indago, começando a recolher as garrafas de cerveja vazias da mesa. Mas o Fisher detém-me e força-me a sentar-me de novo, tratando ele do assunto.

– Alguém quer mais alguma coisa? – pergunta, já em direção à cozinha.

– Sim – responde o Silas sem hesitar. – Queremos que *tu* nos faças a sobremesa. Uma coisa assim meio marada, de preferência. Uma cena com espuma e bolhinhas de açúcar e gelo seco, ou coisa assim.

– Silas, *pelo amor da Santa!* – rosno-lhe.

O Fisher dedica-lhe uma resposta muda e passiva, e leva as garrafas para a cozinha.

– Porque é que disseste aquilo sobre o Sam? – insisto com o meu irmão.

– Porque – responde-me – tudo naqueles dois me parece exatamente o mesmo que o Ell fez com a Wren. E vê onde isso o deixou.

– Cala a merda da boca, Silas – intervém o Ellis, mas sem agressividade.

– Segundo a Indy, eles são só amigos – esclareço-os. Não é da nossa conta aquilo que eles fazem ou deixam de fazer nos bastidores. – A Wren e o Ellis estavam apaixonados.

– Podemos mudar de assunto, por favor? – pede-nos o Ellis.

– Sim, mas o que eu quero dizer é que já lá vão quatro anos, mano – diz o Silas. – Já era altura de se seguirem com a tua vida.

E pronto, mais uma vez, é assim que este tipo de conversa acaba. Porque nem todos os corações se quebram e se *curam* da mesma maneira. O meu irmão Ellis entrançou a vida dele com a da Wren de tantas maneiras que é normalíssimo que as coisas ainda estejam sensíveis.

O Fisher regressa da cozinha e dá-me um apertãozinho caloroso na nuca quando se junta a nós cá fora. Oíço uma voz distante na minha mente sussurrar-me mais uma vez: *Perigo! Estás tal e qual uma naufraga, envolvida numa situação muito complicada de gerir! Não te deixes ficar demasiado confortável nesse teu mundo invertido ao ponto de não conseguires vir à tona respirar!*

Vem-me à mente mais um dos célebres mantras da minha mãe: *Não te preocupes demasiado com as nuvens ao ponto de não reparares nas flores aos teus pés.*

As flores podem murchar, é certo, mas creio que irei conseguir desfrutar delas enquanto aqui estiverem.



CAPÍTULO 21

FISHER

No dia em que o Frankie chega, parece que o tempo começa finalmente a ganhar velocidade.

Os trabalhos no Starhopper são algo em que tenho zero experiência. A verdade é que me sinto apenas um comandante/intermediário em relação a todos os envolvidos neste projeto. Mas, no cômputo geral, os trabalhadores locais contratados entrosam-se bem com o Frankie e a sua equipa, e toda a gente cumpre com as suas funções – algo que, segundo soube, é muito raro numa empreitada deste género. A Martha O’Doyle é presença assídua na obra, mas a essa creio que consegui dar-lhe a volta.

– Tu foste mesmo pedir um *feedback* àquela mulher? – sussurra-me a Sage, na secretária onde hoje nos instalámos na biblioteca. Tem um lápis enfiado no cabelo, a prender-lhe o carrapito, e dirige-me um sorriso sarcástico. – Só podes ser sádico. – Fico estranhamente atrapalhado quando a sinto passar o pé descalço pela minha perna acima, debaixo da mesa.

A Sage e eu estamos presos numa espécie de limbo desde aquele dia no jardim de inverno de casa dela, na quinta-feira passada. No dia seguinte, tive de passar de manhã cedo pelo Starhopper para receber o canalizador, e ela esteve ocupada no mercado agrícola todo o fim de semana, juntamente com a Indy. E eu andei assoberbado com o restaurante praticamente toda esta semana, de segunda a quinta. O que significa que hoje, sexta-feira, é o primeiro dia em que estamos juntos e a sós desde então. Aliás, reservámos as tardes de sexta-feira para estudarmos para o concurso de cultura geral e termos algumas aulas de culinária. Mas aquele dia nunca me saiu da cabeça. Nem a sua pele sedosa ou o seu sabor, nem a forma como a curva do joelho dela começou a suar contra o meu ombro ou como rodou a anca quando estava à beira do orgasmo.

Porra, estou a segundos de lhe suplicar que me deixe enfiar-me debaixo da secretária para voltar a saboreá-la. Mas também sei que já antes a fiz abstrair-se das nossas regras, e não quero correr o risco de a pressionar de novo nesse aspeto. Tenho de refrear os pensamentos.

E lembrar-me de que a Martha O'Doyle era o assunto que estávamos a discutir ajuda-me nisso.

– É verdade, pedi-lhe a opinião, mas, graças a todos os santos, ela hoje esteve demasiada ocupada a fazer compras para trabalhos artísticos locais e nem conseguiu aparecer por lá para gritar ou para controlar os camiões de cargas. – Rio-me. – Mas, já agora, sinto que aprendi este truque *contigo*.

Instintiva e inocentemente, ela leva uma mão ao peito e murmura:

– Comigo?

– Sim, contigo – digo-lhe afagando-lhe o pé com o meu. – Ou julgas que eu não reparei como nos ludibriaste, a mim e à Indy, apelando ao nosso sentido de *utilidade*?

Vejo-a sorrir timidamente antes de dedicar a sua atenção ao livro à sua frente. Sinto-me uma criança, torcendo as mãos perante a dificuldade em me concentrar. Solto um suspiro dramático.

– Olha lá – pergunta-me ela, de sobrolho erguido –, achas que já sabes tudo o que precisas de saber sobre os primórdios do noroeste do Pacífico, e a ascensão e queda da sua indústria madeireira?

– Define *precisar* – digo, desmoralizado. Não faço a menor ideia de como é que o meu cérebro conseguiu sequer aguentar no modo de aprendizagem tradicional.

– Se conseguires estudar por mais de dez minutos – diz-me –, eu mostro-te o sótão.

Fico curioso e motivado ao ponto de dedicar toda a atenção a tudo o que ela me coloca à frente.

Até que, enquanto me vejo envolvido no drama profundo das guerras da madeira, a Sage estende a mão e passa os dedos pelo meu braço. Sinto um arrepio.

– Lindo menino – diz-me. E eu fico convencido de que estudar com ela não voltará a constituir um problema.

Ela levanta-se e começa a enfiar os nossos livros no saco, e eu ajudo-a. Não consigo desfazer a expressão estúpida que sei que tenho estampada no rosto; e sei também que, tivesse eu uma cauda, ela estaria agora a abanar freneticamente.

A Sage conduz-me até à sala onde tínhamos estado na nossa primeira visita à biblioteca, mas desta vez subimos umas escadas que vão dar ao sótão.

– Não se trata propriamente de um sótão amplo – informa-me ela. – Não passa de um espaço extra a que nunca deram grande importância.

De facto, é bem mais pequeno do que eu esperava, com um vitral redondo que faz com que o espaço pareça o interior de um caleidoscópio. O teto é inclinado, e mesmo na sua parte mais alta é praticamente impossível eu

manter-me de pé. Vê-se um caixote grande cheio de roupas, brinquedos e o que parece uma miscelânea de objetos acumulados ao longo de décadas, com um cartaz pintado com as palavras «Perdidos e Achados». No entanto, um dos cantos do espaço parece de certo modo mais pessoal, com um pequeno baú aberto e cheio de livros de onde espreitam capas com bonitões de cabelo comprido e em tronco nu, alguns desenhos claramente feitos por crianças presos num cordel, e um peluche que a Sage tenta sub-repticiamente afastar para o lado com o pé. É confrangedoramente íntimo, como se ela me estivesse a mostrar a sua cápsula do tempo.

– Aqui – diz –, foi onde eu dei o meu primeiro beijo. – Vejo-a a sorrir para mim, manifestamente insegura. – A Venus começou a deixar-me vir para aqui teria eu uns sete ou oito anos, mas só a mim, a não ser quando eu própria trazia companhia. Creio que ela sabia que eu precisava do meu espaço, longe dos meus irmãos. Bom, adiante, o Shiloh Wilson foi responsável pelo meu primeiro beijo aqui mesmo. Estava no oitavo ano, e viemos para aqui jogar ao jogo da garrafa, eu mais sete ou oito colegas. – Solta uma gargalhada alegre.

– Sórdido – digo. – *Shiloh & Sage*. Soa a uma marca daquelas que fazem publicidade em guardanapos de papel dos cafés.

Ela ri-se:

– Acho que ele agora vive numa tenda, algures em Washington.

– Partiste-lhe o coração a esse ponto? Coitado do Shiloh.

– E se fui eu quem ficou de coração destroçado?

Acho isso muito improvável, mas...

– Tens razão. Não consigo imaginar-te a deixar seja o que for mais destruído do que quando o encontrei.

Uma tristeza atravessa-lhe o sorriso, mas ela estende a mão para a minha. Sentamo-nos ao lado um do outro, de dedos entrelaçados e sem dizer uma palavra, envolvidos por todas as cores, pelo pó suspenso no ar. Parece que o tempo e as inquietações ficam também em suspenso por um breve momento.

– Qual foi a sensação? – pergunta-me ela, por fim. – Saberes que ganhaste uma estrela Michelin? Refiro-me à primeira, claro.

– Boa pergunta. Acho que na verdade nunca me deixei apreciá-lo. – admito. – Acho que senti a pressão, porque sabia que tinha de me agarrar àquilo. Senti acima de tudo medo, ou pânico.

Perscruto-lhe o rosto para lhe detetar alguma mágoa ou desconforto. Um qualquer indício de desilusão por eu não me ter enchido imediatamente de alegria, orgulho e gratidão. Mas não; tudo o que lhe noto é curiosidade. Sorrio e concluo:

– Acho que a perspetiva que tenho sobre adrenalina está um bocado enviesada.

– E as coisas pioraram com as que se seguiram? – pergunta-me.

Concordo com um aceno de cabeça.

– No dia a seguir a eu saber que tínhamos conquistado a terceira

comecei um pequeno fogo. Nem sequer me lembro como. Mas lembro-me de ficar a olhar para o fogo e de pensar que era uma prova de que eu era uma fraude, e... sei lá, acho que de certo modo resultou numa espécie de alívio. Creio que na altura em que perdi a terceira estrela, já estava tão desligado emocionalmente que me pareceu apenas mais uma confirmação.

– Sim, mas mereceste-as a todas. Sabes disso, não sabes? Esforçaste-te imenso e mereceste-as.

Planto-lhe um beijo nos nós dos dedos.

– Agora, sim, sei. Acho que isso é uma das poucas coisas boas de sermos despedidos. Por mais que o meu cérebro tenha passado um mau bocado a tentar perceber o que é que fiz de errado, a verdade é que também me lembrei de tudo o que correu bem.

A felicidade estampada no rosto dela deixa-me faminto.

– Como eram os teus pais? – pergunto-lhe.

Sei que toda esta partilha pode vir a ser perigosa, mas sinto como se ela me tivesse convidado para algo mais do que subir a um sótão de uma biblioteca pública, como se cada pedaço seu que ela vai revelando me faça mais e mais ávido de outros. Quero saber como foi o seu baile de finalistas, por onde viajou, se quer viajar. Quero saber qual é o seu prato favorito e por que razão.

Quero ser aquele que lhe prepara o prato favorito. Aliás, quero tanto fazer isso que me dói o peito. E sei que tudo isto é por querer impressioná-la. E admito que também a quero seduzir. Mas quero sobretudo cozinhar para ela.

– Os meus pais – responde-me com um sorriso sonhador – cresceram aqui. Eram vizinhos e, durante muitos e muitos anos, detestaram-se, isto até pelo menos ao último ano do secundário. Depois, o meu pai foi estudar para outro estado, e a minha mãe ficou por cá. – Quanto mas sorri, mais me aperta a mão. – Eles tinham por hábito vestirem-se a preceito para o festival, por isso a minha mãe e um grupo de pessoas organizaram uma cena em que as pessoas vestiam roupas da era da regência britânica e tinham de representar personagens dessa época por um dia. Tenho pena de que tenham acabado com isso, porque eu teria arrasado nisso. Mas, enfim, o meu pai regressou nas férias de verão e acho que uma ex-namorada apareceu nesse dia na vila à procura dele.

– E essa ex não era de cá?

– Não – ri-se ela. – Era de um outro condado. E o meu pai não fora propriamente inocente naquilo tudo. Aparentemente, tinham-se conhecido no final do semestre e ele saíra com ela algumas vezes, ainda que sabendo que jamais seria um caso sério. Mas a verdade é que ela referiu uma casa flutuante que a família alugara para o Quatro de Julho na terra deles, num dos gigantescos lagos que por lá haveria. E temos de perceber que por cá nada de importante se passava no Quatro de Julho, e que pode ser um ponto sensível para nós. – Ri-se de novo. – E ele queria muito assistir ao fogo de artifício, e também nunca tinha estado numa casa flutuante, por isso, digamos que usou a

rapariga. Depois, assim que voltaram de lá, acabou tudo com ela.

Abano a cabeça criticamente.

– Eu sei, foi muito mau – prossegue ela, lendo-me os pensamentos. – Mas, seja como for, e segundo a teoria dele, essa miúda apareceu em Spunes em pé de guerra. E ele entrou em pânico e só queria um sítio onde se esconder. Até que deu com a minha mãe, enfiada no seu vestido de época, com uma saia gigante. – O sorriso dela mantém-se irrepreensível. – Sei lá, ele devia estar mesmo muito desesperado para a ter convencido a escondê-lo debaixo do vestido dela.

– Beeem – comento, impressionado –, isso é que é uma boa maneira de se conhecer uma mulher. Parecia-me bastante astuto.

– Uma boa maneira de conheceres uma mulher é deixando-a resgatar-te, é isso? – pergunta ela, deliciada. – Sim, acho que também gosto dessa abordagem.

Quando me vê a rir, prossegue:

– Eles só nos tiveram a nós muitos anos depois, quando já eram bem mais velhos, e de tudo o que me lembro deles, eram um casal tão vibrante, tão interessado pela vida, seguindo sempre numa direção e regressando por outra. Viajaram imenso, e experienciaram ambos toda uma sucessão de percursos de carreira antes de assentarem definitivamente em Spunes.

»Eu acho que herdei do meu pai os meus desvios de aprendizagem. Tipo, começo a ler uma coisa sobre uma dada época, deparo-me com uma palavra ou expressão estranha, e dou por mim a pesquisar e pesquisar, e a aprender todo o calão dessa era. Ou leio algures que os pepinos crescem melhor se estiverem junto a girassóis e, sem dar por ela, já tenho toda uma sementeira devidamente preparada.

– Gosto disso – digo. – Que adores aprender coisas novas e te atires de cabeça para elas.

– Tu não?

– Eu acho que gosto de *dominar* alguma coisa – admito. – Fico lixado quando não sou bom numa coisa, ou quando tenho de me esforçar em algo que eu não entenda logo ou não lhe veja um resultado imediato.

– Tem piada, sempre pensei que cozinhar fosse algo inato – observa ela.

– E é. É uma verdadeira avenida criativa e pode tornar-se na arte mais abstrata que existe. E é também extremamente mensurável. Se conseguires dominar os ingredientes, a forma como crescem, como são preparados, em que quantidades ou tamanhos os cortas, é um *puzzle* complicado, sim, mas no final consegues controlar tudo.

Ela solta um som divertido.

Depois de um minuto de contido silêncio, digo:

– Ah, e por falar no Quatro de Julho, a Indy pediu-me para ir acampar com a Blake e a família nesse fim de semana. Vão para Gandon. Não queria que ela fosse para uma cena maluca, de um patriotismo ferrenho, tipo à *Burning Man*. O que achas?

– A Blake é boa miúda, sossega – afiança-me a Sage. – E aquilo é América saudável. Se for maluco, é no bom sentido. Descansa, tem muito pouco de psicadélico. – Dá-me um toque com o cotovelo e um sorrisinho compassivo: – E lá que vai estar praticamente toda a gente nesse fim de semana. Vais ver, isto aqui vai parecer uma verdadeira cidade-fantasma.

– Então e tu? Não te apetece ir ver os fogos de artifício, ou assim?

Ela abana a cabeça:

– Não. É sempre complicado eu sair de casa, com os animais e isso tudo. E quem quer que pudesse cá vir tomar conta deles já tem os seus planos.

– Talvez... – *Merda*, sinto a palma da mão a arder e sinto subitamente a pulsação a mil: – Talvez eu possa cozinhar para ti.

Ela inclina-se para mim e beija-me.

– Claro. E também estarei muito interessada *noutro* tipo de alimento – diz-me. – Mas. – Faz girar uma perna e instala-se no meu colo, e tudo dentro de mim se inflama de desejo. – Ainda que o saudoso Shiloh seja o dono meu primeiro beijo aqui, esperava que talvez pudesses vir a ser o dono do meu *melhor* beijo aqui – diz.

Preciso de respirar fundo algumas vezes para me controlar, antes de me soerguer e passar o polegar pelo lábio inferior dela, e depois perco completamente a cabeça quando ela mo suga para dentro da sua boca quente.

– Merda – sussurro, colando a minha anca à dela.

Agarro-a pela nuca e empurro aquela boca perfeita até à minha.

– Deixa-me devorar-te lá em baixo mais uma vez – suplico-lhe. – Faço tudo o que quiseres. Até decoro a porra daquele livro de história de uma ponta à outra.

Um gemido suave escapa-se-lhe da garganta e os joelhos pressionam cada lado da minha cintura, como se a quisesse espremer. Devo parecer um homem faminto quando olho para o rosto dela, e não consigo dizer qual é a minha zona favorita – as bochechas sardentas e coradas ou aqueles brilhantes olhos cinzentos com longas pestanas escuras. Ou os lábios que parecem sempre ligeiramente manchados. Meu Deus, até o nariz dela eu acho *sexy*.

Os nossos arquejos saem igualmente trémulos.

– Desta vez – diz ela engolindo em seco, como se estivesse nervosa ou envergonhada –, prefiro que *tu* me digas como queres que eu te toque.

Vejo-lhe as palitações na base da garganta. Deve ser, muito provavelmente, a única altura em que a Sage parece remotamente tímida, quando se vê perante o seu lado sexual, mas também sinto que a curiosidade e o desejo a exortam.

Quase que consigo ouvir o sangue a correr-me pelas veias, velozmente e para o único sítio possível.

– Sim, posso fazer isso – digo. Quero que ela se sinta confortável a tocar-me onde quiser, como quiser e quando quiser.

A Sage dedica-se então a puxar-me as calças de ganga até aos joelhos, primeiro desabotoando o botão da braguilha, depois abrindo lentamente o

fecho. Quando finalmente a sinto tomar-me o sexo nas mãos, já ofego que nem um louco, os punhos fechados na saia do vestido dela. Só a visão das suas bonitas unhas azuis a envolvê-lo faz-me gemer.

– *Meu Deus...* – oiço-a murmurar, literalmente boquiaberta a olhar para o meu sexo. Algures dentro de mim, o meu ego derrama uma lagrimazinha de orgulho.

– Molha-mo – suplico-lhe.

Quando a vejo largar saliva sobre ele, solto um som agreste que nunca antes me tinha ouvido libertar. Ao senti-la dar-lhe um ligeiro apertão, peço:

– Podes apertá-lo mais.

Envolvo a minha mão na dela e mostro-lhe a pressão que me agrada, e gemo quando a vejo fazê-lo sozinha de forma perfeita. O modo sereno e apreciador com que ela me observa de perto deixa-me à beira da loucura.

– Olha que já estou quase – admito, mais num rugido feroz do que em voz humana.

– Avisa-me – responde a Sage.

Uma parte toldada do meu cérebro regista que algum idiota antes de mim não terá feito isto. Quando afasto os olhos da mão dela para o seu olhar, encontramos-nos aí. A alça do vestido cai-lhe pelo ombro, uma madeixa de cabelo solta-se sobre o rosto. Ai, Deus, estou mesmo quase a vir-me e solto um queixume doloroso. Ela reage com um gemido de agrado e sobe o vestido pelas ancas acima, exibindo um triângulo rendado e cor-de-rosa.

– Estou a... – começo, girando para ficar de lado. Ela volta-me bruscamente para si e põe-me dentro da sua boca, fazendo-me sufocar com o som gigantesco que me explode do peito. Fico com a visão turva. No fim, agarro-a e mantenho-a firmemente abraçada no meu colo, enquanto o meu coração se esforça para recuperar o seu ritmo normal.

– Isto foi... nem tenho palavras, Sage – murmuro-lhe.

Ela ri-se docemente.

– Acho que estou a começar a adorar esta biblioteca – brinco.



CAPÍTULO 22

SAGE

Acho que estou com *yips*^[4].

Lembro-me de quando éramos novos e os rapazes ainda faziam desporto. Por vezes, experienciavam picos de crescimento ou passavam por uma qualquer fase aleatória que lhes alterava o normal funcionamento corporal. E então deixavam cair bolas, tropeçavam em coisa nenhuma, cometiam lapsos patetas, estúpidos. Chamavam-lhes *yips*.

Acho que é o que me está a acontecer. No sábado, deixei cair na garagem uma saca aberta de ração para galinhas; fiquei três vezes com a presilha das calças presa na maçaneta da porta, tropecei num ancinho ao sair da boxe do *Bud* e estatelei-me ao comprido – ao nível de uma cena de filme cómico antigo. No domingo, quando fui com a Indy para o mercado agrícola, apercebi-me de que deixara em casa as dúzias e dúzias de ovos que tinha a mais e pretendia vender, de que me esquecera de comprar cordel para atar as flores e de que não pusera água nos baldes de metal com os raminhos de hortênsias que tinha para vender. Mas, felizmente, assim que lá chegámos, ainda bem cedo, a Indy apercebeu-se a tempo deste meu último esquecimento. Corremos até à banca onde se lava e amanhã o peixe, enchemos os baldes e mergulhámos as hortênsias de cabeça para baixo para as fazer revigorar.

Esta manhã, deixei na Savvy's as flores comestíveis para os bolos de verão, centáureas e violetas para serem prensadas e glaceadas, já que é a melhor forma de manterem as cores originais. E estava eu a tentar conversar com a Savannah, falando no verão e em todos os seus intensos sabores, quando devo ter tido uma miniparagem cerebral – enquanto mordiscava uma das suas maravilhosas bolachinhas de mel – e disse algo de aluado e etéreo sobre «os passarinhos e as abelhinhas». Assim que reparei na sua expressão de pura estranheza, arranjei uma desculpa e saí.

Acho que já tinha esgotado as minhas evasivas quando declarei taxativamente ao Fisher aquilo que queria. Como se de repente quisesse pôr a coisa na agenda em vez de deixar que simplesmente acontecesse. Tinha-me sentido tão confortável e tão à vontade, ali sentada naquele sôtão com ele, e agora teria de passar por outra angustiante semana a saber que ele está na porta ao lado, lembrando a sensação de ter a cabeça dele entre as minhas pernas, ou a visão do sexo dele na minha mão. Os sons que ele soltou quando eu o fiz vir. O seu sabor. Nunca tive uma relação em que me sentisse tão à vontade para me mostrar curiosa e sexualmente audaz.

Depressa percebemos que os nossos «horários de treino» têm de permanecer flexíveis. Ontem à noite, ele mandou-me uma mensagem a perguntar se eu me importava de combinarmos o encontro de hoje mais para a tarde, para de manhã ainda poder fazer uma videochamada com a Carlie, o Frankie e o sobrinho do Walter – que é o dono da empresa de casas de banho portáteis. E ainda bem que assim foi, porque eu precisava de tempo para arrumar os meus pensamentos, decidir qual a melhor maneira de abordarmos o resto do verão.

Penso que gostaria de arrancar uma página da cartilha dele e tentar controlar os ingredientes desta nossa receita. Teoricamente parece insensível, mas na prática é inteligente. Nada de nos enrolarmos quando é suposto treinarmos, e limitar o enrolanço a uma vez por semana.

No entanto, toda esta minha sensatez é posta em causa no preciso momento em que começo a vê-lo descer para vir ter comigo à praia, o fato de mergulho enrolado na cintura e de tronco nu. Está tão bonito que até me faz doer os dentes.

– Olá! – cumprimenta-me alegremente. Os olhos parecem mais claros em contraste com o rosto bronzeado.

– Viiiiva! – digo. *Porra para os yips.* – Quero dizer, olá. – Preciso de uma pausa.

Ele ri-se:

– E então? Pronta?

– Regras – digo, no tom mais sério que consigo assumir. Sinto-me a precisar de cheirar uns sais, juro. – Eu creio que, antes de mais, devemos falar sobre regras de treino. Não chegámos a estabelecer nenhuma... naquele dia.

Ele passa a mão pelo cabelo e pestaneja, confuso. Pelo canto do olho, reparo que lhe falta um dos brincos. Penso logo se o terá perdido quando estive comigo, daquela vez em que tentei debater calmamente este assunto com ele.

– Pois, desculpa lá isso – diz-me. – Acho que me deixei levar pelo momento e excedi-me.

– Não, não – lanço-lhe. – Não peças desculpa. – *E nem sequer penses em reconsiderar*, é o que me apetece dizer. – Também me aconteceu exatamente o mesmo na biblioteca. – Sinto o rosto e o pescoço a aquecer, lembrando-me das suas pálpebras pesadas de desejo ao olhar para mim. – Só acho que,

quando estamos a treinar ou a estudar, talvez fosse boa ideia mantermo-nos concentrados apenas nisso. E talvez devamos... enfim, limitar... as outras coisas... a, tipo, uma vez por semana.

Evito olhar para ele ao dizer isto, mas quase morro de vergonha quando me apercebo de que estive a falar para o mamilo dele. Desvio os olhos para a mão dele, mas vejo-a estendida para mim e decido que também não é seguro. Opto finalmente por olhar para os sapatos. E não é que é lá que eu encontro alívio? Não há mundo nenhum em que calçado aquático seria capaz de me excitar.

– Sim, o nosso treino deve e vai continuar a ser isso mesmo, *treino* – diz-me. – Mas acho que não concordo contigo quanto a essa proposta de uma vez por semana – acrescenta calmamente.

Franzo a testa perante a sua expressão plácida.

– Então concordarias com quantas?

– Eu sou um homem adulto. Consigo controlar-me e manter-me concentrado numa determinada tarefa. Mas fora disso, acho que devemos manter-nos... sem limites.

Solto uma espécie de tossir surpreendido.

– Então, só *não*? – Não sei por que razão esperava que isto não viesse a ser motivo de discussão.

– Bom – diz ele, apoiando-se no remo. – *Não* é uma frase completa. – Mordisca o lábio com um sorriso. – Mas concordo com a tua primeira regra, e proponho que deixemos a segunda manter-se flexível. – Dirige-se à canoa. – Tanto por mim quanto por ti, Byrd.

Abro a boca de espanto.

– Esse *ego*, realmente – digo.

– É grande – declara ele. Impassível e obscenamente bonito, e definitivamente consciente do duplo sentido. – Ah, a propósito, tens um mamilo à mostra. – Entra na água e eu volto a amaldiçoar os *yips* e apresso-me a compor a parte de cima do biquíni – Está surpreendentemente quente hoje, e ainda assim...

É ele que marca o ritmo do nosso treino, ignorando o meu acidente aureolar. Remamos durante duas horas, com poucas pausas, até ficarmos alagados em suor e com os braços como chumbo, demasiado extenuados para eu sequer me preocupar com constrangimentos. Levamos a canoa para trás da rocha-esconderijo e subimos o trilho praticamente sem trocarmos uma palavra, enquanto tentamos recuperar.

Assim que chegamos ao descampado, vejo a Indy deitada na relva com o Gary a seu lado, na gaiola.

– Para quem se farta de reclamar que ele é uma peste, ela visita-o demasiadas vezes – comento.

– Ainda não cheguei à fase de fingir que a compreendo – responde o Fisher.

– Tentar já deve contar para alguma coisa – digo com um encolher de

ombros.

Vejo-o endireitar as costas e olhar-me com uma expressão insegura.

– Achas que, enfim, queres jantar connosco esta noite? – quer saber. – Vamos ter mais que suficiente.

O *Legoless* surge sabe-se lá de onde e esfrega-se contra as pernas do Fisher. Mais ao longe, a *Sable* solta um leve latido de boas-vindas.

Subitamente, tudo isto me parece uma espécie de augúrio. Fico cheia de medo de que o Fisher e eu possamos parecer demasiado confortáveis um com o outro.

Ele pode não ter querido estabelecer restrições, mas a mim parece-me prudente que, pelo menos, eu imponha alguns limites a mim própria.

– Não, deixa estar, obrigada – digo.

Ele assente, e penso que compreende. E vira costas e dirige-se para casa sem mais uma palavra.

Na terça-feira, o nosso treino decorre de novo no mais estrito dos profissionalismos. Não é indelicado, nem frio, mas também não é propriamente quente. O Fisher parece apressado, a querer despachar o assunto, e evita olhar-me nos olhos. Rio-me quando vejo um casal de leões-marinhos, de barrigas para cima, a aquecer ao sol, soltando aqueles ladridos ridículos, mas a sua única reação é um breve sorriso de lábios cerrados.

Na quarta, mando-lhe uma mensagem a perguntar se quer que eu lhe mostre o tal campo das amoras-silvestres de que ele tanto gosta. Responde-me com uma foto daquele belo rosto meio enrugado que eu adoro quase tapado por taça cheia delas. Com a legenda: *Segui-lhes o cheiro, obrigado*.

Quando eu insisto e lhe pergunto o que planeia fazer com elas, ele não responde, ainda que eu veja que ele leu a mensagem. Quando a tarde arrefece um pouco, decido ir arrancar ervas-daninhas, e dou por ele encostado à minha vedação, permitindo que o *Legoless* se roce nele. Dirijo-me a ele, avisando-o da minha chegada com uma gargalhada, e ele vê-me, acena, dá meia-volta e volta apressadamente para dentro. Passo o resto da tarde no jardim, dando chicotadas mentais e emocionais a mim mesma devido a toda esta novela, podendo erva agressivamente a cada pensamento beligerante. Detesto o facto de ter adquirido subitamente a dolorosa consciência do seu distanciamento. *Zás!* Detesto ter recusado jantar com eles. *Zás!* Detesto ter querido, desde então, convidá-los para jantar comigo. *Zás!* Detesto saber que é por isto que, provavelmente, foi melhor não o ter feito. *Zás! Zás!*

A meio da noite, a *Sable* dá sinais de querer ir lá fora, e isso devia fazer-me desconfiar, mas estou com tanto sono que nem consigo pensar claramente. Quando ela volta, vem a ganir e a engasgar-se, a tresandar. Encontro de primeiro grau com uma doninha. Precisa de ingerir umas boas seringadelas de água oxigenada para induzir o vômito, e umas colheres de bicarbonato de sódio. E terá ainda de levar vários banhos com detergente da loiça. Este infortúnio não me alegra por aí além.

Algumas horas depois, já na manhã de quinta-feira, acordo deprimida e

com os músculos inflamados e doridos de tanto treino e da falta de um sono de qualidade. Tipo morta-viva, tento enfiar-me no fato de mergulho, mas perco logo o último grama de motivação. Mando uma mensagem ao Fisher a dar-lhe folga.

Minutos depois, estou eu a olhar para o meu sofá à procura de uma qualquer inspiração para a inglória tarefa de me tirar de dentro do fato de borracha, antes de rastejar novamente até à cama, quando a *Sable* solta um latido feliz e sai a correr porta fora.

Oiço o Fisher entrar pela minha salinha, dirigindo-se até à cozinha. Quando dá comigo na sala, franze a testa e pergunta:

– Estás doente?

– Não.

Ele fixa o olhar em mim, uma madeixa caindo-lhe sobre o rosto, que ele afasta antes de indagar:

– Então o que quiseste dizer quando me deste folga?

– Precisamente isso. Estamos de folga hoje. Não precisamos de ir treinar.

Ele pestaneja lentamente e cruza os braços.

– Ouve, Byrd – diz –, eu não sou propriamente um gajo aquático.

– Isso é óbvio – digo-lhe num resmungo. – Ou terias guelras e membranas interdigitais nos pés, como o Kevin Costner naquele filme, o *Waterworld*.

– Precisamente – responde, inabalável. – E também não sou um gajo de barcos. Mas sou um gajo *vencedor*. Disse-te logo que, se fizéssemos isto, não iria querer perder. Hoje podemos ir com calma, sim, mas acho que devemos ir treinar.

Há algo de tão determinado nele, na postura e no brilho resolutivo do olhar. Faz-me lembrar do quanto eu quis fazer isto *por mim*; logo, o seu interesse ou apatia em relação à minha pessoa não pode servir de obstáculo.

– Tens razão – digo. – Vamos lá, remo à vitória.

Acho que queria dizer *rumo* mas saiu-me um *remo*. Reviro os olhos para mim própria. Mas, enfim, acho que é natural sermos propensos a este tipo de trocadilhos quando somos de uma terra chamada *Spunes*^[5].

Ainda assim, fico irritada com ele por ter esta influência sobre mim. E ainda mais irritada por me sentir assim. Cá estou eu de novo, a Sage tonta e demasiado mole. Mas pronto, deixo que essa irritação sirva de incentivo e decido-me a dar tudo na nossa tarefa.

Quando atingimos uma hora de treino, ainda me sinto enervada mas tenho de admitir que fizemos bem em vir. É como se o meu cérebro se visse subitamente obrigado a concentrar-se de novo no presente. Na sensação do meu remo a rasgar as águas, e nas gotas de transpiração que me picam nos olhos, no ar que me entra e me sai dos pulmões. Sinto toda uma miríade de dores de cima a baixo da coluna, as mãos quase em carne viva, e o calor faz-me sentir como se estivesse dentro de um crepe chinês mal frito, com algumas

partes ainda frias.

– Acho que vem aí uma tempestade – acabo por dizer entre arquejos, quando estamos a desfrutar da nossa última pausa.

– Como é que sabes? – pergunta-me ele, ofegando pesadamente no banco atrás do meu. – Não vejo uma única nuvem.

– Sim, mas eu sinto-a.

A risada irónica dele tira-me do sério, num misto da adrenalina, exaustão e insegurança que se transforma em algo amargo.

– O que é? – lanço-lhe, voltando-me para ele. – Achas que estou mais uma vez a ser tonta? – O meu tom quase que pode parecer de gozo, mas ele reage como não sendo, claramente apanhado de surpresa.

– E quando é que eu alguma vez te chamei tonta? – quer saber, franzindo as sobrancelhas.

Sinto um súbito e frustrante embaraço a apertar-me a garganta. Vendo bem as coisas, *eu* é que tenho dito isso a mim mesma. Ele já me pediu desculpa pelos comentários e juízos de valor infelizes que fez, já lá vão várias semanas. Agora está aqui para mim, a cumprir a sua parte do acordo. Sou só eu, e mais ninguém, quem insiste em dar estes nós no cérebro.

– Nunca – admito, quase num fio de voz. – Desculpa, – respiro fundo –, estou a ter um dia meio marado, só isso. Vamos só voltar, OK? – Não olho para ele; não quero que ele me veja triste, como eu sei que pareço neste momento.

– OK – responde-me suavemente.



Como que numa concertação velada, remamos lentamente de regresso à praia, calados e com toda a calma, e eu aproveito esse tempo para organizar a cabeça. A questão aqui é que eu não sou nada do género de conseguir manter uma postura reservada, descontraída e descomprometida. Nunca fui. A minha mãe descobriu esta minha característica por volta dos meus seis anos. Chegou até a falar sobre isso no seu livro de conselhos: «Nunca vi ninguém atirar-se sempre tão instintivamente de cabeça para as coisas», escreveu. «Andar, nadar, até comer, o teu pai e eu demorámos imenso tempo a ensinar-te a usar os talheres porque tu só parecias querer comer como os cães, a boca diretamente na comida. Ver o teu pai a ensinar-te a nadar provocou-me um pesadelo muito particular de ti a mergulhares em águas pouco profundas. Não estou a pedir-te que não te banhes em águas desconhecidas, apenas que por favor entres de pés.»

Isto pode até ter sido um conselho literal, mas a verdade é que me identifico com isto demasiadas vezes.

Chegamos à praia em silêncio, e em silêncio levamos a canoa até ao seu esconderijo.

– Desculpa – volto a dizer-lhe. – Acho que estou envolvida numa luta contra o meu próprio cérebro – admito, com um leve encolher de ombros.

– A sério? E o que é que esse sacana está a tentar dizer-te? – pergunta-me ele.

Enternece-me esta sua tentativa brincalhona e complacente de se juntar à minha metáfora, e dedico-lhe um sorriso grato. Facilita imenso falar das coisas assim.

– Está confuso, e apreensivo, e cansado para caraças. – Rio-me. – A *Sable* saiu à uma da manhã e levou com um «duche de doninha». Foi uma noite longa.

– Ah, daí este pivete – brinca ele, franzindo o rosto numa careta. – Mas diz-me lá qual é o motivo da tua apreensão.

Decido atirar-me de pés.

– Nesta última semana, tu... tens andado diferente. Bem sei que disse que queria que nos focássemos nos treinos, mas... praticamente nem olhas para mim, e sei lá, desde aquele dia em que recusei o teu convite para jantar em vossa casa, sinto que tens andado a evitar-me. Tirando os nossos treinos, claro. E tenho reparado que, sempre que eu me rio, tu viras costas. – Não contava incluir este último pormenor na conversa, e agora sou eu que desvio o olhar.

Esforço-me por me manter imperturbável quando o sinto chegar-se mais a mim.

– Olha para mim – diz.

Eu faço-o, e a expressão dele é séria e atenta; acho que consegui oficialmente exasperar o homem. Mas eis que ele leva a mão ao meu pescoço, subindo até ao queixo, o polegar afagando-me a linha do maxilar.

– Antes de mais, peço desculpa por ter chamado sacana ao teu cérebro. Retiro o que disse. Eu gosto do teu cérebro – diz. – E segundo, falei muito sobre manter-me focado. – Solta um suspiro. – Acontece que a mínima coisa que tu fazes causa em mim uma reação estupidamente erótica, e é uma autêntica tortura. Sinto-me preso por um fio a tudo isto, e tem sido muito mais difícil do que eu pensei que fosse.

O meu rosto ilumina-se num sorriso, e ele espelha-o.

– Ainda bem que ficas feliz com o meu sofrimento – acrescenta, risonho. – Mas eu estou a falar a sério. Há aquelas coisas mais óbvias... a respiração ofegante, os barulhinhos que soltas quando estás a dar o máximo... O som do fecho do teu fato *tão* justo, caraças, a abrir. – Toca no fecho com a ponta do indicador. – E depois há também aquelas coisas sem sentido absolutamente nenhum. Tipo, ontem à noite quando fui levar o lixo, vi-te na tua salinha, com as luzes acesas, a pintares as unhas dos pés. E juro-te, Sage, não sei por que razão minimamente aceitável aquilo me pareceu quase pornográfico. E isto a cinquenta metros de distância, note-se.

A minha cabeça atira-se para trás quando me rio com mais intensidade, e ele acena animadamente com a cabeça.

– Quase liguei à polícia para fazer queixa de ti! Atentado ao pudor, uma cena assim. Mas depois lembrei-me: um dos polícias poderia ser o teu ex e tive um ataque de ciúmes à conta disso. À conta de um cenário completamente imaginário, Byrd.

Ai, já estou praticamente toda colada a ele, completamente impotente perante esta atração magnética. Sorrisos enormes e estúpidos em ambos os rostos.

– O teu riso é... nem sei bem o que é, Sage, mas o teu riso... – Sinto os músculos das suas costas nas minhas mãos, os do estômago contraindo e distendendo contra os meus. – A sério, acredito seriamente que o teu riso poderia conseguir desfibrilhar-me.

Oh, não. Com este silêncio, consigo *ouvir* uma vertigem a zumbir-me nas veias. O suave silvar de um salto de um precipício, quando tudo o resto fica distante e silencioso lá em cima.

Ele beija-me em toques leves, saborosos e provocadores.

– Por favor, deixa-me cozinhar para ti amanhã – pede-me, esfregando docemente o nariz no meu. E eu fico sem hipótese de resposta quando ele me toma novamente os lábios, desta vez num beijo urgente, quase bruto.

– Sim – digo na boca dele. Cinge-me as costelas com uma mão, as nossas ancas encaixando-se, enterrando-se uma na outra. Quando ele desfaz o beijo, sinto-me desprovida de quaisquer sentidos.

Olha-me como se estivesse a sofrer.

– Amanhã – declara, creio que numa promessa mais para si próprio do que para mim, antes de virar costas e se afastar.

[4]1 Movimentos musculares involuntários e descontrolados que impedem a pessoa de realizar bem os movimentos que pretende, estando associados a cansaço muscular e/ou questões de concentração mental. (*N. da T.*)

[5]2 «Pun», palavra que podemos encontrar dentro da palavra «Spunes», significa «trocadilho, jogo de palavras». (*N. da T.*)



CAPÍTULO 23

FISHER

Retiro o que disse há dias sobre o tempo parecer estar a ganhar velocidade. Esta semana esticou todos e os mais ínfimos segundos. Na manhã de sexta-feira, ainda sem luz lá fora, os olhos abrem-se, e o meu cérebro lança-se para os braços do dia antes sequer de o meu corpo ser avisado. Passo em revista tudo o que planeio fazer, organizo e preparo tudo o que posso, e depois ando pela casa sem rumo.

À quarta volta, atinge-me uma ideia. Ao ver que ainda nem são seis da manhã, o plano começa a ganhar corpo. A família da Blake ficou de vir cá ao final da manhã apanhar a Indy para o fim de semana. E os planos que eu tenho com a Sage são só para depois disso. Ora ontem, quando estive na loja, reparei num panfleto que anunciava que hoje seria o primeiro dia para se poder ver os famosos labirintos na areia.

Deixo um bilhete à Indy, pego no casaco e nas chaves, e ponho-me a caminho de Founder's Point.

Sou o primeiro a chegar ao parque de estacionamento e a praia parece deserta, à exceção de um velhote enfiado num garrido camisolão *tie-dye* com capuz, aparentemente a instalar-se. Há cartazes em todo o redor das serpenteantes escadas de madeira que vão dar a uma falésia mais pequena, todos eles avisando que só será permitida a permanência ali até o labirinto ficar completo.

– anda cá! – oiço o velhote a gritar para alguém, sem deixar de andar pela areia em todas as direções, a cabeça baixa como que a inspecionar a areia. – desce até aqui!

Olho em volta para me certificar de que é comigo que está a falar. Não vejo mais ninguém.

– Eu? – grito-lhe de volta.

Ele assente com a cabeça até me ver, ainda que hesitante, a começar a descer os degraus. Porra, eu só quis vir aqui espiares um bocado, não estou nada interessado em ver-me cravado para uma *tarrafa*.

– Pega num ancinho – diz o homem ao ver-me aproximar. Vejo que tem uma série de ancinhos junto dele, com dentes metálicos das mais diversas formas, os cabos cobertos com fita adesiva decorativa de diferentes cores. – O teu é o do arco-íris – acrescenta.

– Ah, não – digo, agitando as mãos no ar. – Não posso. – Lembro-me de a Sage me ter falado nestes desenhos e apeteceu-me vir vê-los. Ela falou deles como se fossem algo, sei lá, transformador. – Não quero lixar isto tudo – justifico-me.

– Não lixas nada – responde-me ele. – A entrada e a saída vão ficar ao lado uma da outra, e eu começo sempre cada labirinto com uma curva à esquerda. A ideia é cobrir a maior área possível da areia exposta neste momento. Vamos. Não tarda chegam aí mais ajudantes.

As cores garridas do velhote, em contraste com todo o cinzento que nos rodeia, fazem-me semicerrar os olhos. Sinto uma certa pressão no ar, que me leva a crer que a Sage talvez tivesse razão quando falou numa tempestade iminente.

– E então? Não há mais instruções? Nenhuma dica, alguma coisa a que eu tenha de estar atento? – pergunto-lhe bruscamente.

– Negativo. Se gostares de alguma coisa, por exemplo, se gostares de olhar para aquele rochedo além, Bannet Island, como lhe chama a malta de cá – aponta para um monte alto e entalhado, semissubmerso, a cerca de cinquenta metros de nós –, se gostares de olhar para lá, então deves desenhar o teu trilho de maneira que consigas vê-lo bem à tua frente. Se quiseres olhar para o chão e para os teus próprios pés, fazes a tua cena num emaranhado de biliões de círculos marados, quero lá saber! O importante é fazer.

Não contenho um ataque de riso que me faz vibrar o peito.

– Olha lá, não é suposto os raios dos velhos com camisolas berrantes serem um bocado mais amigáveis? Sei lá, um pouco mais gregários? – lanço-lhe.

Ele endireita-se e olha para a camisola.

– Foi uma rapariga de cá que ma ofereceu no ano passado – diz ele timidamente. – Acho que a ideia era ser *irónico*.

Tenho um novo ataque de riso.

– Deixa-me adivinhar quem é essa rapariga.

– Fisher?

Como se conjurada pelo meu pensamento, volto-me e deparo-me com a Sage atrás de mim, sorrindo como a mais bela das aparições. Tem a ponta do nariz rosada pelo ar fresco do início da manhã.

– O que é que fazes aqui? – pergunta-me com um sorriso caloroso.

– Lembrei-me de me teres falado nisto e decidi vir espreitar – digo-lhe. – E ele fartou-se de berrar por mim – acrescento, apontando para o meu velho e

rabugento companheiro. A gargalhada dela faz-me puxá-la para mim, por puro reflexo.

– Amos – diz-lhe ela em tom crítico, erguendo depois o queixo para mim. – Tem lá calma com ele. O Amos passa os verões a percorrer as estradas da costa oeste a visitar a sua excêntrica família, e depois... o que é que me disseste no ano passado, Amos? – pergunta-lhe.

O velhote suspira e revira os olhos.

– Tenho um irmão que tem um pomar de macieiras no sul da Califórnia, e uma irmã *hippie* na Baía de São Francisco. Costumo visitá-los, e às respetivas famílias, e depois tenho mesmo de relaxar tentando entrar num estado meditativo, repetidamente.

– O quê? Tu deste-lhe o meu ancinho? – repreende a Sage subitamente.

– Sei lá, ele pareceu-me um gajo fã de arco-íris – É a resposta engenhosa do Amos.

A Sage pega noutro ancinho e observa a extensão de areia à nossa frente.

– Como é que eu faço isto? Não quero estragar nada – pergunto-lhe, na esperança de que ela esteja mais aberta a explicações. Não me agrada nada não ter instruções específicas sobre que direção tomar ou o tamanho dos círculos a desenhar.

– Olha, eu própria também nunca tenho a certeza. Acho que a ideia é fazermos aquilo que sentirmos que devemos fazer.

Para mim não devia constituir um problema fazer isto de forma instintiva, traçar na areia um simples trilho circular. Assim sendo, dou o meu melhor em... avançar. Mas, escassos minutos depois, dou por mim fechado na minha própria criação. Aceno à Sage e ao Amos para me virem ajudar a desenredar-me, já que não tenho como prosseguir sem traçar um novo trilho sobre algum dos que desenhei anteriormente.

– Esquece lá isso – diz o Amos. – Por vezes, é precisamente aí que a senda tem de acabar. – Dito isto, volta-me as costas e afasta-se, desenhando um novo trilho atrás de si. – Seja como for, a maré acaba por levar isto tudo – remata, com um encolher de ombros.

Olho para a Sage.

– Não te parece triste, tudo isto? Ter este trabalho, este empenho todo, para simplesmente ser levado pela maré? – Acautelei-me para não utilizar o termo *disparatado*.

– Eu não acho – diz-me ela. – Desde que aceites a inconstância da coisa. Por vezes, as pessoas vêm para cá com coisas que as preocupam, trazem-nas consigo para o labirinto, e é de certo modo terapêutico deixá-las lá, deixá-las para trás. Outras vezes, passa por aprendermos a apreciar o caminho de um modo mais tangível do que através de alguma frase-chave mais incisiva. Mesmo que... – Olha para tudo aquilo que eu tracei e prende-me o olhar. – Mesmo que isso te conduza a um emaranhado de círculos que não levam a lado nenhum. Mesmo que, no fim, não seja possível chegar a sítio algum. Assim que aceites a inconstância de tudo isto, estás a dar permissão a ti

próprio para desfrutares do momento.

Sinto algo a beliscar-me o plexo solar. Ela está tão bonita neste momento, que quase me deixa à beira do pânico, o coração a galopar erraticamente. Largo o ancinho, levo as mãos às abas do casaco dela e puxo-a para mim. Deixo que o meu polegar lhe acaricie as sardas mais uma vez, antes de a beijar. Uma vez apenas. Um beijo só, para saciar este sentimento sôfrego em mim.

Quando nos afastamos, as mãos dela cravadas na minha *t-shirt*, os olhos procurando os meus, vejo passar toda uma sequência de momentos e sentimentos que temos vivido. Acredito que, neste último mês, conseguimos tecer qualquer coisa juntos, algo cuja inconstância saibamos aceitar e algo que consigamos apreciar.



E lá seguimos nós com os respetivos trilhos. Eu, avançando com alguma cautela e arriscando pouco, a Sage mais audaz e corajosa, com investidas dramáticas e uma série de mudanças de direção. Não sei quanto tempo me levou, mas finalmente arranjo uma maneira de apenas me deixar levar. Tudo começa a conectar-se, a unir-se, como se fosse desde sempre essa a intenção. Até que o Amos vem ter comigo e com a Sage e nos pede que encontremos uma maneira de cada um de nós se ligar aos caminhos que ele próprio já traçou até à saída. Dou voltas e voltas, quase até entrar na água, e consigo unir o meu caminho ao da Sage. O trilho que o Amos desenhara funde-se também com o dela, e, por fim, ela e eu formamos os limites para o último trajeto.

Finalmente, recuamos os três e observamos os lindíssimos desenhos que fizemos. Até mesmo as curvas que eu tive de traçar e que me pareciam dissonantes parecem agora perfeitas.

Começamos a ouvir vozes vindas de todos os lados, e uma pequena multidão chega à praia para admirar a obra de arte.

– Ainda ficas? – pergunto à Sage.

– Não – diz ela em tom alegre. – Já fiz aquilo que precisava de fazer.

E eu também.



CAPÍTULO 24

SAGE

A expressão artística desta manhã conseguiu deixar-me relaxada, se bem que não me sinto propriamente calma. É como quando andamos numa montanha-russa e nos sentimos alegres e entusiasmadas a cada subida e descida, e, ainda assim, não conseguimos lutar contra a reação física, a adrenalina, os arrepios, o frio na barriga.

Passo o resto da tarde a preparar-me, a orientar-me, esforçando-me por lidar com as coisas mais pequenas. Envio à Wren mais de uma dúzia de fotos de roupas, até me decidir por uma saia azul-cinza e um *top* a condizer, com um decote que permite apenas um discreto vislumbre do meu peito. No último minuto, sinto-me ansiosa e decido mudar o verniz das unhas. Mas, quando dou por ela, já estou atrasadíssima e acabo por não conseguir pintá-las. Já só tenho tempo de enfiar os meus anéis favoritos e calçar umas sandálias simples, despedir-me dos meus animais e atravessar o terreno.

O tempo ameno do fim de tarde faz-me sentir livre e revigorada, e até parece que as ervas altas e amareladas pelo sol se sentem, como eu, entusiasmadas. Os últimos resquícios de nervosismo derretem-se e aquecem-me as veias.

Assim que chego à porta de casa dos Andersen, entro com o mesmo à-vontade de sempre e sou acolhida por um cheiro tão bom que quase me faz gemer. Dou com o Fisher na cozinha e paro à porta só para poder observá-lo.

Parece ter o controlo total sobre o espaço que o rodeia. Tem vestida uma camisa de manga curta verde que ondula com os seus movimentos. O cabelo ainda molhado de um duche recente. Dá um gole numa garrafa de cerveja pousada a seu lado e, automaticamente, os movimentos da sua garganta causam um formigueiro no meu peito.

– Olá – diz quando me vê, sorrindo e contornando a ilha para vir ter

comigo e me dar um beijo casto no canto da boca. Cheira melhor do que a refeição e, por um segundo, só me apetece despi-lo. Mas por muito que tenhamos revelado um ao outro, isto parece ser algo íntimo que ele está a exhibir.

Versões acústicas de músicas conhecidas saem de uma coluna algures, e eu puxo de um banco e sento-me na ilha, vendo-o trabalhar. Diz-me que está a preparar um menu de quatro pratos, ainda que em pequenas doses para não nos sentirmos cheios. Fazemos conversa ligeira, e eu rio-me quando ele me conta que a Indy ficou bastante atrapalhada quando ele lhe perguntou se iria estar com o Sam em Gandon, no fim de semana.

– Sabes – comenta ele –, eu só espero que ela não seja demasiado dura com o miúdo. Sei que é suposto eu ser protetor e ficar contente por ela parecer-lhe indiferente, mas, não sei. – Faz uma pausa e pousa as mãos na tábua de corte que tem à sua frente. – A minha irmã era muito nova quando teve a Indy. E as pessoas, regra geral, foram extremamente cruéis. – Ergue uma mão para impedir que eu lamente. – Tudo bem. Isso não a afetou. Acho que até eu próprio levei as coisas mais a peito do que a própria Freya. No entanto, e como resultado, acho que a Indy ganhou um espírito excessivamente independente. Ela não é de aceitar nada que possa atravessar-se no seu caminho, ou que tente refreá-la. Eu também era assim.

Inclino a cabeça para melhor o estudar.

– Já não és?

Controla uma frigideira ao lume e agita-a, as pontas das suas omoplatas movendo-se por baixo da camisa.

– Tenho estado a pôr em prática partes dos teus sábios conselhos, e as coisas entre nós estão muito mais fáceis. Quanto mais confiança nela eu demonstro, mais ela confia em mim – declara, antes de se dedicar rapidamente a outra tarefa, atrás de mim. – Tenho é de me esforçar por me manter constante com ela.

Porra, ele é perfeito. Não, é pior do que isso; ele é imperfeito e assume-o, e merece tanto amor. Tudo isto é maravilhosamente terrível para mim.

– Estás a sair-te lindamente, Fisher. Muito bem, mesmo – digo-lhe.

– Obrigado – diz-me, num tom baixo e algo áspero.

Depois disto, ele dedica-se aos pratos com a concentração e precisão de um cirurgião, o rosto adquirindo uma expressão temerária e apaixonada. A minha mente insiste em lembrar-me que eu própria já tive este foco em mim, ele devotado ao meu prazer. Atrevo-me a escalar um nível, imaginando-me deitada perante os seus olhos, qual festim, a sua atenção totalmente centrada em mim.

– Estás com fome? – pergunta-me, despertando-me dos meus devaneios.

– Imensa.



– Isto – diz ele, deslizando uma tigela rasa e de borda larga na minha direção –, é *carpaccio* de tamboril escalfado com hibisco. E atenção, utilizo o termo *carpaccio* com noção de que não é o mais correto, mas se esta entrada estivesse num menu meu, era assim que lhe chamava. Por cima, temos uma mistura de melão comprimido com erva-príncipe e lima kaffir. E, para ligar tudo isto da melhor maneira, um vinagrete de lagosta.

Não faço a mais pálida ideia do que ele acabou de dizer ou descrever. Mas que está lindo está. Colorido, cintilante, exótico... os meus olhos devoram-no antes da boca. Dou uma dentada e deixo escapar um gemido. Num estado de choque incontido, levo as mãos aos lábios e olho para ele, espantada.

O maxilar dele fica tenso.

– Tenho matado a cabeça a pensar no que poderia fazer só para te ouvir de novo soltar esse som.

O calor espalha-se pela minha pele, concentrando-se nas dobras dos cotovelos e dos joelhos.

Ele serve-me um vinho diferente e, depois, o prato seguinte. O prato de massa, informa-me.

– De um modo geral, detesto trabalhar com massa fresca – assume quando passa por mim –, mas esta é diferente. São *gnudi* de pólen de funcho selvagem, com chili calabrés e...

Desligo-me do resto, deixando a comida dançar-me na língua; e a isto que se passa na minha boca eu chamo *manifestação artística*.

Quando finalmente afasto os olhos da refeição, vejo-o de olhar fixo em mim, ignorando a dose que serviu a si próprio – no rosto uma expressão nua, vulnerável e penetrante. Quase infantil de tão esperançosa, e que só me dá vontade de agarrar em punhados de comida e gritar-lhe: *tu és incrível, és incrível, completamente inacreditável, porra! És maior e melhor do que os outros e também mais corajoso, e como é que podes deixar que alguém te faça sentir menos do que tudo isto?*

Mas, em vez disso, dou um longo e calmo gole no meu vinho e digo:

– Isto é sem dúvida nenhuma a melhor coisa que eu já provei na vida, Fisher. Isto é... – Levo de novo uma mão à boca e solto um som a raiar o histérico. Aqui e agora, o meu sistema nervoso está a processar algo absolutamente estranho para mim.

Ele levanta-se do banco, contorna a ilha em duas passadas ávidas e beija-me, lentamente, num abraço de derreter os ossos.

– Fico contente – diz-me.

E, de novo, o desejo de que ele pare e me devore vê-se a braços com a parte de mim que mal aguenta esperar por provar seja lá o que for que me apresente a seguir. A sobremesa pode vir a ser uma ocorrência médica.

O terceiro prato consiste num fenomenal naco de lombo de vaca, e o Fisher fez qualquer coisa de absolutamente extasiante com – imagine-se – um mero molho de espargos. É quase demasiado para os meus sentidos. Ainda

bem que ele fez tudo em pequenas doses porque, de outra forma, eu já estaria num qualquer tipo de coma alimentar.

No entanto, em vez de me sentir saciada e tranquila, sinto-me como se todas as minhas terminações nervosas tivessem sido batidas até serem algo espumoso, como se o toque de uma simples pluma pudesse desfazer-me em pedacinhos. Os sabores e os odores, a visão dele, o elevar e distender dos seus antebraços, os músculos a trabalhar por baixo da pele. Aquela madeixa teimosa que insiste em cair-lhe para a frente da cara. Põe-na para trás da orelha e eu levanto-me, fazendo arrastar as pernas do banco no chão de azulejo.

Vê-me aproximar-me dele, e o meu extremo desejo deve estar estampado no meu rosto, visto que ele me pergunta:

– Sobremesa?

– Depois...

– Graças a Deus! – exclama, atirando o pano de cozinha pelo ar enquanto vem ter comigo.

Abraça-me a cintura com ambas as mãos antes de me içar para cima da bancada, encaixa-se entre as minhas pernas, mergulhando sobre a curva do meu pescoço como se estivesse a morrer de malnutrição. Sinto o frio da fivela metálica do cinto dele na pele escaldante da minha coxa, e levo as mãos a tudo aquilo que consigo agarrar no seu corpo. Os dentes dele roçam-me a clavícula, e sinto a barba rala raspar-me suavemente a pele logo acima de um seio. Procuro a boca dele com a minha e levo duas mãos desesperadas aos botões da sua camisa.

Num brevíssimo momento de lucidez, e pelo canto do olho, avisto o robô-aspirador dos Andersen a um canto da cozinha.

– Fisher – murmuro em voz rouca, e a última sílaba acaba num gemido quando lhe sinto a língua no côncavo do meu pescoço. – Fisher, vamos para minha casa – digo rapidamente.

– O quê?!

– Sim. Não quero fazer sexo na casa dos Andersen. – Rio-me. Sei que jamais conseguiria olhar a Nina nos olhos.

Ele grunhe sobre o vale do meu peito, faz-me descer da bancada, dá-me a mão e puxa-me para a porta da rua quase numa corrida, lançando-me um olhar escaldante antes de a abrir. Os nossos lábios sorridentes unem-se, e as nossas línguas saboreiam-se – gargalhadas gémeas escapando-se-nos da garganta quais bolhinhas de champanhe. Uma luxúria renovada invade-me quando ele se compõe antes de nos encaminhar para a porta.

Mal pomos os pés no alpendre, os céus abrem-se sobre as nossas cabeças, lançando grossas gotas de chuva que brilham ao sol como um chuveiro de luz. Espantados, entreolhamo-nos e desatamos a correr pelo descampado.

Pelo caminho, vamos soltando guinchos e risadas, parando apenas para saborear a chuva na pele um do outro. Ele belisca-me gentilmente um mamilo

por dentro do *top* e eu arquejo, lançando a cabeça para trás e olhando o céu. Levanto a saia de modo a ele poder agarrar-me pela parte detrás das coxas e levar-me assim o resto do caminho.

Quando entramos no meu jardim de inverno, a *Sable* dá-nos as boas-vindas com um latido feliz e, como que percebendo, afasta-se para nos deixar a sós. Abro o edredão que guardo lá antes de diminuir a distância entre nós, tremendo dos pés à cabeça quando finalmente o encaro.

– Estás a tremer – observa ele, acariciando-me o rosto e os braços. – Estás bem? – insiste, a expressão espelhando preocupação. Eu aninho a cara na mão dele, agarro-lhe o pulso e afago-o com as pontas dos dedos, enquanto me esforço por normalizar a respiração.

– Estou – digo com um aceno da cabeça. Sei que jamais serei a mesma e, ainda assim, só quero continuar.

Ele continua a acariciar-me o rosto enquanto as minhas mãos trémulas lutam contra os botões da sua camisa, tentando tirá-la. Depois, ergo os braços para ser ele a livrar-se rapidamente do meu *top* e do meu sutiã, atirando-os para cima de camisa dele. Vejo-o com dificuldades em engolir, e a minha própria boca fica seca perante o seu olhar de puro deleite.

A seguir trato do cinto dele, depois do botão das calças de ganga, – sentindo-lhe desde logo a forte ereção. Ele descalça as botas de forma tão entusiasta que me acalma os nervos e me faz rir.

– Adoro o teu sorriso – declara abruptamente, como se as palavras lhe tivessem sido arrancadas.

E como eu adoro todas as partes dele. O sorriso torto, as orelhas quase demasiado grandes, o cabelo rebelde, até o ego que de vez em quando se apodera dele. E adoro a maneira como ele *tenta*. Como tentou entender-me e descortinar-me desde o momento em que nos conhecemos, mesmo quando ainda estava a lidar com as suas próprias pressuposições; como tem tentado ser melhor; como tenta seguir o caminho da honestidade e fazer sempre aquilo que se propõe fazer. E como assume a responsabilidade quando não pode ou não consegue.

Pressiono os lábios contra o peito dele, e sinto logo os mamilos a entesarem-se quando lhe saboreio a pele. Ele enfia as mãos pela parte de trás da minha saia e despe-ma lentamente. Mantem-me cingida contra si e guia-me para o edredão, prendendo o meu olhar enquanto eu me deito aos seus pés. Baixa as calças e os *boxers* ao mesmo tempo, e esboça um sorriso agradado quando me vê arquejar perante a visão da sua nudez.

Quando se deita a meu lado, foca-se de imediato no meu corpo. Vejo-o a observar atentamente o rubor que começa a espalhar-se pela minha pele. Ficamos ambos a ver a mão dele afagar-me suavemente o umbigo, depois a traçar um caminho para brincar com o cóis do meu fio-dental.

– Posso?

– Por favor.

Fecha os olhos assim que os dedos tocam o meu ponto mais carente, e ao

ouvir o meu longo gemido poussa a testa no meu ombro. Dá-se uma sobrecarga nos meus sentidos; só a visão da mão dele a insinuar-se sob a peça de algodão, o modo como ele se pressiona de encontro à minha anca como se não conseguisse resistir-lhe, o seu cabelo a fazer-me cócegas no queixo, o hálito cálido sobre o meu peito; e a chuva a bater no teto de vidro por cima de nós. Tudo se desenrola de uma forma tão incrivelmente firme e veloz, levando-me quase à beira da loucura.

Até que ele retira a mão e, com os dedos húmidos, passa-os pelos meus mamilos em movimentos circulares, antes de os lamber e morder. Desato numa série de gemidos e murmúrios: o nome dele, e por favor, e obrigada, e sim, e sim, e sim. Ele excita-me mais e mais até me fazer contorcer, movendo-me contra a sua mão e segurando a cabeça dele sobre o meu peito, sem fôlego.

– Isso mesmo, Sage. Vem-te, querida. Não resistas.

As palavras dele fazem-me explodir. Desabo completamente, a descarga percorre-me os membros, e eu só vejo uma luz ofuscante. Um gemido feliz sai-me do peito. Continuo a cair, imparável, mergulhando num prazer que finalmente me deixa esgotada, até que o vejo recorrer àquela mesma mão sagrada, freneticamente, para se aliviar. O meu coração ainda em recuperação bate descompassado no meu peito.

– Não temos de fazer mais nada – diz ele, como se não estivesse ainda a pulsar dolorosamente ou como se eu não sentisse a prova húmida que ele deixou na minha perna.

– Temos, sim – digo em voz rouca, chegando-me a ele. – Acho que não vou conseguir vir-me outra vez, mas quero... também quero tratar de ti.

Subitamente, e sem razão plausível, sinto-me envergonhada. Até hoje, só estive com a módica quantia de três homens, e nem nos cinco anos que vivi com um deles eu me senti tão arrebatada como com o Fisher.

– Também podes ter outro – diz-me ele, pegando-me na mão. – Eu consigo deixar-te preparada de novo.

As palavras por si só aumentam a minha urgência. Tomo-lhe a boca, a língua, os dentes e a respiração ainda ofegante.

– Eu tomo a pílula – digo roucamente.

– Há muito tempo que não estou com ninguém. Não tenho nada a declarar – responde-me com um sorriso doce. Dou por mim a sorrir-lhe de volta, grata pela confiança e pelo conforto.

Ele soergue-se até ficar sentado, apoia-se no cadeirão amarelo e põe-me de novo no colo dele, encaixando as minhas pernas nas suas ancas.

A sua descarada falta de vergonha – as coxas musculadas afastadas e o sexo pulsante sobre a barriga – faz-me estremecer. Ele apercebe-se e agarra numa manta de um cesto perto de si, coloca-a amorosamente nas minhas costas e afaga-me os braços com ambas as mãos. Beija-me as palmas das mãos e coloca-as em torno do seu pescoço.

Agarra-me a cintura e afasta-me as cuecas para o lado com um murmúrio deliciado e encorajador, inclina-me e arrasta-me para cima dele.

Esfrega-me de encontro a si. Mordo o lábio para conter um arquejo, invade-me uma onda de choque e calor que deixa uma moinha de ardor. Solto uma praga entredentes quando ele volta a fazê-lo, e vejo-lhe um sorriso malvado nos lábios. Que homem arrogante. Continua a erguer-me e a esfregar-me nele, num ritmo lento e hipnotizante. A forma como ele me usa sem estar dentro de mim, numa fome bruta e visceral, os olhos focados no ponto onde nos esfregamos, provoca-me outro nó vindo bem do fundo de mim, e eu procuro instintivamente por mais, arqueando-me sob a pressão de um novo e forte esfreganço, até que sinto a cabeça molhada do sexo dele aflorar e penetrar-me apenas um pouco, e fico sem fôlego. Ele solta um som gutural, e os dedos cravam-se-me com mais força para me manter imóvel. Preocupa-me tê-lo magoado ou ter feito algo de errado, e procuro-lhe o rosto, angustiada.

– Desculpa, eu não quis...

– Não, não... ou aliás, sim, mas não... não peças desculpa – diz-me, arquejando, os peitorais musculados subindo e descendo, os olhos pesados cravados nos meus. Observo o suor que brilha nas têmporas e no peito dele. – Só não quero que isto acabe já – diz. – É demasiado bom. Só quero adiar o fim.

A emoção tolhe-me a garganta, porque eu também não quero que nada disto acabe. Não neste verão, não nesta hora, não neste minuto.

– Fica só assim, comigo, agora – sussurro-lhe, beijando-lhe as faces, o lóbulo da orelha, o pescoço de cima a baixo. – E deixa-me também desfrutar de ti neste momento – acrescento.

Ele responde-me puxando-me mais para baixo. Com um novo arquejo, obrigo-me a ficar quieta, deixando o meu corpo ajustar-se. Quando chega mais fundo, ele abafa um grunhido no meu pescoço. Levanto-me devagar antes de o aceitar por completo, para um lugar profundo que parece crucial e novo.

Não sei dizer quanto tempo passou, os nossos movimentos lentos embalando-nos e aconchegando-nos um no outro. Acho que nunca sorri tanto durante o sexo, nem tive tanto e tão demorado prazer. Uma espécie de êxtase perturbador apodera-se de mim quando me apercebo de que me vou desfazer de novo, com ele dentro de mim, debaixo de mim e à minha volta. Ele guia-me de novo a esse ponto, dizendo que consegue sentir-me quando tudo se aperta, quão linda estou nesse momento, e como lhe sabe bem.

– Nunca senti nada assim – digo, a verdade brotando de mim sem que consiga evitá-lo.

– Nunca – geme ele rapidamente, inclinando-se para a frente para me beijar. – É tão bom quando me apertas. Vais vir-te de novo para mim, não vais?

Nunca estive com ninguém que falasse comigo durante o êxtase, que conseguisse manter-se dentro da minha cabeça tanto tempo quanto dentro de mim. Ele baixa a mão e brinca comigo, provocando-me com círculos apertados, os olhos observando-me com atenção carnal enquanto eu me

preparo para me vir. Começamos a contorcer-nos mais rapidamente, os sons mais ansiosos, os movimentos mais desesperados. Levo as mãos ao vidro, espalmadas de encontro ao fresco, quando finalmente atinjo o orgasmo – este ainda mais forte e rápido e inflamado. Aguento-me firme até os meus membros saciados darem de si, momento em que ele nos troca de lugar e continua as investidas comigo por baixo.

– Sage – diz entre dentes, quando também se deixa ir, tombando de seguida entre as minhas pernas, pesado e desgastado e extasiado, o peito juntando-se alegremente ao meu.

Levanta-se para ir buscar uma toalha húmida, e limpa-me com um cuidado extremoso. Dá-me beijinhos leves e doces na cara, acabando com outros, mais tórridos, húmidos e quentes, em cada um dos meus seios, antes de dizer:

– Só me lembro de uma coisa que poderá tornar este momento ainda melhor.

– O quê? – pergunto, ainda que sabendo instintivamente a resposta.

– Sobre-mesa.

– Vamos a ela! – digo, mal contendo um guinchinho.

Atiro-lhe outra manta, envolvo-me na minha, e saímos ambos a correr, novamente acolhidos pela chuva.



CAPÍTULO 25

FISHER

– Fica quieta – digo-lhe.

– É mais difícil do que pensas – responde-me a Sage.

Ela não faz ideia. Convenci-a a deixar-me pintar-lhe as unhas dos pés – uma tarefa só por si bastante difícil, admito. Mas talvez eu tenha mesmo uma costela de sádico, porque também achei que seria divertido ela ficar nua durante esta minha incursão às artes. Sentei-me numa das cadeiras da mesa de jantar, aos pés da cama dela, com os seus pés pousados nas minhas coxas, e ela à distância de menos de um metro, nua, debaixo de um lençol. Sempre que ela se mexe, consigo vislumbrar pedacinhos que ameaçam desarmar-me.

Depois da sobremesa – madalenas de morango e ruibarbo com um creme de baunilha e *pops* de limão –, corremos de novo até casa dela, rindo, chocando um no outro durante todo o percurso. Dessa vez fomos diretos para a cama, e por fim caímos no mais reparador dos sonos de que tenho memória. Acordei com o barulho dela a andar pela casa, o clique-claque de garrafas a tocarem umas nas outras enquanto ela vasculhava a sua coleção. Depois de lavarmos os dentes e tratarmos das respetivas necessidades básicas, acabámos aqui, neste cenário.

Creio que o meu subconsciente achava que envolver-me fisicamente com ela iria serenar este sentimento dentro de mim, mas dei por mim a tropeçar miseravelmente num vício. A Sage é sincera e curiosa e vibrante em tudo o que faz. E de cada vez que eu me decido a provocá-la, ela acaba invariavelmente por dar cabo de mim.

O seu pé livre insinua-se pelos meus *boxers* como se me conseguisse ler a minha mente.

– Fica. Quieta – aviso-a de novo. Ela baixa o queixo de modo inocente.

– Olha que eu não vou ser capaz de recomeçar tudo isto de novo. – Sopro-lhe

nas unhas para acelerar o processo de secagem. Magenta, a cor de uma nódoa de amora silvestre.

– E o que é que te apetece fazer hoje, tirando isto? – pergunta-me. – A Indy chega amanhã?

Não me lembro de rigorosamente mais nada que me apeteça fazer, tirando isto.

– Isto – respondo, polindo-lhe a última camada do mindinho. – Falar, comer, ficar nesta cama – ergo repetidamente as sobranceiras, em modo lascivo. – Comer outra vez. Feliz Quatro de Julho, a propósito.

– Fogo de artifício iminente – responde-me.

Ao deparar-me com os seus olhos risonhos, fico com água na boca. É cativante. Mesmo com cara de sono e ainda toda desgrenhada da noite (e metade do dia) anterior. Pestaneja e aquieta-se ao ver o que quer que tenha mudado na minha expressão.

– Diz-me em que estás a pensar – pede-me.

Estou a pensar que o destino é cruel e maravilhoso. Que estou já de tal modo perdido neste labirinto que não quero sair dele.

– Que tu és mesmo muito, muito bonita, Sage. – Ela cora, o que só me encanta ainda mais.

Algures ao longe ouvimos um telemóvel tocar.

Ela reage, inibida, e aclara a garganta.

– É melhor eu atender – diz. – Não faço ideia de quem possa estar a ligar-me.

– Não! – digo. E depois, já num tom mais brando: – Eu vou buscar-to. Não... estragues as unhas.



Cerca de uma hora depois, dou por mim no carro, já a sair de Spunes, com uma Sage a vibrar sentada a meu lado.

– Estás nervosa ou entusiasmada? – quero saber, com uma risadinha contida. – É que não dá para perceber.

– As duas coisas – diz-me, as mãos cruzadas no colo. – Preciso muito que me ajudes a controlar-me, Fisher. Eu cheguei mesmo ao meu limite. Não devia ultrapassá-lo.

– Querida, vai correr tudo bem.

– A sério, Fisher! – grita. – Não me deixes sair de lá com mais do que, sei lá, um gato. No limite, um cão de tamanho normal, OK? Não posso nem preciso de mais animais de estimação gigantes. E, pela tua rica saúde, não me deixes sequer chegar perto de furões ou de aves de qualquer género!

Quem lhe ligara há pouco fora a Dra. Serena, a veterinária, dizendo que havia uma quinta subitamente abandonada depois de o dono morrer repentina e inesperadamente. Pelos vistos, a família não quer ficar com nenhum dos

animais que ele deixou para trás, pelo que a Serena pediu à Sage que lá passasse para ver se poderia eventualmente adotar algum. E fora suspeitamente vaga a referir as espécies. Desde então, a Sage não para quieta.

– Tu não estás a perceber – diz-me. – Eu fico sempre, sei lá, mesmo transtornada com estas cenas. E digo-te uma coisa, se me vires chorar e te rires, nunca mais te falo – acrescenta, apontando-me um dedo ameaçador. Eu agarro-o e dou-lhe uma ligeira dentada, para ver se a consigo tirar desta bruma de ansiedade. Quando percebo que não resulta, pouso suavemente a mão na coxa dela.

– Ouve – digo, esperando que ela olhe para mim. – Ninguém te pode obrigar a fazer uma coisa que tu não queiras, certo? E é para lá de compreensível que não possas acolher mais nenhum animal. Podes perfeitamente desistir da ideia e dar meia-volta neste momento, que isso não fará de ti má pessoa.

Ela lança a cabeça contra o encosto do banco, numa expressão miserável.

– Esse é que é o problema. *Eu quero*. Quero-os a todos. Sei que vou querê-los a todos – diz-me, derrotada.

A sensação com que eu fiquei quando ela chorou no meu peito no outro dia regressa-me em força.

– Bom, se ficares na dúvida, pensa que não temos atrelado para transportar um animal de grande porte – digo.

O olhar que ela me dirige é como se já estivesse a pedir-me desculpa.



– Ohmeudeus, Fisher! – chora a Sage. – Sente a minha testa, por favor.

– Eu, aguenta aí – digo, receoso. Tenho dois cabritinhos-anões-nigerianos, um debaixo de cada braço. Não fazia ideia de quão pequenos poderiam ser. Alguém devia ter-me avisado. Seguro facilmente ambos com um só braço e levo a mão à testa da Sage. – Mas porquê, já agora?

Ela olha para mim com olhos brilhantes e uma alegria louca.

– Eu acho que estou com febre.

Não está minimamente quente, pelo que concluo que estará apenas a manifestar um qualquer espírito que a terá consumido no meio de tantos animais bebés. O problema é que eu próprio também não consigo controlar nem a situação nem a minha pessoa. Solto um suspiro impotente na direção do *Bert* e do *Ernie*. Ao menos estes já estão desmamados. Lá consigo convencê-la a desistir da ema, e consolo-a pelo desgosto de saber que o guaxinin domesticado não poderá obviamente ir para uma casa que tenha gatos. Tanto a minha sorte quanto a minha já débil determinação estão pelas ruas da amargura.

A seguir, a Sage conduz-me até aos estábulos e dirigimo-nos a uma

boxe.

– Estas – declara em tom entusiasta – são a *Rosemary* e a *Ginger*.

A boxe parece-me vazia.

– Não vejo nada. – Merda, se calhar ela está mesmo possuída.

– Espreita por cima da porta, Fisher – explica-me.

Quando o faço, suspiro de alívio por constatar que, ao menos, caberemos todos na carrinha.

– *Rosemary* e *Ginger* – comento. – Bom, mal à saúde é que não nos vão fazer de certeza.



– *Burros-miniatura?! –* exclama a Indy, quando regressa no dia seguinte. Está em casa nem há cinco minutos e já a vejo querer sair porta fora.

– E dois cabritos – acrescento, sorrindo perante a sua intensidade. – Espera! Conta-me como foi o teu fim de semana. Divertiste-te?

– Vem comigo – responde-me em tom irritado, descendo apressadamente os degraus do alpendre. – Sim, foi fixe. Fizemos *s'mores* e vimos o fogo de artifício. Tudo cenas normais. Nada de *impróprio*. – Atravessa o prado com passadas largas e rápidas. – E tu? Como foi o teu fim de semana?

– Bom – digo, a voz uma oitava acima do normal. – Cozinhei. Estive com a Sage.

Outro tipo completamente diferente de fogo de artifício, penso. Ainda não percebi porque é que a Sage me fez uma festa tão grande ontem à noite – uma vez mais – quando, no fundo, eu a desapontei ao não a ter ajudado a controlar-se.

– Nada de *impróprio*.

A Indy olha-me com uns olhos semicerrados, duvidosos e perspicazes, a compreensão estampada no seu rosto. Desconfortável, passo-lhe à frente em direção aos estábulos.

– Vão ter de ficar aqui em quarentena por alguns dias, e só depois é que a Sage tenciona apresentá-las ao *Bud* – informo-a.

Encontramos a Sage na boxe das burrinhas, sorrindo quando nos vê chegar, a cabecinha castanha e branca da *Ginger* deitada no colo dela.

– Esta é a *Ginger*, e aquela é a *Rosemary* – apresento-as à Indy. – Mãe e filha.

Vejo uma expressão estranha a surgir no rosto da Indy.

– A *Rosemary* é a mãe? – pergunta.

– Sim. Podes entrar, se quiseres.

– São muito meigas – reforça a Sage.

A Indy solta o ferrolho da boxe e entra com todo o cuidado, sentando-se ao lado da Sage em frente à cama de palha. Parece feliz e de novo uma

menina, acariciando o pelo fofo da barriga da *Ginger*.

Curiosa, a *Rosemary* faz uma pausa no seu pequeno-almoço e caminha na direção da Indy, tão cautelosamente quanto Indy se aproximara da cria. Olham uma para a outra por um momento, até que a burra baixa a cabeça como que num gesto de dádiva. A Indy encosta a testa à dela e fecha os olhos.

As memórias atingem-me com uma clareza violenta.

Quando a Freya tinha dezassete, e eu dezasseis, ainda a viver lá em casa. A Indy com poucos meses de vida, a Freya embalando-a no colo, a Indy sugando o punhozinho rechonchudo.

Agora somos só tu e eu, miúda, dissera a Freya, juntando a testa à da filha. *E talvez o teu tio, de vez em quando...*

Quando, num Natal, a Indy recebeu a sua primeira bicicleta, derrapou no gelo e esfolou um braço.

Está tudo bem, tu estás bem, dissera-lhe a Freya, consolando-a num abraço até a sentir mais calma. *Agora, vais voltar a subir para a bicicleta e vais pedalar até casa, miúda. Sabes porquê? Porque andar de bicicleta é das melhores coisas desta vida. Podes voltar a cair e magoar-te, mas vais divertir-te tanto antes disso! O importante é teres coragem e tentares de novo. E o que é a coragem, Indy?*

Uma fungadela. A vozinha da Indy a recitar: *a coragem é um músculo*. Fortalecemo-la com a prática.

Agora, vejo-a voltar-se para mim. Mas como eu não contenho uma risadinha soluçante e saudosa, o rosto dela assume uma expressão raivosa, os olhos dardejando para um lado e para outro, transbordantes daquilo que eu posso apenas assumir que sejam memórias semelhantes. Pestaneja e olha em volta, como saída de um transe, até que lhe vejo a angústia talhada na sua linguagem corporal – a raiva incontrollável quando algo lhe lembra a mãe e, mais uma vez, a injustiça do mundo, o pavor de se ligar demasiado a algo ou alguém que possa detê-la, refreá-la. Num esforço hercúleo para se controlar, levanta-se e sai dali a correr.

A Sage olha-me com uma expressão confusa. E eu dedico-lhe uma que espero que ela traduza por *explico-te depois*. E saio atrás da Indy.

Ela ainda tenta bater-me com a porta de casa na cara, mas eu evito-o, entrando e fechando-a calmamente atrás de mim.

– O que é que tu estás a fazer? – lança-me, furiosa. – Está mais do que na cara que se passa alguma coisa entre ti e a Sage.

– Indy...

– Lá por estares perdido, ou a passar por uma merda qualquer, não me digas que tencionas abandonar a tua vida toda, desistir de tudo, para viveres como um pacóvio numa quinta de merda! – cospe-me. – Que cobardia!

– *Já chega* – lança-lhe, em tom autoritário. – Podes dizer o que sentes, mas não te atrevas a faltar ao respeito a uma pessoa que só tem sido absolutamente extraordinária contigo.

Ela bufa e começa a andar furiosa pela casa, limpando uma lágrima

teimosa.

– Eu não consigo, Fisher. Sobrevivi três anos naquela casa sem a minha mãe. Sem ninguém. Sobrevivi a porra da minha vida toda naquela terra, o que só valeu para me servir de aviso. Não! Não me obrigues a ser a nova *tragédia* noutra terriola pequena e merdosa. Não me faças trocar uma por outra. – E rematou com ainda mais veemência: – Tu já me inscreveste na escola! Estou a fazer tudo o que é suposto fazer! Não quero ficar presa aqui.

Mais memórias. *Pega* pintado a *spray* na porta de nossa casa em grandes letras vermelhas. Freya, depois de me ter levado numa viagem de carro de três horas até ao aeroporto mais próximo, acenando-me um adeus com a bebé Indy ao colo. A sensação de conseguir finalmente respirar assim que o avião levantou.

– Eu achava que estavas a passar um verão agradável aqui, Ind. Parecia-me que... tipo, estavas a fazer amigos?

Ela olha para mim, ultrajada e assustada.

– Estou a tentar tirar o melhor proveito desta terra! O que é que farias no meu lugar? Estou apenas a fazer aquilo que é suposto eu fazer! – diz, a soluçar.

Puxo-a para um abraço apertado, embora me sinta também prestes a desmoronar.

– Não vais ficar presa aqui, Indy – garanto-lhe.

Porque sei que ela tem razão. Não posso abandonar a minha vida. Já o fiz uma vez. *Tenho* de me manter firme por ela, estar presente após a ter abandonado por duas vezes. Ela merece sentir que alguém *quer* que ela consiga aquilo que pretende, aquilo que almeja. Alguém que ainda consiga vê-la, priorizá-la acima de tudo o resto. E, quanto a mim, a verdade é que ainda continuo a querer fazer aquele meu regresso em grande. Sobretudo vindo de um sítio melhor, em termos mentais.

– Voltamos para Nova Iorque no final do verão. Prometo-te.

E assim, do nada, parte da minha coragem deixa-se varrer, levando consigo um pedaço de mim.



CAPÍTULO 26

FISHER

Nas duas semanas que se seguem, a Sage e eu temos alguma dificuldade em manter o nosso plano de treinos. Ela trata de adaptar tudo às suas novas rotinas, assegurando a quarentena, a alimentação e os restantes cuidados aos novos inquilinos lá de casa, a juntar àquilo que já tem de fazer diariamente na horta e nos jardins. Entretanto, parece que a marmota voltou e deixou um rasto considerável de estragos.

Por outro lado, na indústria da construção civil *tudo* parece estar a sofrer súbitos atrasos e outras contrariedades, pelo que o nosso plano passou oficialmente a tornar o Starhopper útil e prestativo no que respeita às casas de banho e às zonas exteriores dos pátios, sem que o local se transforme numa visão desagradável para os festivaleiros. Basicamente, o meu trabalho resume-se agora a apaziguar situações e lamber botas – sobretudo as da Martha O'Doyle, numa base quase diária, garantindo-lhe que o edifício não vai ruir e que tanto a zona do amplo relvado como as dos pátios ficarão limpas de entulho e lixo. A isto acrescenta-se o facto de eu ter de criar um menu que seja ao mesmo tempo «acessível e delicioso», com a preciosa ajuda da Sage.

Sempre que estou a sós com ela, sinto que me parece quase inexequível concentrar-me noutra coisa que não ela, mas lá nos vamos safando. Na maior parte do tempo, pelo menos. Nenhum de nós aparenta estar demasiado stressado no que respeita à vertente culinária, não obstante eu ter ficado com um olho a tremer com o seu peculiar manejo das facas de cozinha. Mas o que importa é que a minha criatividade está finalmente a ganhar asas, por isso, na maioria dos dias lá vou arranjanado formas de controlar as coisas, poupando-me à recordação da chocante imagem da semana passada, quando assisti ao seu modo desastroso de cortar cebolas: inclinada sobre a tábua de corte, com óculos de proteção, os cotovelos espalhados de um modo que faria o meu

mentor ter um ataque de raiva assassina. Mas não creiam que o facto de a deixar ajudar-me é um ato totalmente altruísta; a forma como ela me elogia e aplaude é viciante de tão sincera. Há coisa de cinco dias, ela viu-me a atravessar o descampado com um prato na mão (espetada de lagosta panada com uma *remoulade* de limão de conserva e, à parte, um molho de *beurre noir* com mostarda e mel) e quase caiu abaixo do trator aparador de relva sem o desligar. Correu para mim de braços estendidos, exibindo uma pequena *t-shirt* com dois beija-flores e, em letras miudinhas, o conselho beijem-se muito. Depois de eu a alimentar, ela ensinou-me a conduzir o pequeno trator e deixou-me acabar o trabalho.

Para já, decidi permitir-me desfrutar desta cena que temos, mas não posso negar que também estou absolutamente ciente do tiquetaque do relógio sobre as nossas cabeças. Isso deixa-me num estado de pânico controlado, que acaba por praticamente se esvaír sempre que estou com ela. Ao lado dela. A falar com ela. A ouvi-la.

No entanto, o maior e mais inesperado golpe que nos atinge a todos está ainda mais fora do nosso controlo. Um enorme incêndio deflagrou na fronteira com a Califórnia, tão mau e incontrolável que a qualidade do nosso ar baixa para níveis inseguros. Há dias em que o fumo é de tal forma espesso que nem consigo ver a casa da Sage do outro lado do prado.

Num desses dias, quando lá fora está tão mau que impossibilita qualquer equipa de bombeiros de trabalhar sob a sinistra bruma cor de laranja, deixo a Indy na escola de verão e, no regresso, paro à entrada da casa da Sage e bato-lhe à porta. Sinto-me encurralado debaixo destas nuvens de cinza, inquieto e frenético e com falta de ar. Irritado, creio, por ter algo a diminuir o nosso tempo juntos. Dou uma festa no cocuruto da *Sable* antes de me fazer convidado e entrar em casa.

Encontro-a na sala, recostada no grande sofá verde, de olhos postos no diário com o qual a tenho visto frequentemente nestes últimos dias. Ergue os olhos para mim, vê-me a abrir e fechar as mãos, e salta para mim. Não contengo um gemido de prazer quando a vejo saltar-me para o colo e enrolar as pernas nas minhas ancas.

– Posso ser bruto? – pergunto em voz rouca, enervado, carregando-a lá para cima.

– Acho que pedir já subjuga de certo modo o seres demasiado bruto – diz-me ela com um sorriso e um beijo apaixonado. Quando a sinto lambe-me o pescoço, solto outro grunhido rouco. – Mas... *claro que sim!*

Assim que entramos no quarto dela, livro-me bruscamente das calças de ganga, e ela imita-me despindo os calções.

Trepa para a cama, virada para cima e apoiada nos cotovelos, mas eu agarro-a pelos tornozelos e arrasto-a para baixo, caio de joelhos e perco-me entre as suas coxas até a sentir cravar-me as mãos no cabelo, as pernas tremendo contra as minhas orelhas.

– Mais um. Dá-me mais um – suplico-lhe, tomando-a de um novo

ângulo até a ver tão desarmada como eu me sinto, ouvindo-a dizer o meu nome de uma forma que me faz acreditar que é o único que ela jamais proferiu, praguejando e queixando-se e contorcendo-se contra a minha cara. Quando lhe solto as pernas, oiço-as embater no chão com uma pancada seca. Volto a agarrar-lhas e iço-a para a cama, beijo e saboreio-lhe os seios, o adorável peito sardento, e depois volto-a de barriga para baixo.

– Ergue-te para mim, querida – peço docemente, afastando-lhe as pernas para lhe permitir abrir-se.

Quando ela o faz, meto uma almofada debaixo das ancas dela. E enquanto me vejo desaparecer para dentro dela, sinto que me está a controlar, mantendo-me ancorado, ainda que seja suposto ser eu a controlar a situação. Levo os meus dedos aos dela e entrelaço-los, as mãos cravadas no lençol. Enterro o rosto no seu pescoço para poder incorporar em mim o seu cheiro, mantendo o mais possível o meu corpo colado ao dela para poder senti-la em todo o lado.

E em vez de me precipitar ou tentar resistir, acabo por me ver a querer prolongar a sensação, para impedir o inevitável e saboreá-la o máximo que consiga.



CAPÍTULO 27

SAGE

Enquanto o Fisher e eu continuamos à espera de dias mais límpidos, concentramo-nos em estudar para o concurso de cultura geral e damos também início a umas aulas básicas de cozinha. Percebo que o meu manuseio de facas o deixa à beira de um ataque de nervos, mas ele disfarça, parecendo paciente e... encorajador.

Também descobri que o faço corar sempre que digo *Sim, Chef*, e adoro usar e abusar desse poder.

– Há uma coisa de que te quero falar há já alguns dias – digo-lhe, numa sexta-feira à noite, quando a Indy vai dormir a casa da Blake.

Desde o dia em que cá estive para conhecer as burrinhas, a miúda só passou por aqui uma vez para ver o *Gary*, ainda que continue a ajudar-me todos os fins de semana no mercado. E independentemente do desconforto que eu sinto da parte dela, continuo a encontrar-me com o Fisher praticamente todas as tardes, e também já fui algumas vezes jantar a casa deles.

Esta noite decidimos levar uma cadeira de campismo para o estuário e ficar a ver o pôr do sol, uma vez que o fumo já se desvaneceu o suficiente para conseguirmos apreciá-lo.

Partilhamos também uma manta e uma garrafa de vinho. O colo dele é incrivelmente acolhedor.

– Conta lá – murmura-me ele ao ouvido, passando a ponta do nariz pelo meu pescoço.

– Já sei qual é o ingrediente secreto para o concurso de culinária deste ano. – Passo-lhe a garrafa com um sorriso cúmplice. Ele coloca-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Hmm... em que género de espionagem é que tu andas metida? – pergunta-me em tom gozão. – E qual é, já agora?

Ergo as sobranceiras ao responder:

– Tenho um agricultor amigo que tem uma quinta nos arredores de Spunes. E tu sabes que nós nos apoiamos todos uns aos outros.

– Claro. A relação de proximidade que se cria nestes círculos é muito forte, tipo... todo-o-terreno – brinca ele.

– Ora, temos uma relação muito terra-a-terra, só isso – brinco.

– Oh, entendo perfeitamente, a sério. É fácil criarmos elos com quem é tão bom quanto nós num determinado campo de ação.

– Não vai parar, pois não?

– Com certeza que não – diz ele. – Precisamos de estar sempre cientes do que podemos enfrentar no terreno de jogo. – E reprime uma gargalhada perante o meu ar de horror.

– Essa foi péssima, Fisher!

– Pois foi. Vá, diz-me de uma vez qual é o ingrediente secreto, Sage. – Rouba-me um beijo ardente; um dos seus passatempos favoritos, acho, ver-me distraída com os seus beijos inesperados.

Sorrio encostada à sua boca.

– Imaginar-te a pensar nestes trocadilhos é o meu novo passatempo favorito – digo-lhe. – Vais adorar saber. São amoras silvestres. – Por coincidência, nestas últimas semanas temos experimentado uma série de pratos com elas, desde entradas a sobremesas.

Um sorriso lento espalha-se pelo seu rosto, como caramelo quente a pingar sobre uma sobremesa.

– Então está no papo – declara, provocando em mim um entusiasmo intoxicante, porque acredito que ele possa estar certo.

Mas a emoção não dura muito. Não sei se foi da exposição ao fumo, mas a verdade é que, quando subimos de regresso a casa, sinto a visão a ficar turva. E subitamente constato com profundo horror que se aproxima uma enxaqueca, a primeira no último ano e meio. No curto percurso desde o topo do penhasco até às portas de vidro do meu jardim de inverno, passo de achar que ainda vou a tempo de a evitar com um comprimido a um estado horrível de náuseas e dor de cabeça.

O Fisher tenta convencer-me a ir às Urgências, mas eu recuso e entro em modo de isolamento total. Não quero ver luz, não quero ouvir sons, e muito menos ter de me meter num carro para ir seja lá aonde for. Só quero fechar os olhos e acordar depois de este inferno passar. Tinha bastantes enxaquecas quando era mais nova, mas, com a idade, parece que diminuíram na frequência e aumentaram na intensidade.

Tento convencer o Fisher a ir para casa. Chego a dizer-lhe – de olhos fechados e por entre dentes cerrados – que *vou* ficar melhor se ele me deixar sozinha, que não me quero sentir inibida para além de ter dores. Mas, depois de me fechar às escuras no meu quarto, sei que ele vai ficar cá em casa. E constato que ficou a noite inteira, já que não ouvi nem um pio da parte da *Sable* ou do *Legless* toda a noite. Quando ele me ouviu vomitar na casa de

banho cá de cima, entra para me segurar a cabeça e me afastar os cabelos do rosto. Depois, aconchega-me na cama e vem-me trazendo várias vezes uma toalha com água fria para me refrescar a testa. Isto ao longo de toda a noite, enquanto eu ia dormitando por breves momentos.

De madrugada, abro os olhos para constatar que a dor ainda cá esta, mas já menos forte, numa espécie de bramido latejante. Já consigo tolerar alguma luz e som, e as náuseas acabaram. Levanto-me bem devagarinho e preparo-me para começar o dia. Fiquei de me encontrar com a Indy diretamente no mercado e ainda tenho de carregar a carrinha com os meus produtos.

Assim que o Fisher me vê na cozinha, salta do cadeirão onde tem estado a tentar descansar, e só o ligeiro arrastar dos pés da poltrona no soalho já me faz estremecer e levar as mãos à cabeça.

– Porra, Sage – diz em tom zangado, mas baixinho, graças a Deus. – Por favor, volta para a cama.

– Estou bem. Mercado. Café e comida. – Os olhos piscam-me dolorosamente a cada meia-frase.

– Já disse à Indy que sou eu que lá vou ter com ela – diz-me.

Pestanejo, confusa.

– Não, hoje vou para lá trabalhar – explico-lhe.

Ele toma-me docemente o rosto entre as mãos.

– Eu sei, e também já vi que tens tudo guardado no frigorífico da garagem. Não tem nada que saber: carrego a carrinha e vou ter com ela – diz-me rapidamente, quase num sussurro. – Tu tens de voltar para a cama.

Merda, ainda desato a chorar, o que só vai servir para a minha cabeça desatar a ribombar.

– Animais – lembro-me.

– Todos alimentados e soltos.

Isto obriga-me a abrir os olhos.

– Como assim?

– E também já está tudo regado. Descansa, já tratei de tudo. Agora podes ir descansar, por favor?

– Mas como é que sabias onde estavam as coisas? E que doses de comida dar a cada um? O *Bud* estava bem?

Ele solta uma risadinha e abana a cabeça, depois franze o sobrolho com empatia.

– Tenho andado atento – diz-me com um encolher de ombros, como se fosse a coisa mais natural e mais fácil para ele, e como se não tivesse acabado de me dar um vislumbre de como seria se eu tivesse realmente um companheiro para a vida. Sinto-me como uma bebida frisanse de emoção, com a rolha prestes a saltar.

– Se te fores deitar, preparo-te qualquer coisa para comeres – incita-me.

Abano a cabeça com uma criança teimosa.

– Quero ficar a ver-te fazê-lo. – Acho que a dor me fez soltar a língua e perder qualquer instinto de autopreservação.

Ele solta um suspiro resignado.

– OK. Vem sentar-te, que eu já volto.

Conduz-me até à salinha e faz-me sentar, antes de se precipitar pelo descampado ainda enevoado. Pouco depois vejo-o regressar, os braços fortes carregados de sacos. Primeiro vem ter comigo, tira uns *headphones* gigantes de um dos sacos e coloca-os cuidadosamente sobre as minhas orelhas.

– Cancelamento de ruído – explica-me, clicando num botão que emudece absolutamente tudo em meu redor.

Fico a vê-lo preparar uma omelete com tanto cuidado e dedicação que quase me dá a sensação de estar a observar outra cena qualquer. Talvez seja a total ausência de ruído que intensifica cada movimento dele, mas parece que estou perante um ritual completamente diferente. Já o tinha visto fazer aquela coisa de partir um ovo só com uma mão – uma proeza que, confesso, me causa a maior inveja. Mas, depois, vejo-o a colocar os ovos numa peneira, com uma taça por baixo, e a mexê-los e batê-los constantemente enquanto os vai coando; calculo que o som do metal a bater em metal seja desagradável fora do meu casulo de silêncio. A dobra do seu cotovelo, onde o bíceps e o antebraço se cruzam, torna-se para mim a parte mais hipnotizante do seu corpo.

O Fisher passa então para a segunda fase do bater dos ovos, desta vez na taça, com movimentos firmes e circulares, até a consistência ficar quase como água, vista daqui. Pega na frigideira que trouxe de casa e deita-lhe um naco de manteiga. E quando finalmente deita os ovos na frigideira (onde também os tempera), fica apenas a olhar com total cuidado, sem desviar a atenção por um segundo que seja. Por fim, pega numa espátula de silicone que também trouxe e enrola a omelete sobre si própria, antes de a fazer deslizar para um prato, deitando mais um pouco de manteiga por cima, com uma madeixa de cabelo a cair-lhe sobre a testa quando se inclina. Pica rapidamente um pequeno molho de cebolinho com o qual polvilha a omelete.

Quando ele me traz, quase sinto vergonha de a comer – esta obra-prima a que ele concedeu tanto cuidado e atenção. Mas, assim que ele me vê com o garfo na mão, volta costas e dirige-se para cozinha, para a limpar. Com a mão trémula, dou uma garfada e, claro, é a mais deliciosa omelete que alguma vez provei, ainda que não passe de uns simples ovos com manteiga.

Pouco depois, ele traz-me um copo de sumo e nem sequer me dá hipótese de refilar ou discutir quando me informa que vai carregar a carrinha com os meus produtos hortícolas e arrancar para o mercado.

Quando ele sai e eu me sinto satisfeita, arrasto-me com pernas fracas até ao quarto, tendo de admitir que ele tinha razão quando me disse que eu precisava de mais descanso. As garras da enxaqueca estão mais soltas, mas assim que me deito sinto vontade de chorar. Passei tanto tempo da minha vida a observar os outros, tentando apreender as coisas que me faltavam, esforçando-me para me tornar importante para *eles*, e este homem que só me conhece há um mês tornou-se, mesmo sem querer, absolutamente crucial para

mim.

O meu último pensamento imediatamente antes de adormecer é: estou feita.



CAPÍTULO 28

SAGE

Três dias depois da minha enxaqueca, começam a sentir-se os ventos da mudança. Tudo indica que na próxima semana o céu estará suficientemente claro para retomarmos o nosso treino. Mas isso também significa que o incêndio voltou a propagar-se noutra direção, pelo que o Silas e o Ellis fazem parte das centenas de equipas destacadas para o combater. Na véspera de eles terem de partir, na penúltima semana de julho, organizo um jantar com eles e com o Fisher. A Indy optou por ficar em casa, e o Sam também decidiu ficar em casa com a mãe. O serão decorre num clima de relativa alegria, apenas com o Silas a queixar-se por não ter sido o Fisher a cozinhar. Mas, quando os meus irmãos estão para se ir embora, sinto-me invadida por um mau pressentimento.

– Tenham cuidado – digo ao Silas em tom suplicante. – Por favor!

Ao perceber o meu tom aflito, ele franze o sobrolho e puxa-me para um abraço apertado.

– Estás bem? – quer saber. – Ele tem sido bom para ti, certo? – Afasta-me do alpendre, do Ellis e do Fisher, e olha-me com uma expressão de desconfiança.

– Sim, Si – digo, esforçando-me por engolir um súbito nó na garganta. – Não podia ser melhor, acredita.

Estou completa e irremediavelmente apanhada por ele. Mesmo quando tudo parece estar mal – a enxaqueca, as minhas flores sujeitas ao ar poluído, o restaurante estar bem mais atrasado do que todos queremos, o termos de adiar os nossos treinos – sinto-me delirantemente apaixonada. Adoro o registo apatetado que o Fisher assume quando estamos a sós, e da forma mais sublime possível: quando faz vozes engraçadas para falar com os animais, o modo como brinca comigo. Esta manhã, juntou-se a mim no duche e começou a

ligar todas as sardas do meu corpo.

Meu Deus, Sage, dissera, num tom meio enfeitiçado. *Só me apetece contar cada uma das tuas sardas.*

Eu ri-me, ao mesmo tempo incrédula e enternecida. Fechei a torneira e enrolei-me num toalhão. *Isso*, disse-lhe, *far-te-ia perder um dia inteiro.*

Já chega, respondeu-me. *De joelhos!*

Confesso que fiquei boquiaberta, reprimindo uma risada chocada, ainda que atingida por um arrepio de excitação. Mas ele manteve-me cativa sob o seu olhar firme e penetrante, molhado e poderoso, e tão bonito que faz doer.

Porquê?, quis saber. *Por eu ter admitido que estou preocupada com as minhas capacidades orais? Estás a tentar perceber se fui amaldiçoada com a falsa modéstia?*

Eu já lhe tinha divulgado coisas que jamais achei ser possível partilhar – nomeadamente, o quão debilitada tinha sido a minha relação com o Ian no campo sexual; que sempre senti que algo de errado se passava comigo quando não atingia um orgasmo *em tempo útil*, digamos assim; do difícil que era para mim comunicar, dizer-lhe aquilo que queria ou gostava, da timidez que sentia sempre que tentava. E de como tudo o que não era sexo me parecia secundário. O Fisher, como tenho vindo a perceber, trata tudo como se fosse um menu especial criado por ele.

Não, disse-me ele, pegando-me no queixo. *Eu já percebi que a tua modéstia só está... desajustada*, declarou. *A questão é que, neste momento, tenho muito mais coisas simpáticas para te dizer, e acho que gostaria de te ver com a boca cheia enquanto as ouvisses.* Sorrii-me amplamente só de ver o brilho nos meus olhos. *Assim, vais ter mesmo de me ouvir sem poderes interromper-me.*

Dou um salto quando percebo que me deixei viajar pelos meus pensamentos mais obscenos com o meu irmão mesmo à minha frente, com uma expressão curiosa no rosto.

– Só te peço que não faças nada estúpido – digo-lhe antes de nos despedirmos.

Quando o vejo já no carro, praticamente a sair pela janela para me acenar, apercebo-me de que ele, uma vez mais, não concordou.



Nessa noite, testemunho o aparecimento da primeira estrela, algo que não acontecia há várias semanas. Mando uma mensagem ao Fisher a perguntar-lhe se está acordado e peço-lhe, meio a brincar, que me traga um *snack* noturno. Ele aparece à meia-noite e um minuto.

Entra pelo jardim de inverno e vê-me à espera, enrolada no edredão. Não contenho um suspiro só de o ver entrar sob a luz do luar, e ele presenteia-me com um sorriso amplo e pousa o prato com a sanduiche numa mesinha baixa,

antes de levar uma mão ao peito como se estivesse aflito com alguma coisa.

– O que foi? – pergunto-lhe, preocupada.

Ele apoia-se na vidraça, demasiado longe de mim.

– Eu acho que... – diz, pigarreando para aclarar a garganta. – Tenho estado a pensar se não devíamos começar a abrandar.

Agora sou eu que me sinto como se tivesse levado um soco na cara. Sinto meu o coração a fazer algo que não pode ser saudável.

– Desculpa, agora confundiste-me – digo. – Porquê?

Ele olha para mim em indisfarçável agonia.

– Acho que sabes porquê.

Ah. Claro que ele sabe. Claro que já percebeu que estou perdida por ele e quer poupar-me o mais possível. Sinto um puxão na garganta, como mãos frouxas numa corda rija. Ergo a cabeça, tentando manter uma postura o mais digna possível, e suplico à gravidade que faça subir as lágrimas que ameaçam cair.

Ele vem ajoelhar-se à minha frente.

– Estou demasiado envolvido, Sage – diz-me em voz rouca e algo trémula. A cabeça baixa-se-me mesmo sem eu querer. – Eu... não sei o que é suposto fazer. Estou a tentar fazer tudo certo. Eu *prometi* à Indy, e ela não tem mais ninguém. Já a dececionei antes, e acho que ela precisa de alguém que a tenha como prioridade, e... lamento muito tudo isto. Ela continua a sentir que uma vida mais vasta significa uma vida melhor, e eu tenho de a deixar aprender por si mesma e apoiá-la em qualquer decisão. Além de que quero reaver a minha estrela. Também não quero voltar a desiludir a Carlie, mas acima de tudo preciso de ver se consigo singrar de novo, entendes? E lamento tanto, Sage, sei que nunca pediste isto. Sei que era suposto simplesmente aceitarmos a impermanência disto que temos, de tudo o que conquistámos, e tirar disso todo o prazer enquanto durasse, mas eu não paro de escavar e agora sinto-me a afogar-me em ti, Sage. – Vejo-lhe os olhos marejados de lágrimas.

– Fisher – digo, deixando a primeira lágrima rolar, seguindo-se mais à medida que lhe afago, hesitante, o rosto. – Para mim, isto já vem tarde. Há muito que eu própria estou totalmente perdida nisto – confesso. A mão trémula dele pousa na minha nuca. – Peço-te que me ames, independentemente do futuro – digo. – Por favor.

Ele mergulha em mim, desesperadamente terno, e tão perfeito que dói. E eu deixo-me afundar um pouco mais.



CAPÍTULO 29

FISHER

Ainda não consigo dizer como é que me deixei chegar tão longe sem me aperceber. Acho que sabia que a desejava desesperadamente, sim, isso parece-me óbvio. E ao longo do tempo que passámos juntos dei por mim a assumir que, mais cedo ou mais tarde, conseguiria mantê-la pelo menos como amiga, que iria conseguir lidar com isso sem grandes problemas quando me fosse embora. Até que, naquela noite, me deparo com ela no seu jardim de inverno. Vi-a soerguer-se sob a luz das estrelas, envolvida num edredão e sorrindo para mim como se eu lhe tivesse trazido a cura para algo terrível, e não uma mera sanduíche na porra de um prato de papel. E ali mesmo e naquele momento, a estaca no meu peito atingiu o meu coração. Percebi que a paixão representava o mais breve dos fôlegos, a adrenalina, a ideia de que poderíamos ficar apenas amigos e que isso não me mataria a cada dia.

Amor é isto. Amor é respirar. Um alívio doce, profundo e pungente. E isso é de certo modo ainda mais desnorteante.



Em cada minuto que temos livre, atiramo-nos ao treino, e a própria Sage torna-se uma verdadeira militante. Queixamo-nos das dores no corpo, de como os músculos dos nossos ombros parecem ter sido arrancados e reconstruídos uma centena de vezes, mas a nossa determinação parece conseguir vencer tudo isso.

Não que eu exteriorize nada disto, nem ela o faz, mas creio que ambos esperamos que a magia que tem garantido vencedores originários de Spunes

opere também em nós os dois.

Mas falo sobre tudo isto com a minha terapeuta. Tenho esperança de que ela me diga aquilo que eu mais desejo ouvir: que fazemos uma mudança substancial na nossa vida à boleia de uma outra já de si monumental é aceitável, talvez até recomendável. E que talvez deva descer da escada da indústria culinária que escalei, esquecendo a ideia de recuperar a estrela, e arrastar a Indy comigo, quer ela queira, quer não.

Mas a Dra. Deb não me diz isso. Contudo, também não me diz que *não devo*, o que, se querem que vos diga, é algo que eu considero uma das coisas mais chatas da psicoterapia. Mas enquanto lhe vou contando o que sinto, a verdade é que estou mais do que ciente de como tudo pode soar. Sei que estou na fase inicial da paixão e também sei o que isso envolve. Achamos que nunca ninguém sentiu nada tão forte quanto o que estamos a viver. Convencemo-nos de que connosco é diferente, que conseguiremos vencer os obstáculos ou mesmo a distância.

Porque é *ela*. É o que cada célula do meu corpo afirma. É a Sage.



Tornou-se uma rotina para mim aparecer em casa dela por volta da meia-noite e ficar até às três ou quatro da manhã, hora a que volto para a minha. Nunca na vida me senti tão exausto, mas sempre são mais umas horas que passamos juntos. Não deixa de ser irónico o facto de, neste verão, ser eu a dar as minhas escapadelas.

Na noite anterior ao nosso treino experimental no trajeto da corrida, que só decorrerá daqui a uma semana, acordo e deparo-me com a ausência da Sage ao meu lado na cama. Desço as escadas a correr e dou com ela no jardim de inverno, embrulhada numa manta, no cadeirão, a ler.

– Encontrei-te – digo suavemente.

Ela sobressalta-se na mesma, mas acaba por me sorrir.

– Assustaste-me.

Sento-me no repouso-pés à frente dela e ponho os pés dela no meu colo.

– O que é que estás a ler?

Ela esconde o que tem nas mãos.

– Nada, é só... um diário. Notas e pensamentos, coisas desse tipo.

– Tiveste uma insónia? – pergunto.

Ela abana a cabeça.

– Não está na hora de voltares?

Penso que se está a referir a eu voltar à casa ao lado da dela, mas ainda assim fico angustiado.

– OK – digo apenas, deixando o tácito fluir pelo éter.

Nenhum de nós disse ainda as palavras exatas, mas eu tento dizê-las de outras formas. Faço tanto amor com ela quanto ela me permite. Mas tento

mostrar-lhe o que sinto a cada toque.

– Vemo-nos daqui a pouco – acrescento, antes de lhe dar um beijo de despedida.



Encontramo-nos umas horas depois junto à carrinha dela, com café e um *bagel*. Em silêncio, prendemos a canoa na caixa aberta e dirigimo-nos ao outro extremo de Spunes, de mãos dadas enquanto eu conduzo. O percurso desce pelo rio no limite oriental de Spunes, sob a ponte principal, até à baía, onde dá a volta, terminando em Founder's Point. Significa que teremos uma forte corrente a impulsionar-nos, mas também que enfrentaremos águas mais hostis e mesmo algumas ondas.

Quando chegamos ao ponto de partida, percebemos que não estamos sós.

– Viva, Sage – diz o agente Carver, a namorada colada a ele como de costume. – Fisher – cumprimenta-me com um breve aceno de cabeça.

– Ethan – respondo-lhe do mesmo modo.

– Ian – corrige-me ele.

Eu finjo que não oiço. Reservo a minha maturidade para as pessoas de quem gosto. Não é certamente agora que tenho menos ciúmes dele, ou que ele me agrada mais. Teve a Sage por muito mais tempo do que eu, e manter-se-á sempre na órbita dela quando eu me for embora.

– Devíamos fazer uma corrida entre nós! – guincha a Cassidy. – Seria ótimo para praticarmos, não achas, amor?

– Estou nessa – diz ele.

Olho para a Sage, notando-lhe as olheiras profundas e o maxilar tenso, em ponderação.

– Vamos a isto – declara. *Linda menina*, penso. A exercitar o músculo da coragem.



A Cassidy não perde tempo a arranjar uma transeunte mais incauta que nos dê a ordem de partida, e colocamo-nos, nas respetivas canoas, nos lugares iniciais. Troco um olhar cúmplice com a Sage, mais do que determinados em dar uma coça a estes dois.

– Aos seus lugares – diz a senhora, com um caniche ruidoso no colo. – Preparar. Partida!

Eu e a Sage lançamo-nos com notável elegância, fazendo a canoa deslizar praticamente sem abanar enquanto remamos para longe da costa. De início somos rápidos, e assim que nos vemos à frente estabilizamos as nossas

remadas. Concentramo-nos na respiração, na sincronia de movimento e em mantermos o ritmo. Cumprimos tudo o que tanto nos esforçamos por aprender, e nunca nenhum de nós olha para trás. Nem mesmo quando eu deixo de os ouvir atrás de nós, ou quando passamos debaixo da ponte, já a meio do percurso, e nem sequer quando fazemos a última curva e vemos Bennet Island surgir-nos à vista por detrás das ondas.

Fazemos os 25 quilómetros de ida e volta até Founder's Point em menos de duas horas, tendo uns escassos minutos a mais do que a equipa vencedora do ano passado.

A Sage ergue o remo no ar e grita vitória, revigorada o suficiente – sabe Deus como – para correr em círculos.

Com um abraço apertado, retira de mim o pouco fôlego que ainda me resta.

– Conseguimos, porra! – diz, com a testa encharcada em suor e água salgada.

– Conseguimos, porra! – concordo. E gasto os últimos resquícios de fôlego beijando-a apaixonadamente.

E ainda que possa parecer mesquinho e deselegante, nem esperamos pelo Ian e pela Cassidy para tirar a nossa canoa da água, e desaparecemos de cabeça bem erguida. Quando arrancamos na carrinha, não posso deixar de admirar o queixo erguido da Sage, o sorriso arrogante, sentada no banco a meu lado, a janela aberta e o cabelo esvoaçando ao vento.

Quanto a mim, acho que nunca na minha vida me senti tão orgulhoso.



Na semana do festival, a multidão que se amontoa no parque em torno do Starhopper não deixa de me alarmar, pelo menos de início. Veem-se já várias caravanas estacionadas à porta da Martha, fazendo os seus churrascos e instalados em cadeiras desdobráveis nos passeios. Vejo-a dar um ralhete a um casal desgrenhado, ao vê-lo sair da sua carrinha convertida em autocaravana, mandando-os para o parque de estacionamento prolongado, acessível durante a semana do festival. Também avisto o Amos, que me dirige um aceno pouco efusivo. Uma senhora passa por mim e pede-me orientações para a biblioteca, e só ao fim de dez minutos de conversa é que eu me apercebo de que ela está convencida de que eu sou de cá. Por uma estranha razão, vejo-o como um elogio.

Depois de lhe dar as devidas indicações e lhe sugerir outras visitas, continuo na minha tarefa de descarregar os materiais da equipa para o Starhopper, antes de o trancar para a semana. É trabalho suficiente para me manter as mãos ocupadas enquanto vou revendo mentalmente todas as outras coisas que ainda tenho de fazer. Atar pontas soltas, ainda que a mim me pareça mais suturar.

Esta manhã, depois de regressarmos e mudarmos de roupa, a Sage saiu para iniciar ao seu dia, e eu lá me dispus a arrancar o penso-rápido e a ligar à Carlie. Falámos sobre o Marrow e sobre como tem sido a supervisão do Archer desde que eu me vim embora. E acho tudo tão estranho... Não sei dizer precisamente quando ou como me bateu, mas é como se, daqui, o mundo inteiro me parecesse cada vez mais forasteiro, não obstante só cá estar há umas escassas nove semanas.

E então?, dissera-me ela. *De que é que precisas da minha parte?*

Como assim?, perguntei-lhe, confuso.

Sei lá, tencionas mudar o menu do Marrow? Estou aqui para ajudar no que for preciso. Recuperamos a nossa estrela e, à boleia, ainda conseguimos espreitar um pouco a cena dos bloggers.

Nada disso me interessa, pensei, e tive imediatamente de sufocar uma pontada de culpa, e encher-me de gratidão por vê-la a devolver-me o meu emprego. Seja como for, nada será como antes. Nunca será. Não sinto que seja o tipo de trabalho que me apeteça fazer por fazer. Mas sei que poderei voltar a divertir-me com ele. Talvez por saber que também não se trata da soma do meu valor. Não é uma questão de vida ou morte... apenas aquela coisa maravilhosa que fica no meio.

Disse-lhe que, no futuro, gostaria muito de poder mudar ou ajustar semanalmente certos itens do menu, baseando-me na disponibilidade dos produtos ou de algo particularmente excitante que eu encontre. Ela concorda, com a garantia de que me irá apoiar. Acabo com a sensação de que é um passo na direção certa, seja lá o que isso signifique.

O Walter sai do restaurante dele e vem ajudar-me a pendurar as luzes que eu prometi à O'Doyle para o festival; e acaba por me convidar a almoçar – por conta da casa. Serve-me um *cheeseburger* com batatas fritas, surpreendentemente bom. E tenho o maior prazer em declarar que não vejo a *Pegasus*, a chinchila, em lado nenhum, nem nele, nem no restaurante. Aliás, o espaço parece-me verdadeiramente irrepreensível.

Faz-me recordar o café dos meus pais, pequeno e sempre imaculado, com os mesmos bancos revestidos a vinil. E de como o meu eu mais jovem teria dado tudo para conseguir que fossem aceites.

– Que sítio fixe que tens aqui, Walter – digo-lhe, olhando em volta.

Vejo-lhe o peito inchado de orgulho. Até que toca o telefone do restaurante.

Quando vejo o sorriso dele desvanecer-se e o oiço dizer «Sim, ele está aqui», é como se me tivessem dado um murro no estômago.

– Onde tens o telemóvel? – pergunta-me.

– O que é que se passa? – pergunto, já a correr para a porta. Devo ter deixado o telemóvel no Starhopper. – É a Indy? – invade-me uma sensação de pânico puro e duro.

– A Indy está bem. A Wren está com ela – diz-me ele. – Vai ter com a Sage.



CAPÍTULO 30

SAGE

Eu sabia. Eu sabia que vinha aí qualquer coisa. Na última semana, não houve noite em que não tenha acordado com as mãos cravadas nos lençóis para evitar agarrar-me ao Fisher como se estivesse a cair. E optei sempre por me levantar e ir ler, ou escrever no meu diário. Mas esta tarde acordei de uma sesta completamente em pânico, arquejante, como se estivessem a tentar arrancar-me os pulmões de dentro do peito.

No meio de uma operação de combate ao incêndio, o Silas separou-se do resto da equipa por um momento e caiu montanha abaixo. Está vivo, mas com queimaduras graves em vinte por cento do corpo, para além de problemas provocados pela inalação de fumos. Está em coma induzido para poder ser ligado ao ventilador e poderem controlar a dor.

O Fisher não diz uma palavra quando chega à entrada de minha casa. Limita-se a dar-me a mão enquanto entro na carrinha, também eu em silêncio. Durante a viagem de quatro horas, nem sei quantas infrações de trânsito ele terá cometido, mas sei que, em circunstâncias normais, teríamos demorado cinco horas a chegar ao hospital para onde o meu irmão foi levado.

Assim que entro na receção, as vozes soam-me todas completamente distantes.

Caminho pelo corredor de pernas trémulas, os maxilares firmemente cerrados. Até que vejo o Ellis.

O Ellis com a cabeça entre as mãos. O mesmo Ellis que sempre se esforçou tanto para proteger tudo e todos e que, nesse caminho, se esqueceu de arranjar espaço para si próprio. O Ellis que se tornou homem cedo de mais, que desde os treze anos carrega o peso do mundo às costas. Que me disse que a nossa mãe tinha morrido quando o nosso pai não conseguiu proferir as palavras. Ergue os olhos para mim e vejo-lhe a expressão sombreada por algo

parecido com vergonha, que logo se altera para uma determinação visceral, como que não querendo levar-me a descambar.

O Silas... não sei porquê, mas sinto que vai ficar bem. Vai arranjar maneira de transformar as cicatrizes em histórias. Mas o Ellis, meu Deus.

Puxa-me para um forte abraço e afaga-me suavemente as costas com o punho.

– Quando o tirámos de lá – diz –, as palavras dele antes de desmaiar foram: *pelo menos não lixei a cara toda*.

Não contenho um misto de choro com gargalhadas histéricas.



CAPÍTULO 31

SAGE

As quarenta e oito horas seguintes passam num sopro. Felizmente, o Silas não demonstra quaisquer sinais de infeção e os seus sinais vitais continuam bons, pelo que os médicos nos informam que o vão retirar do coma e desligar o ventilador.

Ao terceiro dia, vejo finalmente o Ellis a chorar. Nunca saiu da cabeceira do nosso irmão. Nem sequer percebo se dormiu ou não. Só quando a Wren chega ao hospital com a Indy e com o Sam é que ele se permite afastar-se, caindo-lhe nos braços.

Pelo modo como o Silas reage ao acordar, dir-se-ia que tinha sofrido um ligeiro incidente, e não queimaduras de terceiro grau numa perna quase toda, bem como de um dos lados do torso. Claro que está completamente pedrado, mas é incrível como nos tenta animar a nós só para evitar a pena ou a compaixão. Continua um sedutor implacável (ainda que desajeitado), metendo-se com médicas e enfermeiras, ostentando alegremente as ligaduras, sujeitando-se a injeções e curativos dolorosos com um sorriso entorpecido no rosto.

No quarto dia, o Fisher lá consegue levar-me até um dos quartos de hotel que reservou, onde eu finalmente tomo um longo duche e caio numa espécie de coma, segura, com ele aninhado a meu lado. Se tivesse energia para isso, sei que estaria em pânico por estarmos a partilhar desta maneira os nossos últimos dias juntos.

No quinto dia, acordo sozinha e constato que ele me trouxe um saco cheio de coisas de minha casa, incluindo o meu diário e alguns livros que tinha na mesa de cabeceira. Não contenho a emoção. Levanto-me e, uma vez que a química dele claramente se alterou para se magnetizar com a minha, os meus pés conduzem-me até à espreguiçadeira à beira da piscina onde está a

dormir. Encho-o de beijos ternos até o ver acordar lentamente.

– Onde é que está a Indy? – pergunto.

– A Wren levou os dois miúdos com ela – diz-me. – Achou, e bem, que o festival poderia servir-lhes de distração.

Assim que caio em mim, não deixo de sentir um forte aperto no peito. Até agora, já perdemos não só o concurso de cultura geral como o de culinária. Amanhã decorre a corrida de canoas, mas parece-me tão banal à luz de tudo o resto. Ainda assim, sinto o queixo tremer.

Lembro a mim mesma que é absurdo, que a vida não é uma meritocracia. Lá por termos feito tudo certo, e mesmo sabendo que merecemos, não significa que no fim seja tudo perfeito. Só por termos realizado um sonho antigo, não quer dizer que ele nos torne felizes para sempre. Por vezes, pessoas maravilhosas adoecem, enquanto outras, que sempre foram péssimas para nós, vivem tudo de acordo com o planeado. O que conta realmente é o que fazemos com isso, o que levamos connosco para a cama todas as noites. Tento lembrar a mim mesma que eu sou capaz, que ainda há poucos dias o provei. Já tive a minha vitória.

Então porque é que sinto que estou a perder tanto?

– Então? – arrulha o Fisher, levando a minha cabeça ao peito dele e massajando-me suavemente os ombros. Parece traçar um labirinto na minha pele. – Sabes que precisas de descansar mais um pouco.

– Não – digo. – Não quero dormir. Mas, sim,... leva-me para a cama.

Ama-me, ama-me, ama-me, suplico-lhe silenciosamente. Antes que o nosso tempo acabe.



É talvez o pior cenário onde já fizemos amor, mas transformamos o quarto de hotel em solo sagrado. Levamo-nos mutuamente à beira da loucura vezes sem conta, até eu chegar ao ponto de deixar de saber se fazemos exigências ou apelos desesperados um ao outro.

Quando desço a boca pela sua pele doce para o saborear, sinto-lhe as mãos no meu cabelo, cravando-me os dedos na nuca quando eu o provoco com beijos tórridos nas coxas, e ele solta aquela ladainha de murmúrios suplicantes que eu adoro ouvir.

Ele brinca comigo sem parar, com as mãos, gerando um calor que resulta numa lenta combustão. Sempre atento à menor reação da minha parte, segreda-me tanto pragas como elogios. Diz-me *não, ainda não, ainda não!* de um modo que leva o meu corpo a querer fazer precisamente o oposto. Ainda mal me recompus do primeiro, já ele me está a virar de lado, a levantar-me o joelho e a penetrar-me por trás, a minha cabeça encostada à dobra do seu braço. Sinto o corpo dele a entesar-se e ele finalmente a encher-me, levando uma mão ao ponto onde estamos colados para me deixar de novo à beira de

outra explosão, que acontece precisamente quando o oiço grunhir-me ao ouvido.

É como se cada descarga o tornasse mais e mais desesperado. Quanto mais próximo ele está, mais próximo eu o quero. Quando julgo que já não aguento mais, ele rola para cima de mim, ajeitando-nos de novo. Espera que os meus olhos encontrem os seus antes de dizer *amo-te* enquanto me penetra.

– Também te amo – murmuro, a voz firme e gentil.

Uma lágrima teimosa rola-me pela face quando finalmente tudo acaba.



CAPÍTULO 32

SAGE

– Que *porra* estás tu a fazer aqui? – É assim que sou recebida pelo Micah na manhã seguinte, no corredor, mesmo à porta do quarto do Silas. Mesmo já não nos vendo há cinco meses.

– Micah – digo, abraçando-o fortemente.

Ele murmura um *olá-prazer-em-ver-te* ao Fisher por cima do meu ombro antes de me agarrar pelos braços e me abanar carinhosamente.

– Porque é que estás aqui? – quer saber.

– Hmm... – respondo em tom claramente irritado, desenredando-me dele. – Porque o nosso irmão se queimou!

– Eu caí de uma montanha! – grita o Silas roucamente. – Não me estraguem a reputação!

– Não devias estar a gritar! – grito-lhe de volta.

– *Tu* devias estar na corrida – diz-me o Micah. – Não precisas de estar aqui. Vai-te embora!

– Micah, não.

– *sim!* – respondem ao mesmo tempo o Micah, o Silas e um Ellis acabado de chegar.

– Já falhámos as provas anteriores – digo, arriscando uma olhadela rápida ao relógio.

Os meus pulmões ainda cheios de esperança rapidamente se esvaziam. – Não temos a menor hipótese de chegar lá a tempo. Não vale a pena, sequer.

– Sage – diz o Fisher com uma mão calorosa no meu braço. – Vamos. Tu mereces entrar nesta corrida. Ganhámos ambos esse direito, porra.

Sinto os olhos marejarem-se de lágrimas que começam a cair.

– Jamais ganharemos. Não temos como ganhar – digo. Não vale a pena negá-lo.

– Fazemo-lo na mesma. – diz-me ele em tom firme. – Tudo vale a pena,
na verdade.

E eu sei que ele também está a falar de nós.



CAPÍTULO 33

FISHER

Não sou um homem crente, mas a verdade é que durante todo o caminho de regresso a Spunes não deixo de apelar a uma qualquer entidade superior. Por tudo aquilo que a Sage me deu este verão, tenho de tentar ao máximo compensá-la de alguma forma.

Chega e passa a hora da partida da corrida, o GPS continua a dizer-nos que ainda nos faltam duas horas de caminho.

– Talvez tenha havido algum atraso – diz a Sage. – Nunca se sabe. Pode ter acontecido, sei lá, qualquer coisa que tenha atrasado tudo.

– Acontece muitas vezes – digo em tom otimista.

Mas o resto do caminho não se torna, ainda assim, menos tenso.



Não temos fatos de mergulho, mas pelo menos dispomos de todo o equipamento exigido. Chego à estrada do ponto de lançamento com uma derrapagem espetacular, exatamente uma hora e quinze minutos depois da primeira ordem de partida, e paro mesmo em frente ao portão da entrada.

– Vais ser rebocado! – grita-me a Sage.

– Por quem? Está toda a gente aqui!

– Bem visto!

Voamos para fora da carrinha, enfiados os coletes sem parar de correr e tratamos de desamarrar a canoa.

A Sage pausa-a ao lado dela na areia e a multidão afasta-se para nos dar passagem.



Ainda na praia, vemos o Ian e a Cassidy, um sobrinho do Walter e o marido, e outras três equipas compostas por pessoas que eu reconheço da vila. A Patty Munty e a Wren estão dentro de água, com ela pelos joelhos. A Indy vê-nos e dirige-se a nós, pelo meio dos presentes na praia.

– Os concorrentes que não são de cá já partiram todos – diz. – Não conseguimos fazê-los esperar. Mas o resto aceitou!

– Verdade seja dita que não foi difícil – declara a Patty. – Todos quiseram esperar.

– Assim que a Indy lhes contou o que se estava a passar – acrescenta o Sam.

A Sage solta um riso emocionado e abraça a Indy, que fica logo corada. Eu engulo em seco e dirijo um aceno de agradecimento a toda a gente.

Colocamos a nossa canoa num lugar vago na linha de partida e percorremos a roda de amigos com abraços e apertos de mãos em agradecimento.

A Sage não hesita em agradecer também ao Ian e à Cassidy. É verdadeiramente encantadora, a minha linda menina. Decido seguir-lhe o exemplo e estendo a mão.

– Obrigado, *Ian* – digo.

Ele olha-me nos olhos, aperta-me a mão e faz-me um aceno afirmativo de cabeça.

– Sem problema. Precisava de outra oportunidade para vos ganhar, de qualquer maneira.

Eu rio-me e dou-lhe uma palmada amistosa no ombro antes de me encaminhar para a embarcação.

Colocamos os remos nas devidas posições e olhamo-nos mais uma vez. Descabelados, vestidos e calçados normalmente, partilhando da mesma férrea determinação. Chego-me à frente e dou-lhe um beijo rápido e firme.

– ‘Bora lá remar, Byrd! – digo.



A Patty coloca-se em posição na pequena plataforma de madeira, o megafone numa mão, a pistola cor de laranja na outra

– Aos seus lugares – ouve-se a sua voz doce vibrar pelo megafone. – Preparados. partida!

E o tiro que se segue dá-nos alento.



Zarpamos da praia com toda a garra, mas percebemos de imediato que resultou numa partida caótica. Eu escorrego e quase viramos, a Sage bate com o remo dela no de um rapaz do mercado. Procuramos insinuar-nos pelo meio do caos inicial e lá conseguimos posicionar-nos em terceiro lugar.

Ao fim de uns escassos trinta minutos, a fadiga é já intensa. Tenho plena e dolorosa consciência da sensação de chumbo nos músculos, da evasão no meu cérebro. Estou claramente a ressentir-me dos vários dias a comer mal e a dormir em cadeiras de hospital ou numa cama desconfortável de um hotel barato. E também me apercebo do mesmo na Sage, à minha frente – oiço-a soltar suspiros frustrados por entre a respiração irregular.

Ainda assim, não nos vergamos. Mergulho o remo na água salgada e iço-o como se a minha vida dependesse disso. Até que embatemos acidentalmente na popa da equipa que segue em segundo lugar, e um súbito surto de energia leva-nos a ultrapassá-los, ainda que atabalhoadamente.

Aproximamo-nos da curva que nos levará à reta final, com o Ian e a Cassidy ainda uns bons metros à nossa frente.

Vejo-os igualmente a darem tudo por tudo, os troncos erguendo-se e baixando em golpes fortes. Até que me lembro de uma das minhas conversas noturnas com a Sage, deitados no jardim de inverno, debaixo das estrelas, falando filosoficamente sobre o fútil que é viver toda uma vida constantemente a comparar jornadas.

Só temos de remar o nosso próprio barco, dissera ela.

E, por isso, fazemo-lo. E damos o *nosso* melhor. Mantemos os tempos e ritmos um do outro, e cingimo-nos à nossa técnica, tão intensamente praticada nestes últimos tempos.

Remamos o nosso barco e ignoramos o resto.

E quando os passamos, na curva, eles ficam claramente nervosos, vacilantes e algo descoordenados. Mas eu e a Sage mantemos firmes o ritmo e a velocidade das remadas, já de olhos postos nas boias fluorescentes que marcam a linha de chegada, cada vez mais próxima.

Já se veem os primeiros vencedores a festejarem na praia, mas esta continua a ser a nossa corrida.

O Ian e a Cassidy mantêm-se na minha visão periférica, mas eu não tiro os olhos treinados nem da Sage nem da água à nossa frente.

Quando ganhamos, por escassos metros, Founder's Point irrompe num fervor entusiasta. Toda a gente que eu conheço da vila está na areia à nossa espera; vieram de carro desde a linha de partida, tirando aqueles que já cá estavam. E, ao que parece, os alunos de secundário da Sage compareceram em peso, dezenas e dezenas de adolescentes com cartazes a dizer coisas do tipo a miss byrd é sexy!, e lixe-os a todos, miss byrd! O Walter despe a *t-shirt* e fá-la girar acima da cabeça, qual helicóptero. A Wren e a Patty abraçam-se, chorando de alegria. A Venus e a Athena Cirillo correm para dentro de água e desatam aos saltos, atirando água a toda a volta, em alegria total. A cabeleireira Bea levanta um *tablet* no ar onde surge o Silas, via FaceTime.

Quando finalmente transportamos a canoa até à praia e caminhamos de mãos dadas pela água lodosa da margem, a Martha O'Doyle corre para nós e abraça-nos a ambos. Até a equipa da obra do Starhopper está cá, aplaudindo e assobiando.

A Indy e o Sam também se espremem pelo meio da multidão para chegarem a nós. O abraço que ela me dá é particularmente apertado.

Consigo distinguir facilmente as pessoas que não são cá da terra, pelas expressões perplexas e apreensivas.

É a cena mais ridícula, risível e provinciana a que eu já assisti.

E é um dos maiores privilégios da minha vida ter feito parte dela.



CAPÍTULO 34

SAGE

Esforço-me ao máximo por parar e absorver a cena na praia, fechar os olhos e ouvir o alegre bramido, olhar em volta e ver toda esta terra que apareceu em peso para me apoiar. Saborear este momento até aos ossos. Creio até que, mesmo que não tivéssemos «vencido», só isto já me faria perceber até que ponto sou vencedora.

Os festejos continuam até a última equipa da corrida de canoas cruzar a linha de chegada. O Ian e a Cassidy conseguem chegar a nós, e o Fisher puxa-me instintivamente para ele.

– Parabéns – diz a Cassidy, ainda que se note que se está a controlar para não chorar. Dou-lhe um aperto carinhoso no braço.

O Ian aperta primeiro a mão do Fisher, depois a minha.

– Bom trabalho, Byrd – diz-me. – Vocês mereceram.

– Jura, Ian. – digo-lhe, irónica, mas afagando-lhe a mão. – E obrigada.

Passo o resto do dia enfiada nas minhas roupas sujas, malcheirosas e encharcadas em água salgada, mas a degustar a comida das barraquinhas, *corn dogs* e *funnel cakes*, e com o meu amor, vencedor de um estrela Michelin. Desfruto dele e de todas as minhas coisas favoritas em que adorei participar ao longo dos anos, outras de que nunca consegui fazer parte até agora. Tenho direito à minha primeira sessão de cabina de fotos com o homem que eu amo. Nessa noite, danço com ele, descalça, sob o brilho das lâmpadas penduradas em volta do novo pátio do restaurante.

Mais tarde, quando chegamos a casa, não corremos logo para a cama. Em vez disso, dedicamos um tempo a cada um dos animais, mimando-os à vez, matando a saudade imensa que deles sentimos nesta última semana. Quando saio do estábulo, encontro o Fisher na boxe dos cabritinhos; adormeceu com o *Bert* e o *Ernie* no colo. E talvez seja da exaustão deste dia

que finalmente me atinge, mas tenho de levar a mão à boca e engolir para evitar chorar perante esta visão. É como a mais cruel provocação da vida que poderíamos ter tido, se os nossos caminhos tivessem encontrado uma forma de convergir. Mas eu sei que este ciclo está a chegar ao fim, e só tenho de apreciar o lindíssimo labirinto que tem sido.



Após o fim do festival, eu e o Fisher permitimo-nos mais seis dias de plenitude e *agora*. Sem preocupações ou conversas sobre o futuro, mesmo sendo suposto eles partirem dentro de oito dias. Neste momento, existe apenas o Fisher a chegar ao meu jardim com um lanchinho para mim. E a Indy deitada na relva com o *Gary* a vigiá-la de perto. O Fisher a correr atrás de um dos cabritos quando ele se escapa da boxe, levando-o debaixo do braço com um ralhete, como a uma criança que fez asneira. O *Legoless* a esfregar-se na barba rala do queixo dele à mesa do pequeno-almoço. O Fisher a abrir as portas de vidro do jardim de inverno à meia-noite e um minuto, por vezes para me fazer ver estrelas, outras para nos deitarmos juntos no chão a olhar para a lua.

É ao sétimo dia que as coisas começam a mudar.

– Então e se nós...? – começa ele por dizer. – Que tal se tentássemos uma relação à distância por uns tempos?

A sua pergunta só me leva a outras:

– Com que objetivo? Quando é que se tornaria... não-à-distância?

Ele coça a nuca.

– Não tenho a certeza.

Uma nova onda de perspetivas forma-se-me na mente, entre as quais: e se a Indy decidir ir para fora assim que acabar o secundário? Estaria ele disposto a vir para cá viver, assim sendo? Será que eu aguento três anos e, mais importante, continuará ele a querer as mesmas coisas?

Solto um suspiro cansado, lembrando-me de que ainda tenho o meu irmão no hospital, e de como a vida consegue ser fugaz. Considero como será viver de telefonemas e FaceTimes e viagens esporádicas. Sem nunca viver o presente. Constantemente à espera, sempre ansiosa pela próxima vez. E também não posso contar com promessas da parte dele. Como pode ele desistir ou prejudicar a sua carreira limitando-se ao ficar? Nem tão pouco lhe posso pedir uma coisa dessas, muito menos sendo ele o *chef* brilhante que é. Merece recompor-se e recuperar o que já teve, conquistar de novo a sua vitória.

Lembro-me de um artigo sobre ele que li há tempos, quando me fui abaixo e decidi pesquisá-lo na *net*, e de ele dizer que só lhe apetecia pôr na pausa o inevitável. Creio que agora também seja um momento desses. E, assim que ele se for embora, logo que ele se afastar, tudo virá, mais cedo ou

mais tarde, a desfazer-se.

E eu vou achar que, ao dar-lhe o espaço de que necessita, tudo correrá bem. Vou reagir bem quando ele não me atender as chamadas ou me pedir que lhe ligue mais tarde, porque não quero perder um segundo do nosso tempo a discutir, ou com qualquer réstia de negatividade. E ele irá achar que eu estou apática, desinteressada até. Ou quem sabe eu não sinta exatamente o mesmo acerca dele, sei lá eu.

Creio que tentar combater o inevitável, neste caso, só iria piorar tudo. Não consigo imaginar-me longe dele sentindo que estou constantemente a perdê-lo. Prefiro saborear esta coisa maravilhosa que temos, pelo pouco que nos resta.

– Não consigo – digo, por fim, numa voz tão vazia que soa apenas a um sussurro. Olho em volta da casa dos meus pais, penso em todos os meus animais resgatados, e por um momento uma parte de mim arrepende-se de me ter tornado tão imprescindível.

Ele fecha os olhos, mas concorda com um aceno de cabeça.

Outra eventualidade: e se ele me pedir que vá com ele? Muita gente que trabalha em Nova Iorque vive noutros estados, certo? Quem sabe eu não conseguia levar a quinta às costas para lá?

Ainda que a ideia em si não seja totalmente descabida, há qualquer coisa que a tolda. Eu adoro a minha casa.

No entanto, creio que se ele me pedisse eu não conseguiria recusar. Uma parte de mim pergunta-se se ele saberá disso, e se será precisamente por essa razão que não mo pede.



Nessa noite, ele não aparece.



CAPÍTULO 35

FISHER

Esforço-me por recuperar aquela minha antiga capacidade de desfocar tudo, mas descubro que desapareceu de vez. Não sou de todo poupado à total clareza e nitidez quando meto os nossos sacos de viagem na mala do carro, nem quando embalo cuidadosamente as minhas facas. A cada minuto me sinto mais e mais desolado.

E também me tenho esforçado por pensar nestes tempos como algo maravilhoso, por me sentir grato por tudo de bom que ganhei com eles. A Indy e eu avançámos tanto, chegámos tão longe, não apenas juntos como também individualmente. Consegui finalmente acabar com o entorpecimento do esgotamento que vivi, à conta da minha carreira. Cheguei mesmo a deixar de a temer.

Obrigo-me a assumir uma expressão corajosa para bem de todos nós. Lembro a mim mesmo que a coragem é um músculo e que, se me servir dele agora, quem sabe não será mais fácil.

Começo as minhas despedidas pelos animais. O *Legoless* continua de costas voltadas para mim, agitando a cauda com raiva. A *Sable* felizmente continua alheia a tudo, abanando a cauda ao meu lado. Com o passar do tempo consegui cativar o *Bud* com guloseimas e festinhas no focinho, e é também assim que agora me despeço dele, ouvindo-lhe o resfolegar de agradecimento, o esfregar dos lábios contra a minha mão. Faço o mesmo às burrinhas. E solto a primeira lágrima com o raio dos cabritos.

Imaginava que tivesse de convencer a Sage a vir, mas encontro-a no descampado, esperando por mim a meio do caminho. Vestiu um dos seus robes mais garridos, tem um sorriso forçado no rosto e qualquer coisa nas mãos.

Está sempre rodeada por tanta vida. Pelo seu jardim e pelas suas

criaturas e... por si própria. Como uma espécie de cena mítica.

Só que também é real, o que só piora as coisas. A minha fantasia e a realidade com que provavelmente sempre sonhar emaranhadas numa só. Sinto que a vida que ela respirou para dentro de mim já se está a esvair.

– Quero muito dar-te uma coisa – diz-me ela, e tudo o que me ocorre dizer é *Mais?* – Mas faz-me um favor e não... – Vejo-a engolir em seco. – Não abras agora, OK?

– OK – digo, a voz pateticamente sufocada.

Estende-me o caderninho castanho com que tantas vezes a vi, e sinto que não terei qualquer problema em fazer o que ela me pediu. A ideia de invadir algo que lhe diz tanto seria como remexer repetidamente numa ferida aberta.

Pedi à Indy que viesse despedir-se, mas ela recusou todas as minhas propostas de a levar ao Sam ou à Blake, e agora fechou-se dentro do carro.

– Obrigada, Fisher – diz a Sage. – Pelo melhor verão de sempre. Obrigada por me amares como sou.

Penso em tudo o que sempre quis dizer-lhe e arrependo-me de nunca o ter escrito.

– Obrigado, também – digo, sentindo o coração em pedaços.

E, meu Deus, sinto um medo irracional a invadir-me, porque, como não a verei em tudo e na mais pequena coisa? Conseguirei alguma vez pensar em alguma coisa sem a relacionar com a Sage e este verão? Vou ver umas vacas malhadas algures e pensar imediatamente no robe dela na noite em que nos conhecemos. Comer amoras e associá-las de imediato aos lábios dela. Ouvir um trocadilho e desatar a chorar.

– Foi para mim um privilégio apaixonar-me por ti, Sage – consigo dizer-lhe, impotente.

Vejo a expressão dela estilhaçar-se, e beijo as lágrimas das suas faces antes de ter de me arrancar daqui.



CAPÍTULO 36

SAGE

duas semanas depois

Hoje, o meu despertador tocou duas vezes com a redundante mensagem que declara qualquer coisa do tipo: *Ei, a tua pulsação dá-te como moribunda, mas também ainda não te mexeste. Tipo, nunca. Não tens sequer de fazer chichi?*

Ao terceiro dia aprendi que não precisamos de fazer chichi se não nos hidratarmos, e a verdade é que eu já chorei imenso, pelo que talvez não precise de libertar mais líquidos. Não sei muito bem como é que funciona, mas quem sabe, tal como a porra do despertador que não se cala nem por nada, se eu não estou igualmente avariada?

Mas, enfim, pelo menos ainda me levanto da cama todos os dias. Já lá vão duas semanas e ainda consigo fazer isso. É a parte boa de termos coisas que dependem de nós. Obriga-me a uma certa rotina, ainda que forçada. Certifico-me de que estão todos alimentados e saciados antes de me deixar desmoronar mais um pouco.

A única coisa a que não consigo dar atenção é o jardim. Sempre que lá ponho um pé, dá-me a sensação de que está a gozar comigo, a minha ingenuidade à vista de todos.

Pensei que estar com o Fisher seria como flores cortadas numa jarra. Algo que acolho em casa amorosamente, mas que sei que não vai durar muito. O grande problema foi que fiz merda e plantei-o cá, em todos os meus canteiros. Dei-lhe o meu solo, a minha casa, o meu coração, e agora ele desenraizou-se, deixando-me com tudo murcho e a terra ressequida a sujar-me tudo.

Na véspera do dia em que é suposto eu regressar à escola para preparar e

organizar a minha sala deste ano letivo, acordo e deparo-me com a Wren a dormir ao meu lado. E nem sei dizer porque é que o meu sistema nervoso não se choca ou se assusta.

– Como é que tu aguentas? – pergunto-lhe. – Como é que aguentas ver o Ellis em absolutamente tudo para onde olhas?

Eu passei um verão com o Fisher e nenhum canto é seguro. Ela e o Ellis tiveram-se desde o jardim de infância.

– O tempo – diz-me ela. – O tempo é a única coisa que aumenta a tua tolerância à dor. Um belo dia acabas por ver tudo de bom que partilhaste com ele mais do que a tua dor.

Eu sinto que foram as palavras que ele usou que mais me estilhaçaram, quando disse que foi um privilégio. Porque até foi, certo? Mesmo sentindo-me como me sinto agora, sei que faria tudo de novo só pelo privilégio de o amar, de ser amada por ele. Ele não me consertou, e eu não o curei, mas amámo-nos um ao outro inteiramente.

– E agora – diz-me ela –, vais levantar-te. E vais lavar esses dentes porque estás com um hálito horrível. E vais seguir em frente.



CAPÍTULO 37

FISHER

Tento ao máximo ver Nova Iorque pelos olhos da Indy, como se estivesse a conhecê-la pela primeira vez. Esforço-me tanto por tornar importantes as merdas mais simples que, de certo modo, até passam genuinamente a sê-lo. Levo-a a ver espetáculos da Broadway, eu próprio assistindo à grande maioria pela primeira vez. Arranjo tempo para assimilar todos os edifícios mais grandiosos, para saborear a comida incrível que encontramos a cada esquina. Quanto ao trabalho, tem sido diferente. Na maior parte das vezes gosto do que faço, mas, lá está, é trabalho. Algures pelo caminho, recuperar a estrela perdida deixou de me importar; ou talvez nunca tenha importado, e eu só me convenci de que sim.

Tento manter-me firme e inabalável e lembrar-me de tudo o que aprendi no verão que passei com a Sage. Esforço-me por compartimentar as coisas dentro daquele percurso, daquela jornada, e aceitar que teve de acabar da forma que acabou.

Mas nem sempre dá, claro. Há muitas coisas que se escapam pelas frestas.

De início, são as coisas mais óbvias. Como, de cada vez que tenho de lidar com uma receita que leve aquelas ervas que têm o nome dela^[6], e isso acontece com mais frequência do que o desejável. São as «sardas» de canela por cima de uma sobremesa, as flores que chegam de dois em dois dias ao restaurante. A Carlie estranhou quando eu lhe fiz esse pedido pela primeira vez, mas lá me fez a vontade e ainda tem a simpatia de encomendar uns ramos extra para embelezar o meu escritório nas traseiras.

E quando, um dia, em inícios de setembro, trago a Indy comigo para o restaurante depois das aulas, e a Carly se lembra de dizer qualquer coisa sobre a possibilidade de acrescentarmos um prato de ganso ao menu de outono, a

Indy salta, claramente afetada, da bancada onde estava sentada. Tento dissuadir a Carlie da ideia. E tenho alguma dificuldade em explicar-lhe porquê. Fica meio estranho.

Uma semana depois desse episódio, eu e a Indy estamos a passear pelo parque, desfrutando dos nossos novos gelados preferidos. O meu é de chá *Earl Grey*, o dela de *cheesecake* de amora. Às tantas, ficamos em frente ao Hans Christian Andersen Monument, uma estátua de bronze do escritor, sentado a ler num banco de jardim com um ganso a seus pés. Deitamos ambos os nossos gelados num caixote do lixo, ainda nem a meio estavam.

As críticas ao Marrow não tardam a sair, elogiando o novo menu e a vivacidade e requinte da nova abordagem. A elogiarem-me. Confesso que me agrada. Agrada-me, sim, mas não tanto quanto, num fim de semana, experimento a receita dos *stroopwafels* da minha mãe e a minha sobrinha me dedica os mais rasgados louvores. Ou quando, numa bela noite, ela experimenta fazer-me o jantar e pega fogo a um pano de cozinha, e passamos o resto do serão a rir e a comer comida chinesa que temos de encomendar.

Nessa mesma noite, a Indy abre-se um pouquinho comigo sobre o Sam e o verão. Diz-me que sentiu alguma coisa por ele, mas que acabou por perceber que eram incompatíveis. Ela quer conhecer o mundo, o Sam quer acabar em Spunes. Disse-me também que receia apaixonar-se por alguém da idade dela, porque lá no Nebraska foi apenas a isso que sempre assistiu vezes sem conta. Os jovens a apaixonarem-se cedíssimo, ficarem presos e totalmente alheados das aventuras da vida. Confesso que fico sem saber muito bem o que responder, mas acabo por lhe dizer que me orgulho imenso dela por ter as suas prioridades definidas e a cabeça tão bem-organizada. Não sei porquê, sinto-o como uma mentira. Queria tanto, mas tanto, ter aqui a Sage para falarmos sobre o assunto.

O pior de tudo é quando quero e sinto que preciso mesmo de ouvir o que a Sage teria a dizer sobre determinada coisa. Ou quando dou por mim subitamente perturbado ao pensar em algo nela que desconheço. Tipo, por que raio é que nunca lhe perguntei qual é a sua cor favorita, a música preferida? Alguma vez foi a um concerto? Qual o sabor de gelado de que ela mais gosta?

Será que a vida lhe corre bem? *Meu Deus*, será que ela está bem?

O Frankie continua por lá, a trabalhar no Starhopper, e eu vou sabendo algumas coisas através dele. Sei que o Silas está a recuperar muito bem e que teve alta na semana passada. E também sei que a Sage regressou ao trabalho na mesma altura.

Quando noto que o Frankie já está pelos cabelos comigo, mudo a agulha e ligo para o restaurante do Walter a saber novidades.

– Ela hoje almoçou cá com o Ellis e o Silas! – liga-me ele a contar, numa tarde de finais de setembro. Faço tanta força no telemóvel que me ardem os dedos. – Pareceu-me bastante bem – acrescenta.

O que queres dizer com isso, Walter?, apetece-me gritar-lhe. De que é que eles falaram? O que é que ela tinha vestido? Continua a acordar a meio

da noite, tal como eu?

Em vez disso, agradeço-lhe e tento voltar ao meu fingimento.

Sempre que penso em ligar-lhe diretamente, sinto que seria uma crueldade. E, quanto mais tempo passa, mais cruel me parece. Finalmente ganho coragem de lhe espreitar as redes sociais. E vou-me abaixo. Todo o seu Instagram é composto apenas de fotografias da quinta e dos arredores, dos ramos de flores que ela compôs. Só depois de uma busca incessante na página do Micah é que consigo descobrir uma fotografia da cara dela. Fico a olhar para a fotografia no telemóvel como se fosse um louco.

E é em outubro que tudo muda.

Na maioria das noites, a Indy já está a dormir quando chego a casa. Noutras, dou com ela a dormir no sofá.

Esta noite, chego e encontro-a a andar de um lado para o outro com o diário da Sage aberto nas mãos.

– Já leste isto? – pergunta-me.

Uma pequena parte de mim desmorona-se. Tenho mostrado tanta confiança nela desde que aqui chegámos. E ela em mim, à sua maneira. Temos estado tão bem até agora.

– Não, e também não era para tu leres. Não te pertence – digo, zangado.
– Dá cá isso, Indy. Imediatamente.

Avanço para lhe tirar o diário e apercebo-me de que estive a chorar. Melhor dizendo, continua a chorar. Num forte soluçar que lhe faz estremecer os ombros.

– alguma vez cozinhas um ganso?! – grita. Eu reajo dando um passo atrás, o caderno nas mãos.

– O quê?!

– alguma. vez. cozinhas. um. ganso?! – berra-me ela de novo.

Fico sem saber o que fazer com as mãos.

– Indy... eu estagiei em França. É óbvio que sim.

Ela encolhe-se e desata num novo pranto.

– Sa-sabias que os gan-gansos criam elos para a vi-vida? Sabias que-que eles podem... so-sofrer de *depressão*?!

– Não. Não sabia disso – digo, tentando afagar-lhe o braço, mas levando um safanão como resposta.

– E eu vim-me embora – chora.

– Indy, querida, por favor, senta-te.

– *Não* – funga, tentando de seguida recompor-se com um profundo suspiro. – Todos estes prédios altos fazem-me sentir sufocada, presa, todos os dias. E hoje foi um desses dias. E achei... achei que ia gostar de ver outras aves que não a porra dos pombos aos saltos por todo o lado. Então fui ao Central Park.

– Indy, não é suposto andares por aí assim, sabes que tens de vir diretamente para casa depois da escola. – Merda, ela tem-se portado tão bem. Chega sempre a horas, e eu retribuo-lhe a confiança dando-lhe liberdade.

– Porra, meu! Eu sei! – grita-me, olhando-me com uma expressão furiosa. – Não estas a perceber onde quero chegar!

– Que é...?! – Já estou a gritar também.

– É algo de que temos falado na terapia. Eu só quis ver relva e a porra de umas aves quaisquer e tentar de novo. E por que raio é que nunca ninguém me disse que esta cidade cheira mal? – acrescenta bruscamente.

– Quê?...

– *Fede!* Nunca ninguém me avisou do pivete destas ruas húmidas! Nem nos filmes! Nunca vi nenhum em que falassem do fedor a lixo quente!

OK, agora está claramente beligerante.

– Mas então... foste ao parque? – pergunto, a medo, tentado apanhar o fio à meada.

Ela leva os punhos fechados ao nariz ranhoso.

– Sim – diz. – Fui ao parque. Queria escrever no meu diário. A Sage sempre fez isso e, bom, tu sabes. Ela sempre pareceu perceber, acho eu. Sempre pareceu conseguir perceber a *vida*.

Tenho medo de abrir a boca e de desatar a chorar também. Cerro os dentes com tanta força que me doem os maxilares.

– E eu sabia que ela te transmitiu essa força, e achei que... precisava de um estímulo, ou tipo, um exemplo do que escrever. Por isso é que peguei no diário. E desculpa, Fisher, mas, eu acho que precisas de o ler. E lamento tanto – Cai de novo num mar de lágrimas, soluçando incontrolavelmente. – Lamento tanto ter-te forçado a vires embora. Se tu qui-quisesses ter ficado, eu...

Puxo-a para um abraço.

– Sshhh, ouve, está tudo bem. Não fizeste nada de errado. Eu também tinha razões fortes para me vir embora, OK? Tinha, como tu própria disseste, toda uma vida, uma carreira que construí aqui e também achei que tinha de me agarrar a isso – digo-lhe. – Nós teríamos sempre de decidir as coisas juntos – acrescento. – E qualquer pessoa concordaria que uma mudança definitiva para o extremo oposto do país não era algo que se decidisse por capricho, ou por impulso, certo?

Volto a puxá-la para o meu abraço. Sinto-lhe o queixo a tremer, mas sinto-a a assentir sobre o meu ombro, antes de se afastar alguns passos.

– Mas tu precisas de passar por isso – diz-me, apontando para o diário. – E acho que tinhas razão quando me disseste que encontrarmos as nossas pessoas é o que faz a diferença – acrescenta com um novo choro de partir o coração.

– Ou encontrares o teu pássaro? – atiro. Os ombros descaem-lhe e oiço-a soluçar de novo. – OK, OK, ainda é demasiado cedo para isso, eu sei. – Tento, sem sucesso, conter uma gargalhada. – Vamos lá fazer-te um *snack* antes de ires para a cama.



Depois de a ver mais tranquila, sento-me ao seu lado no sofá.

– Lembras-te de há uns tempos me falares no Sam e te mostrares preocupada perante o facto de ficares estagnada? Queres saber o que me apeteceu dizer-te na altura, mas que ao mesmo tempo receei que fosse um conselho errado? – pergunto-lhe. Ela ergue os olhos vermelhos e inchados para mim. – Quis muito dizer-te: «E daí?»

Ela estranha, franzindo a testa.

– O que quero dizer é que, sim, muitas pessoas sentem o apelo de fazer coisas grandiosas e, sim, muitas dessas coisas têm resultados fabulosos, dão muito dinheiro a ganhar ou títulos importantes ou feitos incríveis para presenciar. E se é isso que tu queres, eu apoio-te incondicionalmente, tudo farei para que consigas o que queres. Mas sabes qual é a atitude mais corajosa de todas? A coisa mais extraordinária? – Deixo escapar um suspiro de alívio, porque também estou ciente da verdade daquilo que estou a dizer. – Viveres segundo as tuas próprias normas, e as de mais ninguém. Seres feliz de acordo com os teus próprios critérios. Queres ter um bando de gansos e um jardim em Spunes? Queres tornar a vida das pessoas que conheces desde sempre um pouco mais feliz apenas por fazeres parte dela? Apenas através de coisinhas de nada? Talvez te sintas feliz apenas por veres as tuas flores nas lojas delas, ou nas suas mesas, ou nas suas mãos, tal como a Sage. Talvez adores partilhar o conhecimento com a comunidade através dos livros, como fazem a Venus e a Athena. Ou quem sabe te apeteça participar ativamente em tudo o que se passa na tua terra, inscreveres-te em tudo o que houver, como a tua mãe sempre fez. – Desta vez sou eu que não contenho um riacho de lágrimas. Mas rio-me, ainda assim: – Lembras-te de quando ela organizou uma petição para se preservar aquela rocha, uma espécie de cratera que havia lá na terra? E de quão orgulhosa ficou?

Ela assente, também em lágrimas.

– Pronto. E se por acaso encontrares o amor da tua vida num vilarejo qualquer, se quiseses ficar a viver por lá estagnada, como tu dizes? E se isso para ti representar uma vida feliz de acordo com os teus padrões? Eu não imagino um sentimento melhor, nem mais gratificante.



Quando a Indy se arrasta para a cama, pego com mãos trémulas no diário da Sage e deito-me no sofá.

Abro-o e leio a primeira página:

*Pedacinhos de conselhos e opiniões que eu possa
deixar-te, para quando eu já cá não estiver para
tos dar pessoalmente*

Beijos e Abraços, Mãe

A profunda emoção faz-me levar uma mão à boca. Isto que ela me ofereceu será sem dúvida o seu maior tesouro. E isso não é de espantar, claro, vindo de uma mulher espantosa que teve de aprender a não regar demasiado as coisas, que não consegue impedir-se de dar. A pessoa mais generosa que eu alguma vez conhecerei. O meu coração aperta-se ainda mais, assim como o nó na garganta.

São páginas e páginas de pensamentos e conselhos. Palavras a reter quando a vida não faz sentido, misturadas com outro tipo de ideias mais práticas.

Coisas como:

Produtos de pastelaria são sempre bem-vindos em praticamente todas as situações. Precisas de pedir desculpa? Queres alegrar o dia de alguém? Leva-lhe qualquer coisa da Savvy's.

Ou:

A vida é curta. Vai à biblioteca. Vive um milhão de histórias diferentes e visita um milhão de sítios diferentes de uma só vez. Podes não conseguir controlar certas coisas, mas podes sempre dar largas à imaginação.

Há passagens assinaladas com pequenos marcadores coloridos, e sei que ela as marcou para mim.

Mãos ocupadas e mentes inertes muitas vezes podem fazer a

diferença. Descobre um hobby que te ocupe as mãos, de preferência ao ar livre. Mas, por vezes, os pensamentos precisam apenas de espaço para perambular antes de conseguires ordená-los.

Por vezes, a coragem está apenas calmamente a tentar de novo, escreveu ela ao lado. Percebo-o pela caligrafia, e os meus dedos afagam as palavras como se conseguisse chegar a ela e acariciar-lhe de novo a pele.

Outro separador:

O tempo será sempre o nosso melhor conselheiro. Acarinha os teus momentos e os anos seguir-lhe-ão o exemplo.



Reparo noutras notas escritas nas margens, em cores diferentes. E, mais uma vez, numa caligrafia diferente da original, que varia ligeiramente ao longo dos anos. Leva-me a imaginar uma Sage muito jovem, com a ponta da língua ao canto da boca, concentrada e determinada, escrevendo neste caderno de notas. Depois, uma Sage adolescente e rebelde, escrevinhando em modo temperamental. A minha doce, linda, impossivelmente generosa e solitária menina tentando que o seu mundo faça sentido recorrendo a notas do passado.

Sinto o peito pesado, a respiração custosa e sentimentos que me corroem de dentro para fora. Sinto tanto a falta dela, uma saudade que quase parece engolir-me inteiro.

Por isso, continuo a ler.

[6]1 Sage quer dizer «sálvia». (N. da T.)



CAPÍTULO 38

SAGE

Há uns dias, decidi-me finalmente a regressar ao meu jardim para o mimar. Sabia que, se deixasse passar muito mais tempo, a oportunidade de poder vir a ter flores no outono morreria completamente, por isso percebi que tinha de ser agora.

Além disso, decidi também obter a minha licença de agricultora em conjunto com a licença de vendedora, para poder vir a vender as minhas flores de modo profissional. Quem diria que um coração partido me levaria finalmente a dar este passo arriscado? As mulheres com franjas modernas e a Taylor Swift em todas as suas diferentes eras estão neste momento a suspirar coletivamente por mim.

Contudo, já cheguei tarde para resgatar o meu jardim. Suspeito que, entretanto, toda uma metrópole de marmotas se decidiu a estabelecer aqui a sua residência oficial. E por não me encontrar num estado emocional minimamente confiável, vejo-me obrigada a procurar pelo estado inteiro o apoio de uma equipa humana para tentar realojá-las. Acontece que só podem aparecer por cá na semana que vem.

Assim sendo, para já decidi fazer-me amiga das marmotas. Neste momento estou sentada em frente ao meu canteiro de dalias destruídas, atirando bocados de tortilha a uma que os vem buscar sem receio nenhum. Talvez se eu as mantiver alimentadas elas deixem o resto das minhas plantas em paz.

E também tenho o *Gary* no meu colo, a quem também foi dada a sua merecida dose de guloseimas para combater a depressão. E a *Sable* está aos meus pés.

Se um artista pintasse todo este cenário, creio que lhe chamaria *Eu e os Meus Demónios*.

Subitamente, a marmota enfia-se no seu buraco, nitidamente acometida de um ataque de pânico, quando oiço a *Rosemary* e a *Ginger* relincharem bem alto lá ao longe. A *Sable* levanta-se de um salto e começa a ladrar.

– Mas que... – estranho, até que me lembro de que os Andersen me avisaram de que chegariam ainda este mês.

No ano passado, eles adiaram constantemente o seu regresso até depois do Natal, pelo que fiquei realmente surpreendida por saber que este ano estariam de volta no outono.

Creio que devia tê-los avisado de que tenho inquilinos novos na quinta, mas a verdade é que nenhum dos animais costuma ser assim tão ruidoso. Inspiro profundamente uma golfada de ar fresco e com sabor a maresia. Esboço um sorriso só para ter a certeza de que as minhas bochechas ainda conseguem fazê-lo naturalmente e levanto-me, com o *Gary* ao colo, com o intuito de lhes dar as boas-vindas a casa.

Assim que contornamos a casa, o *Gary* salta-me do colo com um grasnido bem sonoro. Está gordo de mais para voar, mas esforça-se por o fazer, intercalando o voo com um bamboleio até à *Indy*, que já vem a meio do descampado. O ganso e a sua menina encontram-se, ela caindo de joelhos num choro incontido.

Só tenho tempo de me virar e ver a *Sable* quase a atirar o *Fisher* ao chão quando lhe salta para o peito.

Aperto melhor o cinto do meu robe de flanela e, instintivamente, passo as mãos pelo cabelo para o compor, enquanto sinto algo a rebentar-me dentro do peito. Esforço-me por me manter firme, juro que sim. Nem sei se ele não é uma miragem. Talvez se trate de uma alucinação induzida por um qualquer fertilizante. Mas os meus pés insistem em avançar, e ele também parece cada vez mais próximo. Mais real. E ei-lo mesmo à minha frente. Ligeiramente magro de mais, o cabelo ligeiramente comprido de mais, as orelhas, como sempre, ligeiramente grandes de mais. E dono de uma parte demasiado grande do meu coração.

Juro que o mato se ele estiver aqui apenas por capricho. Se depois de tudo o que tenho sofrido com as saudades, tiver de voltar à estaca zero.

– O que é que vocês fazem aqui? – digo, numa espécie de coaxar. Quis muito soar bem, alegre e despreocupada, mas claro que as palavras me saem cheias de esperança.

Ele tem os olhos marejados de lágrimas, num verde brilhante em contraste com a bruma cinzenta do dia que o rodeia.

– Acho que perdi um brinco – diz-me. – Encontrei-o, por acaso?

Levo instintivamente a mão à orelha. De facto, encontrei-o dias depois de eles terem partido, a um canto do jardim de inverno.

– E – acrescenta ele, já perigosamente perto. – Tu sabias que eu não ia conseguir ficar com isto se o tivesse aberto aqui. – Estende-me o diário. Cai-me a primeira lágrima e o queixo começa a tremer-me.

– Foi um presente – digo. – Quero que fiques com ele. – E logo a seguir:

– Eu vou ficar com o brinco.

Ele solta uma risada abafada e cai-lhe uma lágrima também. Tenho as mãos a tremer tal a ânsia de o abraçar, mas...

– O que é que fazes aqui, Fisher?

Ele solta um suspiro trémulo, as mãos inquietas, como se também lutasse para não me tocar.

– Decidimos mudar-nos – responde.

Levo as mãos à cara.

– Não podes – soluço. – Não podes mudar a tua vida só por minha causa.

Ele tira-me as mãos da cara e olha-me com uma expressão apologetica.

– Primeiro, não me dizes o que fazer – diz, fazendo-me soltar uma risadinha lacrimante. – Segundo, lamento imenso ter-me ido embora.

A voz falha-lhe na última palavra, e, meu Deus, sinto a minha cara a contorcer-se, a cerrar os lábios e a tentar conter um daqueles choros vindos mesmo das entranhas.

Ele insiste:

– Apaixonei-me por ti, e por este sítio, e isso devia ter sido suficiente para me fazer ficar. Eu devia ter-me esforçado por mostrar isso mesmo à Indy, mas tive medo de lixar tudo outra vez. Estamos muito melhor do que quando nos encontraste, mas continuamos a trabalhar em nós próprios. – Solta um gemido de frustração. – Posso abraçar-te? Por favor? – Avanço para o peito dele para lhe dar a resposta e estremecemos de alívio. – Ambos sabemos que a vida muda – prossegue. – Mas desta vez, e finalmente, quero ser eu a mudá-la para algo maior. Como tu.

» Posto isto, sim, posso mudar a minha vida para cá. Eu e a Indy tomámos essa decisão juntos. Ainda tenho aquela casa arrendada. – Aponta com o polegar para a casa dos Andersen. – E também tenho os meus contactos na Associação de Lojistas da Main Street de Spunes, também conhecida como «a máfia». – Chega-se mais a mim. – Posso vir viver contigo, porque também o estou a fazer por mim. Por mim e pela Indy e por este jardim zoológico, e pelo Walter e pelos teus irmãos, e mais importante, pela Martha O'Doyle.

Solto uma gargalhada animada.

– Mas e o teu trabalho?

Ele faz uma careta.

– Bom, tecnicamente estou desempregado, mais uma vez. – Ri-se. – Mas já tenho uma série de ideias em mente. – declara. – E mais umas quantas a avançar. A única coisa que eu sei é que posso cozinhar em qualquer lugar, Sage, e não quis ter de esperar pelas logísticas e minúcias complicadas e morosas que terei de tratar para começar uma vida contigo. Quero cada minuto dessa vida agora. Cada segundo.

– E o Starhopper? – pergunto, como que precisando ainda que ele me convença antes de absorver realmente a seriedade das suas palavras. Aquilo ainda está em obras, e calculo que ainda leve uns bons meses até ficar pronto.

Ele abana a cabeça.

– Não. Esse emprego já foi prometido a outra pessoa – diz. – Mas não tenho nada contra a ideia de aceitar um trabalho menos importante por lá, por uns tempos. E tenho a grande vantagem de conhecer a patroa. Não está lá muito contente comigo neste momento, mas está feliz por mim. – Encolhe os ombros. – Nada está garantido, a não ser que te amo loucamente. – Puxo-o para mim e beijo-o, porque acho que morrerei se não o fizer. Ele geme e eu quase choro só de o ouvir. – A verdade é que eu prometi a este pessoal todo tacos às terças-feiras e tenho de me certificar de que isso vai acontecer.

Agora já não consigo deixar de lhe tocar. Ergo a mão para lhe afagar o rosto, e ele aninha o nariz nela. Real e quente e meu.

– Disseste-me uma vez que achavas que eras uma série de «nem isto nem aquilo» – lembra-me. – Mas quero que saibas que, para mim, tu és tudo. E adoro que tenhas em carteira uma série de trocadilhos horríveis que não receias aplicar com profunda sabedoria. – Pressiona o polegar na minha têmpora como se me acariciasse a mente. – Tu és todas as formas perfeitas para me acolher, e és todas as minhas cores favoritas. – Os lábios dele pressionam-me o queixo. – E és sem sombra de dúvida o meu sabor preferido – arrulha-me ao ouvido, e eu sinto o meu riso vibrar docemente no nosso abraço.

– Amo-te tanto – tenho de dizer.

– E eu a ti. Por favor, leva-me para casa.

EPÍLOGO

junho seguinte

– Indy, ainda demoras muito? – chamo, do fundo das escadas. Nos últimos quarenta minutos, tenho andado calmamente de um lado para o outro no jardim de inverno, mas agora já não dá para esperar mais. – Quero chegar lá cedo para o caso de ela precisar de ajuda!

Quando a Indy não se digna sequer a responder-me, viro costas e marcho, nervoso, até à cozinha da Sage – oficialmente, a *nossa* cozinha, como se pode verificar pelas minhas facas na bancada e pelo *sous vide* ainda por arrumar desde ontem à noite. Os Andersen acabaram por vir cá passar o Natal, pelo que só ficámos em casa deles mais um mês antes de nos mudarmos definitivamente para a casa da Sage.

De volta à salinha envidraçada, deparo-me com novas fotografias numa das prateleiras. O relatório de notas do décimo primeiro ano da Indy, emoldurado e todo bonitinho. Um retrato de família em Founder’s Point, incluindo os meus pais, tirado quando nos visitaram no Natal do ano passado. Foi engraçadíssimo quando tentámos fazer um boneco de neve na praia. Conseguimos criar apenas a base; ficámos logo todos com as mãos congeladas e rapidamente tratámos de as descongelar no restaurante do Walter. Ao lado dessa fotografia está outra mais recente: eu e a Indy na carrinha, com expressões iguais, de apreensão. Foi quando comecei a ensiná-la a conduzir, depois de ela ter recebido a sua autorização de aprendizagem. E também há uma foto do festival do ano passado. Eu e a Sage na praia, rodeados das pessoas que amamos a festejar connosco, o nosso olhar cravado um no outro.

Pego na fotografia da passagem de ano, que acabou por ser também a data da discreta inauguração do Starhopper – um evento apenas destinado a uma elite de conterrâneos, à exceção, claro, da própria Carlie, e em que um dos sobrinhos do Walter (um sobrinho-neto, creio) fez de DJ. As sobremesas foram confeccionadas pela Savvy e pela Wren e toda a decoração floral, como é óbvio, foi da responsabilidade da Sage. Foi o seu primeiro grande evento, e

orgulho-me imenso de afirmar que nunca ouvi tantos e tão elogiosos comentários sobre os arranjos florais de um evento centrado na comida. A inauguração oficial teve lugar uma semana mais tarde, com imensos clientes de fora, muitos atraídos pelo fascínio de poderem observar uma chuva de meteoros prevista para essa noite, a partir da torre panorâmica ou do amplo relvado cá em baixo.

O Starhopper tem funcionado como grande atrativo para Spunes e para o turismo nos últimos seis meses. E trabalhar aqui sob os comandos do Archer tem sido para mim curiosamente refrescante. Sobretudo, tenho apreciado muito a quase inexistência de pressão, e as expetativas razoáveis. Contudo, continuo com as minhas ideias a fervilharem diariamente, e a minha determinação vê-se fortalecida a cada dia. Assim que finalmente o Walter deixar os seus receios de lado e se reformar oficialmente, vou fazer os impossíveis para lhe comprar o restaurante. E, nessa altura, não terei nenhum financiador, zero apoios; será meu e só meu para o que der e vier.

Por fim, oiço a Indy a descer as escadas e coloco de novo a fotografia no seu lugar, no momento em que ela irrompe pela sala e me lança um «vamos embora!» como se fosse eu o responsável pelo atraso. Grito um «chau» à *Sable* e ao *Legoless*, sigo-a até à carrinha e arrancamos para a vila.

Aquela inauguração não oficial representou de facto o primeiro grande evento da Sage, mas esta noite a coisa será bem mais importante. O Starhopper e toda a Main Street foram fechados para um serão exclusivo.

Assim que entramos no restaurante, a Indy apressa-se a ir ter com o Sam e outros amigos junto ao bar. Sinto um indescritível calor no peito ao vê-la já tão ambientada.

Confesso que não me surpreende deparar-me com a Sage em cima de um escadote, descalça mas com aquele bonito vestido verde que eu próprio já lho despi hoje. Está a levar a mão a qualquer coisa, e eu vejo-lhe a nova tatuagem na dobra do braço: uma canoa a abarrotar de flores. Fiz a minha própria versão no antebraço, precisamente no mesmo dia: uma vara de arames e uma espátula no lugar dos remos. Os sapatos de salto alto dela estão no chão, aos pés do escadote, enquanto compõe uma grinalda de flores frescas presa numa viga.

Aproximo-me dela vindo de lado, e ela assusta-se e estremece ligeiramente.

– Raios! – digo, apressando-me a agarrar no escadote para o estabilizar.
– Ainda me provocas um ataque cardíaco!

Ela sorri-me por cima do ombro antes de começar a descer, e a minha irritação desfaz-se por completo só de a ver no chão à minha frente, e o coração acelera-se-me por uma razão completamente diferente. Fez um penteado com ondas descontraídas, parcialmente apanhadas numa espécie de rabo de cavalo elegante. Brincos grandes e cintilantes, mas baços quando comparados com a fulgência do seu olhar. Os lábios que parecem manchados de amora. Poucos anéis, desta vez, o anelar direito vazio, o qual pretendo

adornar eu próprio muito em breve.

Em março, no aniversário dela, fomos passar o fim de semana a Gandon e foi lá que me nasceu uma ideia, baseada num dos cartazes publicitários que por lá havia. Foi preciso muita procura e coordenação, mas acabei por encontrar (e comprar) uma canoa com fundo de vidro e luzinhas aplicadas em todo o rebordo para passeios noturnos. Tenho-a escondida há dois meses em casa do Silas, mas assim que chegar a primeira noite quente de verão, ele vai trazê-la para a nossa praia. Então, vou levá-la num passeio noturno ao longo do seu trecho de água favorito e, debaixo de um vasto céu estrelado, vou pedi-la em casamento.

– E então? – pergunta-me ela agora, com um olhar profundo. – O que é que achas?

– Tão linda que até faz doer – digo-lhe.

Ela puxa-me para um beijo, provavelmente demasiado ardente para ser visto em público, mas a minha Sage é assim. Toda ela coração, força, ousadia, e fazendo com que cada momento seja importante.

– Referia-me – diz-me, mordiscando-me o lábio –, ao cenário da cerimónia.

Ah. Aprecio o ambiente e fico incrédulo, sem conseguir sequer imaginar como é que uma só pessoa conseguiu fazer tudo isto. Bom, uma pessoa e o seu irmão, calculo. O Micah foi dispensado e desde a primavera que tem andado a amuar por Spunes. Numa tentativa de o ajudar a distrair-se mantendo-o constantemente ocupado, a Sage também o recrutou para a ajudar com toda a decoração floral da cerimónia de hoje.

Por falar nisso, o Ian e a Cassidy entram no Starhopper precisamente neste instante. Todos nos cumprimentamos através da sala com um aceno educado. Ao contrário do casal de noivos de hoje, este decidiu pirar-se para o México em fevereiro passado.

Ajudo a Sage nos preparativos finais, depois fecho o escadote e arrumo-o nas traseiras. A dada altura, quando eu estou ocupado a ajeitar um raminho num guardanapo, ela chega-se a mim, apalpa-me o rabo e segreda-me ao ouvido:

– Mudei de opinião; este que tens hoje é que é o meu fato preferido.

O único outro fato com que ela alguma vez me viu foi o de mergulho. Estou a um passo de a arrastar para uma sala de arrumos, quando o mestre de cerimónias anuncia que chegou o momento de subirmos à torre panorâmica.

Foram colocadas cadeiras em torno da sala circular, e toda a gente ocupa a sua. Devemos ser à volta de vinte pessoas, mais do que suficientes para o intimismo desta cerimónia. Sem dúvida, o resto da vila marcará presença em peso no copo-d'água. No centro da sala, em frente ao telescópio e ao lado da Athena Cirillo no seu papel de celebrante, encontra-se um Walter visivelmente emocionado, de fato completo, aguardando a sua noiva. Para decorar o espaço, a Sage pendurou a toda a volta uma grinalda de cristais e luzinhas, e formou corredores com filas de musgo e uma série de flores em

forma de estrela.

– És incrível – digo-lhe. – Isto está incrível.

– Tal como tu – responde-me. Sorrio-lhe.

Jamais saberei como é que tive tanta sorte. Há dias em que penso que, de todos os lugares do mundo onde eu poderia ter ido parar, só a ideia de o destino poder ter-nos colocado, a mim e à Indy, noutra qualquer deixa-me aterrorizado. Quero tanto manter esta vida tal como está, que até queria ser capaz de a abrandar.

Ao fundo da sala, o *tlim* do elevador faz-nos a todos voltar ao mesmo tempo para trás, assistindo ao momento em que o Silas e o Ellis conduzem a Martha O'Doyle pelo corredor.

Pois é. Parece que a Martha e o Walter eram protagonistas de uma história de amor impossível, ansiando à distância, até que algo os inspirou a finalmente mergulharem nele de cabeça. Decidiram parar de desperdiçar os seus dias e ficar um com o outro.



Nessa noite, danço numa fila de conga, desfruto de comida fabulosa e de um bolo delicioso que não tive de cozinhar, e assisto a um verdadeiro momento de horror quando o Walter retira uma liga da perna da Martha com os dentes.

Danço tanto quanto que me é possível com a Sage, mesmo que isso me deixe louco para a levar para casa. E, ao longo da noite, sempre que por alguma razão nos afastamos, dou por mim a não conseguir tirar os olhos da mulher que amo. A mulher com a qual tenciono casar, que me ajuda a educar a Indy, e com quem um dia terei a honra de criar mais filhos e até mais animais. Ela é a mulher que me ensinou a libertar-me, para me permitir desejar e sonhar com muito mais.

E tenciono saborear cada pedacinho de tudo.

AGRADECIMENTOS

Ena, ena... olhem para nós! Chegámos até aqui, essa é que é a verdade. Este livro foi uma obra de amor autoimposta (leia-se: tornei-o mais difícil do que o necessário porque coloquei pressão em cada frase). Cada livro faz-nos sentir que poderá ser o último, mas sinto-me muito feliz por não ser este o caso. E isto é em grande parte devido precisamente a todas as pessoas a quem quero agradecer.

Antes de mais, tenho de agradecer ao meu marido, cuja carga horária é mais extensa e imprevisível do que a minha, e contudo consegue sempre um tempinho das suas horas livres para me ajudar com a casa e a família, precisamente para me libertar para a escrita. Obrigada, querido, por tantas vezes entreteres as crianças e cuidares das nossas vidas reais, para que eu me possa dedicar às fictícias. Obrigada por estares sempre lá para mim quando eu preciso de falar, mesmo que isso por vezes te assuste, e por me dares o tempo e o espaço de que preciso para ficar em silêncio quando não consigo conversar.

Obrigada à minha superagente, Jessica Watterson, que não fazia ideia de que iria passar a exercer um trabalho não declarado como psicoterapeuta quando assinámos contrato. Sempre foste a grande inspiração para o meu trabalho desde a nossa primeira conversa, quando me disseste «devias estar nas prateleiras», e ajudaste-me a realizar tantos dos meus sonhos. A tua fé em mim consegue muitas vezes restabelecer a minha. Obrigada por teres visto neste livro o seu conceito tão simples à superfície, mas com muito mais na sua essência.

Obrigada também a Andrea Cavallaro, a minha agente para os mercados estrangeiros e adaptações cinematográficas e/ou televisivas, e a toda a equipa da Sandra Dijkstra, por já ter levado o meu trabalho para tantos e tão estimulantes universos.

À minha editora, Cassidy Graham, obrigada por teres tornado este livro o melhor livro possível e pela tua paciência perante a minha transição entre um puro empreendimento individual e a alegria de me ver com toda uma equipa por trás, a apoiar-me em todas as frentes. Obrigada por me obrigarem

a fortalecer os pontos fracos e por festejarem os triunfos. Agradeço terem-me segurado na mão ao longo da visão partilhada que mantivemos para este livro e para Spunes como um todo, aturando as minhas ansiedades e angústias. Estou muito feliz por vos ter a meu lado e mal posso esperar por tudo aquilo que faremos juntos.

A Kejana e Alyssa, outras companheiras de equipa sem as quais isto teria sido sem dúvida muito mais difícil. Obrigada pelo vosso trabalho árduo no *marketing* e na publicidade, por nos terem levado, a mim e à minha obra, a um sucesso sem precedentes. Sinto-me incrivelmente sortuda por fazer parte da equipa da SMP e, meu Deus, oxalá nunca vos deixe embaraçados com o meu caos.

Agradeço também a Liza Rusalskya e Kerri Resnick por criarem a capa mais bonita que alguma vez imaginei. Assim que vi as primeiras provas, não contive as lágrimas: eram *mesmo* eles.

Aos leitores que se tornaram meus amigos (e conselheiros, algumas vezes), vocês sabem quem são, obrigada. A vossa incansável campanha em favor do meu livro sempre me deu o incentivo para continuar nos momentos menos bons. Escrevi este livro para o meu *eu* que pensava que seria um sonho impossível de realizar – por não ter qualquer experiência – e a cada passo deste caminho fui lembrada por vós de quanto as minhas palavras e personagens vos cativavam. Através das vossas mensagens e publicações, fui constantemente lembrada de que podia e *devia* seguir em frente.

Um agradecimento muito especial aos autores que despenderam algum tempo das suas ocupadíssimas vidas para lerem este meu livro, bem como os anteriores: Rachel Lynn Solomon, Amy Lea, Julie Soto, Ava Wilder, Lana Ferguson, Rosie Danan, Liz Tomforde, Erin Hahn, Elsie Silver, Livvy Hart, Jessica Joyce e Elena Armas. É verdadeiramente assustador termos pessoas cujas obras adoramos e tanto respeitamos a ler as nossas, mas é igualmente reconfortante quando essa gente absolutamente talentosa gosta de nos ler. Todos sabemos quão difícil se torna ler quando somos autores, por isso estou-vos extremamente grata.

À família e amigos que tanto me apoiaram, acho que jamais conseguirei expressar por palavras aquilo que significam para mim. Fazem parte de mim a perseguir este sonho, porque sinto em cada um de vós o meu porto seguro, aconteça o que acontecer. Adoro-vos.

Contents

1. Ficha Técnica
2. CAPÍTULO 1
3. CAPÍTULO 2
4. CAPÍTULO 3
5. CAPÍTULO 4
6. CAPÍTULO 5
7. CAPÍTULO 6
8. CAPÍTULO 7
9. CAPÍTULO 8
10. CAPÍTULO 9
11. CAPÍTULO 10
12. CAPÍTULO 11
13. CAPÍTULO 12
14. CAPÍTULO 13
15. CAPÍTULO 14
16. CAPÍTULO 15
17. CAPÍTULO 16
18. CAPÍTULO 17
19. CAPÍTULO 18
20. CAPÍTULO 19
21. CAPÍTULO 20
22. CAPÍTULO 21
23. CAPÍTULO 22
24. CAPÍTULO 23
25. CAPÍTULO 24
26. CAPÍTULO 25
27. CAPÍTULO 26
28. CAPÍTULO 27
29. CAPÍTULO 28
30. CAPÍTULO 29
31. CAPÍTULO 30
32. CAPÍTULO 31
33. CAPÍTULO 32
34. CAPÍTULO 33
35. CAPÍTULO 34
36. CAPÍTULO 35
37. CAPÍTULO 36
38. CAPÍTULO 37
39. CAPÍTULO 38
40. EPÍLOGO

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)